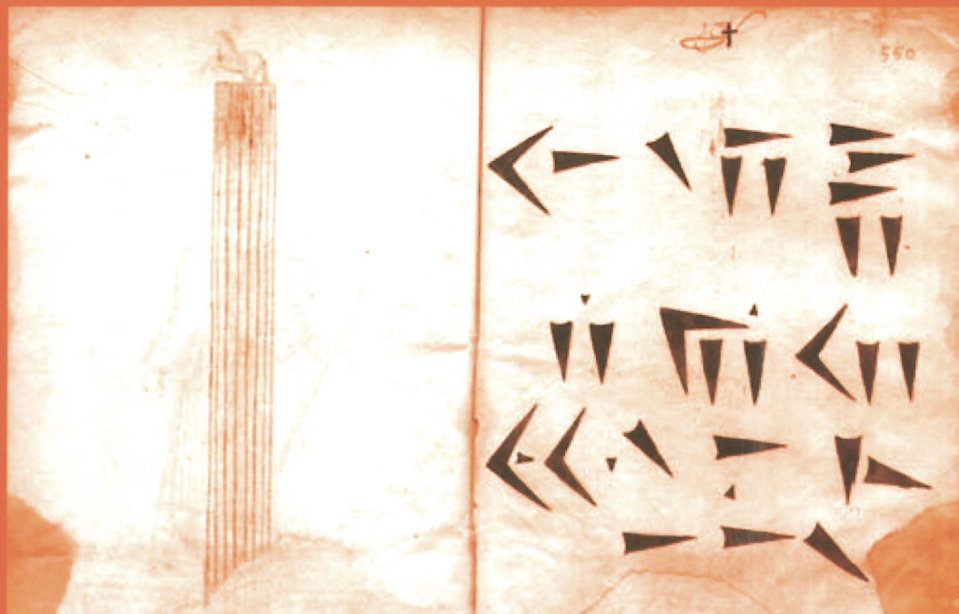


Anotações e Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e
**os «Comentários» da embaixada
à Pérsia (1614-1624)**

Volume 3

Coordenação de Rui Manuel Loureiro,
Zoltán Biedermann & Eva Nieto McAvoy



ANOTAÇÕES E ESTUDOS
SOBRE DON GARCÍA DE SILVA Y FIGUEROA E OS
«COMENTARIOS» DA EMBAIXADA À PÉRSIA (1614-1624)

307 "1614/1624
CHAM/ 307/ LOU/ DON

nr 3444

Colecção Estudos & Documentos

1. AQUÉM E ALÉM DA TAPROBANA
Estudos Luso-Orientais à memória de Jean Aubin e Denis Lombard
Edição organizada por LUÍS F. R. THOMAZ
2. A ALTA NOBREZA E A FUNDAÇÃO DA ESTADO DA ÍNDIA
Actas do Colóquio Internacional
Edição organizada por JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA e VÍTOR LUÍS GASPAS RODRIGUES
3. RELAÇÃO DO DESCOBRIMENTO DA ILHA DE S. TOMÉ
por MANUEL DO ROSÁRIO PINTO
Fixação do texto, Introdução e Notas de ARLINDO MANUEL CALDEIRA
4. NEGÓCIOS DE TANTA IMPORTÂNCIA
O Conselho Ultramarino e a disputa pela condução da guerra
no Atlântico e no Índico (1643-1661)
por EDVAL DE SOUZA BARROS
5. A PRESENÇA INGLESA E AS RELAÇÕES ANGLO-PORTUGUESAS EM MACAU
(1635-1793)
por ROGÉRIO MIGUEL PUGA
6. CRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO DE GOA
pelo Padre SEBASTIÃO DO REGO
Direcção e Estudo Introdutório de MARIA DE JESUS DOS MÁRTIRES LOPES
Apresentação de ANÍBAL PINTO DE CASTRO
7. O ESTADO DA ÍNDIA E OS DESAFIOS EUROPEUS
Actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa
Edição de JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA e VÍTOR LUÍS GASPAS RODRIGUES
8. MULHERES EM MACAU
Donas honradas, mulheres livres e escravas (séculos XVI e XVII)
por ELSA PENALVA
9. COMENTARIOS DE LA EMBAXADA AL REY XA ABBAS DE PERSIA (1614-1624)
por Don GARCÍA DE SILVA Y FIGUEROA
Volumes 1 e 2: Texto – Edição crítica de RUI MANUEL LOUREIRO, ANA CRISTINA COSTA
GOMES e VASCO RESENDE; Volume 3: Anotações e Estudos – Coordenação de RUI MANUEL
LOUREIRO, EVA NIETO MCAVOY e ZOLTÁN BIEDERMANN; Volume 4: Estudos – Coordenação
de RUI MANUEL LOUREIRO e VASCO RESENDE

ANOTAÇÕES E ESTUDOS SOBRE DON GARCÍA DE SILVA Y FIGUEROA E OS «COMENTARIOS» DA EMBAIXADA À PÉRSIA (1614-1624)

Coordenação de

RUI MANUEL LOUREIRO, EVA NIETO MCAVOY & ZOLTÁN BIEDERMANN

Centro de História de Além-Mar

CHAM

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

LISBOA
2011

FICHA TÉCNICA

- Título:** **Anotações e Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os «Comentarios» da Embaixada à Pérsia (1614-1624)**
- Autores:** RUI MANUEL LOUREIRO, EVA NIETO MCAVOY & ZOLTÁN BIEDERMANN
- Edição:** CENTRO DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVAS DE LISBOA
UNIVERSIDADE DOS AÇORES
- Patrocínio:** FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Projecto PTDC/HAH/69734/2006
- Capa:** Ilustração dos *Comentarios*
De Don García de Silva y Figueroa
© Biblioteca Nacional, Madrid

Santa Comunicação, Lda.
Rua Actriz Adelina Fernandes, 7B
2795-005 Linda-a-Velha
- Depósito Legal:** 333 803/11
- ISBN:** 978-989-8492-24-1
- Data de saída:** Dezembro de 2011
- Tiragem:** 500 exemplares
- Execução gráfica:** Editorial do Ministério da Educação

ÍNDICE

Nota de Abertura	vii
RUI MANUEL LOUREIRO & ZOLTÁN BIEDERMANN	
Introdução	ix
Lista de Figuras	xiii

ANOTAÇÕES

RUI MANUEL LOUREIRO, EVA NIETO MCAVOY & ZOLTÁN BIEDERMANN	
Índice Anotado	3

ESTUDOS

CRISTINA BRITO	
Os “Comentarios” de Silva y Figueroa sobre o mundo natural marinho: Percepção da natureza durante as viagens oceânicas no decorrer dos séculos XVI e XVII	113
JEAN-LOUIS BACQUÉ-GRAMMONT	
Le contexte asiatique d’une ambassade ibérique en Perse	125
DEJANIRAH COUTO	
New insights into the History of Oman in the Sixteenth Century: a Contribution to the Study of the Evolution of the Muscat Fortifications	129
MOHAMMADREZA ABBASI NADERPOOR	
Au Paradis Persan: Villes et réseaux routiers en Iran au temps de Châh Abbâs I ^{er}	155
VIDA GHOLIPOUR	
Analysis of non-urban caravanserais in Iran during the reign of Shah Abbas I ..	171

Nota de Abertura

A edição crítica dos *Comentarios* (1614-1624) de Don García da Silva y Figueroa resulta de um projecto de investigação do **Centro de História de Além-Mar** (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa & Universidade dos Açores), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia: Projecto PTDC/HAH/69734/2006, “Relações de Portugal com a Pérsia durante a União Ibérica: Os *Comentarios* de Don García da Silva y Figueroa”.

O presente volume constitui parte integrante desta edição crítica, dividida em quatro volumes:

Volume 1: Don García da Silva y Figueroa, *Comentarios de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Persia (1614-1624)* – Parte I.

Volume 2: Don García da Silva y Figueroa, *Comentarios de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Persia (1614-1624)* – Parte II.

Volume 3: *Anotações e Estudos sobre Don García da Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)*.

Volume 4: *Estudos sobre Don García da Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)*.

Introdução

RUI MANUEL LOUREIRO & ZOLTÁN BIEDERMANN *

O volume de *Anotações e Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, parte integrante da edição crítica da extensa relação de viagens do embaixador espanhol, reúne textos de natureza diversa.

* * * * *

Aparece, em primeiro lugar, um «Índice Anotado», que pretende esclarecer todas as eventuais dúvidas de leitura do texto dos *Comentarios* publicado nos volumes 1 e 2 da série.¹ Fornecem-se simultaneamente informações e esclarecimentos considerados relevantes. Um significativo esforço de contenção norteou a redacção desta secção, na busca do equilíbrio possível entre uma excessiva prolixidade e uma anotação minimamente eficaz. O «Índice Anotado» vai ordenado alfabeticamente, remetendo os números para a paginação consecutiva dos dois volumes dos *Comentarios*. Anotam-se nomes de pessoas, nomes de lugares, nomes e tipos de embarcações, nomes de edifícios religiosos, nomes de cargos, nomes de plantas, nomes de animais, e outras indicações habituais nestes instrumentos de trabalho. Introduzem-se também termos menos comuns, quer de origem ibérica, quer relacionados com glosário euro-asiático ou asiático.

Todas as palavras, nomes ou termos incluídos no «Índice Anotado» respeitam a ortografia original do texto de Don García de Silva y Figueroa, em todas as suas variantes. A palavra exacta do texto do embaixador figurará no «Índice Anotado», mesmo que deformada relativamente às normas coetâneas ou actuais; e um sistema

* RML: Centro de História de Além-Mar, Lisboa; ZB: Birkbeck College, University of London.
¹ Don García de Silva y Figueroa, *Comentarios de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Persia (1614-1624)*, ed. Rui Manuel Loureiro, Ana Cristina Costa Gomes & Vasco Resende (2 vols., Lisboa, 2011).

interno de remissões estabelece a ligação entre versões distintas da mesma palavra. Os nomes de pessoas, salvo algumas excepções (que assim aparecem no texto original), são ordenados pelo nome próprio, seguindo-se os nomes de família. Assim, «Angelo Cospo Boloñes», por exemplo, aparecerá listado na letra A; «Hernando de Albuquerque», ou Fernão de Albuquerque, aparecerá listado na letra H; e assim sucessivamente.

O resultado final do «Índice Anotado» baseou-se num trabalho de grupo, que contou com uma versão inicial produzida por Eva Nieto McAvoy, que depois deu lugar a uma redacção e arrumação finais a cargo dos autores das presentes linhas, que ficam assim responsáveis pelos inevitáveis lapsos. Um trabalho de âmbito tão vasto como o que aparece plasmado no «Índice Anotado» não poderia dispensar a colaboração de diversos colegas de ofício. Assim, em diversas fases do labor foram recebidos contributos indispensáveis de Maria João Ferreira, Rudi Matthee, Vasco Resende e Willem Floor, que de forma generosa e eficaz sempre responderam a todos os pedidos de ajuda.

* * * * *

A segunda parte do presente volume inclui cinco textos inicialmente programados para figurarem no volume de *Estudos* (volume 4 da presente série),² mas que por razões técnicas não o puderam integrar. Apesar de se criar uma espécie de excepção nas matérias que compõem os diversos volumes da edição crítica dos *Comentarios* de Don García de Silva y Figueroa, considerou-se que a sua inclusão, mesmo fora do lugar originalmente previsto, não poderia ser dispensada. Todos os cinco textos se baseiam em comunicações apresentadas pelos respectivos autores ao segundo *workshop* realizado no âmbito do projecto, que teve lugar em Setembro de 2009, em Lisboa, nas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian. Estes cinco estudos, tal como os restantes que integram o volume 4, pretendem contribuir para um melhor conhecimento da vida de Don García de Silva y Figueroa, da sua embaixada à Pérsia e do respectivo contexto, bem como da extensa relação de viagens preparada pelo embaixador.

O primeiro desses estudos debruça-se sobre a representação do mundo natural marinho nos *Comentarios*, e é da autoria de Cristina Brito. O segundo texto, da pena de Jean-Louis Bacqué-Grammont, apresenta de forma sintética o contexto político asiático, e mais especificamente otomano-safávida, em que decorreu a embaixada de Don García. O terceiro estudo, preparado por Dejanirah Couto, aproveitando o valioso contributo do embaixador espanhol, analisa a evolução das fortificações de Mascate durante o período em que os portugueses ali demoraram. Os dois estudos finais debruçam-se sobre temas arquitectónicos e urbanísticos persas: um, devido a

Mohammareza Abbasi Naderpoor, estuda as cidades e as redes viárias iranianas no tempo de Xá Abbas I; o outro, da autoria de Vida Gholipour, analisa os caravancerais iranianos não-urbanos na mesma época. Três dos textos incluídos nesta secção incluem ilustrações fornecidas pelos respectivos autores, as quais por motivos de ordem técnica são remetidas para um caderno final. A todos os autores, aqui ficam registados os agradecimentos da equipa responsável pelo desenvolvimento do projecto.

² Rui Manuel Loureiro & Vasco Resende (eds.), *Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)* (Lisboa, 2011).

Lista de Figuras

1. Representação de embarcação a atravessar o Oceano Atlântico e várias espécies de animais marinhos (peixes e cetáceos) em redor das mesmas. Imagens retiradas da obra de Hans Staden, *Viagem ao Brasil*.
2. Representação de embarcação a atravessar o Oceano Atlântico e várias espécies de animais marinhos (peixe-voador, dourados e tubarões) em redor das mesmas. Imagens retiradas da obra de Hans Staden, *Viagem ao Brasil*.
3. Ilustração de um peixe-cavalo ou cavalo-marinho (hipopótamo) que acompanha a descrição do mesmo animal na obra de Cavazzi do século XVII.
- 4-5. Ilustrações que acompanham as descrições de “Animais aquáticos e serpentes” na obra de Cavazzi sobre a costa ocidental africana no século XVII.
6. Grupo oceânico de golfinhos-malhados (*Stenella attenuata*) nas águas do arquipélago de São Tomé e Príncipe (Golfo da Guiné, África Ocidental). Fotografia de Inês Carvalho.
7. La ville de Chirâz à l'époque des Séfévides. Le développement de la ville est concentré sur deux nouveaux axes: l'un qui part du centre-ville vers le nord-est, où se trouve un jardin royal, et l'autre, de la porte nord de la ville vers la route d'Ispahan. © Jahanshah Pakzad.
8. Les étapes de développement de la structure principale d'Ispahan sous les Séfévides (de gauche à droite). © Reza Naderpoor.
9. Le développement de la ville et les éléments majeurs: l'émergence du nouvel axe, le fleuve, les jardins et les espaces verts. © Bureau d'étude Naghshe-Jahan Pars, Reza Naderpoor.
10. La dominance du nouvel axe: l'axe du Tchahâr Bâq – le boulevard de quatre jardins. © Bureau d'étude Naghshe-Jahan Pars, Reza Naderpoor.
11. Le nouvel urbanisme prend l'ampleur et la place Naghsh-e Jahan joue un rôle clé pour l'articulation entre ces deux structures. © Henri Stierlin, Reza Naderpoor.
12. Le plan de la place et ses quatre monuments majeurs. © Henri Stierlin, Reza Naderpoor.
13. Haut: Montre la place et les bâtis qui l'entourent à l'époque Safavides. Bas: Le plan de la ville à nos jours. Des changements autour de la place ont réduit les fonctions initiales de la place. © Klaus Herdeg.
14. Une photographie aérienne, prise par Erich F Schmidt, en 1936 montre bien l'ampleur de la place et surtout l'importance de la mosquée royale. Derrière la mos-

quée et jusqu'au fleuve Zâyandeh-roud, il y avait encore beaucoup d'espace vert. © Oriental Institute, University of Chicago.

15. Une vue de Meidân vers la mosquée royale. Pour accéder aux salles de prière, il faut passer par différentes étapes: franchir le porche, tourner environ 45° par rapport à l'axe longitudinal, et traverser la cour. Ces différentes étapes sont nécessaires pour passer du monde séculier (Meidân) au monde religieux. Le fait d'observer deux bulbes renforce le sentiment de stabilité, notamment quand on marche côté d'Ali-qâpu (dans cette image à gauche). © Reza Naderpoor.
16. Cylinder seal, shows the Persian king Darius (I) hunting from a chariot, in the British Museum.
17. Maranjab Caravanseraï, Isfahan Province, Iran.
18. Riwade bostan non-urban caravanseraï (drafted with Arcview).
19. Zewareh non-urban caravanseraï (drafted with Arcview).
20. Increase of covered space by addition of equipment and facilities to caravanserais in Safavid era.

ANOTAÇÕES

Índice Anotado

RUI MANUEL LOUREIRO, EVA NIETO MCAVOY & ZOLTÁN BIEDERMANN *

Normas:

- a) Os números árabes referem-se às páginas dos volumes 1 e 2.
- b) Os títulos das entradas respeitam a ortografia do texto original.
- c) As datas referem-se à Era Comum.

A

Abaga: Abaqa ou Abaga Khan (1234-1282), governante mongol do Ilcanato persa (r.1265-1282). – 237.

Abas: Abbas I (1571-1629), xá da Pérsia que reinou a partir de 1587. – 202, 218, 238, 251, 263, 298, 305, 420, 434, 492, 504; v. Rey de Persia.

Abas Abad: Abbas Abad, localidade nas proximidades de Ispão, onde existia um caravançarai. – 317-318.

abasis: Abassi, moeda persa de prata de valor aproximadamente equivalente a dois *reales* castelhanos, que tomou o nome de Abbas I. – 228, 232, 324.

Abdarrahmanes de Cordoba: Dinastia omíada que governou o emirato de Córdoba entre os séculos VIII e XI; o primeiro emir foi Abd al-Rahman I (r.756-788). – 438.

abestruzes: Avestruz. – 477.

Abiaomu: Rio Amu Darya, que corre na Ásia Central e desagua no Mar de Aral; também conhecido como Oxus. – 387, 388; v. Oxo.

Abissinos: Abissínios, habitantes ou originários da Abissínia. – 137, 257, 332, 544; v. Aethiopia; v. Etiópia.

Abner: Figura bíblica, do *Antigo Testamento*, primo de Saul e comandante dos seus

*

RML: CHAM, Lisboa; ENM & ZB: Birkbeck College, University of London.

exércitos. – 406.

abolagas: *Aulaga* (esp.), tojo. – 203, 210, 226.

Abradata: Abradato ou Abradatas, governador da Susiana, referido na *Ciropedia* de Xenofonte. – 403.

Abrahan: Abraão, o primeiro dos patriarcas bíblicos, que seria natural de Ur, cidade-estado na Suméria, mais tarde Urfa. – 446, 447, 450; v. Abrahan; v. Carran / Carras.

Abrahan: Gruta de Abraão, situado em Şanlıurfa, na actual Turquia, a antiga Edessa, mais tarde Urfa, onde alegadamente Abraão teria nascido e onde foram construídos diversos edifícios religiosos ao longo dos tempos. – 446, 447; v. Abrahan; v. Orfa; v. Orpha.

Abrojos: Baixos dos Abrolhos, arquipélago ao largo da costa do Brasil, 17° 55' S, 38° 56' O. – 23, 41, 46.

Absalon: Absalão, terceiro filho do rei David, de acordo com o *Antigo Testamento*. – 406; v. Abner.

Abubaquer: Abu Bakr (c.573-634), companheiro e sogro de Maomé. – 514; v. Albu- baquel.

abutarda: Abetarda (*Otis tarda*), ave de grande porte. – 43.

açequia/s: Acéquia, canal de rega. – 214, 224, 234, 241, 248, 251, 269, 270, 306, 471, 485, 556, 563; v. azequia.

Acheloo: O maior rio da Grécia. – 428.

Achilles: Aquiles, lendário herói da Grécia antiga. – 403.

Achim Tazladin: Hajji Taj al-Din, antigo filósofo e astrólogo persa, não identificado. – 416.

açofeyfa: Açofeifa, fruto da açofeifeira (*Ziziphus jujuba*). – 114, 570.

Acopaz: Asupas, localidade iraniana a nordeste de Xiraz, onde existia um caravã- çarai. – 289, 290, 559.

açor/es: Açor, ave de rapina. – 76, 241, 260.

Acre: Antiga cidade portuária, no actual território de Israel, 32° 55' N, 35° 4' E. – 445.

Actos de los Apostoles: Actos dos Apóstolos, livro do *Novo Testamento*. – 262.

açucar: Açúcar. – 115, 119, 147, 214, 254, 530, 533.

açunbre/s: *Azumbre* (esp.), antiga unidade espanhola de medida para líquidos, equi- valente a cerca de 2 litros. – 226.

Adar: Xequé Haydar de Ardabil. – 238; v. Aidar; v. Haidar.

Aden: Ádem, cidade portuária da costa do Iémen, às portas do Mar Vermelho, 12° 56' N, 45° 2' E. – 695.

Adena: Adana, cidade do sudeste da Anatólia, 37° 1' N, 35° 18' E. – 395.

Aderezar / Aderezer: Aderezer, figura bíblica do *Antigo Testamento*, rei de Soba, na Síria. – 459-460; v. Soba.

adibe: Espécie de chacal. – 107-108, 249-250.

adobes: Adobe ou taipa. – 461, 486; v. tapia/s.

Adriano: Imperador romano (r.117-138). – 541; v. Hadriano.

aduar/es: Aduar, conjunto de tendas ou barracas. – 174, 175, 204, 207, 228, 231, 234, 236-239, 241, 286, 393, 449, 451, 457, 458, 461, 486, 569, 570; v. cabildas.

Aegipçios / Aegiptios: Egípcios, habitantes ou originários do Egipto. – 27, 139; v. Aegipto.

Aegipto: Egipto. – 114, 118, 120, 122, 134, 180, 237, 284, 305, 332, 353, 359, 366, 393, 398, 438, 444, 445, 456, 458, 486, 491.

Aequinoçial: Linha do Equador. – 10, 13, 19-21, 25, 32, 33, 39, 46, 58, 59, 61, 73, 165, 166, 264, 270, 327, 408, 628, 630, 632, 650, 652; v. Equinoçial.

Aethiope/s: Etiópes, habitantes ou originários da Etiópia, ou mais geralmente de África Negra. – 457, 516; v. Aethiopia; v. Aetiopes; v. Aetiopia.

Aethiopia: Etiópia, geralmente designa África Negra ou alguma das suas regiões. – 15, 23, 31, 40, 50, 55, 62, 81, 108, 118, 145, 332, 627, 629, 637, 677, 679; v. Aethiope/s; v. Aetiopes; v. Aetiopia.

Aetiopes: Etiopes, habitantes ou originários da Etiópia. – 332; v. Aethiope/s; v. Aethiopia; v. Aetiopia.

Aetiopia: Etiópia. – 458; v. Aethiopia.

Afranio: Lúcio Afrânio (?-46 AEC), legado romano de Pompeu, o Grande. – 423; v. Gneo Ponpeyo; v. Ponpeyo.

África: África. – 11, 31, 146, 229, 235, 424, 438, 458, 484.

Africanos: Habitantes ou originários de África. – 109, 235, 265, 418.

Aga: Título de um oficial civil ou militar na estrutura do Império Otomano. – 441; v. Geniçaros; v. Janiçaros.

Agaçim: Passo de Agaçaim, também chamado de São Lourenço, no território de Goa, 15° 25' N, 73° 57' E. – 105; v. San Lourenço.

Agaliza: Agha Muhammad Raza, governador da cidade de Dabul nas décadas de 1610 e 1620. – 257, 263-264; v. Dabul.

agallas: Bugalho. – 79.

Agamir: Provável referência ao mestre-de-cerimónias da corte safávida, o *ishik aghasi-bashi*. – 337, 347, 356, 357, 523.

Agasulac / Agasulat: Localidade não identificada, vinte jornadas a norte de Samar- canda. – 414, 415, 416.

Agaxar: Akşehir, localidade no centro da Anatólia, 38° 21' N, 31° 25' E. – 402, 403.

Agasilao: Agesilau II (444-358 AEC), rei de Esparta e comandante do exército espartano. – 403.

Agra: Grande metrópole indiana, que na primeira metade do século XVII era capital do Império Mogor; 27° 18' N, 78° 2' E. – 544, 546.

Agra: Reino de Agra, outra designação para o Império Mogor. – 388.

agraz: Uva verde. – 311, 352, 533.

agua rrosada: Água de rosas. – 249.

aguada: Local onde navios se abastecem de água; acto de um navio se abastecer de água. – 163, 169, 483, 599, 667, 677, 679.

Aguada: Barra do rio Mandovi, em Goa. – 659.

Aguada: Fortaleza da Aguada, importante complexo fortificado, na barra do rio Mandovi, em Goa. – 91, 99-101, 163, 604, 655, 657, 684, 685, 690.

Aguada de Saldaña: Aguada de Saldanha, antiga designação da moderna Table Bay, nas proximidades da Cidade do Cabo, na África do Sul; 33° 57' S, 18° 24' E. – 43.

Aguada de San Blas: Aguada de São Brás, designação atribuída por Bartolomeu Dias em 1488 à moderna Mossel Bay, na costa da África do Sul, 34° 15' S, 22° 8' E. – 51.

aguages / aguajes: Aguagem, movimento de águas que faz jogar o navio. – 19, 20, 28.

aguamanil/es: Jarro para água. – 265, 335, 342.

aguas malas: *Aguamala* (esp.), medusa. – 44.

Aguila: Águia, ou Aquila, constelação do equador celeste. – 26.

Aguila: L'Aquila, cidade da parte central de Itália, 42° 21' N, 13° 24' E. – 447; v. El Aguila.

aguila: Pau de águia (*Aquilaria Agallocha*), madeira odorífera utilizada como incenso. – 142.

aguilas / aguillilla: Águia, ave de rapina. – 54, 76.

aguja / aguja de marear: Agulha de marear, bússola. – 36, 49, 70-74, 133, 195, 229, 599, 635, 653, 697; v. calamita.

Aguja Fixa: v. Antonio de Maris; v. Luis de Fonseca.

Agujas: Cabo e Parcel das Agulhas, na extremidade meridional da África, marca a passagem do Oceano Atlântico para o Oceano Índico, 34° 49' S, 20° 9' E. – 47-52, 57, 74, 696, 698, 699.

Agustino/s: Agostinho, membro da Ordem de Santo Agostinho. – 9, 186, 193, 367, 368, 522, 524, 529, 670; v. Augustinos; v. San Agustin.

Aidar: Nome de um funâmbulo chagatai, que actuava em Ispão. – 303-304.

Aidar: Xequê Haydar de Ardabil, que entre 1460 e 1488 liderou a Safaviyya, uma confraria sufi que esteve na origem da dinastia safávida, fundada pelo seu filho, Xá Ismail (r.1501-1524). – 312, 339, 421; v. Adar; v. Haidar; v. Hismael Sophi; Sofi Hismael; Sophi Hismael.

Airoçi Canu: Parece identificar-se com Tinatin, uma princesa da família georgiana Amilakhvani. – 435; v. Alexandro Cham; v. Canu.

Alacranes: Baixos ou recifes dos Alacranes, no Golfo do México, 22° 29' N, 89° 41' O. – 52.

alar: Presilha para botão. – 261.

alamos: Álamo (árvore). – 225, 248, 249, 258, 290, 317, 494, 495.

Alaibec: Ali Beg, governador de Xiraz. – 368, 369, 372, 373; v. Alay Bec; v. Alibec.

alano: Raça de cães originária de Espanha. – 50, 250, 276, 293, 323, 336.

Alanos: Povo originário do Cáucaso, que nos séculos IV e V migrou para a Europa; algumas tribos fixaram-se na Península Ibérica. – 295.

Alarabes / Alarbes: Alarves, designação atribuída aos nómadas árabes – 170, 174.

Alaverde Cham / Alauerdecan / Alaverde Cham / Alaverdecan / Alaverdecham /

Alaverdi Soltan: Allahverdi Khan (c.1560-1613), *ghulam* (escravo da casa real) de origem georgiana, que comandou o exército safávida; alcançou um lugar eminente na hierarquia do estado, sendo nomeadamente governador de Xiraz. Era pai de Imam Quli Khan. – 213, 218, 219, 223, 224, 242, 244, 245, 259, 267, 290, 291, 306, 307, 334, 351, 482, 506, 508, 563, 575, 576, 579, 580; v. Emancolican / Emancolicham / Emancolichan.

Alay Bec: Ali Beg, governador de Xiraz. – 579; v. Alaibec; v. Alibec.

Alba: Fortaleza de Akkerman, situada na actual Ucrânia, nas margens do rio Dniester, a cerca de 15 km do local onde este desagua no Mar Negro. – 379; v. Moncastro.

albahaca: Alfavaca, manjerição. – 700.

Albania Asiatica: Albânia Asiática, antiga designação de uma região que confina com o Mar Cáspio e que actualmente corresponde ao Azerbaijão e partes do Daguestão. – 262.

Albanos: Habitantes da antiga Albânia Asiática. – 429, 433, 434, 437; v. Albania Asiatica.

albarranas: Cebola brava. – 115.

albicora/s: Albacora ou atum-branco (*Thunnus alalunga*). – 14, 648.

albircoque/s: *Albaricoque* (esp.), alperce ou damasco. – 324; v. aluarcoque/s.

Albubaquel: Abu Bakr (c.573-634), companheiro e sogro de Maomé. – 394; v. Abubaquer.

alcaçar: *Alcazar* (esp.), castelo. – 130, 285.

alcachofa/s: Alcachofra. – 115, 118.

Alcaiceria de Granada: *Alcaiceria* (esp.), antigo bairro comercial, de influência muçulmana; o de Granada era especialmente célebre. – 214.

alcatraz/es: Alcatraz (*Morus bassanus*), espécie de gaivota de grandes dimensões. – 31, 164-166, 619, 620, 622, 630, 653.

alcayde: Alcaide, governador de povoação fortificada. – 104, 214, 482.

Alçestes: Possível referência a Alceste, personagem de uma tragédia do poeta grego Eurípides (480-406 AEC). – 641.

Alcoran: Alcorão, livro sagrado do Islão. – 235, 514.

alcoran/es: Alcorão, torre ou coluna. – 84, 187, 241, 252, 264, 267, 270, 272, 286, 294, 302-304, 329, 550.

alcornoques: Sobro ou sobreiro. – 235.

Alcumena: Alcmene, figura da mitologia grega, mãe de Hércules. – 134.

Aldo Manuício: Aldo Manuzio (1449-1515), impressor e humanista italiano instalado em Veneza, responsável pela publicação de um número considerável de clássicos gregos e latinos. – 624.

Alemaña / Alemanha: Alemanha. – 306, 362, 403, 531, 541, 611.

Alepo: Grande metrópole da Síria, 36° 13' N, 37° 10' E. – 191, 294, 332, 359, 364, 366, 367, 377, 433, 444, 446, 455, 467, 471-473, 485, 486, 501, 521-523, 548, 549, 583, 678, 689.

Alexandria: Cidade no litoral setentrional do Egipto, 31° 11' N, 29° 55' E. – 249,

- 366, 424, 448; v. rrosa.
- Alexandro Cham: Alek'sandre ou Alexandre II, rei de Kakheti (r.1574-1605), um potentado da parte oriental da Geórgia. – 434, 435.
- Alexandro Magno: Rei da Macedónia (r.336-323 AEC), conquistador de um vastíssimo império. – 140, 141, 201, 259, 268-270, 284, 387-389, 395, 403, 429, 445, 452, 456, 470, 472, 473, 476-478, 504.
- Alexandro Seuero: Alexandre Severo, imperador romano (r.222-235). – 454, 465.
- Alexo de Meneses, don: Dom Frei Aleixo de Meneses (1559-1617), arcebispo de Goa (1595-1612), governador do Estado da Índia (1607-1609), arcebispo de Braga (1612-1617) e também governador de Portugal (1612-1615). – 130, 305, 642; v. arçobispo/s; v. obispo de Braga.
- alfandiga: Alfândega. – 187, 661, 674.
- alfange: Arma branca, de folha curta e curva. – 85, 511.
- alfaqui/s: Alfaqui, especialista em jurisprudência islâmica. – 175, 243, 334, 338, 502, 510, 514, 515; v. caçizes; v. morabito/s; v. mula/s; v. muphri.
- Alfonso de Albuquerque: Afonso de Albuquerque (c.1453-1515), fidalgo e militar português, governador do Estado da Índia entre 1509 e 1515, cujas cartas deram origem a uns *Comentários* escritos por seu filho Brás de Albuquerque. – 36, 90, 102, 105, 121, 122, 141, 142, 150, 186.
- Algarue: Algarve, região meridional de Portugal. – 601.
- algodon: Algodão (tecido). – 84, 85, 133, 142, 144, 153, 191, 224, 225, 241, 339, 365, 377, 450, 451, 491.
- alguazil: Guazil, que corresponde a ministro, governador ou conselheiro de soberano muçulmano. – 628; v. goazil; v. guazil; v. visir.
- alhaja/s: Jóia ou adorno. – 147, 236.
- alhonbra/s: Alcatifa, tapete. – 216, 219, 255, 264, 265, 300, 311, 312, 324, 327, 336, 338, 340, 525, 526, 530, 551.
- alhondiga: Depósito ou mercado de cereais. – 373, 583, 662.
- Ali: Ali ibn Abi Talib (c.600-661), primo e genro de Maomé, foi Califa entre 656 e 661, sendo considerado pelos Xiítas como o primeiro imame. – 298, 327, 293, 355, 394, 513, 514.
- Ali Bacuy: Xequé originário de Baku, cujo túmulo se encontrava nas proximidade de Xiraz. – 256, 257.
- Ali Baxa: Ali Pasha, governador turco de Tabriz, que se passou para o lado safávida após a conquista da cidade por Xá Abbas em 1603. – 358.
- Ali Camal: Ali Kamal, chefe dos Niquelus, grupo árabe que se estabeleceu em Nakhilu, no litoral da Pérsia; por volta de 1617 aliou-se aos portugueses de Ormuz. – 590-592, 673.
- Alibec: Ali Beg, governador de Xiraz. – 200, 241, 244, 245, 265, 266, 293, 371; v. Alaibec.
- aljauas: Aljava, estojo para flechas. – 211, 242, 525, 532.
- aljuba/s: Vestimenta mourisca, espécie de túnica larga, até aos joelhos. – 200, 211, 216, 225, 242, 260, 261, 262, 312, 334, 337, 338, 339, 340, 345, 432, 435,

- 515, 531.
- almaçiga: Almêcega, resina aromática do lentisco (*Pistacia lentiscus*). – 231, 289, 292, 401, 402.
- almadia/s: Almadia, embarcação ligeira, escavada num tronco de árvore, movida a remos, mas que também pode armar vela. – 81, 83, 85, 90, 102, 628, 641, 657.
- Almedina: Medina, cidade santa do Islão, na Arábia; 24° 28' N, 39° 36' E. – 517.
- almendra/s: Amêndoa (fruto). – 114, 118, 232, 248.
- almoneda/s: Leilão. – 147.
- almyvar: Calda de açúcar. – 254.
- Alonso de Noroña, don: Dom Afonso de Noronha (c.1550-1627), nomeado vice-rei do Estado da Índia em 1619, não chegou a tomar posse, pois o navio em que seguia arribou a Lisboa. – 677, 679, 681.
- Alonso de Suaço: Alonso de Zuazo (1466-1539), funcionário régio espanhol em Santo Domingo e na Nova Espanha, que em 1524 naufragou nos baixos dos Alacranes, conjunto de pequenas ilhas situadas no Golfo do México. – 52; v. Alacranes.
- Alpes: Sistema montanhoso europeu. – 429.
- Alpheo: Rio Alfeu ou Alfeios, que atravessa o Peloponeso, na Grécia. – 428.
- alchimia: Alquimia. – 410.
- alchimista/s: Alquimista. – 410.
- aluarcoque/s: Damasco, fruto do damasqueiro. – 311; v. albircoques.
- Alucham: Parece tratar-se de Aba Bakr ibn Miran Shah (1382-1409), neto de Tamerlão e filho de Mirza Miran Shah. – 544; v. Mirunxa; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- Aluida: Alfhild, também conhecida como Alvida, lendária princesa dinamarquesa (ou viking), referida pelo cronista medieval Saxo Grammaticus. – 436; v. Juan Saxon.
- Amadam / Amadan: Hamadan, importante cidade iraniana, 34° 48' N, 48° 31' E. – 497, 596.
- Amadis: Agueridos habitantes da região litoral do Mogostão; a designação poderia derivar de Amadis de Gaula. – 671; v. Hamadi; v. Mogostam / Mogostan.
- Amanzada: Localidade nas proximidades de Xiraz, talvez uma referência ao Imamzadeh Shah Mir Ali Hamzeh, túmulo de um sobrinho do sétimo imame xiíta; *Imamzadeh* designa em contexto persa o túmulo de um descendente de um imame xiíta. – 287.
- Amasia: Amaseia ou Amasya, região e cidade da Ásia Menor, 40° 39' N, 35° 49' E. – 399, 402, 429, 434, 443; v. Capadócia.
- Amazonas: Lendárias mulheres guerreiras. – 434-436.
- America: América. – 19, 21, 23.
- Amiano Marçelino: Amiano Marcelino (c.330-391), militar e historiador romano, autor de *Res gestae*, uma história do Império Romano. – 452, 464, 466, 485.
- Amida: Cidade nas margens do rio Tigre, que corresponde à moderna Diyarbakir, na

- parte oriental da Turquia, 37° 54' N, 40° 14' E. – 448, 449; v. Carahamit / Caramit; v. Rumi Capir.
- Amir Carcham: Parece referir-se a Abd Allah, tio de Amir Husayn, que era cunhado de Tamerlão. – 416; v. Mirhoçen; v. Miroçen; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- Amiso / Amison: Amisos, antiga cidade nas margens do Mar Negro, actual Samsun, na Turquia, 41° 17' N, 36° 20' E. – 379, 443.
- Amonitas: Habitantes do antigo reino de Amom, que a Bíblia situa na região da Palestina. – 456.
- Amurates: Murad I, sultão otomano (r.1362-1389). – 239, 398, 400; v. Amurio.
- Amurates sigundo: Murad II, sultão otomano (r.1421-1444; r.1446-1451). – 239, 438.
- Amurates terçero: Murad III, sultão otomano (r.1574-1595). – 442.
- Amurio: O mesmo que Amurates, o sultão otomano Murad I. – 239; v. Amurates.
- Ana: Ana ou Anah, cidade nas margens do rio Eufrates, no actual território do Iraque, 34° 26' N, 41° 59' E. – 460-462, 471.
- anade/s: Pato (ave). – 111, 125, 260, 267.
- ananaz/es: Ananás. – 115, 116; v. piña/s.
- Ançira: Cidade de Ancara ou Ankara, na Anatólia, actual Turquia. – 396; v. Anguri.
- ancora: Âncora. – 21, 23, 88, 89, 163, 170, 625, 626, 656, 659.
- Andaluzia: Região do sul de Espanha. – 13, 250.
- Andaro: Androth, ilhéu no arquipélago indiano das Laquedivas, 10° 55' N, 73° 40' E. – 641.
- andor/es: Cadeira transportável. – 133, 144, 145, 200, 204, 293, 555, 561; v. litera/s / literillas; v. palanquin/es.
- Andrea Coello: André Coelho, capitão português activo no Oriente nas primeiras décadas do século XVII. – 581, 684.
- Andrea Furtado: André Furtado de Mendonça (1558-1611), desempenhou diversas funções militares no Oriente, sendo governador do Estado da Índia durante um breve período em 1609. – 684.
- Andres de Quadros: André de Quadros, capitão da fortaleza portuguesa de Comorão em 1614. – 369, 371.
- andrina/s: *Endrina* (esp.), ameixa silvestre. – 114.
- Andromeda: Andrómeda, figura da mitologia grega, esposa de Perseu. – 154.
- Andronico el sigundo: Andrónico II Paleólogo, imperador de Bizâncio (r.1282-1328). – 305.
- Angelo Cospo Boloñes: Angelo Bartolomeo Cospi (1430-1516), humanista bolonhês que publicou edições de diversas obras sobre Alexandre Magno, nomeadamente de Diodoro Sículo e de Quinto Cúrsio. – 285; v. Diodoro Sículo; v. Quinto Curçio.
- Angoxa: Ilhas de Angoche, ao largo da costa de Moçambique, 16° 32' S, 39° 49' E. – 637, 679, 680.
- anguilla/s: Enguia (peixe). – 446.

- Anguri: Cidade de Ancara ou Ankara, na Anatólia, actual Turquia. – 395, 396; v. Ançira.
- Anguri: Batalha de Ancara em 1402, entre Tamerlão e o sultão otomano Bayezid I (r.1389-1402), que nela foi aprisionado. – 395, 396; v. Bayazeto; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- Anian: Lendário estreito de Anian, que ligaria o Pacífico ao Atlântico; tem sido por vezes identificado com o actual estreito de Juan de Fuca, na costa ocidental do Canadá. – 411.
- Anjadiua: Angediva, ilha ao largo da costa ocidental da Índia, a sul de Goa, 14° 45' N, 74° 6' E. – 90, 657.
- año nueuo: Ano Novo. – 516.
- ansares: Ganso (ave). – 240, 267.
- Ansiaticas: Cidades hanseáticas, pertencentes à Hansa, confederação mercantil e defensiva que uniu diversas regiões costeiras do Mar do Norte e do Mar Báltico. – 409.
- Antarthico / Antartico: Pólo Sul. – 37, 409; v. Anthartico; v. Austral; v. Polo.
- antenal/es: Entenal ou antenal, ave marinha também designada como albatroz ou mangas-de-veludo (*Diomedea exulans*). – 49, 54, 622.
- antena/s: Nome genérico de mastros e vergas. – 17, 20, 76, 597, 623, 648, 658.
- Anthartico: Pólo Sul. – 27, 29, 41, 408, 621, 693, 696; v. Antarthico / Antartico; v. Polo.
- Antiochia: Antioquia, antiga cidade nas margens do rio Orontes, que corresponde à actual Antakya, no sul da Turquia, 36° 12' N, 36° 9' E. – 239, 424, 444-446, 448, 497.
- Antistenes: Antístenes (444-365 AEC), antigo filósofo grego. – 545.
- Antonio Barreto de Silua: António Barreto da Silva, ouvidor-geral do Estado da Índia na década de 1620. – 581.
- Antonio Bonfinio: Antonio Bonfini (1434-1503), humanista italiano, autor de umas *Rerum Hungaricum Decades*. – 412.
- Antonio de Almeyda: António de Almeida, soldado português, que era também mercador em Cochim. – 603.
- Antonio de Gouea: Frei António de Gouveia (1575-1628), bispo de Cirene, missionário agostinho português que visitou a Pérsia repetidamente. – 285, 305, 367, 368; v. Çirene; v. obispo de Çirene.
- Antonio de Maris: António de Mariz Carneiro (?-1642), de alcunha 'Agulha Fixa', cartógrafo e cosmógrafo português, que em 1631 foi nomeado cosmógrafo-mor de Portugal. – 71-74.
- Antonio de Noroña, don: Referência a Dom Afonso de Noronha, fidalgo português que foi vice-rei do Estado da Índia entre 1550 e 1554. – 177; v. Hernando de Noroña.
- Antonio de Noroña, don: Dom António de Noronha (1510-1574), fidalgo português que foi vice-rei do Estado da Índia entre 1571 e 1573. – 104, 131.
- Antonio de San Viçente: Frei António de São Vicente, missionário agostinho portu-

- guês, que em 1614 viajou para a Índia. – 9.
- Antonio Diaz: António Dias, em 1614 era escrivão do forte português de Comorão. – 371.
- Antonio Sirley: Anthony Sherley (1565-1635), aventureiro inglês que visitou a Pérsia na década de 1590 e que mais tarde acabaria por se fixar em Espanha; irmão de Roberto. – 362; v. Roberto / Roberto Sirley.
- Antonio Tauares: António Tavares, criado de Don García de Silva. – 587.
- Anzar: Parece corresponder a Otrar ou Utrar, no actual Cazaquistão, 42° 54' N, 68° 2' E. – 415.
- Apiano / Apiano Alexandrino: Historiador de origem grega (c.95-c.165), autor de uma história de Roma em língua grega. – 422, 450.
- Apolo: Templo de Apolo, uma das divindades da mitologia grega, o qual se situava em Delfos, na Grécia. – 446.
- Apostol/es: Apostolo/s de Jesus Cristo. – 91, 211, 262, 355, 434, 445, 448; v. Judas; v. Sanctiagio; v. Simon.
- Apostolos: Designação atribuída aos Jesuítas. – 91.
- Aquebar / Aquebar Xelaladin: Jalal-ud-Din Muhammad Akbar, imperador mogor (r.1556-1605). – 152, 531, 541; v. Mogor.
- Arabe/s: Árabes, habitantes ou originários da Arábia. – 106, 136, 137, 146, 165, 169, 171, 174, 175, 178, 183, 191, 194, 201-204, 209, 212-214, 217-219, 225, 226, 229, 232, 235-237, 246, 251, 253, 254, 262, 272, 286, 287, 295, 296, 311, 314, 333, 335, 338, 342, 368-370, 372, 391, 393, 395, 402, 424, 426, 438, 439, 442, 444-446, 448-451, 455-458, 461, 467-469, 471-473, 479-483, 485, 486, 490, 504, 505, 510, 513, 514, 517, 525, 526, 531, 544, 558, 559, 569, 572, 573, 575, 576, 578-580, 587-593, 640, 667, 671-675, 678, 696; v. Arabia.
- Arabes Trogloditas: Designação atribuída por autores antigos a povos que demoravam nas regiões meridionais do Egipto. – 456.
- Arabia: Arábia. – 122, 146, 164, 166-170, 172, 174, 177, 180-183, 191, 201, 213, 247, 250, 257, 261, 357, 366, 373, 393, 453, 455-461, 467, 473, 477-484, 486, 491, 531, 569, 574, 575, 582, 583, 590, 592, 597-599, 651, 653, 695.
- Arabia Deserta / Desierta: Arábia Deserta, correspondia na geografia clássica à região mais desértica da Península Arábica. – 453, 458, 459, 460, 467.
- Arabia Felice / Felix: Arábia Feliz, correspondia na geografia clássica à parte meridional da Península Arábica, o actual Iémen. – 458, 461, 482.
- Arabia Petrea: Arábia Pétreia, designação atribuída pela geografia clássica a uma região que corresponde actualmente a partes da Síria, Jordânia e Península do Sinai. – 458.
- arabiga / arabigo: Língua árabe. – 128, 138, 174, 213, 234, 257, 267, 275, 281, 399, 671.
- Aracosia: Antiga designação de uma região da Ásia Central correspondente à parte meridional do actual Afeganistão. – 398, 544.
- Arame/s: Harém, parte da casa reservada às mulheres; o conjunto das mulheres de

- um matrimónio poligâmico. – 246-248, 300, 301, 306, 319, 320, 340, 353, 360, 380, 416, 491, 514, 525, 527, 537, 538, 547, 551-553, 555.
- Aras: Moderna designação do antigo rio Araxes. – 420; v. Araxes.
- aras: Ara, pedestral ou coluna romana com inscrições. – 389.
- Arat: O mesmo que Aria, região no actual Curdistão. – 387, 388, 546; v. Aria.
- Araxes: Um dos grandes rios do Cáucaso, o moderno Aras ou Arax; a mesma designação é atribuída ao rio 'Bramiro' ou 'Bradamiro'. – 268, 269, 283, 286, 287, 420-425, 427, 428, 430, 431, 441, 442, 485, 524, 562, 563; v. Aras; v. Bramiro; v. Bradamiro.
- Arazangue: Parece corresponder a Hesar Kharvan, localidade iraniana a sul de Qazvin, onde existia um caravançara; 36° 12' N, 50° 13' E. – 333, 490.
- arbol triste: Árvore triste (*Nyctanthes arbor-tristis*), planta nativa da Ásia do Sul. – 116.
- arcabuz/es: Antiga arma de fogo portátil. – 76, 78, 79, 101, 112, 119, 199, 200, 217, 232, 288, 310, 335, 336, 338, 369, 370, 371, 379, 418, 499, 524, 529, 534, 557, 558, 591, 592, 594, 603, 607, 611, 612, 618, 640.
- arcabuzero/s: Arcabuzeiro. – 211, 212, 223, 225, 242, 319, 369, 371, 417, 440, 468, 506, 507, 559, 591, 609, 611.
- Archimedes: Arquimedes de Siracusa (287-212 AEC), célebre homem de ciência grego. – 72.
- Archipelago: Arquipélago, designação atribuída ao conjunto de ilhas do Mar Egeu. – 363, 398, 399.
- Arçipelago del Sul: Arquipélago do Sul, designação atribuída às ilhas que se estendem para sul da China, compreendendo nomeadamente as Filipinas e a Insulândia. – 60.
- Arco: Provável referência à ilha de Aro, que a roteirística portuguesa assinalava ao largo da ilha de Moçambique. – 622.
- arçobispo/s: Arcebispo. – 107, 130, 150, 160, 161, 305, 517, 685, 688; v. Alexo de Meneses; v. Cristoual de Lisboa.
- arçobispo de Goa: Arcebispo de Goa. – 107, 130, 160, 305; v. Alexo de Meneses.
- arco/s: Arco (arma). – 85, 101, 199, 211, 242, 243, 288, 292, 300, 304, 305, 340, 414, 432, 435, 439, 468, 499, 525, 532, 553, 556, 558.
- Arctico: Pólo Norte. – 325; v. Artico; v. Polo.
- Ardemira: Lardemira ou Lard-e Amir, zona da ilha de Ormuz. – 185, 187.
- Ardeuil / Ardevil: Ardabil, importante cidade iraniana, nas proximidades do Mar Cáspio, 38° 15' N, 48° 17' E. – 238, 339, 360, 361, 421, 427, 496, 503, 506, 507, 509, 510; v. Hardeuil.
- Areca: Ilha de Larak, ou Lareca, nas proximidades de Ormuz, 26° 51' N, 56° 21' E. – 181, 182; v. Lareca.
- areca: Noz de areca, semente da arequeira (*Areca catechu*), que entra na composição do bétele, um masticatório oriental. – 79; v. betre.
- Arethusa: Aretusa, figura da mitologia grega, que em Siracusa, na Sicília, se teria transformado em fonte. – 483.

Argonautas: Figuras da mitologia grega, que teriam tripulado o navio Argo, numa expedição em busca do velo de ouro. – 432.

Aria: Antiga Arat, região que corresponde a parte do actual Curdistão. – 387, 388, 398, 417, 544, 546; v. Arat.

Ariana: Região asiática que a geografia clássica situava entre a Arábia e a Índia. – 398.

Aries: Signo astrológico do Zodíaco. – 140.

Armenia: Arménia, região da Transcaucásia, entre o Mar Negro e o Mar Cáspio, uma parte da qual correspondia ao moderno estado do mesmo nome; a geografia clássica distinguia Arménia Maior e Arménia Menor. – 264, 268, 295, 307, 308, 341, 343, 352, 420-428, 437, 440-444, 450, 452-454, 462, 464, 484, 505, 509, 518, 520.

armenica: Língua arménia. – 138.

Armenios/as: Arménios, habitantes ou originários da Arménia. – 8, 207, 226, 233, 238, 261, 262, 281, 297, 301, 308, 309, 313, 314, 329, 330, 366, 390, 419, 420, 429, 433, 435, 441, 448, 450, 472, 499, 501, 505, 510, 511, 518-521, 524, 526, 527, 535, 554, 555, 561, 565, 566, 573; v. Armenia.

aroz / arroz: Arroz. – 79, 84, 103, 126, 129, 132, 135, 151, 174-177, 205, 215, 224, 311, 342, 420, 450, 451, 558, 641, 647.

arrayhanes: *Arráyan* (esp.), mirto ou murta (*Myrtus communis*). – 231.

Arriano: Arriano de Nicomédia (86-175), filósofo e historiador grego, que narrou as campanhas de Alexandre Magno. – 284, 389.

Arsaçidas: Arsácidas, também conhecidos como Partas, habitantes de um antigo império do mesmo nome que hegemonizou parte da Pérsia entre o século III AEC e o século III. – 387; v. Parthia / Parthiene; v. Parthos.

Arsenga: Cidade da parte oriental da Anatólia, que pode ser identificada com a actual cidade turca de Erzincan, 39° 44' N, 39° 29' E. – 443.

Artaxata / Arthaxata: Antiga capital da Arménia, correspondente à moderna Artashat, 39° 57' N, 44° 33' E. – 422-425, 441.

Arthaxerxes: Artaxerxes II, rei da Pérsia (r. 404-358 AEC). – 443, 465.

Artico: Círculo Polar Ártico. – 406; v. Círculo.

Artico: Pólo Norte. – 25, 60, 70, 99, 140, 192, 264, 270, 380, 406-408; v. Arctico; v. Polo.

artilleria: Artilharia. – 7, 32, 53, 55, 67, 68, 75, 82, 88, 104, 132, 163, 172-174, 186, 199, 200, 223, 309, 311, 369, 374, 400, 417, 440, 441, 468, 482, 504, 508, 577, 585, 590, 592, 598, 603, 617, 628, 629, 639, 645, 656, 668-672, 674, 675, 678, 680-683, 685, 686.

arzon/es: Arção de sela de montar. – 226, 332, 572.

Ascelino: Ascelino da Lombardia, religioso dominicano enviado em missão à Ásia Central pelo papa Inocêncio IV em 1245, autor de um relato de viagens. – 392.

Asçension: Ilha de Ascensão, no Atlântico Sul, 7° 56' S, 14° 22' O. – 23, 41.

Asia: Ásia. – 122, 138, 139, 180, 203, 204, 213, 225, 235, 237-240, 245, 251, 257,

261, 276, 284, 295, 317, 323, 342, 386-388, 391-393, 395, 396, 398-400, 402, 411, 412, 417, 420, 422, 424, 426, 429, 434, 436, 438, 439, 442, 445, 446, 452, 457, 460, 473, 475, 478, 483, 484, 490, 491, 497, 500, 504, 513, 520, 541, 544, 546, 553.

Asianas/os / Asiaticos: Asiáticos, naturais ou originários da Ásia. – 239, 240, 264, 265, 283, 296, 301, 314, 353, 392, 395, 414, 439, 465, 478, 483, 490, 491, 504, 526, 530, 555; v. Asia.

Asinbey: Hasan Beg, identificável com Uzun Hasan, da dinastia turcomana Aq Qoyunlu. – 238; v. Assenbec; v. Vsuncasan / Vsuncassan.

Assiria: Assíria, antigo reino da Mesopotâmia. – 454; v. Assiria.

asnos: Asno, burro. – 51.

aspides: Áspide, víbora venenosa. – 110.

Assen Bec / Assenbec: Hosayn Beg, chanceler do khan de Xiraz. – 564, 565.

Assenbec: Hasan Beg, identificável com Uzun Hasan, da dinastia turcomana Aq Qoyunlu. – 423; v. Asinbey; v. Vsuncasan.

Assenbec: Husain Ali Beg, embaixador persa que acompanhou Anthony Sherley à Europa em 1599-1600. – 362; v. Antonio Sirley.

Assenbec: Soldado da guarda real persa (*qurchi*), aposentador de caravana. – 499, 529; v. Cachibec / Cachibec Soltan; v. Cassenbec; v. Vsenbec; Vssen Bec / Vssenbec.

Assiria: Assíria, região e reino da antiga Mesopotâmia. – 237, 297, 391, 427, 442, 443, 460, 462, 467, 471, 473, 484, 497, 553; v. Assiria.

Assirios: Assírios, habitantes ou originários da Assíria. – 238, 251, 277, 451, 475; v. Assiria.

Assuero: Assuero é identificado na Bíblia com Astíages, rei da Média, pai de Dario, o Medo. – 476; v. Astiages.

Astarcan: Astrakhan, cidade russa nas margens do rio Volga, nas proximidades do Mar Cáspio, 46° 22' N, 48° 5' E. – 306, 439.

Astiages: Astíages, rei da Média entre 596 e 560 AEC. – 476; v. Assuero.

astrolabio: Astrolábio. – 13, 165.

astrologia: Astrologia. – 137.

astrologo/s: Astrólogo. – 140, 416.

Asumpción de Nuestra Señora: Dia da Assunção de Nossa Senhora, que se celebra a 15 de Agosto. – 53.

atabalejos / atabales: Atabale, tambor de caixa de cobre. – 299, 352, 516; v. tabales.

ataraçanas: *Atarazana* (esp.), teracena ou arsenal. – 122.

atauxia: *Ataujia* (esp.), tauxia, obra de ouro, prata e outros metais, embutidos uns nos outros. – 335, 336.

Athenas: Atenas, cidade grega. – 141, 424.

Athenienses: Atenienses, habitantes ou originários de Atenas. – 285, 622; v. Athenas.

Atlantico / Mar Atlantico: Oceano Atlântico. – 458.

Atra: Hatra ou al-Hadr, antiga cidade iraquiana, actualmente em ruínas, situada nas

proximidades de Mosul, 35° 35' N, 42° 43' E. – 451.

Atropaça / Atropatena / Atropatia: Atropatena, designação clássica de uma região situada junto ao Mar Cáspio, correspondendo a territórios dos actuais Azerbaijão e Irão. – 421, 423, 427; v. Media Atropaça / Atropatena / Atropatia.

atunes: Atum. – 649.

auellanas/os: Avelã, avelaneira. – 265, 431; v. avellanas.

Augin: Passo de Daugim, no território de Goa. – 148; v. Daugin; v. Madre de Dios.

Augustinos: Agostinhos, membros da Ordem de Santo Agostinho. – 367; v. Agostino/s; v. Nuestra Señora de Graça; v. San Agustin.

Augusto César: Augusto César (63 AEC-14), primeiro imperador romano (r.27 AEC-14). – 141, 403.

Auidio Cassio: Caio Avidio Cássio (c.130-175), general romano de origem síria, que participou nas campanhas asiáticas (161-166) de Lúcio Vero. – 452, 454, 463, 465; v. Luçio Vero.

Auiñon: Avignon, cidade do sudeste da França, banhada pelo rio Ródano, 43° 57' N, 4° 49' E. – 469.

auratas: Dourada (peixe). – 15; v. dorados.

Aurea Quersoneso: Designação clássica da Península Malaia, por vezes aplicada a Malaca. – 141; v. Malaca.

Aureliano: Imperador romano (r.270-275). – 456.

Aurelio Caro: Marco Aurélio Caro, imperador romano (r.282-283). – 454, 463, 466, 467, 470; v. Caro.

Austral: Estreito Austral ou de Magalhães. – 409.

Austral: Hemisfério sul. – 25-27, 29.

Austral: Pólo Sul. – 53; v. Antarthico / v. Antartico; v. Polo.

Austral: Terra Austral, continente que se supunha existir no hemisfério sul. – 37.

avellanas: Avelã, avelaneira. – 118; v. auellanas/os.

azabache: Azeviche, carvão compacto. – 31.

azagayas: Azagaia, lança curta e delgada. – 85.

azaguan/es: Saguão. – 171, 244, 246, 300, 526, 579.

azauches: *Acebuche* (esp.), azambujeiro. – 235.

Azeite: Óleo ou azeite. – 119, 401, 420.

azeitonas: Azeitona. – 420.

azequia: Acéquia, canal de rega. – 225; v. açequia/s.

azero: Aço. – 259, 276, 336, 396, 499, 540.

Azougue: Matadouro de Goa. – 127.

azulejos: Azulejo. – 225, 241, 258, 264, 302, 329, 334.

B

Baba: Xequê Baba, provável referência a Shaikh Baba Kuhi (?-1050), mestre sufi cujo mausoléu se encontra nas cercanias da cidade iraniana de Xiraz. – 256;

v. Mahamet Jahan.

Babel: Antiga torre de Babel, que se situaria a sul de Bagdade. – 472.

Babilonia: Babilónia, cidade-estado da antiga Mesopotâmia; designação ocasionalmente utilizada como sinónimo de Bagdade. – 220, 278, 283, 327, 424, 426, 443, 452-454, 456, 458-461, 463, 464, 467-479, 484, 485, 568.

Babilonios: Babilónios, habitantes de Babilónia. – 277, 474, 475; v. Babilonia.

Baçain: Baçaim, cidade portuária a norte de Bombaim, integrada no Estado da Índia a partir de 1533; corresponde à moderna localidade de Vasai, 19° 19' N, 72° 48' E. – 163.

bacanales: Bacanal, antigo ritual romano em honra de Baco. – 684.

Bacho: Baco, divindade romana associada ao vinho e ao seu consumo. – 134, 146.

Baçora: Baçorá, cidade portuária do Golfo Pérsico, junto ao Chatt al-Arab. – 192, 206, 220, 250, 368, 458, 461, 467, 468, 478-480, 482, 483, 486, 560, 568, 590, 594, 596, 689, 691.

Bactriana: Báctria ou Bactriana, designação clássica de um estado da Ásia Central, que ocupava uma região correspondente à parte meridional do actual Afeganistão. – 263; v. Bactra; v. Balca / Balcha; v. Batra.

Bactra: Capital da Báctria, que parece corresponder a Balkh, que se localizava nas proximidades da actual Mazar-e Sharif, no Afeganistão. – 387, 397, 417, 534, 544; v. Balca / Balcha; v. Batra; v. Bucara.

Bactrianos: Habitantes da antiga Báctria. – 387, 388, 396; v. Bactra; v. Balca / Balcha; v. Batra; v. Bucara.

Bacu: Baku, cidade das margens do Mar Cáspio, situada no actual Azerbaijão, 40° 23' N, 49° 52' E. – 256, 257, 353, 428, 442.

Bacu: Mar de Bacu, antiga designação do Mar Cáspio. – 385.

Badajan: Um dos reinos asiáticos conquistados por Alexandre Magno; corresponde a Badakhshan, uma região do actual Afeganistão. – 389, 398; v. Paropamissas.

Badajoz: Cidade espanhola na região da Extremadura, 38° 52' N, 6° 58' E. – 543.

Badia Zaman: Badi al-Zaman, filho de Nurum Khan, que nas primeiras décadas do século XVII hegemonzava a região de Balkh, por mandato do soberano uzbeque Imam Quli. – 263; v. Nurum Cham.

Bagadad / Bagadat: Bagdade, metrópole iraquina, nas marges do rio Tigre, 33° 20' N, 44° 26' E. – 294, 345, 359, 361, 377, 419, 451, 452, 455-457, 464, 467-469, 471, 472, 478-480, 484-486, 501, 507, 508, 510, 521, 522, 548, 553, 596, 689.

bahage/s: *Vahaje* (esp.), aragem, vento brando. – 17, 20, 27, 28, 56, 59, 66, 76, 89, 167, 168, 178, 179, 181, 623.

Baharen: Barém ou Bahrain, arquipélago junto à margem árabe do Golfo Pérsico, 26° 4' N, 50° 33' E. – 207, 211, 233, 241, 259, 357, 359, 378, 478, 480-483, 523, 554, 560, 665; v. Tilos.

baharies: Falcão peregrino. – 260, 609.

Baisiht Hildrun: Bayezid I, sultão otomano (r.1389-1402). – 239; v. Bayazeto; v. Hildrun Bayazeto.

- bajus: Bajú, camisa, termo que parece original do malaio *baju*. – 144-145.
- Balagate: Balagate ou Balaghat, região do centro da Índia, a norte dos Gates Ocidentais. – 104, 154.
- Balca / Balcha: Balkh, antiga cidade da Ásia Central, situada na parte meridional do actual Afeganistão, que no século XVII era hegemonizada pelo Khanato de Bukhara. – 263, 387, 388, 389, 416, 531, 532, 534, 536, 539, 540; v. Bactra; v. Bucara; v. Batra.
- balistas / ballestas: Balista, máquina de guerra que atirava dardos. – 400; v. trabucos.
- balsa/s: Charco ou pântano. – 131, 562.
- balsa/s: Espécie de jangada. – 452, 453.
- Balsasar / Balthasar: Baltazar, ou Belsazar, príncipe babilónio referido na Bíblia, filho de Nabonido, rei da Babilónia (r.555-539 AEC), e neto de Nabucodonosor II (r.604-562 AEC). – 474, 475, 476; v. Euil Merodad / Euilmerodac; v. Merodac; v. Nabucodonosor / Nabuchodonosor.
- Baltasar de Chaues: Baltasar de Chaves, capitão português de um dos navios da armada de Rui Freire de Andrade, enviada para Ormuz em 1619. – 675.
- Banastarin / Benastarin: Forte de Benasterim, ou Banastarim, também chamado de Santiago, no território de Goa, junto ao passo de Benasterim. – 104, 105, 610; v. Sanctiago.
- Banda: Porção costeira do território de Goa, nas proximidades de Chaporá, 15° 37' N, 73° 44' E. – 602, 656, 659.
- Bandali: Band-i Ali, localidade iraniana a três léguas de Comorão, onde existia um caravançarai. – 202, 206.
- bandara: Bandara, do malaio *bendahara*, ministro principal dos soberanos malaios. – 141, 142.
- Bandel: Bandel de Comorão, porto na terra firme da Pérsia onde existia uma fortaleza portuguesa, face à ilha de Ormuz, aproximadamente correspondente à moderna cidade de Bandar Abbas, 27° 11' N, 56° 16' E. – 161, 194, 196, 199, 202, 203, 206-208, 213, 223, 368-371, 529, 565, 570, 578-582, 590, 593, 595, 665, 667, 671, 672.
- Bandel: Forteza do Bandel de Comorão, fronteiro a Ormuz, na terra firme iraniana. – 213, 370, 665, 671.
- Banians: Baneanes, do guzerate *vaniyan*, jainas, que se ocupavam tradicionalmente de mercancia. – 123, 126, 129, 132-135, 137, 138, 140, 142, 143, 171, 191, 603, 672.
- banhos: Banhos públicos. – 261, 311, 314.
- baratas: Barata (insecto). – 652.
- Barçelor: Barçelor, localidade da costa ocidental da Índia, correspondente à moderna Basrur, onde existia uma fortaleza portuguesa, 16° 63' N, 74° 73' E. – 88, 89, 90; v. Braçelor.
- Bardes: Bardez, região setentrional do território de Goa, onde existia uma fortaleza portuguesa do mesmo nome. – 91, 99-101, 108, 116, 117, 122, 136, 139, 163, 606, 608, 609, 659, 684, 692.

- Bardes: Fortaleza de Bardez, ou dos Reis Magos, no território de Goa, 15° 50' N, 73° 81' E. – 100, 101, 122, 136.
- barquillas: Barquinha, pequena embarcação. – 46, 68, 82, 83, 84, 89, 90.
- barracan: *Barragán* (esp.), barregana, pano de lã muito forte. – 531.
- Bartolome de Bolonia: Bartolomeo di Bologna (?-1333), também conhecido como Bartholomaeus Parvus, frade dominicano que missionou na Arménia, por encargo do papa João XXII (p.1316-1334). – 309.
- Baruch: Livro de Baruc ou Baruque, um dos livros do *Antigo Testamento*. – 475, 476.
- Baruto: Beirute, metrópole do Líbano, 33° 53' N, 35° 30' E. – 548.
- basar: Bazar, mercado ou área comercial. – 214, 298, 345; v. bazar/es.
- Basilio: São Basílio (330-379), bispo de Cesareia, autor de regas monásticas seguidas pelo cristianismo oriental. – 519.
- basilisco: Basilisco, animal mítico, com forma de lagarto ou serpente, e cabeça de galo, descrito pelo naturalista romano Plínio. – 111-113; v. Plínio; v. regulo.
- basilisco: Basilisco, peça de artilharia de grandes dimensões. – 104.
- batel/es: Batel, embarcação auxiliar que era transportada em navios de maior porte. – 82, 83, 85, 86, 88, 89, 168, 170, 173, 176, 178, 179, 621, 643, 682.
- Bathonoy: Baiju ou Baichu Noyon, general mongol que combateu na Anatólia e governou o noroeste da Pérsia entre 1228 e 1259. – 237, 392, 393, 426.
- Batala: Batecala, corresponde à moderna cidade de Bhatkal, na costa ocidental da Índia, 13° 58' N, 74° 34' E. – 88, 90.
- Batra: Bactra, capital da Bactria, que parece corresponder a Balkh, que se localizava nas proximidades da actual cidade de Mazar-e Sharif, no Afeganistão. – 387, 388, 389, 391, 393; v. Bactra; v. Balca / Balcha; v. Bucara.
- baixa/s: Paxá, do turco *paşa*, designa normalmente o governador de província no Império Otomano. – 332, 448, 451, 467, 468, 479, 503, 506-509, 549.
- babel: *Bajel* (esp.), baixel, embarcação de pequeno porte. – 600.
- Bayazeto: Bayezid I, sultão otomano (r.1389-1402). – 395, 397, 399, 400, 402, 406; v. Baisiht Hildrun; v. Hildrun Bayazeto; v. Sophia.
- bazar/es: Bazar, do persa *bazar*, designa um mercado, uma área comercial, ou um agrupamento de lojas e oficinas artesanais. – 213, 214, 219, 253, 298, 299, 301, 306, 307, 326, 501, 502, 524-526, 528, 534-537, 556, 568, 570; v. basar.
- Bazarino / Bazariño: Praça do Bazar, na antiga cidade de Goa. – 122, 128, 129.
- begu/n: *Begom* (persa), título honorífico atribuído em algumas áreas do mundo islâmico a mulheres de elevada estirpe. – 262, 360, 435, 492; v. Periacancanu; v. Zeinab Begun.
- Begun: Referência à rainha Ketevan a Mártir (1565-1624), do potentado de Kakheti, na Geórgia. – 262.
- Belen: Belém, zona da periferia de Lisboa. – 7, 46.
- bellotas: Bolota. – 253.
- Benaru: Banaruyeh, localidade iraniana no caminho entre Lar e Xiraz, onde existia um caravançarai; 28° 4' N, 54° 2' E. – 223-225, 574.

Benastarin: Benastarim ou Banastarim, no território de Goa. – 610; v. Banastarin.
 Benitos: Beneditino, membro da Ordem de São Bento. – 175, 531.
 Bengala: Região asiática, na parte oriental do Hindustão. – 137, 162, 602, 612.
 Bengalas: Bengalis, habitantes ou originários de Bengala. – 603; v. Bengala.
 Benjamin: Benjamim, uma das doze tribos de Israel. – 476.
 Bereberes: Berbères, habitantes ou originários da Berbéria, no Magrebe. – 109; v. Berueria; v. Berueriscos.
 berengenas: *Berenjena* (esp.), beringela. – 117.
 Bernabe Ribero: Barnabé Ribeiro, português, vizinho de Panjim em 1618. – 608, 609.
 Bernardas: Monjas da Ordem de Cister. – 225.
 Bernardo de Azevedo: Frei Bernardo de Azevedo (?-1620), religioso agostinho do convento de Ispaão, que missionou na Pérsia a partir de 1605. – 529, 533, 538.
 Bernardo de la Peña: Soldado e criado de Don García de Silva, morto no assalto a Ormuz em 1622. – 675.
 Bernardos: Monges da Ordem de Cister. – 175.
 Berueria / Berveria: Berbéria, designação atribuída ao Magrebe. – 9, 108, 109, 114, 117, 118, 122, 134, 146, 151, 174, 225, 229, 261, 347, 350, 356, 393, 491, 608; v. Bereberes; Berueriscos.
 Berueriscos: Berberiscos, habitantes ou originários da Berbéria. – 468; v. Bereberes; v. Berueria.
 besugos de Santander: Bica, peixe que parece identificar-se com o *Pagellus erythrimus*. – 698; v. bicas.
 betre: Bétele, masticatório oriental, composto por nozes de areca, folha de bétele e cal. – 79, 151, 154.
 Bezabda: Nome persa alegadamente adoptado pelo viajante inglês Robert Sherley. – 376, 510; v. Roberto / Roberto Sirley.
 bezerros: Bezerro (animal). – 48, 209, 417.
 Biblias: Bíblia. – 433.
 bicas: Bica, peixe que parece identificar-se com o *Pagellus erythrimus*. – 698; v. besugos de Santander.
 bichos de palmeira: Esquilo-das-palmeiras (*Funambulus palmarum*) – 119; v. har-das.
 Bichulin: Bicholim, localidade no território de Goa, 15° 60' N, 73° 95' E. – 104.
 Bir: Beriz, localidade iraniana no caminho de Lar para Xiraz, onde existia um caravançarai. – 222, 575.
 Bir: Birecik, cidade nas margens do rio Eufrates, no sul da actual Turquia, 37° 1' N, 37° 58' E. – 444; v. Birta / Birta; v. Heliopolis.
 Birta / Birta: Antiga cidade da Mesopotâmia, nas margens do rio Eufrates, que deve corresponder à actual Birecik. – 444, 446, 453, 461; v. Bir; v. Heliopolis.
 Bisnagar: Bisnaga ou Bisnagar, designação atribuída a Vijayanagar, antiga cidade e reino do mesmo nome no sul da Índia. – 136-138, 608.

Bithinia: Bitínia, antigo reino da Ásia Menor, nas margens do Mar Negro. – 239; v. Bitínia.
 Bitilis: Bitlis, cidade nas proximidades do lago Van, na parte oriental da actual Turquia, 38° 24' N, 42° 6' E. – 423, 427.
 Bitinia: Bitínia, antigo reino da Ásia Menor, nas margens do Mar Negro. – 239; v. Bithinia.
 biuora/s: Víbora. – 108-111; v. culebra/s / culebrillas; v. serpiente/s.
 Blanca Maria Visconte: Bianca Maria Visconti, casada com Francesco I Sforza, foi duquesa de Milão entre 1450 e 1468. – 404; v. Francisco Sforça.
 Blas Tellez de Meneses: Brás Teles de Meneses, fidalgo português que foi capitão-mor da armada da carreira da Índia em 1605; regressou a Portugal em 1607. – 63.
 Blemios: Blémios, antigo povo egípcio que demorava na região da Núbia. – 457.
 Boca de la Bozina: Buzina, designação atribuída pelos antigos navegadores portugueses à Ursa Menor. – 25; v. Ossa Menor.
 Boemundo Normando: Boemundo I de Antioquia (c.1058-1111), príncipe de Antioquia e um dos condutores da Primeira Cruzada. – 444.
 Bohemia: Boémia, região da Europa Central. – 402, 436.
 Bohemios: Boémios, habitantes ou originários da Boémia. – 400, 436; v. Bohemia.
 bojar: Bojar, medir o perímetro de uma ilha. – 37.
 bolateria: *Volateria* (esp.), caça de aves com falcões amestrados. – 260, 432.
 bolatin/es: *Volantin* (esp.), funâmbulo. – 302-305.
 bolinar / bolinas: Navegação contra o vento. – 20, 24, 32-34, 39-42, 52, 53, 55, 56, 59, 164, 165, 597-601, 604, 619, 631, 637, 648, 651, 697.
 Bonbain: Bombaim, ilha no litoral ocidental da Índia, 18° 57' N, 72° 49' E. – 653, 655, 659, 663, 664.
 bonete/s: Gorro, boné. – 85, 219, 277-280, 339, 353, 432.
 bonitos: Bonito, peixe vulgar no Atlântico. – 12.
 Bootes: Boötes, ou Boieiro, constelação do hemisfério celestial norte. – 25, 26.
 boran: Fruta da *Ziziphus mauritia*, a que em Goa davam o nome de *ber* ou *bor*. – 114.
 Boristenes: Borístenes, antiga designação do rio Dniepre. – 378, 440; v. Nipro.
 Borno: Bornu, antigo império da África Central, também designado como Kanem-Bornu. – 332.
 borrallos: Borrelho, pequena ave mencionada nos antigos roteiros portugueses, semelhante ao estorninho. – 44.
 Bosphoro Çimerico / Çimerio: Bósforo Címério, antiga designação do Estreito de Kerch, que liga o Mar Negro ao Mar de Azov. – 353, 439.
 botarga/s: Calção largo e comprido, muito colorido, utilizado em representações teatrais. – 341, 538.
 Braçelor: Barçelor ou Basrur, cidade da costa ocidental da Índia. – 89; v. Barçelor.
 Bradamiro: Identificável com o rio Aras ou Arax, que corre na região do Cáucaso. – 250, 287, 562; v. Araxes; v. Bramiro.

Braga: Cidade do norte de Portugal, 41° 32' N, 8° 25' E. – 642.
 Bragadino: Marco Bragadino (c.1545-1591), alquimista de origem cipriota, muito activo em Veneza. – 411.
 bramene: Língua bramânica, designação atribuída ao sânscrito. – 138; v. indiana/s.
 bramene/s: Brâmane, membro da casta sacerdotal hindu. – 132, 134-138, 140-143, 151, 153, 154.
 Bramene Calano: Calanus ou Kalanos (c.398-323 AEC), brâmane indiano que acompanhou Alexandre Magno e que se auto-imolou em Susa. – 141.
 Bami / Bramir: Parece corresponder ao rio Ibrahimi, que desagua nas proximidades de Comorão; a mesma designação é aplicada à zona por ele banhada, que parece corresponder à actual região de Minab. – 269.
 Bramiro: O mesmo que Bradamiro, identificável com o rio Aras ou Arax, que corre na região do Cáucaso. – 268, 269; v. Araxes; v. Bradamiro.
 Brasil: Costa e território do Brasil. – 19, 23, 26, 30, 31, 39, 40-42, 58, 115, 164, 644, 679.
 Braua: Brava, porto na costa da Somália, actual Baarawe, 1° 06' N, 44° 1' E. – 622.
 breñas: Brenha, matagal. – 173, 177, 179, 180.
 Breuiarios: Breviário, livro de orações usado pelos Cristãos diariamente. – 433.
 Bucara: Bucara ou Bukhara, antigo empório da Ásia Central, no território do actual Uzbequistão, 39° 46' N, 64° 26' E. – 388, 389, 531, 534.
 Buen Jesus: Convento do Bom Jesus, actual Basílica do Bom Jesus, em Goa. – 122, 129, 130.
 Buen Jesus: Terreiro do Bom Jesus, na antiga cidade de Goa. – 129.
 Buena Esperança: Cabo da Boa Esperança. – 31, 34, 41, 49, 54, 57, 408, 642, 697; v. Cabo / Cabo de Buena Esperança.
 buey/es: Boi (animal). – 19, 119, 133, 135, 136, 139, 209, 214, 218, 236, 417, 461, 582, 610, 611, 694.
 buey/es marino/s: Identificável com o peixe-boi-marinho. – 37, 52; v. vitulo/s.
 búfalos: Búfalo. – 133.
 Bulgária: Bulgária, região dos Balcãs. – 399.
 Bulgaro/s: Búlgaros, habitantes ou originários da Bulgária. – 239, 396, 397, 399, 400; v. Bulgária; v. despota de Bulgária; v. Tribalos.
 Bursia: Bursa, cidade turca nas proximidades do Mar da Marmara, 40° 11' N, 29° 3' E. – 239, 395, 396.

C

Caabaçeira / Caabaçeyra / Cabaçeira / Cabaçeyra: Cabaceira, designação da terra firme junto à ilha de Moçambique. – 627, 645, 646, 647, 681; v. Calabaçera.
 cabaya/s: Cabaia, peça de vestuário de mangas largas. – 85, 205, 211, 337, 341, 432, 515, 520, 531.
 Çabayo: Sabaio, designação atribuída pelos portugueses a Yusuf Adil Khan, sobe-

rano de Bijapur (r.1489-1510); as Casas do Sabaio albergavam a Inquisição de Goa. – 122, 124, 146.
 Cabeça Seca: Baixos na embocadura do rio Tejo, onde se ergue a Torre do Bugio. – 46.
 cabildas: Cabila ou cabilda (árabe *qabila*), designa uma tribo ou associação de famílias residindo no mesmo lugar. – 174; v. aduar/es.
 cabildo: Autoridade municipal, no mundo hispânico. – 543.
 Cabo / Cabo de Buena Esperança: Cabo da Boa Esperança. – 24, 31, 33-38, 40-44, 47-52, 54, 57, 58, 408, 623, 642-644, 696-700; v. Buena Esperança.
 Cabo Verde: Arquipélago de Cabo Verde. – 10, 13, 26, 30.
 cabra/s: Cabra (animal). – 81, 82, 84, 175, 204, 209, 231, 236, 239, 582, 611, 695; v. cabritos.
 Cabrestan: Kahurestan, povoação iraniana, no caminho entre Comorão e Lar, onde existia um caravançara; 27° 12' N, 55° 36' E. – 204, 205, 210, 230, 578, 580.
 cabritos: Cabrito (animal). – 175, 204, 253, 576, 641, 642, 696; v. cabra/s.
 caça: Caça. – 50, 76, 106, 107, 129, 182, 204, 205, 228, 241, 260, 267, 316, 335, 417, 419, 431, 432, 610, 680.
 çacales: Talvez identificável com *chakaya* (turco), contramestre das galés. – 240.
 Caçen Abad: Tavez identificável com a localidade iraniana de Hasanabad, na região de Ispão, 33° 57' N, 51° 25' E. – 326.
 Caçen Bec: Hassan Beg (?), capitão da fortaleza persa de Comorão. – 199.
 Cachibec / Cachibec Soltan: Soldado da guarda real persa (*qurchi*), aposentador de caravana. – 563, 565, 566, 580; v. Assenbec; v. Cassenbec; v. Vssenbec; v. Vssen Bec / Vssenbec.
 Cachica Cham / Cachica Chan / Cachican / Cachichan: Qarachaqaq Beg (?-1625), escravo da casa real safávida (*ghulam*), de origem arménia, que comandou o exército safávida; em 1617 foi nomeado governador de Tabriz. – 505-508; v. Carchicabec.
 cachoras: Cachorro ou albacora, peixe semelhante ao atum. – 12.
 caçizes: Caciz (árabe *qasis*), clérigo muçulmano. – 513; v. alfaqui/s; v. morabito/s; v. mula/s; v. muphri.
 caçon/es: Cação, uma espécie de tubarão. – 14.
 Çacotora: Socotorá ou Suqutrah, ilha ao largo da costa da Arábia, nas proximidades do Corno de África. – 69, 80, 620, 651, 679.
 Cadussios: Cardúcios, designação atribuída por Xenofonte aos Curdos. – 484; v. Curdo/s; v. Xenophon/te.
 Cafa: Caffa ou Kaffa, porto da Crimeia, que corresponde à actual cidade ucraniana de Feodosiya, 45° 2' N, 35° 22' E. – 353, 379, 392; v. Capha.
 Cafa: Rei de Caffa, provável referência a Djanibek Giray, khan da Crimeia intermitentemente entre 1610 e 1635. – 353, 392.
 Cafares: Usado como sinónimo de *gentiles* ou gentios; provável transcrição do árabe ou persa *kafir*, termo que designa um não-crente, e que deu origem ao termo cafre. – 259; v. Cafres; v. Gentil/es.

cafila/s: Cáfila, o mesmo que caravana. – 159, 213, 561; v. carauana/s / caravana/s.
 çafires: Safira (pedra preciosa). – 530.
 Çafhra / Çafra: Zafra, na Extremadura espanhola, terra natal de Don García de Silva, 38° 25' N, 6° 25' O. – 234, 235.
 Çafhra / Çafra: Talvez identificável com Khafr, localidade iraniana a sul de Xiraz, onde existia um caravãçarai. – 234, 235, 567, 568.
 Cafreria: Costa da Cafraria ou Cafreria, designação atribuída ao litoral meridional de África. – 53, 55, 63, 365, 630, 632, 637; v. Natal.
 Cafres: Cafre, do árabe *kafir* ou não-crente, designa habitante ou originário da África Negra. – 51, 81, 516, 640; v. Cafares.
 Caio Cassio: Caio Cássio Longino (c.85-42 AEC), senador romano que foi em dado momento governador da Síria. – 450; v. Marco Craso / Crasso.
 Cairo: Grande metrópole do Egipto. – 79, 229, 332, 366, 367.
 cairo: Cairo, fibras de coco utilizadas em numerosos produtos, e nomeadamente no fabrico de cabos para navios. – 81, 118; v. cayro.
 caju: Castanha de caju, o fruto do cajueiro. – 113, 115.
 cal: Cal (material de construção). – 79, 84, 147, 171, 186-188, 190, 213, 217, 222, 223, 243, 245, 431, 529, 640, 642.
 calabaça: Cabaça (vegetal). – 113, 115, 117, 119.
 Calabaçera: Cabaceira, na terra firme fronteira à ilha de Moçambique. – 627; v. Caabaçeira / Caabaçeyra / Cabaceira / Cabaçeyra.
 calamita: Magneto, termo usado como sinónimo de agulha de marear. – 70; v. aguja.
 Calayate: Calaiate, localidade da costa do Oman, identificável com a moderna Qalhat, 22° 42' N, 59° 22' E. – 168.
 Calçada: Rua da Calçada, na antiga cidade de Goa. – 131, 132.
 Calções: Calções, peça de vestuário masculina ou feminina. – 143, 225, 261, 314, 341, 432, 520, 538.
 Calderan: Chaldiran, nas proximidades do lago Van, na actual Turquia, local de uma célebre batalha que opôs os Otomanos aos Safávidas em 1514, de que os primeiros saíram vencedores. – 504.
 caldeas: Letras ou língua dos Caldeus, dialecto do aramaico. – 262, 275; v. chaldeas.
 Caldeos: Caldeus, habitantes ou originários da Caldeia, região no sul da Mesopotâmia. – 27; v. Chaldeos.
 calendario: Calendário. – 518.
 Calentar: Localidade iraniana não identificada, a nordeste de Xiraz; talvez se refira à residência de um *kalantar*, termo persa que denota chefe ou administrador de uma aldeia ou vila. – 562.
 Cali Baxa: Damat Halil Pasha (?-1629), general e político otomano. – 350, 352, 360, 421, 427, 505, 506, 509.
 Calicut: Calicute, porto indiano na costa do Malabar, que corresponde à moderna Kozhikode, 11° 15' N, 75° 47' E. – 80.
 Califa: Porto na costa árabe do Golfo Pérsico, identificável com Catifa, a moderna Al Qatif. – 482, 503, 594; v. Catifa.

Califa Alixa / Califa Emir / Califa Emir Alixir: Estes nomes designam um cronista de língua persa não identificado, autor de uma obra sobre Tamerlão; poderá eventualmente referir-se a Mir 'Ali Shir Nava'i, político, administrador e homem de letras, muito activo em Herat na segunda metade do século XV. – 395, 396, 397; v. Calipha / Calipha Emir / Calipha Emir Alixir; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
 Califado: Governo supremo do Islão. – 514.
 Calima: Parece corresponder ao rio Jaxartes, identificável com o Syr Darya. – 387, 388, 394; v. Jaxartes.
 Calipha / Calipha Emir / Calipha Emir Alixir: Cronista de língua persa não identificado, talvez Mir 'Ali Shir Nava'i, muito activo em Herat na segunda metade do século XV. – 399-403, 407, 413, 414, 416; v. Califa Alixa / Califa Emir / Califa Emir Alixir.
 Calipha de Mecha: Xerife de Meca, governador da região árabe de Hejaz e guardião das cidades santas de Meca e Medina; entre 1610 e 1628 o cargo foi exercido por Muhsin bin Hussein. – 531.
 Calipha/s: Califa, governante supremo da comunidade islâmica. – 438, 469, 503.
 Calojanes: *Kalo Joannes*, João IV Comneno, imperador de Trebizonda (r.1429-1459). – 309; v. Despina.
 Caluinistas: Calvinistas, discípulos de Calvino (1509-1564), teólogo francês protestante. – 524.
 camaleones: Camaleão. – 111; v. lagartos.
 camelleros: Cameleiros, condutores de camelos. – 209, 215, 221, 230, 296, 490, 495, 496, 498, 571, 572.
 camelo/s: Camelo, mais propriamente dromedário. – 196, 200, 202, 203, 208, 209, 211, 218, 220, 222, 228, 229, 236, 265, 266, 315, 333, 483, 490, 491, 493, 496, 507, 515-517, 556, 557, 559, 562, 563, 565, 568, 572-574, 582, 593, 671.
 camuesa/s: Maçã camoesa. – 113, 115.
 Can Mayor: Canis Major, ou Cão Maior, constelação do hemisfério celestial sul. – 25, 26.
 cañamo: Cânhamo. – 118.
 Cananor: Porto da costa do Malabar, actual Kannur, onde existia uma fortaleza portuguesa, 11° 52' N, 75° 21' E. – 79, 81, 82, 84-87, 115.
 Canara: Kanara ou Canará, região do litoral ocidental da Índia, também conhecida como Karnataka. – 90, 99, 122, 136, 137; v. Canera.
 canara: Língua canarim, também conhecida como concani ou concanin, falada no Canará. – 119, 149; v. Canara.
 Canarias: Canárias, arquipélago da Macaronésia, ao largo da costa ocidental de África, 28° 6' N, 15° 24' O. – 11, 46.
 Canari/ns: Canarins, habitantes ou originários do Canará. – 90, 606, 659; v. Canara.
 Canbalec / Canbalu: Khanbaliq, a 'cidade dos khans', designação mongol para Pequim, popularizada na Europa pelo relato de viagens de Marco Polo (1254-

- 1324). – 389, 534.
- Canbaya: Reino de Cambaia, também designado como Guzerate, que demorava no noroeste do Hindustão. – 122, 137, 191, 364, 531, 544, 601.
- canbray: Cambraia, tecido fino de algodão ou linho, cujo nome deriva da cidade francesa de Cambrai. – 531.
- Cancro: Trópico de Câncer. – 11, 175; v. Tropico.
- Candar: Qandahar, importante cidade e região asiática, no actual Afeganistão, 31° 37' N, 65° 43' E. – 365, 388, 545, 546.
- canela: Canela (especiaria). – 618, 638, 639.
- Canera: Canará, região da costa ocidental da Índia. – 137; v. Canara.
- canes: *Khan*, título militar de origem mongol, que pode ser utilizado para designar um soberano, um governante ou um comandante. – 297, 299; v. cham / chan/es
- canes: Cão (animal). – 51; v. perro/s.
- cangrejos: Caranguejo (animal). – 54.
- Canidio: Públio Canídio Crasso (?-30 AEC), militar e político romano que foi legado de Marco António, desempenhando funções na Arménia. – 423.
- canoas: Canoa, pequena embarcação a remos. – 81.
- cañon/es: Canhão (arma de fogo). – 16, 78, 82, 311, 335, 336, 685.
- cañoneras: Canhoneira, abertura em muro de fortaleza para colocação de peça de artilharia. – 171-173.
- Canopo: Canopus, a segunda estrela mais brilhante do céu nocturno. – 26, 29.
- canpanillas: Campaínha ou guizo. – 212, 345.
- Canu: *Khanum*, título honorífico atribuído em algumas regiões da Ásia Central a mulheres de elevada estirpe. – 435; v. Airoçi Canu; v. Golcanu; v. Periacan-canu; v. Zoraida Canu.
- Capadoçia: Capadócia, região da Anatólia Central. – 402, 434, 443.
- Capha: Caffa ou Kaffa, porto da Crimeia, actualmente conhecido como Feodosya. – 437, 536; v. Cafá.
- Capricorno: Trópico de Capricórnio. – 26, 28, 61; v. Çirculo; v. Tropico.
- Capuchino/s / Capuchos: Capuchinho, membro da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, ordem da família franciscana. – 348, 519.
- çaraças: Saraça, tecido fino de algodão, do malaio *sarasah*. – 145.
- Caracoja / Çaracoja: Um dos secretários de estado de Xá Abbas; a expressão *kwaja sara* em contexto safávida designava um eunuco com responsabilidades na corte. – 529-533; v. Sara Coja.
- çaraguelles: *Zaragüelles* (esp.), espécie de calções largos. – 133, 296.
- Carahamit / Caramit: Localidade que corresponde à moderna Diyarbakir, na Turquia. – 360, 448-452, 457, 505, 508, 689; v. Amida.
- Carapatan: Carapatam, localidade não identificada na costa ocidental da Índia, entre Dabul e Goa. – 602, 655.
- Caravaca: Cruz de Caravaca, com duplo braço horizontal, relíquia cristã de origem espanhola. – 519.

- carauana/s / caravana/s: Caravana, o mesmo que cáfila. – 201-204, 207-213, 221-223, 225-230, 234-236, 241, 266, 267, 287, 288, 290-294, 316, 317, 319, 326, 331, 332, 364, 366, 369, 370, 372, 377, 388, 389, 422, 429, 443, 446, 452, 455, 457, 467, 472, 478, 483, 490, 493-497, 499, 534, 546, 556-559, 561-563, 567, 568, 570-579, 596, 671, 689; v. cafila/s.
- carauasar/es / caravasar/es: Caravançarai (persa *karwan-serai*, grande edifício), alojamento construído em volta de um pátio central, normalmente fortificado, destinado a caravanas de viajantes. – 202-211, 213, 222, 229, 232-236, 240, 266, 281, 287-293, 297, 298, 300-302, 316, 317, 319, 320, 324, 325, 327, 329-333, 467, 489, 490, 494, 497, 500, 501, 518, 526, 529, 534, 535, 537, 557-559, 561, 563, 567, 568, 575, 577-579.
- carauela / caravelas: Caravela, embarcação que armava velas latinas e podia ter dois ou três mastros. – 9, 10, 41, 610, 617-619, 621, 626, 630-636, 638, 639, 641-644, 646-649, 653-660.
- Carayas Dechi: Abd al-Halim (c.1540-1602), apelidado de Kara Yazidji, o 'escrivão negro', que entre 1599 e 1602 liderou uma revolta na Anatólia contra os Otomanos. – 447.
- Carchicabec: Qarachaqaq Beg (?-1625), *ghulam* de origem arménia que comandou o exército safávida e foi governador de Tabriz. – 360; v. Cachica Cham / Cachica Chan / Cachican / Cachichan.
- çarcillos: *Zarcillo* (esp.), brinco ou argola. – 531.
- cardos: Cardo, designação comum a diversas plantas típicas de zonas rochosas. – 117, 118, 608.
- Cargados: Rua dos Carregados, na antiga cidade de Goa. – 130.
- Caria: Cária, região do sudoeste da Anatólia. – 238.
- Carmania/s: Carmânia, antiga região persa correspondendo aproximadamente à moderna província iraniana de Kerman; os geógrafos clássicos identificavam uma Carmânia fértil, situada nas margens do Golfo Pérsico, para leste de Ormuz, e uma Carmânia desértica que se estendia mais para norte. – 201, 212, 250, 268, 269, 278, 387, 480, 482, 484, 570, 583; v. Cherman; v. Qerman.
- Carmelita/s: Religioso da Ordem dos Carmelitas Descalços. – 347, 367, 368, 374, 375, 524, 529, 560, 665; v. Carmen; v. Nuestra Señora del Carmen.
- Carmen: Ordem do Carmo ou Carmelitas. – 187, 190, 191, 294, 298, 305, 315, 510, 516, 580; v. Carmelita/s; v. Nuestra Señora del Carmen.
- Carnauales: Carnaval. – 538, 539.
- carneros: Carneiro (animal). – 21, 204, 205, 215, 226, 231, 244, 253, 311, 320, 321, 333, 342, 536, 546, 547, 576, 646, 647, 695, 696.
- Caro: Marco Aurélio Caro, imperador romano (r.282-283). – 454, 467, 470; v. Aurélio Caro.
- Carran / Carras: Carras, antiga cidade cujas ruínas se situam em Harã ou Harran, no sul da Turquia, nas proximidades de Şanlıurfa, 39° 52' N, 39° 2' E. – 449, 450; v. Harran; v. Marco Craso / Crasso.

Carrion: Carrión, rio espanhol que corre na província de Palencia, afluente do Pisuerga. – 307; v. Pisuerga.

Cars: Kars, cidade no nordeste da actual Turquia, 40° 37' N, 43° 6' E. – 441, 442.

carta/s: Carta de marear. – 23, 54, 59, 62, 76, 88.

Carthago: Cartago, antiga metrópole do Norte de África, no território da actual Tunísia. – 411, 424, 474.

cartazes: Cartaz, licença de comércio emitida por autoridade portuguesa no Estado da Índia. – 79.

Caru: Acidente geográfico na parte ocidental da ilha de Ormuz. – 183, 185, 186.

Casanenses: Habitantes da região de Kazan, na Moscúvia, actual Rússia. – 439; v. Tartaros Casanenses.

Casan / Casano: Mahmud Ghazan, governante mongol do Ilcanato persa (r.1295-1304). – 237, 411; v. Cassam.

Casbin: Qazvin, grande cidade do norte do Irão, nas proximidades do Mar Cáspio, 36° 16' N, 50° 0' E. – 269, 315-317, 324, 325, 332-334, 336, 341, 343, 344, 347, 351, 352, 356, 357, 359-361, 376, 377, 380, 385, 386, 392, 419, 421, 427, 467, 468, 485, 489, 492, 493, 495, 498, 500, 501, 503-506, 509, 510, 523, 525, 527-529, 533, 535, 537, 539, 540, 545, 551-554, 560, 565, 574, 575.

caselbas / casilbas/is: Guezelbas ou Quizilbas, facções tribais turcomanas que integravam o exército persa na época safávida. – 328, 339, 394.

Caspio / Mar Caspio: Mar Cáspio. – 154, 256, 264, 306, 314, 385-387, 417-420, 427, 428, 439, 440, 442, 524; v. Bacu; v. Hircano.

Caspio / Monte Caspio: Monte Cáspio, antiga designação da cordilheira do Cáucaso. – 429; v. Caucaso.

Cassam: Mahmud Ghazan, governante mongol do Ilcanato persa (r.1295-1304). – 393; v. Casan / Casano.

Cassenbec: Soldado da guarda real persa (*qurchi*), aposentador de caravanas. – 497, 498, 502; v. Assenbec; v. Cachibec / Cachibec Soltan; v. Vssen Bec / Vssenbec.

casta: Casta, estirpe ou família. – 132, 135, 141, 261, 335, 392, 480, 535.

castañas/os: Castanha, castanheiro. – 113, 431.

castañetas: Castanholas (instrumento musical). – 212.

castellana: Língua castelhana. – 413.

Castellano/s: Castelhanos, originários ou naturais de Castela, em Espanha. – 361, 413, 688; v. Castilla / Castilla la Vieja.

Castellar: Castellar, serra nas proximidades de Zafra, em Espanha. – 235; v. Çafhra / Çafra.

Castilla / Castilla la Vieja: Castela, região e reino de Espanha. – 33, 44, 145, 219, 339, 520.

Cataluña: Catalunha, região de Espanha. – 379.

catapultas: Catapulta, máquina militar. – 400; v. escorpiones.

catauietos / catavientos: Cataventos. – 188-190, 192, 213, 574.

Catayo / Cathayo: Cataio, topónimo utilizado na Europa para designar as regiões setentrionais da China na época mongol; a identificação do Cataio com a China Ming provocou acesas polémicas entre geógrafos e viajantes europeus. – 138, 389-392, 408, 412, 413, 415, 416, 534.

Cathane: Nome atribuído ao emir de Julfar, na costa árabe do Golfo Pérsico, numa área correspondente ao actual emirato de Ras al-Khaimah, talvez referência ao clã Qahtani. – 591.

Catholica: Religião Católica. – 348, 359; v. Cristiana.

Catholico/s: Católicos, seguidores do Catolicismo. – 346, 395, 446, 524.

Catifa: Porto na costa árabe do Golfo Pérsico, a moderna Al Qatif, 26° 56' N, 50° 1' E. – 368, 478, 483; v. Califa.

catredal/es: Catedral, templo cristão onde se encontra a sede de um bispo. – 107, 128, 147, 340, 514.

caua: Café, do árabe *qahua*. – 535.

cauallo/s: Cavalo (animal). – 19, 48, 103, 126, 127, 144, 147, 185, 192, 200, 202, 204, 210, 211, 213, 214, 218, 222, 223, 225, 227, 228, 233, 242-244, 258, 260-262, 265, 266, 271-273, 275, 278, 288, 289, 291, 298-300, 306, 307, 313, 318-320, 324, 326, 330-332, 334, 338, 344, 345, 351-355, 357-359, 393, 396, 400, 412, 414, 432, 435, 451, 467, 468, 486, 490, 492, 496, 499, 500-502, 506-508, 514, 515, 525, 527-529, 534, 535, 539, 545-547, 552, 553, 555, 557-559, 563, 565-568, 572-574, 579, 581, 591-594, 597, 671, 678.

cauallos aquatiles: Hipopótamo. – 353; v. hipopotamos.

cauallos de rios: Hipopótamo. – 48; v. hipopotamos.

cauallos fluuiatiles: Hipopótamo. – 48; v. hipopotamos.

Caucaso: Cordilheira do Cáucaso, situada entre o Mar Negro e o Mar Cáspio. – 428, 429, 430, 437, 439; v. Caspio / Monte Caspio.

cauiaro: Caviar, ovas de esturção. – 419, 428.

Caxem / Caxen: Kashan, cidade iraniana situada a sul de Teerão; 33° 59' N, 51° 28' E. – 318, 319, 321, 324, 325, 326, 331, 421, 493, 497, 507, 524, 527, 528, 546, 651.

Caya Soltan: Qara Soltan, embaixador persa enviado a Espanha na década de 1620. – 586, 608.

cayman/es: Caimão, variedade americana de crocodilo. – 19, 106; v. cocodrilo/s.

Cayo Graco: Caio Semprônio Graco (154-121 AEC), político romano, filho de Cornélia Africana e neto de Cipião Africano. – 405; v. Cornelia; v. Scipion Africano; v. Senpronio.

cayro: Cairo, fibras de coco utilizadas em numerosos produtos. – 641; v. cairo

Cayseria: Antiga Cesareia ou Mazaca, que corresponde à actual cidade turca de Kayseri, 38° 44' N, 35° 20' E. – 399; v. Çesarea; v. Sebaste.

çebollas: Cebola. – 115.

çeçina: Carne salgada seca. – 253.

çeladas: Capacete, parte de armadura que protege a cabeça. – 396, 414.

çelage: *Celaje* (esp.), conjunto de nuvens. – 44, 76, 624.

- Çelebin/o: Musa Çelebi (?-1413), príncipe otomano, filho do sultão Bayezid I; Çelebi é um título honorífico entre os Otomanos. – 402; v. Bayazeto; v. Mirza Çelebin.
- Çençen: San San ou Sansan, localidade iraniana no caminho entre Kashan e Qom, onde existia um caravançaraí. – 325, 326.
- Çepion: Quinto Servílio Cepião, político romano, meio-irmão de Marco Pórcio Catão Uticense (95-46 AEC), político romano célebre pela sua inflexibilidade e integridade moral. – 403; v. Marco Caton el Vtiçense; v. Vtiçense.
- çera: Cera (de abelhas). – 254, 255, 340.
- Çercussio: Antiga cidade de Circesium, fundada por Diocleciano, correspondendo à actual cidade síria de Buseira ou Al-Busayrah, na confluência do rio Khabur com o Eufrates; 35° 9' N, 40° 25' E. – 461.
- Çesar: Cesare Limino, criado italiano de Don García de Silva. – 111.
- Çesar Federici: Cesare Federici, joalheiro e viajante italiano, autor de um relato de viagens asiáticas publicado em Veneza em 1587. – 472.
- Çesarea: Antiga cidade de Cesareia ou Mazaca, corresponde à actual cidade turca de Kayseri; 38° 44' N, 35° 29' E. – 399, 402; v. Cayseria; v. Sebaste.
- Cesselio Basso: Ceselius Bassus, um cartaginês que convenceu o imperador Nero (r. 54-68) de que existiam grandes riquezas soterradas em Cartago. – 411.
- çete/s / çethe: Baleia, cachalote. – 17, 27, 624; v. vallenga/s.
- çeuada: Cevada. – 167, 180, 204, 209, 224, 233, 247, 291, 430, 449, 450, 481, 495, 558.
- çeuadera: Cevadeira, vela que armava na verga da cevadeira, cruzada no gurupés (mastro que sai fora da proa). – 42, 174, 597, 631, 634, 657, 698.
- Chacatais / Chacatay: Chagatai (1183-1242), segundo filho de Gengis Khan, herdeiro de um dos canatos em que se fraccionou o Império Mongol, parece estar na origem de Chagatais, termo que designava tanto uma região coincidente com partes dos actuais Afeganistão, Uzbequistão e Tajiquistão, como o povo que aí demorava. – 263, 303, 353, 387, 388, 392-394, 396, 407, 415, 417, 534, 541, 674; v. Sogodia; v. Tartaros Chacatais; v. Zacatais.
- Chagas: Baixo das Chagas, situado a cerca de 500 km a sul das Maldivas, corresponde ao actual arquipélago de Chagos, 6° 0' S, 71° 30' E. – 693.
- chaldeas: Letras ou língua dos Caldeus, dialecto do aramaico. – 281; v. caldeas.
- Chaldeos: Caldeus, habitantes ou originários da Caldeia, região no sul da Mesopotâmia. – 139, 262, 447, 478; v. Caldeos.
- chalupa/s: Embarcação ligeira, com dois mastros. – 78, 79, 82, 83, 88, 89.
- cham / chan/es: *Khan*, título de origem mongol, designando um soberano ou um alto comandante militar, que se generalizou um pouco por toda a Ásia; utiliza-se igualmente antes ou depois de um nome próprio. – 211, 213, 241, 253, 338, 341, 368, 369, 391, 392, 413, 416, 418, 503, 506, 508, 550, 557, 558, 561, 563-566, 577, 579, 580, 587, 591, 671-674; v. canes.
- Chanberbec: Provável referência ao *beglerbeg* ou governador de Lar, Imam Quli Khan. – 211; v. Emancolican / Emancolicham / Emancolichan.

- Chapeleros: Rua dos Chapeleiros, na antiga cidade de Goa. – 130.
- Chapora: Chaporá, localidade costeira na região setentrional do território de Goa, onde existia uma fortaleza portuguesa; ali se encontra uma gigantesca figueira-de-bengala. – 116, 602, 656, 659.
- Charabac / Charabat: Chahar Bagh ou 'quatro jardins' em persa, famosa avenida que liga as partes norte e sul de Ispáão. – 309, 548.
- Charcaph: Talvez identificável com Chahar Berkeh, localidade iraniana a sul da cidade de Lar, onde existia um caravançaraí; 27° 38' N, 54° 40' O. – 211.
- Chaul: Antiga povoação na costa ocidental da Índia, onde existia uma importante fortaleza portuguesa; 18° 32' N, 72° 55' E. – 129, 137, 175, 176, 656.
- chaupanas: Champana (malaio *cempana*), pequena embarcação movida a remos. – 79.
- Chaus del Turco: *Çavus* (turco), posto militar no exército otomano; designa um embaixador ou enviado turco. – 337-345, 350-352, 505, 509, 530-532, 549, 555.
- Chederlem: Personagem designada como Hedrelez, Khidr ou Khezzr, muito reverenciada no mundo islâmico, onde tem sido associada a São Jorge. – 355; v. San Jorge.
- Cherman: Antiga Carmânia, aproximadamente correspondente à actual região iraniana de Kerman. – 213, 250, 259, 264-265, 268, 269, 387, 483, 573, 596; v. Carmania/s; v. Querman.
- Chersoneso: Termo de origem grega, utilizado pela geografia clássica para denominar uma península. – 483.
- Chelminara: *Chehel minar*, ou 'quarenta colunas', designação persa da antiga cidade de Persépolis. – 283; v. Chilminara; v. Persepolis.
- Chi: *Ilchi* (persa), embaixador ou plenipotenciário. – 534, 535.
- Chilminara: *Chehel minar*, a antiga cidade de Persépolis. – 250-252, 259, 267, 270, 284; v. Chelminara; v. Persepolis.
- China: Império Chinês; pode também designar a sua capital, Pequim. – 85, 129, 138, 377, 389, 390, 407-409; v. Catayo / Cathayo.
- Chipre: Ilha do Mediterrâneo. – 114, 117, 346, 549.
- Cholchos: Colchis ou Cólquida, antigo reino georgiano, situado na margem oriental do Mar Negro. – 432; v. Colchos.
- Choncham: Concão ou Konkán, região da costa ocidental da Índia. – 263; v. Conchan.
- Choran: Ilha de Chorão, situada a norte de Goa. – 100, 101, 103, 124, 130.
- Chorche: Choche, antiga localidade da Mesopotâmia, nas margens do rio Tigre, correspondendo à actual Al-Mada'in, no Iraque, 33° 6' N, 44° 35' E. – 463, 466; v. Ctesiphon/te.
- Choromandel: Choromandel ou Coromandel, região da costa oriental da Índia. – 138; v. Coromandel.
- chueca: Antigo jogo espanhol, espécie de antepassado do hóquei em campo. – 185, 261, 300, 344, 354.

Çibeles: Cibele, deusa da fertilidade, cujo culto se difundiu a partir da Ásia Menor. – 146.

Çiçeron: Marco Túlio Cícero (106-43 AEC), filósofo e escritor romano. – 404, 456.

Çidarís: *Cidarís* (latim), diadema real dos antigos persas. – 478.

Çide Monbareca: Sayyid Mubarak, governante da região de Huwayza (r.1590-1616), na margem norte do Golfo Pérsico. – 202; v. Monbareca; v. Oeza.

çidras / çidros: Cidra, fruto da cidreira; cidreira. – 114, 219, 231, 429, 460, 613, 640.

çigueñas: Cegonha (ave). – 240, 267, 286.

Çilices: Cilícios, habitantes ou originários da Cilícia, antiga região no sul da Ásia Menor. – 378.

Çimerios: Cimérios, antigo povo nómada que habitava regiões a norte do Mar Negro. – 437.

çimitarra/s: Cimitarra, espada longa e de lâmina curva. – 85, 200, 211, 242, 261, 288, 332, 334, 338, 339, 340, 349, 379, 396, 414, 435, 439, 499, 508, 515, 516, 524, 529, 532, 534, 537, 540, 553, 557, 564.

çinborio: Zimbório, cúpula circular ou octogonal das igrejas ou de outros edifícios religiosos de grande dimensão. – 203, 213, 221, 245, 301, 472, 536.

Çinde: Sinde, região situada na embocadura do rio Indo, no território do actual Paquistão; designação por vezes atribuída a Thatta, que era um dos principais portos do Sinde, 24° 44' N, 67° 55' E. – 174, 191, 192, 365, 366, 388, 389, 531, 544, 546, 590, 594, 600, 677, 679.

Çingis Cham: Chingiz Khan ou Gengis Khan (c.1162-1227), 'senhor do mundo', título por que ficou conhecido Temujin (ou Tamochin), fundador do Império Mongol. – 391, 392; v. Çisgis.

çipres / çipreses: Cipreste (árvore). – 233, 235, 245-248, 255, 256, 258, 290, 337.

Çircasia / Çircassia: Circássia, termo que designava região e/ou reino situado no Cáucaso, na margem nordeste do Mar Negro. – 287, 353, 378, 439, 536.

Çircasos / Çircassas/os: Habitantes ou originários da Circássia. – 244, 287, 289, 301, 314, 315, 353, 419, 430, 437, 439, 499, 535, 536; v. Çircasia / Çircassia.

Çirculo: Referência a Círculo Polar Ártico ou a Trópico de Capicórnio. – 28, 406; v. Arctico; v. Artico; v. Capricorno; v. Tropico.

Çirene: Antiga colónia grega, no território da actual Líbia; Bispo de Cirene, Dom António de Gouveia (1575-1628). – 207, 285, 305, 367, 368, 523, 548; v. Antonio de Gouea.

Çiro: Ciro II, o Grande (r.559-529 AEC), soberano persa, fundador do Império Aqueménida, cuja história é relatada por Xenofonte na *Ciropédia*. – 250, 259, 386, 403, 443, 473, 475, 476, 484; v. Xenophon/te.

Çiro: Rio Kura, um dos grandes rios do Cáucaso, que desagua no Mar Cáspio pouco depois de se juntar ao rio Aras. – 421, 428, 430, 431; v. Araxes; v. Çur.

Çiro el menor: Ciro, o Jovem (c.423-401), príncipe e sátrapa persa, filho do rei Dario II, cujas campanhas militares são relatadas por Xenofonte. – 220; v. Xenophon/te.

Çiropolis: Ciropolis, antiga cidade da Ásia Central alegadamente fundada por Ciro o

Grande, que se localizaria em Kojand ou Khujand, no actual Tajiquistão; 40° 17' N, 69° 38' E. – 250, 386; v. Çiro.

çiruelas / çiruelas: Ameixa (fruta). – 114, 220, 294, 311, 342, 352, 533, 551; v. andrina; v. çiruelas damaçenas; v. çiruelas monges o de flaire.

çiruelas damaçenas: *Ciruela damascena* (esp.), abrunho ou ameixa roxa (*Prunus spinosa*). – 324.

çiruelas monges o de flaire: *Ciruela de monje* ou *manga de fraile* (esp.), variedade de ameixa. – 220.

Çisgis: Chingiz Khan ou Gengis Khan (c.1162-1227), fundador do Império Mongol. – 406; v. Çingis Cham.

Çisne: Cygnus ou Cisne, constelação do hemisfério celestial norte. – 26.

Çisne: Ilha de Cirne, designação original da ilha Maurícia, no Oceano Índico; 20° 10' S, 57° 31' E. – 61, 62, 695.

çisnes: Cisne (ave). – 35.

çisterna/s: Cisterna ou reservatório. – 173, 184, 186, 187, 191, 194, 203, 208, 209, 214-216, 220, 221, 223, 224, 240, 283, 293, 472, 514, 558, 576, 578, 582, 593, 627, 646.

Çitia Taurum: Tauro ou Taurus, região montanhosa no sul da actual Turquia. – 238.

çitola: Cítola ou cistre, instrumento musical de cordas. – 217.

Claucicola de Salomon: Clavícula ou Chave de Salomão, grémório medieval atribuído a Salomão. – 410; v. Salomon.

Clearcho: Clearco (c.450-401 AEC), general espartano que participou nas campanhas de Ciro, o Jovem. – 443, 484; v. Çiro el menor.

Clemente VIII: Ippolito Aldobrandini, papa sob o nome de Clemente VIII (r. 1392-1605). – 305.

Cleonimo: Cleónimo, general espartano do século IV AEC. – 403.

Clito: Clito ou Cleito, o Negro (c.375-328), general macedónio que participou nas campanhas de Alexandre Magno. – 403.

Clodia: Guerra de Chioggia, conflito entre Génova e Veneza (1378-1381), que terminou com a vitória desta última. – 417.

Coaspe: O rio Coaspe corresponde ao rio Karkeh, que corre em território iraniano e desagua no Golfo Pérsico. – 485, 486; v. Coranguecaru.

Cochim / Cochín: Cochim, actual Kochi, cidade e reino na costa ocidental da Índia, onde existia um importante estabelecimento português. – 69, 70, 75, 80, 84, 85, 89, 596, 597, 603, 683, 686-689, 692.

Cochin: Rio de Cochim, designa o conjunto de rias e lagos da zona de Cochim. – 80; v. Cochim / Cochin.

cochinilla: Cochinila, insecto americano (*Dactylopius coccus*) de onde se extrai um corante vermelho. – 336.

cocodrilo/s: Crocodilo. – 19, 106, 613; v. cayman/es.

coco/s: Côco, fruto do coqueiro. – 79, 81, 83, 85, 118, 119, 642.

Codabanda: Mohammed Khodabanda, xá da Pérsia (r.1578-1587), pai de Abbas I. – 341; v. Mahamet Codabanda.

codornizes: Codorniz (ave). – 323.

Çofala: Localidade e região da costa de Moçambique, onde existia um estabelecimento e fortaleza portugueses. – 48, 62, 630, 633, 643.

Çofala: Parcel de Sofala, conjunto de baixios situados ao largo de Sofala, no Canal de Moçambique. – 62, 630, 633; v. Çofala.

Coge Jafer: Kwaja Safar Azaria, *kalantar* (responsável) da comunidade arménia de Nova Julfa; foi enviado à Europa em 1610 por Xá Abbas I, para tratar de negócios; aparentemente regressou à Pérsia com Don García de Silva. – 8, 520, 521.

Coge Nazar: Kwaja Nazar, importante mercador arménio, irmão de Kwaja Safar; desempenhou igualmente funções de *kalantar* (responsável) da comunidade arménia de Nova Julfa. – 577; v. Coge Jafer.

cohetes: Foguete. – 551.

Cohin: Khoy, cidade do noroeste do Irão, 38° 33' N, 44° 57' E. – 504; v. Coy.

cola de cauallo: Cauda de cavalo, utilizada como estandarte em exércitos asiáticos, desde tempos antigos. – 278.

colas de junco: Rabo-de-junco ou rabijunco (*Phaeton lepturus*), ave marítima semelhante ao pombo, de cuja cauda sai uma pena comprida e delgada. – 63.

Colchos: Colchis ou Cólquida, antigo reino georgiano, situado na margem oriental do Mar Negro; os Colchianos ou Cólquicos seriam antepassados dos actuais Georgianos. – 432, 433, 436, 437; v. Cholchos; v. Lazis; v. Mengleros.

comadreja/s: Doninha (animal). – 120, 572, 612.

Comanos: Cumanos, confederação de povos turquicos *kipchak*, que habitavam regiões a norte do Mar Negro. – 429, 437.

cometa: Cometa que surgiu em 1618. – 511.

Comixan: Qomisheh, localidade iraniana a sul de Ispaão. – 291-293, 556.

Como: Lago Como, no norte da Itália, 46° 0' N, 9° 15' E. – 429.

Comoran: Comorão, aldeamento na terra firme da Pérsia, frente à ilha de Ormuz, onde existiu uma pequena fortaleza portuguesa. – 159, 183, 195, 200, 311, 312, 357, 359, 368, 369, 371-373, 501, 523, 554, 560, 565, 579, 581, 583.

Comorin: Cabo Comorim, ponto mais meridional do subcontinente indiano, 8° 4' N, 77° 32' E. – 76, 601.

Comoro: Ilhas Comores ou Comoros, arquipélago situado entre a costa de África e Madagáscar, 11° 42' S, 43° 15' E. – 63, 680; v. Conbro.

Conbro: Ilhas Comores, no Oceano Índico. – 629; v. Comoro.

Conchan: Concão, região costeira da Índia que se estende entre Bombaim e Goa. – 122, 137, 150, 263; v. Choncham.

conchas: Concha marinha. – 24, 147, 210, 248, 655.

Condamir: Ghiyas ad-Din Muḥammad Khwandamir, ou Khvandamir (1475-1534), cronista de língua persa, autor de uma biografia de Tamerlão. – 395-397, 407, 413, 416; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.

Conde da Vidigueira: Dom Francisco da Gama (1565-1632), 4.º conde da Vidi-

gueira, vice-rei da Índia entre 1597 e 1600, e de novo entre 1622 e 1628. – 679, 691; v. virrey/es.

Conde da/o Redondo: Dom João Coutinho (c.1540-1619), 5.º conde de Redondo, vice-rei do Estado da Índia entre 1617 e 1619. – 586, 684; v. virrey/es.

Conde Maurício: Maurits van Oranje (1567-1625), *stadhouder* dos Países Baixos desde 1585 e príncipe de Orange a partir de 1608. – 79; v. Maurício.

conejos: Coelho (animal). – 107, 112, 119, 253.

Conhabendec: Mohammad Khodabanda, um dos filhos de Xá Abbas I. – 355, 537.

Conpañia / Conpañia de Jesus: Companhia de Jesus, ordem religiosa católica. – 91, 123, 125, 129, 130, 165, 389, 678, 697; v. Apostolos; Jesuitas.

Conpendio: Referência ao *Breviarium historiae Romanae*, de Flávio Eutrópio. – 466; v. Eutropio.

Consejo de Estado: Conselho de Estado, em Espanha. – 162, 522, 410.

Consejo de Estado: Conselho de Estado, em Goa. – 670, 678, 685.

Consejo / Consexo de Portugal: Conselho de Portugal, órgão de governo de Portugal durante a União Ibérica. – 162, 522, 667.

Constançio: Constâncio, filho de Constantino, governou o Império Romano do Oriente entre 337 e 361. – 448, 449, 454, 455.

Constantino: Constantino I, imperador romano entre 306 e 337; transferiu a capital imperial para Bizâncio, que viria a tomar o nome de Constantinopla. – 454.

Constantino de Sa: Constantino de Sá de Noronha (1586-1630), fidalgo português muito activo em Ceilão, que em 1622 foi enviado em socorro de Ormuz. – 676.

Constantino Mirza: Constantine ou Konstandil (1567-1605), filho de Alexandre II, rei de Kakheti, que lhe sucedeu brevemente no trono deste potentado da Geórgia – 434, 435; v. Airoçi Canu; v. Alexandro Cham.

Constantinopla: Antiga designação da actual cidade de Istambul, 41° 0' N, 28° 58' E. – 238, 273, 305, 350, 359, 367, 424, 432, 434, 437, 449, 468, 509; v. Costantinopla.

constelação/s: Constelação. – 25, 26, 29, 140.

conuento/s: Convento, edifício religioso. – 91, 99, 106, 120, 122, 123, 127, 128, 130, 170-172, 174, 175, 182, 187, 193, 309, 518, 529, 551, 552, 554-556; v. convento/s.

conues: Convés, pavimento descoberto do navio. – 16, 21, 38, 60, 618, 692.

convento/s: Convento, edifício religioso. – 124, 147, 172, 174, 182, 190, 191, 294, 305, 306, 308, 315, 347, 367, 374, 524, 547, 580, 660, 662; v. conuento/s.

coraças: Couraça, peça de armadura. – 414.

Coranguecaru: Rio Choaspes, que corresponde no seu curso superior ao moderno Karkeh e no seu curso inferior ao moderno Karun. – 485; v. Coaspe.

Corasan / Corassan: Khorasan, antiga província persa, que englobava regiões dos actuais Irão, Afeganistão, Tajiquistão, Turquemenistão e Uzbequistão. – 351, 365, 387, 388, 415, 416, 440, 507, 546, 674.

Corassanes: Habitantes do Khorasan, província persa. – 544, 546; v. Corasan /

Corassan; v. Corassen.
 Corassen: Khorasan, antiga província persa. – 263; v. Corasan / Corassan.
 Corbulon: Domicio Corbulo (7-67), general e político romano. – 423.
 corchi/s: *Qurchi* (persa), soldado da guarda real safávida. – 497-500, 502, 529.
 corchi bassi: *Qurchi-bashi* (persa), comandante da guarda real safávida. – 499.
 corcho: Cortiça. – 532.
 corços: Corço (*Capreolus capreolus*). – 182.
 cordeiros: Cordeiro (animal). – 253.
 Cordoua: Córdoba, cidade do sul de Espanha. – 235, 250, 438.
 Corintíaco: Istmo de Corinto, que liga o Peloponeso à Grécia continental. – 134.
 cornejas: Gralha (ave). – 28.
 Cornelia: Cornélia Africana (c.190-100 AEC), filha de Cipião Africano. – 405; v. Scipion Africano.
 Cornelio Tacito: Públio Cornélio Tácito (55-120), historiador, orador e político romano. – 411, 423, 425.
 Coromandel: Choromandel ou Coromandel, região da costa oriental da Índia. – 483, 609; v. Choromandel.
 Corona de Ariadna: Corona Borealis, ou Coroa Boreal, constelação do hemisfério celestial norte, antigamente designada como Coroa de Ariadne. – 25.
 Corrientes: Cabo das Correntes, na costa de Moçambique, 23° 55' S, 35° 31' E. – 62, 365.
 coruos taxugas: Corvo *texugo*, espécie de corvo-marinho. – 31; v. cuervos / cuervas / cuervos.
 Cosaco/s: Cossacos, povo das estepes do sudeste da Europa, mormente da Rússia e Ucrânia. – 315, 343, 378, 380, 437.
 cosairos: Corsário. – 88-90, 168, 182, 601-603, 617, 618, 619, 656, 664, 667.
 coseletes: Corselete, peça de armadura. – 396.
 cosmografia: Cosmografia, estudo e descrição do universo. – 410.
 Constantinopla: Constantinopla, antiga designação da cidade de Istambul. – 191, 399, 432, 523, 531; v. Constantinopla.
 Cotubixa: Muhammad Quli Qutb Shah (r.1580-1612), sultão de Golconda, na Índia. – 138.
 Coulan: Coulão ou Kollan, cidade da costa ocidental da Índia, onde existia uma fortaleza portuguesa. – 76.
 Coy: Khoy, cidade no noroeste do actual Irão. – 423, 441, 442; v. Cohin.
 Cranganor: Cranganor, ou Kodungallur, cidade da costa ocidental da Índia, onde existia uma fortaleza portuguesa; 10° 13' N, 76° 13' E. – 80.
 cristal: Cristal (vidro). – 335.
 Cristiana: Religião Cristã. – 132, 140, 150, 297, 308, 348, 399, 433, 445, 518, 564; v. Catholica.
 Cristiana/s / Cristiano/s: Cristãos. – 102, 123, 124, 132, 133, 136, 151, 171, 184, 191, 193, 216, 238, 262, 265, 297, 309, 314, 315, 317, 324, 343, 346, 348, 350, 355, 358, 359, 369, 370, 373, 395, 398, 399, 433, 438, 440, 444-446,

448, 451, 468, 471, 513, 518, 520, 526, 535, 553, 580, 584, 661.
 Cristiandad: Cristandade. – 305.
 Cristo: Jesus Cristo, fundador da religião cristã. – 46, 53, 350, 406, 416, 518, 554.
 Cristophoro / Cristoual Bruno: Cristóvão Bruno, aliás Cristoforo Borri (1583-1632), jesuíta milanês que missionou na Ásia e regressou à Europa em 1624. – 697, 699.
 Cristoual de Lisboa: Frei Cristóvão de Sá e Lisboa (?-1622), bispo de Malaca (1605-1610) e arcebispo de Goa (1612-1622). – 107, 161; v. arçobispo/s.
 Cruz: Rua da Cruz, na antiga cidade de Goa. – 130.
 Cruzero: Cruzeiro do Sul, constelação do hemisfério celestial sul. – 26, 29, 165.
 Ctesiphon/te: Ctesifonte, cidade da antiga Mesopotâmia, capital do Império Persa (séc. II AEC-séc. VII), nas proximidades de Bagdade, onde hoje se ergue Al-Mada'in. – 454-456, 463, 465-467, 469, 470, 484; v. Bagdad / Bagadat; v. Chorche.
 Cuama: Rios de Cuama, antiga designação da porção de costa moçambicana onde desagua o rio Zambeze. – 644, 679, 680.
 Çuaquen: Suaquém ou Suakin, porto sudanês, no litoral do Mar Vermelho; 19° 6' N, 37° 20' E. – 458.
 Cubagua: Cubágua, pequena ilha ao largo da costa da Venezuela, 10° 49' N, 64° 10' O. – 483.
 cuchilla/o: Cutelo, faca. – 113, 119, 172, 173, 516, 607, 640.
 cuentas: Contas de rezar. – 151, 257.
 cuero/s: Couro, pele de animal. – 31, 43, 50, 54, 110, 111, 141, 151, 194, 203, 212, 226, 231, 236, 261, 339, 393, 406, 418, 453, 490, 512, 612, 633, 647.
 Cuerpo Sancto: Fogo-de-santelmo, descarga electroluminescente que se observa com frequência nos mastros dos navios durante as tempestades eléctricas no mar. – 699; v. San Elmo.
 Cuervo: Corvo, ilha do arquipélago dos Açores. – 701.
 cuervos / cuervas / cuervos: Corvo-marinho. – 28-31, 34, 35, 42, 43, 54, 296, 623.
 Cufa: Kufa, cidade no actual território do Iraque, a sul de Bagdade, 32° 2' N, 44° 24' E. – 517.
 culebra/s / culebrillas: Cobra. – 108-111, 149, 601, 652; v. biuora/s; v. singapor.
 culebra/s de capelo / capello: Cobra-de-capelo, espécie de serpente. – 109-111, 149.
 Cum: Qom, importante cidade iraniana, 34° 38' N, 50° 52' E. – 326-329, 421, 493, 497, 524.
 Çunda: Sunda, parte ocidental da ilha de Java, na Indonésia. – 695.
 cupula: Cúpula (de edifício). – 213, 221, 225, 241, 256, 257, 301, 303, 329, 334, 337, 472, 529, 530.
 Çur: Rio Kura, um dos grandes rios do Cáucaso. – 428, 437; v. Çiro.
 Curdistan: Curdistão, 'Terra dos Curdos', que engloba territórios da actual Turquia, e também do Iraque, Irão, Síria, Arménia e Azerbaijão. – 423, 443, 452, 484, 485, 497, 498.
 Curdo: Hilao Khan, governante curdo forçado por Xá Abbas I a emigrar para a Pér-

- sia. – 493, 497, 498, 502; v. Hilao Cham / Chan.
- Curdo/s: Curdos, habitantes ou originários do Curdistão. – 244, 264, 338, 484, 490-493, 497, 498, 502, 506, 508; v. Cardussios; v. Curdistão.
- Curia Muria: Arquipélago de Curia Muria ou Khuriya Muriya, conjunto de cinco ilhas ao largo da costa do Oman, de que apenas uma é habitada; 17° 30' N, 56° 0' E. – 166, 181, 695.
- Curiate: Quriyat, localidade na costa do Oman, 23° 19' N, 58° 54' E. – 168, 599.
- Çurrate: Porto de Surat ou Surrate, na costa do Guzerate, 21° 10' N, 72° 49' E. – 160, 161, 345, 361, 362, 364, 365, 374-377, 582, 585, 586, 588, 668, 669, 671, 677, 683, 696.
- Cuscuzar: Kushk-i-Zard, localidade iraniana, no caminho entre Ispão e Xiraz, onde existia um caravançaraí. – 290, 559; v. Cuzcusar.
- Cutheia: Kūtahya, cidade turca na parte ocidental a Anatólia, 39° 25' N, 29° 59' E. – 395.
- Cuzcusar: Kushk-i-Zard, localidade iraniana, no caminho entre Ispão e Xiraz. – 290; v. Cuscusar.

D

- Dabul: Porto de Dabul, ou Dabhol, no litoral de Bombaim, 17° 35' N, 73° 9' E. – 257, 263.
- Dabul: Mesquita de Shahi Masjid, em Dabul. – 263-264; v. Dabul.
- Dabuli: Natural ou residente em Dabul. – 646.
- daga/s: Adaga, espada curta, de duas lâminas. – 152, 210, 335.
- Daman: Damão, cidade e região sob domínio português na costa do Golfo de Cambaia, 20° 25' N, 72° 51' E. – 677.
- Damasco: Grande metrópole da Síria, 33° 30' N, 36° 17' E. – 364, 366, 424, 438, 460, 467, 471, 508, 517, 549.
- damasco: Tecido de grande qualidade, de seda ou outro material, originário de Damasco. – 345.
- Damiata: Damiata ou Damiatta, cidade portuária da costa mediterrânica do Egipto, 31° 25' N, 31° 49' E. – 366.
- Daniel: Um dos profetas do Antigo Testamento, a quem é atribuído o *Livro de Daniel*. – 472-476.
- Danubio: Rio Danúbio, que atravessa a Europa e desagua no Mar Negro. – 378, 440; v. Duna.
- Daphne: Dafne, figura da mitologia grega. – 445, 446; v. Ninphéo.
- Daras: Dara ou Daras, antiga fortaleza romana, situada nas imediações da actual localidade turca de Oğuz, 37° 10' N, 40° 56' E. – 451.
- dardo/s: Dardo (arma). – 175, 414.
- Dario Hitaspes: Histaspes (c.565-c.495 AEC), sátrapa persa, pai do rei aqueménida Dario I. – 476.

- Dario: Dario, o Medo, personagem referido na *Bíblia* como soberano dos Caldeus; seria filho de Astiages ou Assuero. – 474, 476; v. Assuero; v. Astiages.
- Daruaza Aheni: *Darwaza* (persa), porta da cidade; referência a uma das portas da cidade de Xiraz. – 261; v. Darvaza Aheni.
- Daruaza Pasa: *Darwaza* (persa), porta da cidade; referência a uma das portas da cidade de Xiraz. – 242.
- Darvaza Aheni: Porta da cidade de Xiraz. – 243, 246; v. Daruaza Aheni.
- datil/es: Tâmara (fruto). – 118, 171, 175, 201, 205, 209, 211, 220, 224, 230, 232, 255, 469, 479, 481, 568, 569, 570; v. tamaras.
- Daugin: Passo de Daugim, também chamado da Madre de Deus, no território de Goa. – 103, 104; v. Augin; v. Madre de Deus.
- Daur Cham / Daur Chan: Daud Khan, filho de Allahverdi Khan. – 334, 435, 508, 529; v. Alauerde Cham.
- Dauíd / Dauit: David, rei de Israel. – 262, 347, 405, 459, 460.
- Dauris Bec / Daurisbec: Ali Beg, comandante da força persa que atacou o forte português de Comorão em 1614. – 369, 370, 371.
- Davit: David IV, patriarca dos Arménios entre 1590 e 1629. – 501, 521.
- Decam / Decan: Decão, região meridional do Hindustão. – 122, 137, 150, 263.
- delfines: Delfim, golfinho. – 621; v. delphines.
- Delgado: Cabo Delgado, promontório costeiro na fronteira entre Moçambique e a Tanzânia, 10° 51' S, 40° 38' E. – 63, 622, 623, 631, 639, 649, 650.
- Deli: Antigo reino indiano, que tinha a sua capital na cidade de Delhi. – 544.
- Deli: Monte Eli ou Deli, corresponde ao actual Yeli Mullay, no litoral norte do Malabar. – 87.
- delphines: Delfim, golfinho. – 24, 25, 50, 621, 624, 649; v. delfines.
- Delphos: Delfos, cidade grega e importante centro religioso da antiga Grécia, onde se situava o célebre oráculo de Delfos. – 149.
- Demir Capir: Expressão turca (*Demirkapı*) que significa Porta de Ferro e designa a cidade de Derbent, no litoral do Daguestão, no Mar Cáspio. – 429; v. Derbento; v. Puertas de Hierro.
- Denia: Talvez identificável com Dih-manar, localidade iraniana no caminho entre Xiraz e Lar. – 232.
- Denia: Dénia, localidade na costa espanhola do Mar Mediterrâneo, entre Alicante e Valencia, 38° 50' N, 0° 6' E. – 232.
- Deocleóçiano: Caio Aurélio Valério Diocleciano, imperador romano (r.284-205). – 454; v. Diocleçiano.
- Derbento: Cidade de Derbent, no litoral do Mar Cáspio, no actual Daguestão, 42° 3' N, 48° 18' E. – 306, 315, 353, 429, 439, 440; v. Demir Capir; v. Puertas de Hierro.
- Derecha: Rua Direita, na antiga cidade de Goa. – 122, 127, 128, 147.
- Dergriger / Derguirger: Dih-i-Girdu, localidade iraniana, no caminho entre Ispão e Xiraz, onde existia um importante caravançaraí. – 290, 558, 559.
- deroga: *Darugha* (persa), governador ou magistrado de uma cidade. – 294, 313, 327,

333, 520, 528, 564.

deruis / dervis: Derviche, eremita ou mendicante, normalmente associado a confrarias sufis. – 142, 232, 234, 255, 267, 289, 302, 329, 500, 559, 562, 563, 575; v. ermitaño/s; v. hermitaño/s.

descalço/s: Termo que pode designar membro ou estabelecimento de uma ordem franciscana (Menores Descalços) ou de uma ordem carmelita (Carmelitas Descalços). – 99, 106, 124, 305, 347, 349, 361, 367, 375, 529, 580, 596.

Despina: Theodora Megale Comnena (c.1438-c.1474), também conhecida como Despina Hatun, filha do imperador João IV de Trebizonda, esposa do sultão turcomano Uzun Hassan. – 309; v. Calojanes; v. Vsuncasan / Vsuncassan.

despota de Bulgária: Déspota da Bulgária; de facto, referência a Lazar Hrebeljanović (c.1329-1389), déspota da Sérvia e pai de Olivera Despina Hatun, esposa do sultão otomano Bayezid I. – 399; v. Bayazeto.

Diablo: Diabo. – 76; v. Monte del Diablo.

Diacuri: Dehkuyeh, localidade iraniana a nordeste da cidade de Lar, onde existia um caravançarai. – 222, 575, 576.

diamante/s: Diamante (pedra preciosa). – 138, 144, 145, 530.

Diana: Templo de Artemisa, ou de Diana, na cidade grego-romana de Éfeso, localizada no litoral ocidental da Turquia. – 434.

Diarbec: Diyarbekir, uma das divisões administrativas do Império Otomano, que correspondia a uma parte da antiga Mesopotâmia. – 297, 352, 425, 448, 452.

Diçearco: Dicearco de Messina (c.350-c.285 AEC), filósofo e geógrafo grego, autor de várias obras, entre as quais um tratado de geografia da Grécia. – 134.

Diego de la Resurrección: Frei Diego de la Resurrección, religioso agostinho que missionou na Pérsia na década de 1610. – 529.

Diego de Melo: Diogo de Melo de Castro, capitão da nau *Nossa Senhora da Penha de França*, da armada que saíu de Lisboa em 1620. – 613.

Diego de Sosa de Meneses: Diogo de Sousa de Meneses, capitão da nau *São Boaventura*, da armada que largou de Lisboa em 1614 com rumo à Índia; exerceu diversos cargos em fortalezas portuguesas no Oriente. – 83, 676.

Diego Lobo: Diogo Lobo, criado português de Don García de Silva y Figueroa, morto em Ormuz em 1620. – 112, 597, 607.

Diego Rodriguez: Ilha Rodrigues, no Oceano Índico, actualmente incluída na República de Maurícia, 19° 43' S, 63° 25' E. – 61, 62, 694, 695.

Dimas: Frei Dimas della Croce, carmelita italiano que missionou na Pérsia no início do século XVII. – 580.

dinero/s: Dinheiro. – 16, 162, 205, 216, 218, 228, 230, 264, 287, 288, 292, 305, 322, 324, 328, 354, 364, 366, 378, 397, 401, 410, 437, 493, 509, 512, 515, 516, 517, 521, 546, 547, 555, 564, 570, 576, 578-580, 588-591, 604, 638, 673, 675, 681, 682, 684, 690.

Dio: Diu, território dominado pelos portugueses no litoral do Guzerate, onde existia uma importante fortaleza. – 161, 653; v. Diu.

Diocleciano: Caio Aurélio Valério Diocleciano, imperador romano (r.284-205). –

455, 461; v. Deocleóçiano.

Diodoro Siculo: Diodoro Sículo (século I AEC), historiador grego, autor de uma monumental *Bibliotheca Historica*, de que sobreviveram numerosos fragmentos. – 268, 283-285, 389, 473, 477.

Dion / Dion Cassio: Dião Cássio ou Dion Cássio (c.150-c.230), historiador romano, autor de uma monumental *História de Roma*. – 422, 450.

Dios: Deus. – 54, 71, 83, 135, 137, 139, 142, 149, 232, 242, 243, 256, 327, 329, 348, 356, 375, 395, 406, 525, 531, 547, 553, 581, 664, 687, 699.

dioses: Divindades. – 134.

Diu: Território e cidade portuguesa no Guzerate, onde existia uma importante fortaleza. – 389, 601; v. Dio.

Diuar: Ilha de Divar, no rio Mandovi, no território de Goa. – 100.

dogos: Dogue de Burgos, cão de possante físico. – 323.

Dolatabat: Dolatabad ou Dowlatabad, povoação iraniana nos arredores de Ispão, 32° 47' N, 51° 41' E. – 316, 501, 528.

Domício Corbulon: Domício Corbulo, general romano do século I, que prestou serviço na Ásia. – 423.

Domingo de Ramos: Festa cristã celebrada no domingo antes da Páscoa. – 163, 598.

Domingo Nuñez: Domingos Nunes, fidalgo português que era capitão do mar de Ormuz em 1614. – 372.

Domingo Rodriguez: Domingos Rodrigues, intérprete persa natural de Ormuz. – 553.

Dominicanos: Membros da Ordem dos Pregadores ou dos Dominicanos. – 392.

Don: Rio Don, um dos maiores da Rússia, que desagua no Mar de Azov. – 378, 411; v. Tanais; v. Thanais.

Don Bernardo: Ilha não identificada no rio Mandovi, no território de Goa. – 101, 148.

dorados: Dourada (peixe). – 14, 15, 164, 165, 622, 625, 648, 649; v. auratas.

dorales: Pássaro, variedade de papa-moscas. – 609.

Drago: Draco, ou Dragão, constelação do hemisfério celestial norte. – 25, 140.

drogas: Droga, produto medicinal. – 41, 123.

Druso/s: Drusos, comunidade étnico-religiosa implantada no Líbano e em regiões circunvizinhas. – 548, 549.

Duarte Monae: O inglês Edward Monnox, representante da East India Company na Pérsia. – 585.

Duarte Viera: Duarte Vieira, senhor da ilha de Ibo, no arquipélago das Quirimbas, ao largo de Moçambique. – 641, 642, 643; v. Oybo.

ducados: Ducado, antiga moeda de ouro. – 363, 366, 482, 604.

Duero: Rio Douro, que corre na Península Ibérica e desagua no Porto. – 449.

Duna: Rio Duna ou Danúbio, que desagua no Mar Negro. – 378; v. Danubio.

Dung: Localidade iraniana não identificada, no caminho entre Qazvin e Saveh, onde existia um caravançarai. – 332.

E

- Ecbatana: Antiga cidade persa, no sopé do Monte Alvand, no local da actual cidade iraniana de Hamadan; 34° 48' N, 48° 31' E. – 307, 421-426.
- Eçija: Écija, localidade na Andaluzia, em Espanha. – 268, 307.
- Edesa / Edessa: Edessa, antiga cidade da Mesopotâmia, mais tarde Urfa, no local da actual Şanlıurfa na Turquia. – 446-448; v. Orfa; v. Orpha.
- Edil: Atil designava na antiga língua turca o rio Volga. – 306; v. Volga.
- El Aguila: L'Aquila, cidade da parte central de Itália, 42° 21' N, 13° 24' E. – 447.
- elephante/s: Elefante. – 124, 271, 323, 366, 625, 649.
- elephantes fluuiatiles: Hipopótamo. – 48; v. hipopotamos.
- Elisa Dido: Elissa Dido foi, de acordo com as fontes clássicas, a lendária fundadora e primeira rainha de Cartago. – 411.
- Emancoli Mirza: Imam Quli Amano'llah Mirza (1602-1632), um dos filhos de Xá Abbas I. – 355, 537.
- Emancolibey: Imam Quli Beg, capitaneou as forças persas que em 1622 puseram cerco à fortaleza portuguesa de Queixome. – 672, 674.
- Emancolican / Emancolicham / Emancolichan: Iman Quli Khan (?-1633), militar de origem georgiana, filho de Allahverdi Khan, que exerceu importantes funções na administração safávida, sendo nomeadamente governador de Xiraz. – 211, 219, 244, 259, 260, 264, 334, 504, 506-508, 529, 550, 551, 566, 580, 672; v. Alauerde Cham.
- Emanzada: Localidade iraniana nas proximidades de Ispaão, no caminho para Qazvin; poderia tratar-se de uma referência ao Imamzadeh Soltan Mir Ahmad, em Kashan, pois *Imamzadeh* designa em contexto persa o túmulo de um descendente de um imame xiíta. – 316, 318, 561; v. Emen Zada.
- Emath: Hamath, topónimo bíblico, que corresponde a Hama, na actual Síria; 35° 8' N, 36° 45' E. – 459, 460.
- Emen Zada: Localidade nas proximidades de Ispaão. – 493; v. Emanzada.
- Emesa: Antiga cidade da Fenícia, no local da actual Homs, na Síria; 34° 44' N, 36° 43' E. – 456.
- emir: Emir ou amir, título honorífico utilizado no mundo muçulmano, que pode ser equivalente a príncipe, comandante ou governador. – 351, 395, 396, 397, 399, 400, 402, 403, 407, 413, 414, 416, 440, 441, 461, 591, 673.
- Emir Genedin: Emir Zeyn al-Din, chefe árabe aliado dos Portugueses, no assalto anglo-persa à fortaleza de Ormuz em 1622. – 673.
- Emir Gulican / Emir Gulichan: Amir Gune Khan, georgiano nomeado governador de Erevan em 1604. – 351, 440, 441; v. Emirgolican; v. Eruan.
- Emir Mahamet: Emir Mohammad, chefe árabe aliado dos Portugueses, no assalto anglo-persa à fortaleza de Ormuz em 1622. – 673.
- Emirgolican: Amir Gune Khan, governador de Erevan a partir de 1604. – 351; v. Emir Gulican / Emir Gulichan.

- ençienção / ençienso: Incenso. – 231, 401, 519.
- Eneas Siluio: Eneas Silvio Piccolomini (1405-1464), humanista italiano, que foi papa com o nome de Pio II a partir de 1458, autor de uma vasta obra, e nomeadamente de uma descrição da Ásia. – 436.
- enfermedad/es: Doença. – 8, 43, 65, 124, 125, 142, 329, 356-357, 415, 416, 420, 441, 447, 547, 605, 609-610, 660, 662, 668, 682.
- Enperador: Rodolfo II (r.1576-1612), imperador do Sacro Império Romano-Germânico. – 343, 353, 354, 363.
- enperador/es: Imperador. – 238, 305, 309, 343, 353, 354, 363, 411, 413, 432, 442, 446, 448-454, 456, 463, 465-467, 469, 470, 541, 542, 553.
- enzinas: *Encina* (esp.), azinheiro. – 230, 235, 253, 255, 431.
- Epaminondas: Antigo general grego (c.418-326 AEC). – 545.
- Epheso: Éfeso, antiga cidade greco-romana no litoral ocidental da Turquia. – 434.
- Ephestion: Heféstion Amintoros (c.356-324 AEC), nobre macedónio, general de Alexandre Magno. – 403.
- epidemia: Epidemia. – 124, 356, 481, 605, 606, 609.
- Epistolas de San Pablo: Epístolas de São Paulo, que fazem parte do *Novo Testamento*. – 262.
- Equinoçial: Linha do Equador. – 620, 621, 623, 693; v. Aequinoçial.
- Eritreo: Mar Eritreu ou Mar Vermelho. – 458; v. Rojo; v. Roxo.
- ermita: Ermida ou capela. – 99, 103, 127, 128, 132, 182-184, 193, 194, 252, 256, 447, 563; v. hermita.
- ermitaño/s: Eremita. – 193, 252, 515; v. deruis / dervis; v. hermitaño/s; v. iogue/s; v. sancton/es.
- Eruan: Erevan, ou Yerevan, capital da Arménia, intermitentemente ocupada pelos Otomanos e pelos Safávidas. – 295, 308, 310, 311, 351, 425, 433, 440, 441, 518, 548; v. Terua.
- Erzurum / Erzirun: Erzurum, cidade na parte oriental da Turquia, 39° 54' N, 41° 16' E. – 441-443, 506-508.
- escalera de husillo: Escada em caracol. – 245, 302.
- escarolas: Escarola, variedade de chicória (planta). – 117.
- esclaua/s / esclauillo / esclauo/s: Escravo. – 130, 142, 144, 145, 185, 192, 219, 278, 314, 315, 332, 369, 373, 406, 437-439, 491, 492, 512, 538, 588, 589, 603, 607, 609, 612, 617, 618, 622, 640, 641, 644-646, 656, 659, 660-662, 675, 692.
- escopeta: Escopeta, arma de fogo. – 532.
- escorpiones: *Escorpión* (esp.), máquina de guerra semelhante à catapulta. – 400; v. scorpiones.
- escota: Escota, cabo que se fixa no canto das velas. – 22, 35, 600, 654.
- escudo/s: Escudo (arma ou moeda). – 72, 414, 541, 675.
- esmeraldas: Esmeralda, pedra preciosa. – 265, 334, 335, 530.
- esmeril/es: Esmeril, peça de artilharia. – 200, 217, 311, 369, 603.
- espada/s: Espada (arma). – 52, 79, 335, 338, 341, 347-349, 499, 540, 549, 553, 607,

640, 672.
 espadañas: Espadana (planta). – 115.
 Espanha: Espanha. – 8, 13, 15, 25, 26, 28, 30, 36, 41, 44, 54, 57, 70, 76, 85, 108-110, 112-117, 120-122, 125, 127, 129, 136, 144, 146, 148, 151, 167, 169, 171, 174, 182, 188, 196, 200, 203, 205, 207, 209, 210, 212, 217, 220, 225, 230-232, 234, 235, 241, 249, 250, 253, 255, 261, 263, 267-269, 285, 295, 296, 299, 302, 303, 307, 310, 314, 323-325, 332-336, 339, 342, 347-350, 352, 354-356, 359, 361-365, 367, 368, 374-376, 389, 404, 409, 413, 417, 418, 420, 438, 447, 449, 461, 472, 473, 480, 483, 494, 501, 509, 510, 519-523, 525, 527, 531-541, 543, 545-554, 560, 561, 563, 566, 570, 572, 574, 579, 582, 584-586, 596, 604, 608, 609, 611, 612, 617, 621, 627, 629, 637, 640, 642, 663, 665, 667, 669, 679, 687-689, 691, 698.
 español/a: Língua espanhola. – 119, 191, 371, 461, 510.
 Españolas / Españoles: Espanhóis/olas, habitantes ou originários de Espanha. – 115, 117, 119, 121, 146, 154, 209, 337, 338, 348, 350, 353, 354, 361, 376, 400, 404, 428, 472, 485, 523, 531, 548, 669.
 especiería: Especiaria. – 377.
 Especiería: Ilhas da Especiaria, designação que abrangia as ilhas de Maluco, na Indonésia. – 60.
 espinas/os: Espinheiro (planta). – 183, 203, 204, 224, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 289, 570, 572, 574, 575.
 estaño: Estanho. – 205, 377, 539; v. laton.
 Estrabon: Estrabão (c.64 AEC-24), historiador grego, autor de uma monumental *Geografía*. – 134, 490; v. Strabon.
 Estrella Polar: Estrela Polar. – 25, 165.
 Extremadura: Extremadura, região espanhola. – 13, 136, 212, 225, 234, 235, 267, 296, 520, 532, 574, 575; v. Extremadura.
 Euangelios: Evangelhos. – 262.
 euano: Ébano (madeira). – 278, 625, 695; v. evano.
 Eufrates: Rio Eufrates, que corre na Mesopotâmia, desaguando no Golfo Pérsico. – 201, 479; v. Euphrates.
 Euil Merodad / Euilmerodac: Evil-Merodaque, rei da Babilônia (r.562-560 AEC), filho de Nabucodonosor II (r.604-562 AEC). – 475, 476; v. Balsasar / Balthasar; v. Merodac; v. Nabucodonosor / Nabuchodonosor
 eunucho/s / eunucos: Eunuco. – 301, 337, 491, 492, 525-527.
 Euphrates: Rio Eufrates, que corre na Mesopotâmia. – 180, 206, 422, 442, 444, 446, 453-455, 457-464, 469, 471-475, 477-481, 486, 514; v. Eufrates.
 Europa: Europa. – 8, 15, 21, 29, 44, 92, 100, 105, 108, 110, 114-117, 120, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 135, 138, 139, 145, 154, 165, 168, 171, 180, 188, 194, 200, 213, 219, 225, 228, 236, 237, 239-241, 243, 244, 248, 249, 252, 253, 256, 260, 262, 265, 267, 274, 277, 284, 294, 298, 305, 308, 309, 314, 315, 317, 323, 343-348, 350, 352-354, 358, 360, 362-367, 377, 380, 387, 389-392, 395, 396, 399, 402, 412, 413, 419, 421, 423, 424, 428, 431, 432, 436, 445,

455, 461, 465, 468, 473, 482, 483, 504, 514, 517-519, 526, 527, 530, 530, 541, 543, 548, 549, 551, 553, 556, 569, 582, 583, 642, 656, 667, 694.
 Europeos: Europeus. – 132, 237, 238, 338, 347, 353, 390, 394, 396, 398, 419, 444, 445, 464, 468, 469, 472, 485, 519, 522.
 Eutropio: Flávio Eutrópio, historiador romano do século IV AEC, autor de um compêndio de história de Roma. – 466; v. Conpendio.
 evano: Ébano (madeira). – 644; v. euano.
 exarcolas: *Exarcola* (latim), boné de feltro branco usado pelos Janízaros otomanos, designado *börk* em turco. – 279.
 Extremadura: Região espanhola. – 551; v. Extremadura.
 Ezechias: Ezequias, rei de Judá (séculos VIII-VII AEC). – 461.
 Ezechiel: Ezequiel, profeta hebraico. – 460.

F

falconete/s: Falconete, peça de artilharia. – 311, 369, 441, 603.
 Falso: Cabo Falso, nas proximidades do Cabo da Boa Esperança. – 48, 700.
 Farabat: Farahabad, cidade nas margens do Mar Cáspio, no norte do Irão; 30° 26' N, 56° 53' E. – 264, 297, 314, 360, 376, 418, 419, 522, 524, 533, 552, 554, 561; v. Pharabat.
 Fatima: Fátima (?-632), filha de Maomé e esposa de Ali. – 289, 327, 513, 514; v. Ali; v. Mahamet.
 faysanes: Faisão (ave). – 253, 431, 610.
 Felugia: Fallujah, cidade iraquiana nas margens do rio Eufrates; 33° 21' N, 43° 47' E. – 471.
 Ferat: Ferhad Pasha (?-1595), general otomano, que exerceu funções de grão-vizir na década de 1590. – 442.
 Feria: Ducado de Faria, casa nobiliárquica espanhola, cuja mansão senhorial se situava em Zafra, terra natal de Don García de Silva. – 234; v. Çafhra / Çafra.
 Fernan Rodriguez de Faria: Fernão Rodrigues de Faria, homem de armas português, ao serviço em Ormuz em 1614. – 373.
 feyjones: Feijão, ave semelhante ao pombo, mencionada na antiga roteirística portuguesa. – 30.
 Fez: Cidade marroquina, 34° 3' N, 4° 59' O. – 174, 229.
 Flamencas: Flamengas, mulheres originárias da Flandres. – 154.
 Flandes: Flandres. – 219, 364, 409.
 Flauio Vopisco: Flávio Vopisco, historiador romano do século IV, um dos autores da *Historia Augusta*, que reúne biografia de políticos imperiais. – 456, 457, 466, 467; v. Vopisco.
 flecha/s: Flecha (arma). – 85, 211, 242, 304, 305, 340, 414, 432, 435, 439, 468, 499, 507, 508, 525, 532, 553, 556, 557, 591; v. saetas.
 flecheros: Frecheiro. – 212.

Florença: Florença, cidade italiana, 43° 47' N, 11° 15' E. – 513.

fortaleza / fortaleza/s: Fortaleza, praça fortificada. – 10, 48, 82, 86, 88-91, 99-104, 117, 122, 124, 127, 136, 146, 148, 159, 169, 170-173, 182, 183, 186, 187, 190, 192, 195, 199-201, 211, 213, 217, 218, 223-225, 236, 251, 252, 284-287, 289-291, 310-313, 336, 351, 357-359, 369-374, 379, 389, 400, 421, 436, 439, 441, 458, 459, 461, 466, 468, 473, 479-483, 501, 503, 506, 523, 551, 554, 557, 560, 577, 580, 581, 584, 587-595, 597, 598, 604, 608, 627, 628, 643-646, 656, 662, 664-674, 676-678, 681, 682, 684, 690.

Franceses: Franceses, habitantes ou originários de França. – 237, 238, 377, 399, 400; v. França.

França: França. – 295, 336, 509, 541, 548, 553, 585.

Françiscano/s: Membro da Ordem de São Francisco. – 99, 596, 619; v. San Francisco.

Françisco: Frei Francisco, capelão da caravela *Nossa Senhora da Nazaré*, que largou de Goa em 1620. – 658.

Francisco Carnero de Alcaçova: Francisco Carneiro de Alcáçova, soldado português em Goa em 1618-1619. – 611.

Francisco Coutinho: Dom Francisco Coutinho, fidalgo português em serviço na Índia nas primeiras décadas do século XVII. – 677.

Françisco de Aualos: Frei Francisco de Avalos, dominicano espanhol que estanciou nas Filipinas e estava em Goa em 1617. – 113.

Françisco de Mascareñas / Mazcareñas, don: Dom Francisco de Mascarenhas, fidalgo português que capitaneou um navio da carreira da Índia em 1622. – 680, 682.

Francisco de Sosa: Dom Francisco de Sousa, fidalgo português que foi capitão de Ormuz em 1620-1622. – 597, 666, 669, 676.

Françisco de Sosa Falcon: Francisco de Sousa Falcão, funcionário português do governo do Estado da Índia na década de 1620. – 684.

Françisco de Xauier: São Francisco Xavier (1506-1552), um dos fundadores da Companhia de Jesus. – 699.

Françisco Diaz: Francisco Dias, mestre da caravela *Nossa Senhora da Nazaré*, que largou de Goa em 1620. – 658.

Françisco Drac: Sir Francis Drake (c.1540-1596), navegador e corsário inglês. – 51.

Françisco Hurtado de Mendoza: Francisco Furtado de Mendonça, capitão de uma das naus da armada da Índia de 1614, que morreu durante a viagem. – 46.

Françisco Manuel: Dom Francisco Manuel, fidalgo português que foi capitão de Chaul na década de 1620. – 656.

Françisco Muñiz: Francisco Moniz, soldado português ferido no assalto anglo-persa a Ormuz em 1622, embarcou em Goa em 1624, rumo a Portugal. – 622, 638, 675.

Françisco Ribero: Francisco Ribeiro, vizinho de Ormuz, morto no assalto anglo-persa à cidade em 1622. – 675.

Françisco Sforçia: Francesco I Sforza (1401-1466), duque de Milão a partir de 1450.

– 404; v. Blanca Maria Visconte.

francolines: Perdiz (ave). – 253, 431, 610; v. perdizes.

Franços: Designação atribuída aos Europeus em muitas regiões da Ásia. – 295, 302, 308, 327, 328, 338, 347, 350, 461, 503, 510, 527, 531, 534, 554, 555; v. Europeos; v. Franqui.

Franqui: Francos, designação atribuída em muitas regiões asiáticas aos Europeus. – 228; v. Europeos; v. Francos.

Frigia: Frígia, antiga região da Ásia Menor. – 239.

Fugia: Provável referência a Esmirna ou Izmir, cidade no litoral da Turquia. – 401.

fusta/s: Fusta, embarcação comprida, estreita, de pequeno calado; movida a remos, podia também armar vela. – 78, 89, 181, 372, 378, 379, 590, 594, 602, 664, 669, 671, 673, 674, 676, 677, 680, 683, 686.

G

Gabril: Localidade iraniana não identificada, nas proximidades de Lar, onde existia um caravançaraí. – 223, 225.

gaçapos: *Gazapo* (esp.), láparo, coelho novo. – 119.

gagero: Gajeiro, marinheiro que do cesto da gávea tinha o encargo de procurar avisar terra. – 86.

gages: *Gaje* (esp.), salário ou emolumento. – 292, 328, 596.

Galeno: Cláudio Galeno ou Galeno de Pérgamo (c.129-c.217), célebre médico romano de origem grega. – 465.

galeon/es: Galeão, navio de grande porte, por vezes designado como nau. – 10, 365, 366, 560, 585, 586, 590, 663, 665, 666, 668-671, 674-676, 679-682, 680, 681, 682, 689, 690.

galeota: Embarcação semelhante à galé, mas de menores dimensões. – 174, 480, 581, 585, 647, 676, 677.

galera/s: Galé, embarcação de médio porte, de borda baixa, movida a remos, armando ainda velas. – 7, 162, 177, 190, 199, 240, 346, 347, 349, 378, 401, 480, 581, 586, 590, 594, 671, 673, 674, 676.

galerno: Galerno, vento intenso, soprando de popa. – 32, 44, 52, 601.

Gales: País de Gales. – 364; v. Príncipe de Gales.

galgos: Galgo, raça canina que parece ser de origem espanhola. – 260.

Galipoli: Península de Gallipoli, na parte europeia da Turquia, entre o Mar Egeu e o Estreito dos Dardanelos. – 401.

Gallega: Arquipélago de Agaléga, no Oceano Índico, nas proximidades da ilha Maurícia, 10° 25' S, 56° 35' E. – 62.

gallina/s: Galinha (ave). – 7, 81, 83, 84, 90, 175, 204, 205, 215, 226, 253, 311, 342, 434, 536, 576, 629, 695, 696.

gallo/s: Galo (ave). – 4, 111, 323.

gamo/s: Gamo, animal semelhante ao veado. – 431, 610.

- ganapanes: Homem que ganha a vida fazendo recados. – 303.
- Ganbea: Rio Gâmbia, que corre na parte ocidental de África, desaguardo em Banjul. – 50.
- Gangamala: Batalha de Gaugamela, que se travou em 311 AEC nas proximidades da actual cidade iraquiana de Mossul, entre Alexandre Magno e Dario III da Pérsia. – 476.
- Ganges: Grande rio asiático, que desagua no Golfo de Bengala. – 136, 137, 149, 544, 612, 613.
- ganso/s: Ganso (ave). – 31, 51, 54, 260, 622, 623.
- Gaores: Antigos persas, do termo persa *gaur*, infiel, adorador de fogo. – 295-297, 308, 309, 538, 548.
- garças: *Garza* (esp.), garça, ave peralta. – 240, 260, 267, 608, 609.
- garduña/s: Fuinha (animal). – 120, 572, 612.
- Gaspar de Melo de San Payo: Gaspar de Melo de Sampaio, fidalgo português activo no Oriente nas primeiras décadas do século XVII; foi nomeadamente capitão de Malaca. – 679.
- Gaspar de Morales: Gaspar de Morais, piloto de uma nau que largou de Goa em 1624 rumo a Portugal. – 694.
- Gaspar Fereira / Fereyra / Ferreira / Ferreyra: Gaspar Ferreira Reimão (?-1626), célebre piloto e roteirista português, que efectuou numerosas viagens à Índia e publicou roteiros sobre esta carreira. – 8, 16, 22, 38, 40, 42, 45; v. piloto mayor.
- Gaspar Ferron: Gaspar Ferrão, vizinho de Ormuz, morto no ataque à fortaleza portuguesa em 1622. – 675.
- Gate: Gates Ocidentais, cordilheira da parte ocidental do Hindustão. – 76, 86, 104, 108, 138, 418, 610, 611, 612.
- gato/s: Gato doméstico ou gato montês. – 47, 109, 112, 120, 189, 611, 612, 621.
- gauilan / gauilançillo: Gavião, ave de rapina. – 76, 609.
- gauiotas: Gaivota (ave). – 164.
- gayta/s: Gaita (instrumento musical). – 212, 242, 244, 299.
- gazela/s: *Gacela* (esp.), gazela (animal). – 182, 186, 204.
- Gedrosia: Antiga designação de região que corresponde ao Baluchistão. – 269.
- Gehun: Jihun, localidade persa no caminho entre Comorão e Lar, onde existia um caravançarai. – 207.
- Geniçaros: Janizaro, militar otomano de uma tropa especial constituída por crianças cristãs arregimentadas em territórios ocupados. – 438; v. Janiçaros.
- Genoua: Génova, cidade em Itália. – 596.
- Genoueses / Genoveses: Genoveses. – 379, 402, 417, 437.
- Genpsit: Jamshid, mítico rei da tradição iraniana. – 251.
- Gentil/es: Gentios, designação aplicada a povos asiáticos que não seguiam qualquer uma das grandes religiões monoteístas. – 84, 89, 99, 100, 102, 104, 106, 108, 110, 116, 123, 124, 132, 135-139, 141, 143, 148-153, 174, 184, 185, 191, 213, 259, 265, 278, 288, 295, 324, 445, 446, 587-589, 593, 612, 661, 662,

- 674.
- Gentilidad: Gentilidade, conjunto dos povos gentios. – 445, 446, 517.
- georgiana: Língua georgiana. – 262, 341, 342.
- Georgiana / Georgiania: Geórgia, região do Cáucaso. – 287, 315, 429, 430, 437; v. Gerorgiana; v. Gorgistan; v. Gurgistan; v. Iberia Oriental.
- Georgiana/s/os: Georgianos, oriundos ou naturais da Geórgia. – 212, 216, 244, 261, 297, 301, 314, 355, 419, 428, 430, 432-437, 439, 489, 491, 493, 497-499, 502, 506-508, 518, 520, 524, 535, 555, 564; v. Georgiana / Georgiania; v. Gerorgiana; v. Gorgistan; v. Gurgis; v. Gurgistan; v. Iberia Oriental; v. Iberos.
- Geronimo de Azevedo, don: Dom Jerónimo de Azevedo (1540-1625), fidalgo português que foi governador de Ceilão e também vice-rei do Estado da Índia (1612-1617). – 160, 361, 377, 669.
- Geronimo de Silua, don: Don Jerónimo de Silva, fidalgo espanhol, governador de Ternate em 1612-1617 e governador interino das Filipinas entre 1616 e 1619. – 361.
- Geronimo de Siluera, don: Dom Jerónimo da Silveira, fidalgo português que na década de 1620 vivia em Goa e que em 1630 foi capitão de Macau. – 659.
- Geronimo de Xauier / Geronimo Xauier: Jerónimo Xavier (1549-1617), jesuíta espanhol que missionou no Império Mogor. – 390.
- Geronimo Ferraz: Jerónimo Ferraz, vizinho de Ormuz, morto no ataque à fortaleza portuguesa em 1622. – 675.
- Geronimo Gomez: Jerónimo Gomes, cirurgião português que viajou para a Índia em 1614. – 65.
- Gerorgiana: Geórgia, região do Cáucaso. – 262; v. Georgiana / Georgiania; v. Gorgistan; v. Gorgistan; v. Gurgistan; v. Iberia Oriental.
- Gerun: Djerun ou Gerun, outro nome para a ilha de Ormuz. – 183; v. Jarun; v. Ormuz.
- Gesnero Busbequio: Ogier Ghiselin de Busbecq (1522-1592), diplomata e escritor flamengo, enviado como embaixador a Constantinopla pelos soberanos austríacos, que em 1581 publicou um relato das suas viagens. – 432.
- Giafarabat: Jafarabad, localidade nas proximidades de Qom, onde existia um caravançarai; 34° 52' N, 50° 38' E. – 330, 331.
- Gida: Jedá ou Jeddah, porto árabe do Mar Vermelho; 21° 32' N, 39° 10' E. – 366.
- Gin: Lapso por Gui (Qir), localidade iraniana no caminho entre Lar e Xiraz. – 572; v. Gui; v. Guin.
- girifalte: Gerifalte, ave de rapina semelhante ao falcão. – 31, 609.
- Gneo Pompeyo: Cneu Pompeio (106-48 AEC), general e político romano, também conhecido como Pompeu o Grande. – 430, 434, 442; v. Pompeyo.
- Goa: Cidade e território da costa ocidental da Índia, centro estratégico do Estado Português da Índia. – 7, 45, 63, 69, 79, 81, 84, 85, 87-93, 95, 99-115, 120-124, 128-130, 132, 135, 137, 139, 141-143, 146-148, 150, 152, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 176, 179, 185, 192, 195, 249, 250, 305, 323, 361,

- 365, 374, 375, 389, 418, 487, 509, 538, 544, 582, 586, 596-598, 601, 602, 604-606, 608, 610, 612, 615, 617, 619, 621, 622, 629, 634, 635, 638, 639, 641, 642, 647, 650, 652-657, 659, 663, 665, 666, 668, 669, 672, 673, 675-680, 682, 683, 685-692, 699.
- goazil: Guazil, ministro, governador ou conselheiro de soberano muçulmano. – 185, 313, 327, 587, 593, 673-675; v. alguazil; v. guazil; v. visir.
- Godos: Povo germânico, que seria originário do sul da Escandinávia. – 295.
- Goes: Bento de Góis (1562-1607), irmão jesuíta português que nos primeiros anos do século XVII viajou pela Ásia Central, em busca do Cataio. – 390.
- Gogarena: Topónimo clássico atribuído a uma região que corresponde aproximadamente à Geórgia. – 433.
- Gonçalo de Siluera, don: Dom Gonçalo da Silveira, fidalgo português muito activo no Golfo Pérsico na década de 1620. – 677.
- Gordiano: Gordiano III, imperador romano (r.238-244). – 454, 466, 470.
- gorgaranes: Gorgorão, tecido de seda. – 129.
- Gorgis: Georgianos, habitantes ou originários da Geórgia. – 433; v. Georgiana / Georgiania; v. Georgiana/s/os; v. Gerorgiana; v. Gurgistan; v. Iberia Oriental; v. Iberos.
- Gorgistan: Geórgia, região do Cáucaso. – 262; v. Georgiana / Georgiania; v. Gerorgiana; v. Gurgistan; Iberia Oriental.
- gorriones: Gorrião, ave semelhante ao pardal. – 9, 236.
- gozques: Cão pequeno e muito ladrador. – 108.
- Grajao/s: Baixos dos Garajaos, actualmente conhecidos como Cargados ou Saint Brandon, nas cercanias da ilha Maurícia, no Oceano Índico, 16° 35' S, 59° 37' E. – 61, 62, 64, 65, 693, 694.
- grajas: Gralha (ave). – 296, 608, 609.
- Gran Cham: Grão Khan, título do imperador mongol. – 413, 416; v. cham / chan/es.
- Gran Mogor: Grão Mogor, título do imperador mogor. – 151, 360; v. Mogor.
- Gran Turco: Grão Turco, título do sultão otomano. – 350, 358, 380, 395, 398, 447; v. Turco.
- grana: Grã, tecido de cor escarlate. – 292, 335.
- Granada: Cidade e reino de Granada, na Península Ibérica. – 146, 174, 214, 261, 363.
- granadas/os: Romã, romanzeira. – 180, 209, 231, 234, 460, 469, 481, 696.
- Grao de Valência: Grao de Valencia, bairro no porto espanhol de Valência. – 47-48; v. Valência.
- Greça: Grécia. – 134, 139, 239, 317, 347, 363, 396, 399, 402, 485.
- Griega/s / Griego/s: Gregos, habitantes ou originários da Grécia. – 48, 134, 138, 139, 146, 149, 237, 239, 240, 262, 317, 388, 396-400, 428, 433, 434, 437, 440, 443, 445, 450, 451, 457, 484, 504; v. Greça.
- griega/s / griego/s: Letras e língua gregas. – 275, 285, 389, 456.
- griego: Nordeste. – 386, 415.
- griego levante: Lés-nordeste. – 386, 448.

- Grim: Provavelmente Gyumri, cidade da Arménia; 40° 47' N, 43° 50' E. – 430, 434.
- Groetlant: Gronelândia. – 406, 407.
- gruas: Grou-comum, ave semelhante à cegonha. – 241, 260, 267.
- Guadalupe: Nau *Nossa Senhora de Guadalupe*, da armada que em 1614 viajou de Lisboa para a Índia. – 7, 8, 11, 12, 15-17, 21, 22, 39, 40, 44, 45; Nuestra Señora de Guadalupe.
- Guadalupe: Praia no território de Goa. – 105, 106, 108.
- Guadel: Gwadar, cabo e enseada no litoral do Baluchistão, 25° 7' N, 62° 19' E. – 176, 677.
- Guardafun: Cabo de Guardafui, no Corno de África. – 620, 623.
- Guardas: As estrelas Merak e Dubhe, da constelação da Ursa Maior, designam-se como Guardas. – 25, 165.
- guazil: *Al-uazir* (árabe), ministro, governador ou conselheiro de soberano muçulmano. – 482, 515, 587-589, 646; v. alguazil; v. goazil; v. visir.
- Gui: Qir, localidade iraniana no caminho entre Lar e Xiraz, onde existia um caravançara; 28° 28' N, 53° 2' E. – 224, 225, 568, 573, 574; v. Guin.
- Guichi: Gachin Bala, localidade nas proximidades de Comorão, onde existia um caravançara; 27° 7' N, 55° 52' E. – 202-204, 578, 579.
- Guilan: Gilan, região iraniana junto ao Mar Cáspio. – 338, 377, 420, 423, 427, 524.
- Guillermo: William Bell, agente inglês que em 1620 estava em Ispão. – 585.
- Guin: Qir, localidade iraniana no caminho entre Lar e Xiraz. – 223-227, 232, 234; v. Gui.
- Guinea: Guiné, região da África Ocidental. – 13, 21, 24, 26, 27, 46, 55, 164, 332, 629, 679, 690.
- Gulcanu: Alegadamente seria governadora da localidade iraniana de Dehkuyeh, a nordeste da cidade de Lar. – 576; v. Canu; v. Diacuri.
- Gurgis: Georgianos, oriundos ou naturais da Geórgia. – 437; v. Georgiana / Georgiania; v. Georgiana/s/os; v. Gerorgiana; v. Gorgistan; v. Gurgis; v. Gurgistan; v. Iberia Oriental; v. Iberos.
- Gurgistan: Geórgia, região do Cáucaso. – 287, 315, 378, 428-430, 433-435, 437, 505; v. Georgiana / Georgiania; v. Gerorgiana; v. Gorgistan; v. Iberia Oriental.
- gusanillo / gusano: Verme, gusano. – 119.
- Gutierre de Monroy: Criado de Don García de Silva, autor de uma relação manuscrita da embaixada à Pérsia. – 619; v. Monroy.

H

- Haçen: Hassan ibn Ali (625-670), filho de Ali e de Fatimah, e neto do Profeta Maomé. – 327, 514.
- Haçen: Hassan, mulá em Ispão. – 517.
- Hadriano: Adriano, imperador romano (r.117-138). – 542; v. Adriano.

Haidar: Xeque Haydar de Ardabil. – 503; v. Adar; v. Aidar.
 Haiton Armenio: Haitão (c.1240-c.1314), monge arménio que escreveu um relato das conquistas mongóis, publicado por Giovanni Battista Ramusio nas *Navigazioni et Viaggi* (1559). – 390.
 halconçillo / halcon/es: Falcão, ave de rapina. – 76, 77, 241, 260, 431, 432, 608.
 Hamadi: Ahmadi, serra na região iraniana do Mogostão, nas proximidades de Como-rão. – 370, 671; v. Mogostam / Mogostan.
 Hamet Cham: Khan Ahmad Khan II (1537-1596), governante da região de Gilan, que em 1591 foi ocupada por Abbas I; era casado com uma das filhas de Xá Thamasb I. – 420; v. Tamas.
 hanac: Alegadamente ‘angina’, em persa; talvez corresponda a *mahammat* (persa), ‘que causa febre’. – 402.
 Hanbrain Cam / Chan: Ibrahim Khan II, governador da cidade iraniana de Lar até 1601. – 218, 260, 577.
 Hanbrain Soltan: Provável referência a Sultan Ibrahim Mirza, neto de Tamerlão. – 414; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
 hardas: *Arda* (esp.), esquilo. – 119, 120.
 Hardeuil: Cidade de Ardabil. – 238; v. Ardeuil / Ardevil.
 harina: Farinha. – 212, 641.
 Harran: Harã ou Harran, antiga cidade em ruínas, no sul da Turquia, nas proximidades de Şanlıurfa. – 449; v. Carran / Carras.
 hebreia/o / hebraicas: Letras ou língua hebraicas. – 138, 191, 262, 275.
 Hebreos: Hebreus. – 475.
 Hector: Heitor, figura da mitologia grega, príncipe de Tróia. – 217.
 Hector Boeçio: Hector Boece (1465-1536), também conhecido como Hector Boecius ou Boethius, filósofo escocês, autor de uma *Scotorum Historiae*. – 436.
 Helanchan: Khan ‘Alam, embaixador mogor enviado à Pérsia em 1618. – 544; v. Laor.
 Heliodoro: Escritor grego dos séculos III-IV, autor da novela *Aethiopica*. – 457.
 Heliopolis: A antiga cidade de Baalbek, no Líbano. – 444; v. Bir; v. Birta / Birta.
 Hemorrois: Serpente mítica, referida pelos poetas latinos. – 110; v. Iaculo.
 Henares: Rio espanhol. – 428.
 Henrique de Portugal, don: Infante Dom Henrique (1394-1460), conhecido como o Navegador. – 10.
 Henrique el Terçero: Enrique III, o Enfermo, rei de Castela (r.1390-1406). – 413.
 Hercules: Hércules, divindade romana. – 134, 281.
 Hercules: Hércules, constelação do hemisfério celestial norte. – 25, 140.
 hermita: Ermida ou capela. – 127, 128, 232, 254, 256, 258, 448, 562, 641; v. ermita.
 hermitaño/s: Eremita. – 141-143, 152, 153, 232, 255-258, 267, 289, 302, 559, 563, 575; v. ermitaño/s; v. deruis / dervis; v. iogue/s; sancton/es.
 Hermoso: Monte Formoso, situado a cerca de 100 km para sul de Mangalore, no litoral ocidental da Índia. – 87.
 Hernan de Silua: Fernão da Silva, fidalgo português que em 1614 era capitão do mar

em Ormuz. – 372.
 Hernando, don: Fernando I, imperador do Sacro Império Romano-Germânico (r.1558-1564). – 432.
 Hernando de Albuquerque: Fernão de Albuquerque (1540-1623), vice-rei do Estado da Índia entre 1619 e 1622. – 586, 669; v. virrey.
 Hernando de Magallanes: Fernão de Magalhães (1480-1521), navegador português que empreendeu a primeira viagem de circumnavegação ao serviço de Espanha. – 408.
 Hernando de Moraga: Fernando de Moraga (c. 1580-1621), franciscano espanhol que missionou nas Filipinas, viajando depois para Espanha pela via da Índia e da Pérsia; publicou em Sevilha em 1619 um relato sobre a embaixada de Don García de Silva. – 361.
 Hernando de Noroña: Arquipélago de Fernando de Noronha, a cerca de 350 km do litoral do Brasil, 3° 51' S, 32° 25' O. – 20, 21.
 Hernando de Noroña, don: Dom Fernando de Noronha, também conhecido como Meneses, filho do vice-rei Dom Afonso de Noronha (g.1550-1554), que acompanhou o seu pai durante o período de governo indiano. – 177; v. Antonio de Noroña.
 Herodoto: Heródoto (c.485-420 AEC), geógrafo e historiador grego, autor das *Histórias*. – 472-474, 485.
 Hesperidas: Hespérides, termo da mitologia grega, atribuído às ilhas de Cabo Verde. – 26; v. Cabo Verde.
 Hester: Livro de Ester, um dos livros do *Antigo Testamento*. – 283.
 Hidaspes: Antiga designação do rio Jhelum, um dos afluentes do rio Indo. – 389.
 Hidra: Hidra de Lerna, animal da mitologia grega. – 281.
 hienas: Hiena (animal). – 107, 108, 249.
 hieroglífica: Hieróglifo. – 280.
 Hierusalem / Hierusalen: Jerusalém. – 473, 520, 553; v. Jerusalem.
 Hiesdegas: Izad Khast, localidade iraniana no caminho entre Ispão e Xiraz, onde existia um caravãçarai. – 290, 557, 558.
 higos / higueras: Figo, figueira. – 115, 117, 180, 460, 469, 481, 494, 562, 563, 627, 629, 639; v. higos / higueras de la India.
 higos / higueras de la India: Figo / figueira da Índia, o mesmo que banana, bananeira. – 79, 114, 117, 180, 662; v. musas; v. plátano/s.
 Hilao Cham / Chan: Hilao Khan, governante curdo forçado por Xá Abbas I a emigrar para a Pérsia. – 489, 493, 497, 498, 551; v. Curdo.
 Hidalcán: Idalcão, ou Adil Khan, título do sultão de Bijapur ou Visapor, na parte ocidental da Índia; entre 1580 e 1627 o sultanato foi regido por Ibrahim Adil Shah II. – 85, 104, 137, 257, 263, 691.
 Hildrun Bayazeto: Bayezid I, sultão otomano (r.1389-1402). – 395, 396, 398; v. Baisiht Hildrun; v. Bayazeto.
 hipopotamos: Hipopótamo. – 48, 353; v. cauallos aquatiles; v. cauallos de rios; v. cauallos fluuiatiles.

- Hircania: Hircânia, antiga designação de um território que confina com as margens meridionais do Mar Cáspio. – 297, 314, 387, 417, 418, 420, 507, 544.
- Hircano: Antiga designação do Mar Cáspio. – 386, 387, 417, 418, 420, 507, 544; v. Bacu; v. Caspio.
- Hirçina: Hercinia, região do sul da Alemanha, identificável com a Floresta Negra. – 611.
- Hismael Sophi: Ismail I (r.1501-1524), xá da Pérsia, fundador da dinastia safávida, conhecido na Europa como Ismael Sofi ou apenas Sofi. – 238, 245, 359, 421, 423, 442, 503, 504; v. Sofi Hismael; v. Sophi Hismael.
- Hispania: Espanha. – 534, 535, 548, 552.
- Historia: Título utilizado para designar diversas obras de história. – 140, 423, 436, 438; v. Cornelio Tacito; v. Juan obispo Olmuçense; v. Juan Saxon; v. Quinto Curçio; v. San Eulogio.
- Historia de Condamir: Biografia de Tamerlão da autoria do cronista de língua persa Khvandamir (1475-1534). – 416; v. Condamir; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- Historia de Italia: *Nuova Cronica*, relato da história de Florença, da autoria de Giovanni Vilani (c.1275-1348). – 512; v. Juan Vilani.
- Historia de Mirhon: *Rawzat as-safa* (Jardim da Pureza), monumental crónica em língua persa, da autoria de Mir-Khvand (c.1433-1498). – 544; v. Mirhon.
- Historia Griega: *Imperii Graeci Historia*, crónica da autoria de Nicetas Choniata (c.1155-1216). – 305; v. Niçetas Coniate.
- Historias: Provável referência à obra *Hispanie illustratae seu rerum urbiumque Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae et Indiae scriptores varii*, editada por Andrés Schott e publicada em Frankfurt em 1603-1608. – 235.
- Homar: Omar ou Umar ibn al-Khattab (c.586-644), o segundo dos califas muçulmanos (r.634-644). – 394, 514.
- Homar: Derviche da mesquita de Bir. – 575; v. Bir.
- Homero: Homero, célebre poeta grego, dos séculos VII ou VIII AEC. – 283.
- Hormu: Hormud, localidade iraniana a sudeste de Lar, onde existia uma caravancara. – 209, 224, 230, 232, 570; v. Ormu.
- Hospital: Hospital da Misericórdia, em Goa. – 92, 127.
- Hospital: Hospital Real, em Goa. – 92, 122, 123.
- hueuos: Ovos. – 81, 83, 90, 147, 227, 233, 576.
- Humem: Nome de um árabe referido na obra de Leão Africano. – 229; v. Juan Leon Africano.
- Hungaros: Húngaros, habitantes ou originários da Hungria. – 353, 399; v. Hungria.
- Hungria: Hungria. – 343, 353, 391, 402, 531.
- huron/es: Furão (animal). – 612.
- Hussen: Husayn ou Hussein ibn Ali (626-680), filho de Ali e de Fatimah, e neto do Profeta Maomé. – 513, 514, 515, 517.

I

- Iaculo: Serpente mítica, referida pelos poetas latinos. – 110; v. Hemorrois.
- Iberia Oriental: Ibéria Oriental, designação atribuída na literatura clássica à Geórgia. – 430; v. Georgiana / Georgiania; v. Gerorgiana; v. Gorgistan; v. Gurgistan.
- Iberos: Iberos, antiga designação dos Georgianos. – 430, 433, 437; v. Georgiana/s/os; v. Gurgis.
- Iconio: Konya, cidade turca; 37° 52' N, 32° 29' E. – 395.
- Idumeos: Edomitas ou Idúmeos, designação dos habitantes da antiga região de Edom, situada a sul do Mar Morto. – 456.
- iglesia/s: Igreja, edifício religioso. – 91, 106, 107, 111, 122, 128, 130, 136, 141, 147, 203, 256, 262, 302, 306, 308, 309, 340, 346, 367, 373, 433, 445, 446, 448, 514, 518, 519, 520, 556.
- Iglesia Griega: Igreja Ortodoxa Grega. – 309, 433.
- Iglesia Latina: Igreja Católica. – 309; v. Iglesia Romana.
- Iglesia Primitiva: Igreja Primitiva. – 141, 262, 445, 520.
- Iglesia Romana: Igreja Católica. – 308; v. Iglesia Latina.
- Ihtneumon: Sacarrabos (*Herpestes ichneumon*), mangusto egípcio. – 120.
- Islas Ocçidentales: Ilhas Ocidentais, Caraíbas. – 117.
- Imao/s: Montes Imaus, cadeia montanhosa referida pelos antigos geógrafos, identificável com os Himalaias. – 154, 544.
- India: Índia. – 7, 11, 15, 16, 18-20, 24, 34, 36, 37, 39, 40-42, 44, 46, 49, 51, 54, 57, 59, 60, 62, 68, 69, 71, 75, 79-82, 84, 86, 89, 91, 101, 103, 105, 108, 109, 111, 112, 114-122, 124, 125, 129-132, 134-137, 140, 142-145, 149, 154, 155, 159, 160-162, 168, 171, 175, 178, 191, 192, 194, 196, 201, 219, 231, 240, 249, 257, 263, 264, 278, 279, 293, 323, 345, 355, 360-362, 364-367, 369, 374, 376, 387-390, 392, 398, 408, 409, 418, 433, 458, 468, 472, 479, 481, 483, 485, 486, 489, 501, 510, 512, 521, 522, 525, 532, 544, 546, 555, 560, 572, 581, 582, 584-586, 589, 590, 591, 594, 596, 608, 609, 610, 613, 625, 628, 629, 637, 638, 640, 641, 649, 653, 654, 659, 660, 662, 663, 665, 666, 667, 670, 676-679, 682, 685, 687-690, 694-696, 700.
- indiana/s: Língua sânscrita ou os seus caracteres. – 138, 281; v. bramene.
- Indiana/s/o/s: Indianos, habitantes ou originários da Índia. – 81, 99, 136, 138, 141, 142, 144, 145, 150, 153, 154, 191, 281, 288, 392, 531, 672; v. India.
- Índias: Índias Ocidentais ou Novo Mundo. – 26; v. Índias Ocçidentales; v. Nueuo / Nuevo Mundo.
- Índias Ocçidentales: Índias Ocidentais ou Novo Mundo. – 47, 50, 52, 81, 114, 115, 119, 407, 409, 418, 483; v. Índias; v. Nueuo / Nuevo Mundo.
- Índias Australes: América do Sul. – 409.
- Indico / Mar Indico: Oceano Índico. – 154, 180, 269, 407, 458, 483, 544.
- indio/s: Indiano, natural da Índia. – 51, 79, 81, 84, 119, 124, 129, 141, 143, 150, 219, 279, 418, 531, 550, 593, 609.
- Indo: Rio Indo, um dos grandes rios do subcontinente indiano, que desagua no Mar

- Arábico. – 136, 168, 365, 389.
- Indostan: Hindustão, designação que abrange genericamente o subcontinente indiano. – 99, 136-138, 143, 148, 149.
- Inglaterra: Inglaterra. – 160, 364-367, 376, 377, 407, 584, 585, 628.
- ingles/as/es: Ingleses, naturais ou habitantes de Inglaterra. – 51, 52, 154, 160, 161, 294, 298, 345, 351, 362, 366, 367, 375-377, 407-409, 419, 436, 520, 524, 527, 533, 540, 551, 554, 563, 582-586, 589, 594, 596, 629, 667-673, 675-678, 683, 687, 688, 696, 700; v. Inglaterra.
- Inocênciao quarto: Sinibaldo Fieschi (c.1195-1254), que foi papa com o nome de Inocênciao IV (p.1243-1254). – 392.
- Inquisição: Inquisição de Goa. – 124, 146.
- inperio: Império. – 136, 137, 151, 237, 238, 284, 295, 312, 314, 326, 366, 385, 391, 393, 400, 402, 412-414, 419, 421, 424, 427-429, 438, 442, 444, 445, 449-452, 454-456, 459, 465, 475, 476, 504, 509, 518, 541-544, 553.
- iogue/s: Iogue denota o praticante de yoga, mas pode também designar o asceta ou eremita, em contexto indiano. – 141-143, 150, 152, 153; v. ermitão/s; v. hermitão/s; v. sancton/es.
- Irum Zami: *Iran* (persa), Pérsia; *zami* (persa), terra; talvez corresponda à expressão *Iranzamin*, que designa o 'território iraniano'. – 251.
- Isac: Residente em Ormuz, talvez de origem judaica, que falava espanhol. – 192.
- Isauros: Habitantes da Isáuria, antiga designação de uma região situada no sul da Ásia Menor. – 378.
- Istmicos: Jogos Ístmicos, que se realizavam na antiga Grécia, junto ao istmo de Corinto. – 321.
- Italia: Itália. – 8, 30, 109, 114, 126, 129, 144, 295, 317, 335, 345, 346, 362, 404, 417, 512, 541, 548, 553, 642.
- Italiano/s: Italianos, naturais ou habitantes de Itália. – 47, 111, 245, 294, 298, 345, 353, 359, 432; v. Italia.

J

- jacas: Jaca, fruta da jaqueira. – 114, 115.
- jaçerina: *Jacerina* (esp.), jazerina, cota de malha muito fina. – 335.
- Jacobe de Morales: Jácome de Morais Sarmento, português que capitaneou vários navios da carreira da Índia e na década de 1620 exerceu funções de capitão da fortaleza de Moçambique. – 628, 629, 644, 683.
- Jacobitas: Partidários da Igreja Ortodoxa Siríaca. – 433, 448, 451, 518.
- jacos: Cota de malha. – 335, 499.
- Jacupo Cham: Yaqub Khan, governador *qizilbas* de Xiraz em 1590, quando Xá Abbas I conquistou a cidade. – 251.
- Jaen: Jaén, cidade do sul de Espanha; 37° 46' N, 3° 46' E. – 447.
- jaezes de ginetá: Jaez, aparelho e adorno de cavalo. – 335, 433, 448, 451, 518.

- janbos: Jambo, fruto do jambeiro ou jamboeiro. – 113, 115.
- jangada/s: Embarcação improvisada. – 17, 682.
- jangomas: Jagoma ou jangoma, fruta da jangomeira. – 114.
- Janiçaros: Janízaro, militar otomano de uma tropa especial constituída por homens arregimentados durante a infância em territórios ocupados. – 279, 438, 441, 468, 479, 499; v. Geniçaros.
- Japon: Arquipélago do Japão. – 377, 408, 409, 604.
- jaramagos: Saramago ou rábano silvestre. – 231.
- jarçias: Enxárcia. – 17, 58, 85, 118.
- jardín/es: Jardim. – 84, 105, 111, 112, 117, 120, 124, 125, 128, 146, 191, 214, 218-220, 230, 231, 233, 234, 242, 243, 246, 253-255, 259, 264, 266, 269, 287, 292, 294, 300, 301, 306, 309, 311, 316, 324, 344, 345, 358, 380, 386, 419, 424-426, 447, 460, 461, 493, 524, 527, 565, 629, 641, 642, 662.
- Jarun: Djerun ou Gerun, outro nome para a ilha de Ormuz. – 568; v. Gerun; v. Ormuz.
- Jarun: Jahrum ou Jahrom, localidade iraniana no caminho entre Xiraz e Lar, onde existia um caravançara; 28° 30' N, 53° 3' E. – 225, 226, 232, 568, 570, 571, 573, 574.
- Jarun: Rio não identificado, na terra firme iraniana fronteira à ilha de Ormuz. – 357.
- Jarustan: Shahrstan, localidade iraniana a sul de Ispaão, onde existia um caravançara. – 293, 555.
- Jason: Jasão, figura da mitologia grega. – 433.
- jaspes: Jaspe, pedra preciosa. – 281, 284, 301, 320, 529, 530.
- Jasques: Jask, porto da costa meridional do Irão, situada no cabo do mesmo nome; 25° 38' N, 57° 46' E. – 168, 176, 365, 366, 367, 375-377, 583, 585, 586, 667, 668, 670, 671, 696.
- jauales / jaualis: Javali (animal). – 253, 254, 349, 351, 417.
- Jaxartes: Rio da Ásia Central, que desagua no Mar de Aral, identificado com o Syr Darya. – 415; v. Calima; v. Jaxasarte; v. Laxartes.
- Jaxasarte: Provável lapso por Jaxartes. – 394; v. Jaxartes.
- jazmines: Jasmim, planta de flores muito aromáticas. – 116, 529.
- Jeconias: Rei de Judá em princípios do século VI AEC, filho de Joachaz. – 476.
- Jeremias: Profeta hebreu; o Livro de Jeremias é um dos livros do *Antigo Testamento*. – 451, 459, 473-476.
- Jerusalen: Jerusalém. – 459, 461, 476; v. Hierusalem / Hierusalen.
- Jesda: Yazd, cidade iraniana; 31° 53' N, 54° 22' E. – 309, 507, 524.
- Jesuitas: Jesuítas, membros da Companhia de Jesus. – 392, 541, 683; v. Apostolos; v. Conpañia / Conpañia de Jesus.
- Joachaz: Joacaz, rei de Judá em finais do século VII AEC, filho de Josias. – 458.
- Joachin / Joaçin: Joaquim, rei de Judá em finais do século VII e inícios do século VI AEC, filho de Josias e irmão de Joacaz. – 476.
- Jonas: Profeta hebreu; o Livro de Jonas é um dos livros do *Antigo Testamento*. – 451.

- Jonia: Jónia, região da costa sudoeste da Anatólia, na actual Turquia. – 238, 398, 434.
- Jor: Johor, sultanato da Península Malaia. – 142.
- Joran: Hadoram, personagem bíblico do *Antigo Testamento*, filho de Tou, rei de Hamath. – 459; v. Emath; v. Thou.
- Jorge de Aguiar: Jorge de Aguiar comandava uma das naus da armada da carreira da Índia de 1508, a qual naufragou nas imediações do Cabo da Boa Esperança; talvez se possa identificar com o cartógrafo português homónimo. – 37.
- Josepho: Flávio Josefo (c.37-101), político e historiador judeu, que se radicou em Roma, onde escreveu diversas obras literárias e cronísticas sobre história judaica. – 476.
- Josias: Rei de Judá na segunda metade do século VII, filho de Amon. – 476.
- Jouiano / Joviano: Flávio Joviano, imperador romano (r.363-364). – 450-452.
- Jouio / Jovio: Paolo Giovio (1483-1552), humanista italiano, autor de diversas obras de história e actualidade, nomeadamente da *Historiarum sui temporis*. – 426, 436, 438, 441.
- joyas: Jóia. – 123, 129, 142-144, 154, 218, 324, 365, 366, 401, 415, 505, 588, 589, 675.
- Juabo: Um dos braços do delta do rio Cuama ou Zambeze, em África. – 644.
- Juan Brandon: Parece corresponder a São Brandão, ou Cargados, uma das ilhas do arquipélago das Mascarenhas, no Oceano Índico; 16° 35' S, 59° 37' E. – 694.
- Juan Canthacuzeno: João VI Cantacuzeno (c. 1292-1383), imperador bizantino (r.1347-1354) e autor de uma história de Bizâncio. – 239.
- Juan Caruallo / Carvallo Mazcareñas: João Carvalho Mascarenhas, soldado português estacionado em Ormuz, que mais tarde, na sequência de um cativo em Argel entre 1621 e 1626, publicaria a *Memorável relação da perda da não Conceição* (1627). – 560, 561, 562.
- Juan da / de Noua / Nova: Ilha de João da Nova, no Canal de Moçambique. – 630, 633, 637.
- Juan de Barros: João de Barros (1496-1570), cronista português do século XVI, autor, entre outras obras, das *Décadas de Ásia*. – 142.
- Juan de Quadros: João de Quadros, capitão da fortaleza portuguesa de Mascate em 1617. – 170.
- Juan de San Matias: Frei João de São Matias, franciscano português que missionou na Índia nas primeiras décadas do século XVII. – 139.
- Juan de Silua, don: Don Juan de Silva, fidalgo espanhol que governou as Filipinas entre 1609 e 1616, data da sua morte; era familiar de Don García de Silva. – 361.
- Juan de Sosa: João de Sousa, soldado português estacionado em Ormuz em 1617. – 370, 371.
- Juan del Frioli: Provável referência a Frei Odorico de Pordenone (1286-1331), missionário franciscano natural da região de Friuli em Itália, que viajou pela Ásia e escreveu um relato das suas andanças. – 392.

- Juan Feyjoo: João Feijó, português que desempenhava funções de juiz em Moçambique na década de 1620. – 642.
- Juan González: Juan Gonzalez, um dos criados de Don García de Silva. – 229.
- Juan Leon Africano: Joannes Leo Africanus ou Leão Africano (c.1494-c.1554), autor de uma célebre «Descrittione dell'Africa», publicada por Giovanni Battista Ramusio em 1550. – 229.
- Juan Magno: Johannes Magnus (1488-1544), teólogo e historiador sueco, autor de uma *Historia de omnibus gothorum sueonumque regibus* (1554); irmão de Olaus Magnus. – 436; v. Olao Magno.
- Juan obispo Olmuçense: Johannes Dubravius (1486-1553), bispo de Olomuc, na Boémia, autor de uma *Historia Regni Bohemiae*. – 436.
- Juan Rangel: Ilha de João Rangel, no território de Goa. – 105.
- Juan Rodriguez de Luçena: João Rodrigues de Lucena, capitão português de um patacho que em 1618 viajou de Ormuz para Goa. – 602, 603.
- Juan Saxon: Johann Saxo Grammaticus (c.1150-c.1220), historiador dinamarquês, autor de uma *Gesta Danorum*. – 436.
- Juan Vilani: Giovanni Villani (c.1275-1348), autor de uma *Nuova Cronica*, relato da história de Floença. – 512; v. Historia de Italia.
- Juan 22: Jacques d'Euse (1249-1334), que foi papa a partir de 1316 com o nome de João XXII. – 309.
- Juan Tadeo / Thadeo: Juan Tadeu de San Eliseo (1574-1634), carmelita descalço espanhol que missionou na Pérsia entre 1607 e 1629. – 347, 349, 367, 503, 510, 529, 533, 553, 562, 596; v. San Elisio.
- Jubileo: Jubileu, comemoração religiosa da Igreja Católica, que se comemora a cada 25 anos. – 150.
- Juçef Aga: Yusuf Agha, eunuco e guarda-mor do harém de Xá Abbas I. – 525; v. Yuçef Aga.
- Juda: Judá, uma das doze tribos de Israel. – 476.
- Judas: Um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. – 211.
- Judia: Baixos da Judia, também conhecidos como Baixos da Índia, pequena ilhota situada no Canal de Moçambique, 21° 28' S, 39° 40' E. – 62, 632, 633.
- Judios: Judeus. – 171, 174, 184, 191, 213, 461, 526, 564, 587, 672.
- juez: Juiz. – 102, 640-642, 670.
- Julfa: Antiga metrópole arménia, situada no actual território do Azerbaijão; 38° 57' N, 45° 37' E. – 295; v. Julfa; v. Julpha.
- Julfa: Nova Julfa, bairro da cidade iraniana de Ispaão onde residia a comunidade arménia forçada a migrar de Julfa, na antiga Arménia. – 297, 306, 510, 520; v. Julfa; v. Julpha.
- Julliano: Juliano, imperador romano (r.361-363), conhecido como o Apóstata. – 446, 451, 452, 454, 455, 463, 464, 466, 469, 470, 485.
- Jullio: Pintor italiano, de origem grega, que estava ao serviço de Xá Abbas I. – 317.
- Jullio Calphurnio: Jullius Calpurnius, informador mencionado por Flávio Vopisco, na sua *Historia Augusta*. – 467; v. Flauio Vopisco; v. Vopisco.

- Julpha: Julfa, antiga metrópole arménia, situada no actual território do Azerbaijão. – 423, 442; v. Julfa.
- Julpha: Nova Julfa, bairro na cidade iraniana de Ispão. – 307-309, 518, 520, 545, 548; v. Julfa.
- Julpha: Julfar, porto da costa árabe do Golfo Pérsico, no local da actual Ras al-Khaimah. – 373, 590, 671.
- Julphianos: Julfianos, habitantes arménios do bairro de Nova Julfa, em Ispão. – 308, 433, 538, 544; v. Julfa; v. Julpha.
- jumentos: Jumento (animal de carga). – 209, 236, 266, 292, 453, 496, 572, 582, 593.
- Juna / Juna Conbar: Ilha de Santo Estêvão ou de Juá, no território de Goa. – 100, 101, 104, 148, 612; v. Nuño de Acosta; v. San Esteuan.
- junça: Juncia, planta aromática. – 571.
- juncos: Junco, nome genérico de diversas plantas típicas de zonas húmidas. – 115, 230, 231, 236, 257, 575.
- Jupiter Amon: Júpiter, divindade romana, que depois da conquista do Egipto pelos Romanos aparece associada a Amon ou Amun, divindade egípcia. – 389.
- Jusepe: Giuseppe, criado de Don García de Silva, que era originário da região italiana de Piemonte. – 112.
- Jusepe Saluador: Jusepe Salvador ou Jusepe Arménio, intérprete arménio de Don García de Silva. – 207, 233, 288, 297, 565.
- Justiniano: Justiniano I o Grande, imperador bizantino (r.527-565). – 440.
- Justino: Marco Juniano Justino, historiador romano do século II, autor das *Historiae Philippicae*. – 389.
- Justino: Justino II, imperador bizantino (r.565-578), que era sobrinho de Justiniano I. – 440; v. Justiniano.

L

- La Mancha: Região do centro de Espanha. – 339; v. Castilla / Castilla la Vieja.
- Labrador: Terra do Labrador ou Lavrador, região do nordeste da América do Norte. – 410.
- Lacedemonios: Lacedemónios, designação dos antigos Espartanos. – 342.
- lagartos: Lagarto (animal). – 19, 110, 512; v. camaleones.
- Laguna: Baía da Lagoa ou Delagoa Bay, actual Baía de Maputo, em Moçambique. – 696, 698.
- Laguna: Caravançarai a sul da cidade iraniana de Xiraz, talvez nas proximidades do lago Maharlu. – 567.
- Lajazo: Golfo de Lajazo, actual golfo de Iskenderum, na costa sul da Turquia. – 445.
- Lala Bec: Lalah Bek ou Muhibb Ali Bek Lala, *ghulam* (escravo da casa real) de Xá Abbas I. – 360.
- lança/s : Lança (arma). – 468, 515.
- Lang: Alcinha de Tamerlão (Timur-i-Lang), que significava ‘coxo’. – 417; v.

- Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- lantisco/s: Almecega ou lentisco. – 291, 561; v. lentisco/s.
- Laor: Cidade de Lahore, no Punjab, actualmente no Paquistão; 31° 32' N, 74° 20' E. – 388, 390, 489, 528, 530-532, 536-541, 543-546, 549, 550.
- Laor: Rei de Lahore, o mesmo que Grão Mogor. – 489, 531, 538, 544, 546; v. Gran Mogor; v. Mogor.
- lapis: *Lapis philosophorum*, a pedra filosofal, um dos principais objectivos dos alquimistas. – 410; v. clauicola de Salomon.
- Lara: Lar, cidade iraniana, 27° 40' N, 54° 20' E; a mesma designação aplicava-se à província ou reino de Lar ou Larestan. – 159, 196, 199-203, 205-208, 210-215, 218-226, 230, 232, 233, 241, 244, 250, 251, 253, 259, 260, 268, 293, 306, 310, 369, 387, 458, 468, 479-483, 486, 529, 558, 568-570, 573-579, 581, 582, 590, 592, 593, 596, 642, 646, 665, 667, 668, 671.
- Lareca: Ilha de Larak, nas proximidades de Ormuz, 26° 51' N, 56° 21' E. – 199, 570; v. Areca.
- larin/es: Larim, moeda de prata iraniana. – 216, 580.
- latin/a/s: Letras e língua latinas. – 77, 138, 275.
- Latina/s / Latino/s: Latinas/os (igreja, nações, povos, religião, ritos). – 47, 138, 238, 239, 262, 308, 309, 396, 399, 400, 413, 437, 438, 444, 446, 518.
- laton: Latão. – 205, 215, 539; v. estaño.
- lauancos: Lavanco, ganso bravo. – 125, 267, 609; v. lavancos.
- laurel/es: Louro, loureiro (planta). – 245, 256.
- lavancos: Lavanco, ganso bravo. – 622; v. lauancos.
- Laxartes: Provável lapso por Jaxartes. – 387; v. Jaxartes.
- Lazaro: Lázaro de Batânia, personagem do *Novo Testamento*, amigo de Jesus Cristo. – 406.
- Lazia: Antigo reino na margem oriental do Mar Negro. – 439.
- Lazis / Lazos: Povo do Cáucaso que no século I AEC se estabeleceu na região de Colchis, na costa oriental do Mar Negro. – 315, 353, 428, 430, 437, 439; v. Colchos; v. Mengleros.
- Leandro: Frei Leandro de la Anunciación, carmelita espanhol que missionou na Pérsia. – 529, 533.
- lebreles: Lebréu, cão de caça. – 323.
- lechugas: Alface. – 117.
- lechuza: Mamão (animal), mulo ou mula de pouca idade. – 111.
- Ledesma: Aldeia na região de Salamanca, em Espanha; 41° 5' N, 5° 59' O. – 209.
- Leilan: Praça do Leilão, na antiga cidade de Goa. – 124; v. Leylan.
- Lela: Referência a Fatima Masumeh ou Fatimah al-Masumah (790-816), especialmente venerada na cidade iraniana de Qom, que era irmã de Ali al-Ridha, oitavo imame do Xiísmo duodecimano. – 327, 329.
- lentisco/s: Lentisco, almecegueira. – 230-232, 235, 253; v. lantisco/s.
- leon/es: Leão (animal). – 50, 51, 271, 275, 281, 318, 418, 472, 477, 479.
- Leonor Tenreyro: Leonor Tenreiro, mulher de Dom Lopo de Almeida, que na déca-

da de 1620 era capitão da fortaleza de Rachol, no território de Goa. – 662; v. Lope de Almeyda.

Lerma: Duque de Lerma, Don Francisco Gómez de Sandoval (c.1552-1623), um dos validos do rei Felipe III de Espanha. – 232.

Leuante: Levante, designação genérica atribuída às regiões banhadas pela parte oriental do Mar Mediterrâneo. – 324, 346, 350; v. Levante.

Leuantiscos: Levantinos, designação atribuída aos habitantes das regiões mais orientais banhadas pelo Mediterrâneo. – 338, 469; v. Leuante; v. Levante.

Levante: Designação genérica atribuída às regiões banhadas pela parte oriental do Mar Mediterrâneo. – 425; v. Leuante.

Leylan: Praça do Leilão, na antiga cidade de Goa. – 122, 146; v. Leilan.

Libano: Monte Líbano, cadeia de montanhas situada no actual território do Líbano. – 548, 549.

Libra: Libra ou Lira, constelação do hemisfério celestial norte. – 140, 511; v. Lira.

Liçia: Lícia, região na costa sudoeste da Anatólia. – 238, 398, 401.

Liçinio Muçiano: Caio Licínio Muciano, que foi governador da Síria no tempo do imperador Vespasiano (r.69-79). – 497.

Liçino Valeriano: Públio Licínio Valeriano (c.200-260), imperador romano (r.253-260). – 466; v. Valeriano.

liebres: Lebre (animal). – 107, 182, 186, 253.

lienço/s: Tecido. – 78, 133, 134, 145, 148, 151, 152, 186, 221, 242, 255, 261, 296, 433, 467, 567.

Lima: Monte de Lima, na região de Musandam, no Oman. – 178, 179, 181.

limas: Lima, fruto da limeira. – 234, 269.

limoneros / limones: Limoeiro, limão. – 84, 114, 169, 219, 234, 269, 429, 460, 577, 613, 640.

Lira: Lira, ou Libra, constelação do hemisfério celestial norte. – 26; v. Libra.

Lisboa: Cidade portuguesa. – 7-10, 12, 16, 19, 21, 24, 39, 44, 45, 54, 57, 71, 72, 86, 88, 91, 130, 362, 510, 613, 638, 663-665, 679, 682, 690, 692, 699.

Lisboa: Rio de Lisboa, designa o Tejo, que desagua junto a Lisboa. – 7, 16, 39, 44, 45, 663; v. Tajo.

litera/s / literillas: Liteira, palanquim. – 207, 210, 221, 222, 229, 286, 289, 293, 493, 495, 500-502, 555-557, 561-563, 568, 576; v. andor/es; v. palanquin/es.

Lituania: Lituânia, região e ducado junto ao Mar Báltico. – 412.

Lituanos: Lituanos, habitantes ou originários da Lituânia. – 412; v. Lituania.

Loanda: Luanda, porto da costa de Angola. – 65; v. mal de loanda.

Lobato: Um grumete da armada que em 1614 saiu de Lisboa, rumo à Índia. – 80.

Lobo: Criado português de Don García de Silva. – 112.

lobo/s: Lobo (animal). – 107, 108, 318.

lobo/s marino/s: Lobo-marinho. – 47-52, 512, 698, 699; v. lupos.

Lonbardia: Lombardia, região no norte de Itália. – 219, 429.

Londres: Cidade inglesa. – 584.

Longobardos: Lombardos ou Longobardos, povo germânico que no século VI se

estabeleceu na região setentrional de Itália. – 295.

Lope de Almeyda, don: Dom Lopo de Almeida, capitão do forte de Rachol, na faixa litoral do território de Goa, na década de 1620. – 662; v. Leonro Tenreyro.

Lorenço Pirez de Carvalho: Lourenço Pires de Carvalho, fidalgo português que viajou para a Índia em 1614; mais tarde viria a pertencer ao conselho do rei Felipe IV de Espanha. – 85.

Luçiano: Luciano de Samosata (125-181), escritor sírio de expressão grega. – 444, 465.

Luçio Afranio: Lúcio Afrânio, poeta romano do século I AEC. – 430.

Luçio Lucullo: Lúcio Lúculo (c.118-56 AEC), político e general romano. – 422, 442; v. Lucullo.

Luçio Vero: Lúcio Vero, imperador romano (r.161-169). – 452, 454, 465.

Lucullo: Lúcio Lúculo (c.118-56 AEC), político e general romano. – 423, 425, 442; v. Luçio Lucullo.

Luis Ataíde, don: Dom Luís de Ataíde (1517-1581), fidalgo português que foi duas vezes vice-rei do Estado da Índia (1568-1571 e 1578-1580). – 104.

Luis de Fonseca: Luís da Fonseca Coutinho, matemático português que na passagem do século XVI para o XVII anunciou a descoberta de uma 'agulha fixa', que permitiria determinar a longitude a bordo dos navios da carreira da Índia. – 70, 72, 73, 410, 411.

Luis de Gama, don: Dom Luís da Gama, capitão da fortaleza de Ormuz entre 1614 e 1619. – 182, 199, 367, 368-370, 373, 375, 521, 665, 666.

Luis de Mora Rolin: Luís de Moura Rolim, capitão português de um navio da armada da carreira da Índia de 1621; morreu no ano seguinte, no assalto anglo-persa à fortaleza de Ormuz. – 663, 675.

Luis de Ribera: Luís de Ribeiro, frade agostinho residente em Ormuz, que viajou para a Pérsia com Don García de Silva. – 226.

Luis de Sosa: Luís de Sousa, fidalgo português que em 1619-1620 desempenhou funções de capitão de Ormuz. – 560, 581, 585, 586-588, 666.

Luis Gago: Luís Gago, vizinho de Ormuz, morto no assalto anglo-persa à cidade em 1622. – 607, 675.

Luis Lobo, don: Dom Luís Lobo, capitão da fortaleza de Cananor na década de 1610. – 79.

Luis Pereira: Luís Pereira de Lacerda, fidalgo português que conduziu uma embaixada à Pérsia em 1604-1605. – 523.

Luna: Lua. – 12, 33, 63, 112, 140, 149, 170, 175, 202, 205, 221, 222, 227, 228, 266, 495, 513, 538, 551, 556, 567, 568, 571, 574, 598, 626, 629, 642, 643, 653, 655, 697.

Lupercal / Lupercos: Lupercalia, antiga festividade romana, que se caracterizava por alguma licenciosidade; algumas das suas práticas terão sido incorporadas no Carnaval. – 538, 539.

lupos: *Lupo* (italiano), lobo-marinho. – 47; v. lobo/s marino/s.

M

- Macao: Porto de Macau, no litoral meridional da China. – 389.
- maças: Maça (arma). – 332, 345.
- Maçedones: Macedónios, naturais ou residentes da Macedónia; relativo a Macedónia. – 438; v. Maçedonia.
- Maçedonia: Macedónia, região dos Balcãs. – 239, 284.
- Maçiera: Maceira ou Masirah, ilha e enseada na costa oriental do Oman. – 166, 167, 695.
- Madalena: Rio Madalena ou Magdalena, que atravessa a Colômbia e desagua no Mar das Caraíbas. – 50.
- Madera: Ilha da Madeira, no Oceano Atlântico. – 10, 11, 46, 83.
- Madre de Dios: Passo de Daugim, também chamado da Madre de Deus, no território de Goa. – 103, 104, 148; v. Augin; v. Daugin.
- Madre de Dios: Madre de Deus, bairro na antiga cidade de Goa. – 124.
- Madrid: Cidade espanhola. – 11, 26, 70-73, 113, 218, 230, 245, 303, 320, 348, 362, 404, 407-410, 517, 519, 541-543, 560, 665, 666.
- Mafeo: Maffeo Polo (c.1252-c.1310), tio do viajante italiano Marco Polo. – 390; v. Marco Polo.
- Magallanes: Estreito de Magalhães. – 37, 51, 408, 409.
- Mahamet: Maomé (c.570-632), profeta e fundador da religião islâmica. – 225, 261, 289, 296, 314, 327, 335, 424, 445, 469, 470, 492, 500, 513, 514, 517, 575; v. Mahoma.
- Mahamet: Xequê das ilhas de Barém em 1618. – 481; v. Baharen.
- Mahamet: Mehmed Agha, embaixador otomano enviado à corte de Xá Abbas I. – 530, 549; v. Chaus del Turco.
- Mahamet: Mehmed III, sultão otomano (r.1595-1603). – 447.
- Mahamet Aga: Enviado à Pérsia por Tatar Khan, irmão do rei de Caffa. – 353, 392; v. Cafa; v. Tatar Cham / Tatarcham.
- Mahamet Alhamar: Muhammad ibn Nasr al-Ahmar, fundador da dinastia nasrida de Granada (r.1238-1273), na Península Ibérica. – 235.
- Mahamet Baxa: Kara Mehmed Pasha (?-1619), político e militar otomano, que exerceu funções de grão-vizir. – 440, 441.
- Mahamet Codabanda: Mohammed Khodabanda, xá da Pérsia (r.1578-1587), pai de Abbas I. – 310, 341, 359, 380, 421, 509; v. Codabanda.
- Mahamet Jahan: Shaikh Mohammad Jahan, nome do guardião do mausoléu de Baba Khui, nas cercanias de Xiraz. – 256; v. Baba.
- Mahiar / Mahier: Mahyar, localidade iraniana nas proximidades de Ispão, onde existia um caravançarai. – 293, 556.
- Mahim / Mahin: Mayin, localidade a norte de Xiraz, nas imediações da antiga Persépolis. – 267, 287-289, 561, 562; v. Main.
- Mahoma: Maomé (c.570-632), profeta e fundador da religião islâmica. – 296, 289; v.

- Mahamet.
- Mahometana/o/os: Maometanos ou Muçulmanos. – 136, 350, 394, 439, 446, 526, 535, 544, 552, 554, 640; v. Moro/s.
- Maidan: *Maydan* (árabe) ou *meydan* (persa), praça pública; em sentido estrito, referência à praça real Naqsh-e Jahan, em Ispão. – 298, 300, 306, 357, 380, 528, 566; v. Maydan.
- Main: Mayin, localidade a norte de Xiraz, nas imediações da antiga Persépolis. – 558, 561, 562; v. Mahim / Mahin.
- mal de loanda: Mal de Luanda, designação atribuída ao escorbuto. – 65.
- Malabar: Região da costa sudoeste da Índia. – 69, 79, 81, 84, 85, 136, 544.
- Malabares: Habitantes ou residentes do Malabar. – 81, 88, 89, 601, 602, 617, 618, 639; v. Malabar.
- Malaca: Cidade portuária da Península Malaia. – 112, 141; v. Aurea Quersoneso.
- malaya: Língua malaia. – 145.
- Maldiuar: Arquipélago das Maldivas, no Oceano Índico. – 67, 69, 75, 79, 84, 118.
- malemo/s: Termo que no Oriente designava o piloto de uma embarcação, do árabe *mu'allim*. – 165, 166.
- Maliapor: Meliapor ou Mylapore, cidade na costa oriental da Índia; 13° 2' N, 80° 16' E. – 609; v. Meliapor; v. Sancto Thome; v. Santo Thome.
- Malic: Shah Malik, um dos generais de Tamerlão. – 415; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- Malucas / Maluco: Arquipélago de Maluco, na parte oriental da Indonésia. – 60, 361, 389, 409, 601.
- Mamale: Ilhas de Mamale, designação do arquipélago das Laquedivas, ao largo da costa ocidental da Índia. – 69, 70, 75, 79, 81, 84, 602, 683.
- Mamellucos: *Mamluk* (árabe) denota um escravo real; mas o mesmo termo aplica-se ao Sultanato Mameluco do Cairo (1250-1517). – 438; v. Soldanes.
- Mamora: Rio Cebu, que desagua no litoral atlântico de Marrocos, junto à localidade de Mehdiá, antigamente conhecida como al-Mamura ou Mamora. – 9, 10.
- Manasses: Manassés, rei de Judá em meados do século VII AEC, filho de Ezequias. – 472.
- mançanas / mançanillas: Maçã (fruta). – 113, 114, 294, 431, 570.
- manchua/s: Manchua, pequena embarcação a remos, que podia armar uma vela redonda. – 153, 163, 182, 199, 581, 604, 649, 657, 658, 686.
- Manduin: Rua do Mandovim, na antiga cidade de Goa. – 122, 127, 128, 660, 661, 662.
- Mangalor: Mangalor ou Mangalore, porto da costa ocidental da Índia, para sul de Goa; 12° 87' N, 74° 88' E. – 87-90.
- Manganil: Nome de rua, na antiga cidade de Goa. – 130, 131.
- mangas: Manga, fruto da mangueira. – 101, 113, 114, 115.
- mangas de breton: Camas de bretão, aglomerados de sargaços ou de algas. – 43, 44.
- mangas de veludo: Mangas de veludo (ave), alcatruz branco, com as pontas das asas pretas. – 35, 49, 698, 699.

- Manila / Manilla: Manila, cidade na ilha de Luzon, nas Filipinas. – 113, 361, 604.
- manjolinhas: *Majuela* (esp.), fruto do pilriteiro ou espinheiro-alvar. – 574.
- Manolli: Provável referência a Fakhr ad-Din Ma'n, chefe druso que em inícios do século XVII se revoltou contra os Otomanos no Líbano. – 548, 549; v. Dru-so/s; v. Seida.
- Manuel Borges de Sosa: Manuel Borges de Sousa, português que exerceu o cargo de vedor da fazenda em Ormuz em finais da década de 1610. – 581; v. veedor de / de la hazienda
- Manuel Coutinho: Dom Manuel Coutinho, capitão-mor da armada da carreira da Índia em 1614. – 8, 11, 15, 16, 22, 39, 54, 82.
- Manuel de Lima, don: Referência a Miguel de Lima Torres, fidalgo português que desempenhou funções de capitão de Mascate em 1620-1622. – 677.
- Manuel de los Angeles: Manuel dos Anjos, piloto português activo na carreira da Índia nas décadas de 1610 e 1620. – 694.
- Manuel de Meneses, don: Dom Manuel de Meneses (1565-1628), fidalgo português, com longa carreira militar e marítima, tendo nomeadamente capitaneado diversas armadas da carreira da Índia. – 20, 48.
- Manuel de Sancta Maria: Frei Manuel de Santa Maria, religioso agostinho que missionou na Pérsia da década de 1610. – 581.
- Manuel de Sosa Coutinho: Manuel de Sousa Coutinho (1540-1591), fidalgo português que governou o Estado da Índia entre 1588 e 1591, e morreu num naufrágio durante a viagem de regresso a Portugal. – 62.
- Manuel del Populo: Frade agostinho que acompanhou Don García de Silva na jornada da Pérsia. – 226, 231, 257.
- Manuel Gomez o Ponbo: Manuel Gomes, o Pombo, marinheiro originário da ilha da Madeira, que em 1614 viajou para a Índia. – 83.
- Manuel Piñeiro: Manuel Pinheiro, jesuíta português muito activo no Império Mogor no final do século XVI e princípios do século XVII. – 390.
- Maracanda: Samarcanda. – 387, 394; v. Samarcant.
- Marañon: Rio Maranhão, designação atribuída ao rio Amazonas, no Brasil. – 21, 50.
- maravedis: Maravedi, moeda de ouro, mais tarde de prata, que correu nos reinos ibéricos. – 216
- Marçal de Gouea: Marcial de Gouveia, soldado português que em 1614 estava no forte de Comorão. – 371, 373.
- Marco Antonio: Marco António (83-30 AEC), militar e político romano. – 422, 423, 454.
- Marco Antonino: Marco Aurélio Antonino Augusto, imperador romano (r.161-180), conhecido como o Filósofo. – 465.
- Marco Caton el Vtiçense: Marco Pórcio Catão Uticense (95-46 AEC), político romano célebre pela sua inflexibilidade e integridade moral, meio-irmão de Quinto Servílio Cepião. – 403; v. Çepion; v. Vtiçense.
- Marco Craso / Crasso: Marco Licínio Crasso (c. 115-53 AEC), general e político romano, morto na batalha de Carras, contra os Partos. – 449, 450, 453; v.

- Caio Cassio.
- Marco Polo: Marco Polo (1254-1324), mercador veneziano que viajou longamente pela Ásia e que produziu um célebre relato de viagens, repetidamente publicado na Europa a partir de finais do século XV. – 389, 390; v. Millones.
- mareta: Ondulação do mar. – 10, 17, 170.
- marfil: Marfim. – 278, 336, 483, 540, 640.
- Margarita: Ilha Margarita, ao largo da costa nordeste da Venezuela. – 483.
- Margaskan: Talvez identificável com Marvdasht, localidade iraniana a nordeste de Xiraz. – 250, 266-270, 283, 286, 386, 485.
- mariscos: Marisco. – 24, 135, 593, 652.
- marmol / marmor/es: Mármore. – 120, 147, 213, 243, 247, 248, 256, 257, 259, 270-276, 281, 282, 284, 301, 320, 529, 542, 543, 566.
- Maronitas: Membros da Igreja Maronita, igreja católica de rito oriental, que se desenvolveu sobretudo no Líbano. – 297, 433, 448.
- Marques de Velada: Don Gómez Dávila y Toledo (1541-1616), segundo marquês de Velada. – 410; v. Velada.
- marrecas: Marreco, pequeno pato. – 267.
- marrajo/s: Marracho, espécie de tubarão. – 18, 19, 30, 60, 646, 647; v. tintoreras.
- Marsella: Marselha, cidade no litoral meridional de França. – 678.
- Marsos: Marsi, antigo povo italiano, estabelecido na região de Roma. – 109.
- marta/s: Marta (animal). – 120, 353, 432.
- Martin Alfonso de Melo: Martim Afonso de Melo, fidalgo português que desempenhou funções de capitão da fortaleza de Mascate em 1623. – 677.
- Martin Cromero: Marcin Kromer, ou Martin Kromer (1512-1589), diplomata e historiador de origem polaca, autor de uma história da Polónia. – 412.
- martinetes: Goraz ou garça nocturna; penacho de plumas desta ave. – 609.
- martinetes: Martinete, espécie de maço ou martelo de guerra. – 332, 334.
- Martinopolis: Embora não se encontre referência a este topónimo, pode identificar-se com Mardin, no sudeste da actual Turquia. – 451; v. Merdim.
- Maruecos: Marrocos, região e reino no norte de África. – 174.
- Masandaran / Masandari: Mazandaran, província iraniana, junto ao Mar Cáspio. – 377, 418-420, 489, 503, 524.
- Masaut: Médico persa de Tamerlão, que parece poder identificar-se como Maulana Fazl Ullah Tabrizi. – 402; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlan / Tamurlang.
- Mascate: Porto na costa do Oman, onde existia uma fortaleza portuguesa. – 159, 177; v. Mazcate.
- Masinissa: Massinissa (c.240-c.148 AEC), rei da Numídia, no norte de África. – 403.
- mastines: Mastim, raça canina de grandes dimensões, de provável origem romana. – 108, 236, 611.
- Mata Vacas: Bairro pobre na antiga cidade de Goa. – 131.
- Mateo Riçio: Matteo Ricci (1562-1610), religioso jesuíta de origem italiana, que

- missionou longos anos na China. – 390.
- Mathias / Matias Figueira: Sotapiloto da nau em que Don García de Silva viajou para a Índia em 1614. – 83, 89.
- Matias Micouiense: Maciej Miechowita ou Matthias de Miechow (1457-1523), erudito polaco, autor de uma obra sobre a Sarmácia, o *Tractatus de duabus Sarmatis*. – 412.
- Matraca: Cabo de Matraca, na costa do Oman, corresponde a Ras Madrakah. – 166.
- Maurício: Maurits van Oranje (1567-1625), *stadhouder* dos Países Baixos desde 1585 e príncipe de Orange a partir de 1608. – 79; v. Conde Maurício.
- Maxet: Mashhad, cidade do nordeste iraniano, 36° 18' N, 59° 36' E. – 496.
- Maximiliano: Maximiliano II (1527-1576), rei da Boémia, Hungria e Croácia, e depois de 1564 imperador do Sacro Império Romano-Germânico. – 432.
- Maximino Galerio: Galério Maximiano, imperador romano (r.305-311). – 454.
- Maydan: *Maydan* (árabe) ou *meydan* (persa), praça pública; em sentido estrito, referência à praça real Naqsh-e Jahan, em Ispão. – 299-301, 319, 320, 344, 345, 351, 352, 355-358, 439, 440, 524, 527-529, 534, 535, 537, 546, 547, 550-552, 555; v. Maidan.
- maymandar: *Mehmandar* (persa), aposentador. – 335, 528, 529, 534, 538, 539, 552, 555.
- Mayor: Lago Maggior, no norte da Itália. – 429.
- Mazcate: Porto na costa do Oman, onde existia uma fortaleza portuguesa. – 169, 170, 174, 181, 184, 187, 191, 225, 508, 598, 600, 628, 653, 672, 673, 675-678, 682, 684, 689, 695; v. Mascate.
- Meca / Mecha: Cidade santa do Islão, na Arábia; 25° 25' N, 39° 49' E. – 129, 257, 483, 531, 696.
- Meca: Estreito de Meca, referência ao Estreito de Babelmandebe, à entrada do Mar Vermelho. – 696.
- medalla/s: Medalha. – 245, 277, 542, 543.
- Medea: Medeia, figura da mitologia grega. – 433.
- Media: Média, antiga designação da região que se estende para sudoeste e sul do Mar Cáspio, correspondendo aproximadamente ao planalto iraniano. – 268, 295, 307, 317, 318, 324, 326, 333, 334, 338, 341, 343, 356, 380, 386, 387, 391, 417, 418, 420-423, 426, 427, 442, 443, 452, 454, 474, 484, 495, 497, 498, 505, 509, 544, 546.
- Media Atropaça / Atropatena / Atropatia: Média Atropatena, designação clássica de uma região situada junto ao Mar Cáspio, correspondendo a territórios dos actuais Azerbaijão e Irão. – 421, 423, 427; v. Atropaça / Atropatena / Atropatia.
- Mediterraneo / Mediterraneo: Mar Mediterrâneo. – 18, 24, 354, 366, 377, 445, 468.
- Mediterraneos: Mediterrâneos, habitantes das regiões que circundam o Mar Mediterrâneo. – 437; v. Mediterraneo / Mediterraneo.
- Medos: Medos, habitantes da antiga Média. – 238, 277, 420, 421, 426, 474, 475; v. Media.

- melacotones: *Melocotón* (esp.), pêssego, fruto do pessegueiro. – 113.
- Melchior de los Angeles: Belchior Soares, que tomou o nome de Belchior dos Anjos, missionário agostinho português, muito activo na Pérsia entre 1604 e 1619. – 211, 522, 523, 533, 552, 561.
- Melchisedec: Melchisedec, que nos inícios do século XVII desempenhou intermitentemente o cargo de patriarca dos Arménios. – 501, 518, 520, 521.
- Melexsala: Al-Malik as-Salih Najm al-Din Ayyub (1205-1249), sultão do Egipto entre 1240 e 1249. – 438.
- Meliapor: Meliapor ou Mylapore, na costa oriental da Índia. – 138; v. Maliapor; v. Sancto Thome; v. Santo Thome.
- Melicarcham: Provável referência a Baqi Muhammad, soberano uzbeque dos inícios do século XVII. – 263.
- Melinde: Melinde ou Malindi, porto da costa oriental de África, no actual Quênia; 3° 13' S, 40° 7' E. – 622, 640, 650.
- Melique: Ilha do Melique, assinalada na roteirística portuguesa ao largo de Cochim, no arquipélago das Lacadivas. – 79.
- Meliqueslan: Provável transcrição de Malik Aslan, agente em Xiraz de Agha Muhammad Raza, governador da cidade de Dabul. – 257; v. Agaliza.
- Melitene: Melitene, antiga designação da actual cidade turca de Malatya, na parte oriental da Anatólia; 38° 21' N, 38° 18' E. – 444.
- melones: Melão (fruta). – 113, 205, 211, 324, 448, 494, 568, 578.
- menbrilleros / menbrillos: Marmeleiro, marmelo. – 113, 116, 324.
- Mengleros: Mingrelianos ou Mingrélios, povo georgiano, que habitava a região de Samegrelo, junto ao Mar Negro. – 436, 437; v. Colchos; v. Lazis / Lazos.
- Menphis: Menfis, antiga cidade egípcia. – 283.
- Mentor: Personagem da *Odisseia* de Homero, cujo nome ficou associado à partilha de sabedoria. – 641.
- Mercantor: Pequena ilha do território de Goa. – 105; v. Muertos.
- Merdim: Mardin, cidade no sudeste da Turquia; 37° 19' N, 40° 44' E. – 451; v. Martinopolis.
- Merida: Mérida, cidade na região da Extremadura, em Espanha; 38° 54' N, 6° 20' O. – 542, 543.
- Merodac: Evil-Merodaque, rei da Babilónia (r.562-560 AEC), filho de Nabucodonosor II (r.604-562 AEC). – 475, 476; v. Balthasar; v. Euil Merodad / Euilmerodac; v. Nabucdonosor / Nabuchodonosor.
- Mesa: Serra da Mesa, na região de Nampula, no norte de Moçambique. – 637, 647.
- Mesopotamia: Mesopotâmia, região histórica compreendida entre os rios Tigre e Eufrates. – 237, 352, 391, 425-427, 442, 444, 446, 448, 449, 450, 452, 453-461, 484, 485, 553.
- Mestizo/s: Mestiço. – 123, 132, 133, 147, 628, 629, 640, 641, 688.
- Mexias: Provável referência ao morgadio ou 'mayorazgo' espanhol de Torremexia ou Torremejia, em Mérida. – 542, 543.
- Mexico: México. – 604.

mezana: Mezena, o terceiro mastro de uma embarcação, a contar da proa, ou a vela envergada por esse mastro. – 63, 76, 622, 638, 699.

mezquita/s: Mesquita (edifício religioso). – 84, 125, 187, 225, 234, 235, 241, 242, 252, 254, 263, 267, 272, 281, 287, 289, 294, 298-302, 306, 315, 325, 327, 329, 331, 334, 425, 447, 448, 496, 502, 513-515, 526, 528, 559, 575, 579, 640.

Michael Angelo: Michelangelo Corrai, cristão sírio originário de Alepo. – 368.

miel: Mel. – 119, 254.

Miguel de Silua: Miguel da Silva, soldado português ferido no assalto anglo-persa a Ormuz em 1622. – 675.

milanos: Milhano ou milhafre, ave de rapina. – 63, 76.

mileque/s: Melequa (persa *milek*), tecido de seda, bordado a ouro. – 348, 527, 555.

Millones: *Il Milione*, apelido atribuído a Marco Polo, e também ao seu relato de viagens asiáticas. – 390; v. Marco Polo.

Mina de Cabo Verde: Referência a São Jorge da Mina, ou Elmina, no território africano do actual Gana, onde os Portugueses possuíam uma fortaleza. – 10.

Mengrelia: Mingrelia, antigo potentado na margem oriental do Mar Negro. – 439.

Mengrelos: Mingrelíes, habitantes ou originários da Mingrelia. – 432, 436, 437, 439; v. Mengrelia.

Miguel de Saa Pimentel: Miguel de Sá Pimentel era vedor da Fazenda em Ormuz em 1617. – 182.

Mirhoçen: Amir Husayn, cunhado de Tamerlão. – 416; v. Miroçen; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.

Mirhon: Mohammad ibn Khvandshah ibn Mahmud (c.1433-1498), conhecido como Mir-Khvand, cronista de língua persa, activo em Herat, e autor da obra *Rawzat as-safa*, uma crónica universal. – 395, 416, 544; v. Historia de Mirhon.

Miroçen: Amir Husayn, cunhado de Tamerlão. – 397; v. Mirhoçen; Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.

Mirunxa: Mirza Miran Shah (1366-1408), filho de Tamerlão. – 544; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.

Mirza Çelebin: Musa Çelebi (?-1413), príncipe otomano, filho do sultão Bayezid I. – 396; v. Bayazeto; v. Çelebin/o.

Mirza Jaru: Shahrukh Mirza (1377-1447), um dos filhos de Tamerlão. – 413, 416; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.

Mirza Pira Mahamet: Pir Muhammad bin Jahangir Mirza (c.1374-1407), neto de Tamerlão. – 396; v. Pir/a Mahamet; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.

Mirza Cham: Mirza Khan, filho de Hilao Khan, régulo dos Curdos, enviado à corte safávida como refém político no tempo de Abbas I. – 497.

Misales: Missal, livro litúrgico utilizado na missa. – 433.

Misericórdia: Misericórdia de Goa, instituição de assistência social. – 92, 122, 127, 187, 688.

Misia: Mésia ou Moésia, antiga região dos Balcãs, ao longo da margem sul do rio

Danúbio. – 399.

Mithridates: Mitridates VI, rei do Ponto e da Arménia Menor (r.120-63 AEC). – 422, 442.

Moabitas: Antigo povo nómada, que demorava nas regiões a leste do Mar Morto. – 456, 459.

Moçambique: Ilha de Moçambique, junto à costa nordeste de Moçambique, onde os Portugueses possuíam uma fortaleza. – 10, 18, 28, 45, 46, 48, 57, 58, 63, 91, 623, 625-629, 632, 637, 638, 640-647, 649, 677, 679-682, 686, 687, 689-691, 695, 699.

Moçandan: Moçandão ou Musandam, cabo na costa norte do Oman, junto à entrada do Golfo Pérsico. – 168, 181, 206, 597, 647; v. Monçandan.

mochuelo: Mocho, ave nocturna de rapina. – 111, 609.

Mofia: Ilha de Mafía, ao largo da costa da Tanzânia. – 622.

Mogadaxo: Modagíscio ou Mogadishu, porto na costa da Somália, 2° 2' N, 45° 21' E. – 621-622.

Mogor: Império Mogor, que hegemonizou grande parte do Hindustão; referente a imperador ou embaixador deste império. – 137, 151, 360, 364, 365, 366, 489, 524, 540, 541, 543, 548, 550; v. Gran Mogor.

Mogores: Referente ao Império Mogor ou aos seus habitantes. – 85, 154, 388, 392, 541, 544; v. Gran Mogor; v. Mogor.

Mogostam / Mogostan: Mogostão ou Moghustan, região iraniana que confronta com o Estreito de Ormuz. – 165, 168, 181, 183, 202, 206, 269, 357, 359, 369, 458, 570, 593, 595, 665, 667, 671, 673.

monachos: Monge, eremita, referente à primitiva Igreja Cristã. – 232, 262.

Monbaça: Mombaça, porto da costa oriental de África, no actual Quênia, onde os Portugueses possuíam uma fortaleza. – 58, 69, 80, 629, 640-642, 650, 659, 663, 666, 667.

Monbara: Mubarak, localidade iraniana a sul de Qazvin, no caminho para Saveh, onde existia um caravançaraí. – 333, 489.

Monbareca: Sayyid Mubarak, governante de Huwayza (r.1590-1616). – 202, 338, 479, 486; v. Çide Monbareca; v. Oeza.

Monçadan: Moçandão ou Musandam, cabo na costa norte do Oman, junto à entrada do Golfo Pérsico. – 177; v. Moçandan.

monçon: Monção, vento periódico; pode também significar vento apropriado. – 8, 24, 54, 57, 160-162, 165, 167, 376, 555, 583, 586, 596, 600, 619, 620, 628, 631, 642-644, 647, 650, 676, 679, 687, 689, 690, 691.

Moncastro: Fortaleza de Akkerman, situada na actual Ucrânia, nas margens do rio Dniester, a cerca de 15 km do local onde este desagua no Mar Negro, e que desde finais do século XV esteve nas mãos dos Otomanos. – 379; v. Alba.

Mondragon: Mondragón, capitão espanhol que viajou das Filipinas para a Europa, por via da Pérsia, na companhia de Frei Hernando de Moraga. – 361; v. Hernando de Moraga.

Mongal/es / Mongalenses: Mongóis, grupo etno-linguístico de povos das estepes da

Ásia Central. – 391, 392, 406, 407, 411, 417; v. Tartaros Mongales.

Monroy: Gutierre de Monroy, criado de Don García de Silva. – 228; v. Gutierre de Monroy.

Monte del Diablo: Alegado significado do topónimo iraniano Jafarabad. – 330, 331; v. Giafarabat.

Monterreal: Monte Real, referência a Kuh-e Rahmet, o ‘Monte da Misericórdia’, junto às ruínas da antiga cidade de Persépolis. – 285; v. Persepolis.

morabito/s: Marabuto ou morabito, o mesmo que religioso muçulmano. – 242, 252; v. alfaqui/s; v. cacizes; v. mula/s; v. muphri.

morales: Amoreira (planta). – 318.

Moras: Mouras, mulheres muçulmanas. – 174, 261, 288; v. Mouriscas; v. Moros.

moras blancas: Amora-branca-silvestre (*Rubus chamaemorus*). – 317.

Morat Baxa: Referência a Sinapaşazade Mehmed Pasha, que em 1600 comandou uma expedição otomana contra Urfa. – 447.

morçielagos: Morcego. – 611; v. murçielago.

Morea: Moreia, península do Peloponeso, na Grécia. – 350.

Moriscas: Mouras, mulheres muçulmanas. – 261; v. Moras; v. Moros.

Moro/s: Mouros, designação genérica para muçulmanos. – 79, 84, 85, 88, 89, 100-102, 104-106, 108-110, 116, 121-124, 132, 134, 136, 137, 142, 143, 146, 150, 151, 163, 170, 174, 184-187, 191, 200, 212, 216, 217, 222, 229, 278, 324, 329, 330, 341, 370, 482, 587, 593, 602, 610, 612, 628, 629, 646, 662; v. Moras; v. Moriscas.

moscas: Mosca (insecto). – 278, 570.

Moscovia / Moscúia: Moscúvia, designação aplicada à antiga Rússia. – 306, 334, 353, 362, 363, 530, 532, 536.

Moscovitas / Moscovitas / Moscovitas: Moscovitas, designação aplicada aos antigos Russos. – 315, 353, 406, 407, 411, 412, 438, 439, 530, 532; v. Moscúia.

mosquete/s: Mosquete, arma de fogo portátil. – 8, 78, 200, 220, 336, 581, 598, 603, 611, 618, 640.

mosquitos: Mosquito (insecto). – 318, 331, 493.

Mostafa: Mustafa I Deli, sultão otomano em dois períodos distintos (r.1617-1618; r.1622-1623). – 553; v. Mustafa.

Mosul: Mossul, cidade situada nas margens do rio Tigre, no actual território do Iraque; 36° 20’ N, 43° 7’ E. – 451, 452, 467, 689.

Moxincal: Mogincal ou Mogincual, região do litoral de Moçambique, entre a ilha de Moçambique e Angoche. – 679-682.

Moysen: Frade da Ordem de São Basílio, confessor da rainha Ketevan de Kakheti, na Geórgia. – 262, 563, 564; v. Begun.

Muertos: Ilha dos Mortos, pequena ilha no território de Goa. – 105; v. Mercantor.

Mugelo: Mugello, região a norte da cidade italiana de Florença. – 513.

mula/s: Mulá ou mullah (árabe *mawla*), clérigo islâmico. – 242, 243, 338, 502, 510, 513-515, 517; v. alfaqui/s; v. caçizes; v. morabito/s; v. muphri.

mulata/o/os: Mulatos. – 151, 640, 688.

muphri: Provável lapso por *mufti* (árabe e persa), juiz muçulmano. – 334.

murçielago: Morcego. – 111; v. morçielagos.

Murena: Lúcio Licínio Murena (105-22 AEC), político e militar romano, que desempenhou funções na Ásia Menor. – 423.

Murmugon: Mormugão, porto no território de Goa. – 657.

murtas: Murta-comum, planta arbustiva. – 231.

musas: *Mauz* (árabe), banana. – 115; v. higos / higeras de la India; v. platano/s.

Mustafa: Mustafa I Deli, sultão otomano em dois períodos distintos (r.1617-1618; r.1622-1623). – 509; v. Mostafa.

Mustafa: Piloto persa do Mogostão. – 165.

Mustapha: Lala Kara Mustafa Pasha (c.1500-1580), general otomano que participou em campanhas contra a Pérsia. – 442.

N

Naarmalca: Naarmalcha, canal navegável entre os rios Tigre e Eufrates. – 463, 471.

Nabucdonosor / Nabuchodonosor: Nabucodonosor, rei da Babilónia (r.555-539 AEC). – 459, 475, 476; v. Balthasar; v. Euil Merodad / Euilmerodac; v. Merodac.

Nahun: Profeta Naum, autor de um dos livros do *Antigo Testamento*. – 283, 451.

Naires: Naire (malaiala *nayar*), membro da casta nobre e militar do Malabar. – 85.

Napoles: Nápoles, cidade italiana, 40° 50’ N, 14° 15’ E; reino de Nápoles. – 330, 379, 447.

naranjas/os: Laranja (fruta). – 83, 84, 114, 169, 177, 219, 231, 233, 234, 269, 429, 460, 577, 613, 640, 642, 696.

naren: *Ilamneeru* (malaiala), côco ou leite de côco. – 119; v. coco/s.

Narseo: Narseh, também designado como Narses ou Narseus, rei da Pérsia sassânida (r.293-303). – 454.

Narsinga: Narsinga, ou Bisnaga, reino hindu de Vijayanagara. – 136-138.

Narua: Fortaleza do Espírito Santo, ou de Naroa, nas ilhas de Goa ou Tiswadi. – 100, 101-104, 117, 122, 148; v. Spirito Sancto.

Natal: Terra do Natal, no sudeste da África do Sul. – 696-698; v. Caferria.

Natan: Natanz, cidade iraniana nas proximidades de Ispaão; 33° 30’ N, 51° 54’ E. – 316, 494-497, 500, 574.

Natholia: Anatólia, região da Ásia Ocidental. – 239; v. Anatholia; v. Natolia.

Natiuidad: Dia de Natal. – 516, 518, 619; v. Naudad / Navidad.

Natiuidad de Nuestra Señora: Dia da Natividade de Nossa Senhora, que se celebra a 8 de Setembro. – 193, 563.

Natolia: Anatólia, região da Ásia Ocidental. – 379, 395, 398-400, 402, 429; v. Anatholia; v. Natholia.

naueta: Naveta, pequena embarcação não especificada. – 163, 683, 692.

naufragio/s: Naufrágio. – 16, 37, 52, 54, 62, 175, 176, 178, 229, 609, 631, 633, 658,

- 695.
- Nauidad / Navidad: Dia de Natal. – 255, 664, 683, 686; v. Natiuidad.
- Naxiuan: Nakhchivan, cidade na região do Azerbaijão; 39° 12' N, 45° 24' E. – 308, 309.
- Naytaques: Nautiques, a tribo Nodhaki do Baluchistão. – 182.
- Nazareht: Baixos da Nazaré, no Oceano Índico, nas proximidades da ilha Maurícia, 14° 30' S, 60° 40' E. – 61, 62, 64.
- Nazianzeno: São Gregório de Nazianzo (329-389), teólogo e escritor que foi Patriarca de Constantinopla. – 433; v. San Gregorio.
- neblies: Nebri, espécie de falcão utilizado na caça. – 260.
- Nebrot: Nemrod ou Nimrod, personagem bíblica. – 447.
- Nechao: Necau II, faraó egípcio do século VII AEC. – 458.
- Negroponte: Antigo potentado situado na ilha grega de Eubeia. – 346.
- Negra/s/o/s: Africanos; o termo aplicava-se também a Asiáticos. – 21, 78, 79, 81-84, 90, 110, 111, 145, 151, 153, 154, 244, 261, 332, 538, 550, 603, 626, 628, 640-646, 660, 661, 682, 684.
- Negro: Mar Negro. – 343, 378, 379, 432, 436-443; v. Ponto Eugino.
- Neron: Nero, imperador romano (r.54-68). – 411, 541, 542.
- Nestoriana: Referente ao Nestorianismo. – 359
- Nestorianos: Partidários do Nestorianismo, doutrina cristã heterodoxa avançada por Nestório, patriarca de Constantinopla no século V. – 297, 433, 450, 451, 468, 471, 518; v. Nestoriana.
- Niçephoro Gregoras: Niceforo Gregoras (c.1295-c.1360), historiador bizantino, autor nomeadamente de uma *História Romana*. – 305.
- Niçetas Coniate: Niketas ou Nicetas Choniate (c.1155-1216), historiador grego, autor entre outras obras de uma *Imperii Graeci Historia*. – 305; v. Historia Griega.
- Nicolao: Nicollò Polo (c.1292-1294), pai do viajante italiano Marco Polo. – 390; v. Marco Polo.
- Nicolas: Franciscano originário de Génova, que em 1620 estava prisioneiro na Pérsia. – 596.
- Nicopoli: Nicópolis, antigo nome da cidade búlgara de Nikopol, 43° 43' N, 24° 54' E. – 399, 402.
- nieue/s: Neve. – 37, 121, 184, 255, 264, 288, 289, 318, 325, 329, 333, 386, 407, 408, 414, 415, 443, 462, 464, 492, 533, 602; v. yelo/s.
- Nilo: Rio africano, que atravessa o Egipto e desagua no Mar Mediterrâneo. – 48, 458, 469, 486.
- Ninachatu: Nina Chatu, mercador de origem indiana, residente em Malaca na época da conquista daquela cidade malaia pelos Portugueses, com os quais colaborou posteriormente. – 141, 142.
- Niniue / Ninive: Nínive, antiga cidade da Assíria, na margem oriental do rio Tigre. – 283, 424, 451.
- Ninphas: Ninfas, figuras da mitologia grega. – 134.

- Ninphéo: Ninfeu, lugar consagrado às ninfas. – 445, 446; v. Daphne.
- Niobe: Níobe, figura da mitologia grega, filha de Tântalo. – 217.
- Nipro: Dniepre, rio que desagua no Mar Negro. – 378, 379; v. Boristenes.
- Niquilu/zés: Niquelus ou Niqueluzes, tribo árabe que se fixou na região de Nakhilu, no sul do Irão, junto ao Golfo Pérsico. – 182, 206, 368, 590-592.
- Niseno: São Gregório de Nissa (330-395), teólogo, místico e escritor cristão. – 433; v. San Gregorio.
- Nisibe: Antiga cidade de Nisibe, no local da actual Nusaybin, na fronteira entre a Turquia e a Síria; 37° 4' N, 41° 13' E. – 422, 425, 427, 448, 450-452, 455, 457.
- nisperas: *Nispero* (esp.), nêspereira, fruto da nespereira. – 114.
- Nistro: Nistru, nome romeno do rio Dniester, que desagua no Mar Negro. – 378; v. Tira.
- Nizamaluco: Nizam al-Mulk, título utilizado pelos sultões de Ahmadnagar, na Índia. – 137.
- Nogai: Nogai Khan (?-1299), chefe da Orda Dourada e um dos descendentes de Gengis Khan. – 392-393.
- Nogais: Nogáis, Mongóis da chamada Orda Dourada, liderada por Nogai Khan. – 387, 406; v. Tartaros Nogais.
- nogales: Nogueira (árvore). – 113, 116, 255, 287, 566.
- Norandino: Nur ad-Din ou Nureddin Mahmud Zengi (1118-1174), membro da dinastia Zengida, reinou na Síria entre 1146 e 1174. – 438.
- Nubia: Núbia, região do vale do rio Nilo, que corresponde a actuais territórios do Egipto e do Sudão. – 332.
- Nuestra Señora: Igreja de Nossa Senhora, em Amida, a moderna Diyarbakir. – 448; v. Amida.
- Nuestra Señora: Nossa Senhora. – 216, 350, 554.
- Nuestra Señora de Ayuda: Cabo de Nossa Senhora da Ajuda, onde existia uma igreja do mesmo nome, também chamado de Ribandar, no território de Goa. – 100; v. Nuestra Señora de Ribanda; Ribanda.
- Nuestra Señora de Graça: Frades de Nossa Senhora da Graça, ou Agostinhos, em referência ao seu convento em Lisboa. – 71.
- Nuestra Señora de Graça: Igreja, convento e terreiro de Nossa Senhora da Graça, na antiga cidade de Goa. – 130.
- Nuestra Señora de Graça: Igreja e convento de Nossa Senhora da Graça, na ilha de Ormuz. – 182, 186.
- Nuestra Señora de Guadalupe: Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, no território de Goa. – 106
- Nuestra Señora de Guadalupe: Nau *Nossa Senhora de Guadalupe*, da armada que em 1614 viajou para a Índia. – 7, 16, 39, 44; v. Guadalupe.
- Nuestra Señora de la Encarnación: Paróquia de Nossa Senhora da Encarnação, na antiga cidade de Goa. – 128.
- Nuestra Señora de la Esperança: Cabo de Nossa Senhora da Esperança, na ilha de

- Ormuz, onde existia uma igreja do mesmo nome. – 182-185, 190.
- Nuestra Señora de la Luz: Bairro e paróquia de Nossa Senhora da Luz, na antiga cidade de Goa. – 123, 124, 128.
- Nuestra Señora de la Luz: Nau *Nossa Senhora da Luz*, da armada que em 1614 largou de Lisboa rumo à Índia. – 7.
- Nuestra Señora de la Merçed: Lugar de Nossa Senhora das Mercês, em Panjim, no território de Goa, onde existia uma igreja do mesmo nome. – 662.
- Nuestra Señora de la Peña: Igreja de Nossa Senhora da Penha, na ilha de Ormuz. – 182, 183, 193.
- Nuestra Señora de la Peña de França: Nau *Nossa Senhora da Penha de França*, da armada que em 1620 saiu de Lisboa, rumo à Índia. – 613.
- Nuestra Señora de la Piedad: Igreja de Nossa Senhora da Piedade, na ilha de Santo Estêvão, no território de Goa. – 103.
- Nuestra Señora de los Remedios: Nau *Nossa Senhora dos Remédios*, da armada que em 1614 largou de Lisboa rumo à Índia. – 7; v. Remedios.
- Nuestra Señora de Nazareth: Caravela *Nossa Senhora da Nazaré*, que largou de Goa em 1620. – 617.
- Nuestra Señora de Ribanda: Cabo de Ribandar, também chamado de Nossa Senhora da Ajuda, onde existia uma igreja do mesmo nome, no território de Goa. – 102; v. Nuestra Señora de Ayuda; v. Ribanda.
- Nuestra Señora del Cabo: Promontório de Nossa Senhora do Cabo, na margem sul da embocadura do rio Mandovi, em Goa, onde existia um convento franciscano do mesmo nome. – 91, 99, 103, 105, 106, 128, 655, 657, 683; v. Talangan.
- Nuestra Señora del Carmen: Convento de Nossa Senhora do Carmo, ou dos Carmelitas, em Ispão. – 315.
- Nuestra Señora del Carmen: Igreja e convento de Nossa Senhora do Carmo, na ilha de Ormuz. – 187.
- Nuestra Señora del Monte: Igreja e rua de Nossa Senhora do Monte, na antiga cidade de Goa. – 126-128.
- Nuestra Señora del Pilar: Monte de Nossa Senhora do Pilar, no território de Goa, onde existia uma igreja e convento de Franciscanos, do mesmo nome. – 100, 106.
- Nuestra Señora del Rosario: Monte de Nossa Senhora do Rosário, em Panjim, no território de Goa, onde existia uma igreja e uma paróquia do mesmo nome. – 111, 130, 131.
- Nueva / Nueva España: Nova Espanha, vice-reino espanhol que ocupava vastos territórios americanos. – 52, 60, 601-602.
- Nueva Zenbla: Nova Zembla, arquipélago no Oceano Ártico, a norte da Rússia. – 406.
- Nuevo / Nuevo Mundo: Novo Mundo ou América. – 23, 115, 117, 409.
- nuezes: Nozes. – 248, 257.
- nuezes de la India / indicas: Coco, coqueiro. – 118, 119.

- Nuño Alvarez Botello: Nuno Álvares Botelho (?-1630), fidalgo português que foi governador do Estado da Índia por um breve período, em 1629. – 613, 663.
- Nuño de Acosta: Ilha de Nuno da Costa, também conhecida como de Santo Estêvão ou de Juá, no território de Goa. – 101; v. Juna / Juna Conbar; v. San Esteuan.
- Nuño de Acuña: Nuno da Cunha, capitão português de Sofala e Moçambique em 1623. – 679.
- Nuño Pereira: Nuno Pereira Freire, capitão português da nau *São Tomé*, que viajou de Lisboa para a Índia em 1622. – 679.
- Nurum Cham: Nurum Khan, governador da região de Balkh, por mandato do soberano uzbeque Imam Quli. – 263; v. Badia Zaman.

O

- Obdenato / Obdenato Palmireno: Septímio Odenato ou Odenato, forma latinizada de Odainath, rei árabe de Palmira, na Síria, na segunda metade do século III. – 454, 456, 466, 470.
- obeliscos: Obelisco, monumento comemorativo. – 246.
- obispo de Braga: Dom Frei Aleixo de Meneses, arcebispo de Braga entre 1612 e 1617. – 642; v. Alexo de Meneses.
- obispo de Çirene: Dom Frei António de Gouveia (1575-1628), bispo de Cirene a partir de 1612. – 207, 285, 305, 367, 368, 523, 548; v. Antonio de Gouea; v. Çirene.
- obispo de Cochín: Dom Frei Sebastião de São Pedro, O.S.A. (?-1629), bispo de Cochim entre 1615 e 1625. – 688.
- obispo de Julpha: Bispo de Julfa, da Igreja Arménia. – 518, 520; v. Julfa; v. Julpha.
- obispo de Naxiuan: Bispo de Nakchivan, da Igreja Arménia. – 309; v. Naxiuan.
- obispo Olmuçense: Johannes Dubravius (1486-1553), bispo de Olomuc, na Boémia. – 436; v. Juan obispo Olmuçense.
- obispo/s: Bispo. – 207, 280, 285, 305, 308, 309, 367, 368, 518-520, 523, 548, 642, 688.
- Oceano / Ocçeano: Mar Oceano, o Oceano Atlântico. – 10, 18, 24, 39, 44, 47, 48, 354, 364, 366, 367, 377.
- Ochiar: Talvez corresponda a Barmshour Olya, localidade iraniana uma légua a sul de Xiraz, onde existia um caravançaraí. – 241, 567.
- Octomano: Osman ou Othman (1258-1326), fundador e primeiro sultão do Império Otomano (r.1599-1326). – 239.
- odre/s: Contentor em pele para transporte de água. – 241, 244, 452, 453, 483, 490, 558, 559, 572.
- Oeza: Huwayza, região e potentado a norte do Golfo Pérsico, abrangendo actuais territórios do Iraque e do Irão; pode designar uma cidade que se situava no local da actual Ahvaz, 31° 19' N, 48° 40' E. – 202, 250, 338, 458, 479, 480, 482-484, 486, 579, 587; v. Çide Monbareca; Monbareca.

- Olanda: Holanda. – 363, 364, 366, 628, 695.
- Olandeses: Holandeses, naturais ou residentes da Holanda. – 45, 51, 52, 79, 408, 627, 628, 629, 645, 680, 681, 683, 686, 687, 688, 694, 695, 700; v. Olanda.
- Olaio Magno: Olaus Magnus (1490-1557), religioso católico e escritor sueco, autor de uma *Historia de Gentibus Septentrionalibus* (Roma, 1555); irmão de Johannes Magnus. – 436; v. Juan Magno.
- Olinpias: Olimpíadas, jogos que se realizavam periodicamente em Olímpia, na antiga Grécia. – 321.
- Olinpo: Monte Olimpo, na Grécia. – 239.
- Oliuer Noort: Olivier van Noort (1598-1627), navegador holandês que em 1598-1601 efectuou uma viagem de circumnavegação. – 51.
- oliuos: Oliveira (árvore). – 235, 445.
- Onor: Onor ou Honavar, porto da costa ocidental da Índia, 14° 16' N, 74° 26' E. – 90.
- Orchanes: Orhan, sultão otomano (r.1326-1362). – 239.
- Orden del Tuson: Ordem do Tosão de Ouro, ordem de cavalaria fundada em 1429 por Filipe III, Duque da Borgonha. – 280.
- ordo/s / ordu/s: Ordo ou ordu designa, em contexto centro-asiático, o arraial ou acampamento real. – 211, 236, 238, 392, 393, 406, 411, 502, 503.
- Orfa: Orfa, antiga cidade no local da actual Şanlıurfa, na Turquia. – 359; v. Edesa / Edessa; v. Orpha.
- Ormu: Hormud, localidade persa a sudeste de Lar. – 568; v. Hormu.
- Ormuz: Cidade e ilha do mesmo nome, à entrada do Golfo Pérsico, onde existia uma importante fortaleza portuguesa, 27° 6' N, 56° 27' E.; designa igualmente o reino de Ormuz. – 159-161, 163, 165, 168, 174, 175, 177, 179, 181-186, 189, 191-196, 199-202, 206, 213, 219, 226, 249, 261, 264, 269, 305, 345, 347, 350, 351, 355, 357-360, 362, 367-378, 389, 419, 468, 472, 478, 480-483, 485, 486, 501-503, 509, 521, 522, 532, 538, 545, 546, 552-555, 559, 560, 567, 570, 573, 574, 577-588, 590-598, 600-603, 605-608, 627, 628, 641, 646, 647, 653, 664, 665-679, 682, 685, 690.
- Ormuzanos: Ormuzinos, originários ou habitantes de Ormuz. – 677; v. Ormuz.
- oro: Ouro (metal). – 123, 129, 134, 142, 144, 145, 149, 191, 200, 211, 216, 220, 225, 242, 261, 264, 265, 312, 314, 316, 332, 334, 335, 340-342, 344, 348, 352, 363, 410, 413, 432, 433, 505, 514, 516, 519, 526, 527, 529-531, 533, 534, 541, 549, 551, 555, 593, 675.
- Orontes: Rio asiático que corre nos territórios do Líbano, Síria e Turquia, desaguando no Mar Mediterrâneo. – 446.
- Orpha: Orfa, antiga cidade no local da actual Şanlıurfa, na Turquia. – 444, 446-449, 452, 457; v. Edesa / Edessa; v. Orfa.
- Osman: Otman ou Uthman ibn Affan (c.570-656), o terceiro califa muçulmano (r.644-656). – 394, 514.
- Osman: Osman II ou Othman II, sultão otomano (r.1618-1622). – 509, 553.
- Osman / Osman Baxa: Özdemirolu Osman Pasha (1526-1585), general otomano,

- que exerceu funções de grão-vizir (1584-1585). – 421, 442.
- Ossa Mayor: Ursa Maior, constelação do hemisfério celestial norte. – 25, 140.
- Ossa Menor: Ursa Menor, constelação do hemisfério celestial norte, da qual faz parte a Estrela Polar. – 25, 140.
- osso/s: Urso (animal). – 108, 417.
- ostras: Ostra (molusco). – 147, 148, 210, 483.
- Oton: Marco Sálvio Otão (32-69), imperador romano durante uns meses do ano de 69. – 541.
- ouejas / ovejas: Ovelha (animal). – 239, 241
- Oxo: Rio Amu Darya, que corre na Ásia Central e desagua no Mar de Aral; foi também conhecido como Oxus. – 387, 417; v. Abiaomu.
- Oybo: Ilha de Ibo, no arquipélago das Quirimbas, ao largo da costa de Moçambique. – 639, 641, 642; v. Quirinba.
- oydor: Ouvidor, funcionário administrativo e judicial nomeado pela Coroa portuguesa. – 581, 587-589, 594, 670, 677.
- P**
- Pachin: Pequim, grande metrópole e capital da China. – 390.
- Padua: Baixos de Pádua, que fazem parte do arquipélago das Lacadivas, nas proximidades da costa ocidental da Índia, 10° 57' N, 72° 63' E. – 69, 602, 619, 683, 693.
- pagode/s: Pagode (sânscrito *bhagavat*), templo hindu ou budista; o mesmo termo pode designar os respectivos ídolos. – 136, 143, 149, 150, 151, 152; v. templo/s.
- Países Baixos: Países Baixos, confederação de províncias no norte da Europa. – 126; v. Olanda; v. Payses Baixos.
- palanquin/es: Palanquim. – 133, 144, 145, 192, 200, 204, 216, 221, 293; v. andor/es; v. litera/s / literillas.
- Palestina: Região da Ásia Ocidental, banhada pelo Mar Mediterrâneo. – 134, 456, 458, 459, 475.
- Palleiros: Montes Palheiros, cadeia montanhosa no Oman, que corre paralela à costa para sul de Mascate. – 168.
- Palma: Palma del Rio, cidade espanhola na região de Córdoba, 37° 42' N, 5° 17' O. – 268.
- palma/s: Palmeira (árvore). – 76, 79-81, 83-86, 102, 106, 112, 117-119, 125, 130, 141, 145, 146, 152, 169, 171, 177, 184, 185, 187, 189, 200, 201, 208, 209, 220, 224, 225, 231, 232, 233, 460, 469, 479-481, 486, 511, 568-570, 605, 628.
- palmar/es: Palmeiral, bosque de palmeiras. – 87, 102, 103, 105, 107, 113, 120, 121, 126, 132, 133, 154, 209, 224, 225, 231, 232, 264, 471, 479, 480, 568, 569, 573, 574, 605, 606, 608, 609, 625, 627, 640, 684.

- Palmira: Antiga metrópole no deserto sírio, no local da actual Tadmur, na Síria; 34° 33' N, 38° 16' E. – 456.
- paloma/s: Pomba (ave). – 34, 602, 641, 694.
- palometas: Palombeta (peixe). – 622.
- Pan: Monte Pão, no litoral moçambicano, junto à ilha de Moçambique. – 637.
- Pancraçio: Pancrácio, antigo desporto grego, de combate sem armas. – 321.
- pandero/s: Pandeiro, espécie de pequeno tambor. – 212, 216, 217, 241, 227, 244, 299, 319, 326, 536.
- Panelin: Panelim, localidade no território de Goa. – 102, 163.
- pangayo: Pangaio, embarcação oriental ligeira, com um mastro, armando uma vela de esteira. – 629.
- Pangin: Panjim ou Panaji, localidade no território de Goa, onde existia uma fortaleza do mesmo nome; a designação aplicava-se também ao rio Mandovi, que banha Panjim. – 100-104, 111, 117, 121-124, 130-132, 147, 163, 375, 604, 605, 608, 610, 656, 657, 659, 663, 669, 683-685, 690, 692.
- Papa: Sumo Pontífice, chefe supremo da Igreja Católica Apostólica Romana. – 346, 362, 363, 521; v. Sumo/s Pontífice/s.
- Parales: Páralo (século V AEC), filho do estadista grego Péricles. – 403; v. Pericles.
- Paralipomenon: Paralipômenos, dois livros do *Antigo Testamento* também conhecidos como Crónicas. – 456.
- parauana / paravana: Termo de origem persa (*parvanha*), que designa uma cartapatente ou instruções oficiais; designa também o respectivo portador. – 211, 345, 552.
- parçel/es: Parcel, região marítima de fundos baixos, com declive suave. – 40, 49-52, 57, 62-64, 63, 644, 698.
- pargos: Pargo (peixe). – 698.
- Paria: Golfo de Pária, na foz do Orinoco, a norte da América do Sul. – 16, 19, 483.
- paroes: Parau, embarcação comprida, estreita, de pequeno calado; movida a remos, podia também armar vela. – 89, 602-604, 618, 619, 639.
- Paropamissas: Paropamisso, região das montanhas de Hindu-Kush, na parte oriental do actual Afeganistão. – 398; v. Badajan.
- parras / parreras: Parreira, videira. – 117, 171, 234, 255, 494, 495, 502, 577.
- Parthia / Parthiene: Pártia, antiga região e potentado da Ásia Central, ocupando territórios dos actuais Irão e Turquemenistão. – 263, 388, 417, 440; v. Corasan / Corassan / Corassen.
- Parthos: Partos, súbditos do Império Parta, que hegemonizou vastas regiões da Ásia Central, incluindo o território iraniano, do século III AEC ao século III. – 353, 422, 423, 425, 426, 438, 439, 442, 450, 452-454, 462, 465, 470, 504, 505; v. Arsaçidas.
- Pasa / Pasargada/s: Pasárgada, antiga cidade persa, na região de Fars, actualmente em ruínas; a mesma designação aplica-se a um rio que corre nas proximidades. – 240, 242, 250, 251, 259, 269.
- Pasargades: Região onde se situava a cidade de Pasárgada. – 250; v. Pasa / Pasar-

- gada/s.
- Paso Seco: Passo Seco, em Gandaulim no território de Goa. – 104; v. San Blas.
- Pasqua: Páscoa, festa cristã. – 290, 518, 524.
- patage/s: Patacho, navio de dois mastros. – 162-165, 167-170, 174-182, 585, 596, 597, 604, 607, 647, 654, 656, 668, 671, 673, 675, 677, 679, 680, 683, 686-690.
- Patanes: Designação genérica de povos originários do Afeganistão. – 154.
- pato/s: Pato (ave). – 28, 43, 111.
- Patraso: Patras, cidade grega no Peloponeso; 38° 15' N, 21° 44' E. – 350.
- patriarca/s / patriarcha: Patriarca, autoridade eclesiástica em certas igrejas cristãs. – 308, 446, 450, 501, 518, 521.
- Patroclo: Figura da mitologia grega. – 403.
- Patron: Baixo do Patrão, no Oceano Índico, nas proximidades das ilhas Comores. – 622.
- Paulo Maria: Paolo Simone di Santa Maria, frade carmelita de origem genovesa, enviado à Pérsia pelo Papa Paulo V (p.1605-1621). – 308-309.
- Paulo de Sequeira: Fidalgo português enviado a Mascate em 1622 no comando de um galeão. – 682.
- Paulo Rangel de Castelo Branco: Paulo Rangel de Castelo Branco, capitão português da nau *Remédios* na viagem de 1614 de Lisboa para a Índia. – 15-16.
- Paulo V: Camillo Borghese (1552-1621), papa da Igreja Católica de 1605 a 1621. – 309.
- pauones: Pavão (ave). – 610.
- Payses Baxos: Países Baixos, conferação de províncias no norte da Europa. – 354; v. Olanda; v. Países Baxos.
- Paxa Mahamut: Muhammad Humayun, imperador mogor (r.1530-1540; r.1555-1556), que durante alguns anos viveu exilado na Pérsia. – 541, 544.
- Peçe Austral: Piscis Austrinus, ou Peixe Austral, constelação do hemisfério celestial sul. – 25.
- peças boladores: Peixe-voador. – 620.
- Pedro de Azevedo, don: Dom Pedro de Azevedo, fidalgo português que viajou para a Índia em 1614. – 85.
- Pedro de Baños: Baixo de Pêro dos Banhos, pequeno atol no Oceano Índico, no arquipélago de Chagas. – 693.
- Pedro de la Val: Pietro della Valle (1586-1652), viajante e escritor italiano, que passou vários anos na Pérsia, entre 1618 e 1623, aí se cruzando com Don García de Silva. – 359.
- Pedro Jorge: Piloto português, originário do Algarve, activo no Oriente na década de 1620. – 601.
- Pedro Sarmiento: Pedro Sarmiento de Gamboa (1532-1592), navegador e cronista espanhol, que explorou o litoral da América do Sul. – 51.
- Pedro Ximenez: Pedro Jimenez, espanhol, mestre-sala de Don García de Silva. – 209, 210.

Penba: Ilha de Pemba, que faz parte do arquipélago de Zanzibar, ao largo da costa da actual Tanzânia; 5° 13' S, 39° 44' E. – 622.

Peneo: Rio Peneo, na região da Tessália, na Grécia; a mesma designação era atribuída a uma figura da mitologia grega. – 428, 613.

pepinos: Pepino (vegetal). – 117, 342, 533.

pera/s: Pera (fruta). – 115, 248, 431.

perdizes: Perdiz (ave). – 107, 182, 204, 253, 260, 323, 431, 695.

perdiguero: Perdigueiro, raça canina de provável origem portuguesa, utilizada na caça. – 512.

peregrinos: Peregrino, alguém que vai em peregrinação. – 150, 152, 155, 210, 243, 257, 281, 287, 327, 447, 455, 491, 496.

Periaccanau: Pari-Khan Khanum (1548-1578), tia de Xá Abbas I, na sua época considerada uma das mais poderosas mulheres no mundo safávida. – 492; v. begu/n; v. Canu; v. Zeinab Begun.

Pericles: Péricles (c.495-429 AEC), estadista e orador da antiga Grécia. – 403.

perla/s: Pérola. – 138, 144, 145, 207, 265, 319, 335, 357, 480-483, 530-532, 541, 675.

peros: Pêro ou maçã (fruta). – 113.

peros de agua: Cão de água, raça que parece ser de origem portuguesa. – 50; v. perro/s de agua.

perro/s: Cão (animal). – 50, 51, 107, 108, 189, 228, 250, 276, 277, 323, 431, 494, 512, 513, 582, 611, 622; v. canes.

perro/s de agua: Cão de água. – 51, 512; v. peros de agua.

Persas: Persas, habitantes ou originários da antiga Pérsia. – 237, 238, 284, 285, 421, 426, 437, 438, 440, 442, 443, 449-455, 457, 461, 463, 465, 466, 470, 473-475, 478, 484, 485, 492, 504, 505; v. Persia; v. Persiana/o/as/os.

Persepolis: Antiga cidade de Persépolis, cujas ruínas se situam a nordeste de Xiraz. – 268-270, 283-285, 386, 424, 485; v. Chelminara; v. Chilminara.

Persia: Pérsia, região, reino ou império da Ásia. – 8, 141, 159, 161, 162, 174, 181-183, 187, 190-192, 195, 196, 199-202, 207, 211-213, 218-220, 225, 231, 232, 235, 237, 241, 244, 245, 247, 249, 251, 252, 257, 259, 262, 263, 266-268, 270, 278, 285, 287, 289, 291, 295, 297-300, 305, 306, 309, 310, 312-318, 320, 321, 323, 326-329, 332-334, 338, 339, 341, 343, 345, 346, 348, 349, 353, 354, 357-359, 361-370, 374-378, 380, 385-394, 398, 414, 417, 418, 420, 421, 423-427, 429, 434, 435, 438, 439, 443, 448, 449, 455, 456, 466, 472, 473, 479, 480, 482-486, 489, 492, 494, 495, 497, 498, 501-506, 509-512, 514, 517, 518, 521-524, 527, 528, 532-534, 537, 538, 542, 543, 546, 551, 553, 554, 556, 557, 559-561, 563, 566, 567, 569, 570, 572, 574, 578, 579, 583-587, 590-592, 594-596, 608, 621, 646, 651, 656, 665-669, 673, 675, 676.

Persia: Mar da Pérsia, antiga designação do Golfo Pérsico. – 460; v. Persico.

persiana/o: Língua persa; referente à língua persa. – 185, 191, 192, 211, 242, 247, 251, 290, 295, 296, 330, 347, 349, 350, 366, 395, 399, 401-403, 417, 429, 435, 463, 510, 517, 533, 569, 573, 576.

Persiana/s/o/os: Persas, habitantes ou originários da Pérsia; referente à Pérsia. – 136, 137, 165, 199-201, 204, 205, 207, 211-213, 215-217, 225, 226, 232, 236, 237, 240, 242-244, 246, 247, 252-255, 260-262, 265, 268, 272, 281, 286, 287, 290, 291, 293-296, 298, 299, 302, 305, 306, 308, 309, 311, 312, 314, 319, 320, 327-331, 338-341, 346, 349, 350, 352, 353, 355, 357-359, 362, 364, 366, 367, 370, 372-374, 376, 377, 387, 394-396, 399, 401, 402, 412, 413, 417, 419-421, 425, 427-429, 431-433, 435, 436, 440-442, 468, 469, 472, 473, 481, 482, 484, 485, 491, 496, 497, 499, 502-510, 512, 513, 516, 518-520, 522, 525-527, 530, 532, 535, 536, 539, 541, 544, 546-548, 555-559, 562, 564, 565, 567, 572, 576, 577, 583, 587-593, 595, 596, 665, 666, 672-676, 678; v. Persas; v. Persia.

Persico: Mar ou Sino Pérsico, antigas designações do Golfo Pérsico. – 180, 181, 183, 201, 206, 211, 233, 250, 269, 386, 458, 478, 480, 483, 486; v. Persia.

Peru: Região da América do Sul. – 60; v. Piru.

pescadas: Pescada (peixe). – 698.

Pescara: Cidade italiana, no litoral do Mar Adriático. – 405; v. Victoria Colona.

Peso: Casa do Peso, na antiga cidade de Goa, local de pesagem de mercadorias. – 661, 662.

peste: Peste (doença). – 124, 420, 465, 605, 606.

Peuloriño: Praça do Pelourinho, na antiga cidade de Goa. – 125, 127, 129.

Phalua: Falua, embarcação ligeira, com uma ou duas velas. – 153.

Pharabat: Farahabad, cidade nas margens do Mar Cáspio, no norte do Irão; 30° 26' N, 56° 53' E. – 503; v. Farabat.

Phasis / Phaso: Rio Fasis, dos antigos geógrafos gregos, que corresponde ao actual Rioni, rio que desagua no Mar Negro, junto à cidade de Poti. – 436, 437, 443; v. Phaso.

Phaso: Poti, cidade georgiana nas margens do Mar Negro, antigamente conhecida como Fasis. – 436, 437.

Phelipe Mascarañas, don: Dom Filipe de Mascarenhas, fidalgo português que exerceu no Oriente diversos cargos, sendo nomeadamente vice-rei do Estado da Índia (g.1645-1651); em 1623 comandou um navio da carreira da Índia. – 690.

Pheniça: Fenícia, antiga região e estado na margem oriental do Mar Mediterrâneo. – 445, 456.

Philipe: Frei Filipe, frade franciscano não identificado, que em 1620 embarcou em Goa rumo a Portugal. – 618.

Philipinas: Arquipélago das Filipinas. – 60, 361, 389, 409, 472, 601, 694.

Philipo: Filipe III duque da Borgonha (r.1419-1467), que casou em terceiras núpcias com Isabel de Portugal, filha do rei Dom João I (r.1385-1411). – 309.

Philisteos: Filisteus, antigo povo que se fixou na região de Canaã, em Israel. – 459.

phisiteres: Fisítero, alegado ser marinho monstruoso, talvez identificável com a baleia. – 649.

Phraaorta: Embora indicado como cidade, o nome parece antes referir-se ao rei

Phraortas (r.646-624 AEC), que reinou na Média. – 422, 423; v. Media.

phrate: Espécie de carpa (*Cyprinidae*), peixe muito comum no rio Eufrates. – 469.

Piamontes: Piemontês, natural da região italiana de Piemonte. – 112; v. Jusepe.

Pictos: Antigos habitantes da Escócia. – 436; v. Scotos.

piedra pomes: Pedra-pomes. – 190, 192.

piedra yman: Pedra íman. – 70, 73.

Pigretes: Outro nome para o rio Pisitigris, que parece corresponder ao actual Diyala, que nasce nas montanhas Zagros e desemboca no rio Tigre. – 485; v. Pisi Tigris / Pisitigris.

piloto/s: Piloto de navio. – 8-11, 15-17, 20-23, 30, 31, 33-36, 38-47, 49, 53-55, 58, 59, 61-67, 69, 73, 75, 79-84, 87-90, 163-167, 170, 175-177, 180, 181, 229, 598-604, 619-623, 625, 626, 629-634, 636-639, 642-644, 648, 650-655, 657, 680, 685, 688, 691, 693, 694, 696-700; v. piloto mayor; v. sotapiloto.

piloto mayor: Gaspar Ferreira Reimão, piloto-mór da nau em que Don García de Silva viajou para a Índia em 1614. – 8-11, 16, 20-23, 30, 31, 33-36, 38-47, 49, 53, 54, 58, 61-67, 69, 73, 75, 79-83, 88, 89, 90; v. Gaspar Ferreira / Fereyra / Ferreira / Ferreyra.

pimienta: Pimenta. – 266.

piña/s: Ananás. – 115, 116; v. ananaz/es.

Pinda: Baixo de Pinda, recife situado na costa de Moçambique, a sul do porto da Beira. – 623, 625.

pinguinas: Pinguim, ave não voadora. – 51; v. sotilicarios.

Pio Sigundo: Eneas Silvio Piccolomini (1405-1464), humanista italiano, que foi papa com o nome de Pio II a partir de 1458. – 436; v. Eneas Siluio.

Pir/a Mahamet: Pir Muhammad bin Jahangir Mirza (c.1374-1407), neto de Tamerlão. – 401, 414-416; v. Mirza Pira Mahamet; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.

Pirâmides: Pirâmides de Gizé, no Egipto. – 283, 284.

piratas: Pirata. – 377, 378, 437.

Piru: Peru, região da América do Sul. – 115; v. Peru.

Piscis: Peixes, signo do zodíaco. – 414; v. Zodiaco.

Pisi Tigris / Pisitigris: Rio Pisitigris, parece corresponder ao actual Diyala, que nasce nas montanhas Zagros e desemboca no rio Tigre ou Tigris, a sul de Bagdade. – 471, 484, 485; v. Pigretes.

pistachos: Pistachio (*Pistacia vera*), pequena árvore nativa da Ásia, cuja semente é comestível. – 248, 255, 539, 549.

pistolas: Pistola, arma de fogo portátil. – 336.

Pisuerga: Pisuerga, rio espanhol, afluente do rio Douro, que atravessa as províncias de Palencia e Valladolid, celebrado pelos poetas espanhóis. – 307, 428.

Pitagoras: Pitágoras (570-495 AEC), filósofo e matemático grego. – 139.

pitorras: Galinhola (ave). – 253.

plata: Prata (metal). – 26, 121, 123, 144, 145, 211, 216, 228, 242, 332, 335, 336, 340, 363, 413, 432, 433, 485, 519, 520, 526, 547, 552, 555, 593.

Plata: Rio da Prata ou de la Plata, na América do Sul. – 50.

platano/s: Banana (fruta). – 79, 81, 83, 84, 90, 115, 640, 642; v. higos / higueras de la Índia; v. musas.

platano/s: Plátano (árvore). – 245-248, 290, 298, 306, 317, 337, 495-497, 500, 574.

Playa Honda: Fortaleza espanhola nas Filipinas, na localidade de Botolan, na costa ocidental da ilha de Lução ou Luzon, onde em 1617 ocorreu uma batalha naval entre forças espanholas e holandesas. – 361.

Plinio: Caio Plínio Segundo (23-79), escritor romano, autor de uma célebre *História Natural*. – 112, 207, 470.

plomo: Chumbo. – 176, 274, 449.

Plutarco / Plutarco: Plutarco (c.46-120), historiador de origem grega, naturalizado romano, autor nomeadamente das *Vidas Paralelas*. – 284, 389, 422, 434, 450.

podencos: Podengo, raça canina originária das Canárias. – 108, 250, 260.

Podolia: Podólia, região da Europa Oriental, na actual Ucrânia. – 353, 379.

Polacos: Habitantes ou originários da Polónia. – 412, 530; v. Polonia.

Pole Sofian: Localidade iraniana, a sul de Qazvin, identificável com a actual Pir Yousefian. – 333.

Políbio: Políbio (c.203-120 AEC), geógrafo e historiador grego, autor das *Histórias*. – 460.

polos: Frango (ave). – 175, 576.

Polo: Pólo. – 37, 71, 72, 74, 386, 407, 408; v. Antarthico / Antartico; v. Arctico; v. Artico; v. Austral.

Polonia: Polónia, região e estado no norte da Europa. – 306, 343, 353, 379, 391, 531.

poluora / polvora: Pólvora. – 511, 603, 660, 661, 662, 686.

Ponda: Localidade no território de Goa, 15° 24' N, 74° 1' E. – 104.

Ponpeyo: Cneu Pompeio (106-48 AEC), general e político romano. – 423, 442; v. Gneo Ponpeyo.

Ponto Eugino: Ponto Euxino, antiga designação do Mar Negro. – 443; v. Negro.

Popea Sabina: Popeia Sabina (30-65), segunda esposa do imperador romano Nero. – 541, 542; v. Sabina Augusta.

porcelana/s: Taça de porcelana. – 205, 535.

porfidos: Pórfido ou pórfiro, espécie de mármore. – 284.

Porto: Cidade no norte de Portugal. – 641.

Portugal: Portugal, rei de Portugal, reino de Portugal, coroa de Portugal. – 10, 19, 20, 41, 42, 45, 62, 63, 72, 79, 84, 89-92, 105, 109, 117, 121, 123, 132, 143-145, 162, 267, 359, 480, 522, 523, 560, 585, 590, 604, 610, 617, 625, 628, 638-642, 657, 663, 667, 677, 683, 684, 687-693.

portugues/a: Língua portuguesa. – 31, 40, 81, 627

Portugues/a/as/es: Portugueses, habitantes ou originários de Portugal; referente a Portugal. – 8, 15, 21, 39, 48-52, 59, 60, 70, 79, 84, 91, 99, 100, 102, 103, 106, 108, 109, 111, 112, 114, 117, 118, 199, 123, 126-128, 132, 133, 136-138, 141-144, 147, 149, 150, 161, 167, 168, 170, 171, 174, 186-188, 191, 192, 194, 201, 278, 305, 311, 361, 362, 366, 369, 370, 372-374, 377, 389, 419,

- 480-483, 504, 521, 523, 524, 527, 532, 588, 589, 593, 594, 603, 606, 608, 610, 611, 628, 629, 637, 640-642, 644, 646, 648, 656, 661, 662, 665, 671, 672, 674, 681, 687, 695, 697, 700; v. Portugal.
- Pozo: Poço, ancoradouro nas proximidades de Panjim, no território de Goa. – 659.
- Pracala: Outra designação para Artaxata, antiga capital da Arménia. – 422, 425; v. Artaxata / Arthaxata; v. Procala.
- Prasinos: *Factio prasina*, ou ‘verdes’, uma das quatro facções que se formaram na antiga Roma, no contexto das corridas de cavalos e de carros. – 321; v. Venetos.
- Precopenses / Precopitas: Tártaros da Crimeia. – 378, 379, 392, 530; v. Tartaros Precopenses.
- Premislao: Przemysł II ou Premislau II, duque de Cracóvia (1290-1291) e rei da Polónia (1295-1296). – 436.
- Presides: Talvez lapso por ‘presidentes’. – 448.
- pretal: Peitoral, parte dos arreios de cavalo. – 242.
- pretorianos: Pretorianos, na antiga Roma formavam a guarda pessoal do imperador; designa guarda real safávida. – 499; v. corchi/s.
- pretorio: Pretório, ou *praetorium*, tenda ou pavilhão de comandante de exército. – 467.
- primer mobil: Primeiro móbil, a décima esfera do modelo geocêntrico de Ptolomeu, que pretendia explicar o aparente movimento dos céus em relação à Terra. – 59.
- Príncipe de Gales: Henry Frederick Stuart (1594-1612), Príncipe de Gales, filho de James I de Inglaterra. – 364, 365; v. Gales.
- Príncipe de Polonia: Sigismundo III Vasa, ou Zygmunt Czernichowski III Waza, rei da Polónia (r.1587-1632) e da Suécia (r.1592-1599). – 353; v. Polonia.
- Procala: Outra designação para Artaxata, antiga capital da Arménia. – 441; v. Artaxata / Arthaxata; v. Pracala.
- Protheo: Proteu, divindade da mitologia grega, que tinha o dom da metamorfose. – 376.
- Prutenos: Prussianos, povo que demorava nas margens do Mar Báltico. – 412.
- Ptholomaida / Ptolomaida: Ptolemaida, cidade na região da Macedónia, na Grécia; 41° 31’ N, 21° 41’ E. – 239, 398.
- Ptholomeo / Ptolomeo: Cláudio Ptolomeu (90-168), geógrafo grego, autor de uma célebre *Geografia*. – 141, 308, 386, 440.
- puerco/s: Porco (animal). – 108, 204, 253, 431, 582, 593, 610, 624, 649, 694.
- Puertas de Hierro: Portas de Ferro, designação da cidade de Derbent, no litoral do Mar Cáspio, onde existiam poderosas fortificações. – 306, 429; v. Demir Capir; v. Derbento.
- Puerto Sancto: Porto Santo, uma das ilhas do arquipélago da Madeira. – 9, 10.
- puñal/es: Punhal (arma). – 200, 211, 242, 281, 332, 334, 435, 516, 531, 532, 540, 541, 543.
- Purificacion de Nuestra Señora: Dia de Nossa Senhora da Purificação, que se celebra

a 2 de Fevereiro. – 631.

Q

- quadrante: Quadrante, instrumento de navegação astronómica utilizado para determinar a altura dos astros. – 165, 166.
- quartago/s: *Cuartago* (esp.), quartão, cavalo pequeno e robusto. – 352, 359.
- quelen: *Kellin* (concani), banana. – 114.
- Queixome: Qeshm, ilha iraniana à entrada do Golfo Pérsico, junto a Ormuz, onde existiu uma fortaleza portuguesa no período imediatamente anterior a 1622. – 181, 194, 195, 199, 357, 665, 674; v. Quexome / Queyxome.
- Quemados: Ilhéus Queimados, grupo de ilhotas também conhecido como Burnt Islands, ao largo da cidade de Vengurla, na costa ocidental da Índia. – 604, 619, 653, 655, 656.
- Querman: O mesmo que Carmânia, correspondente à actual região iraniana de Kerman. – 200, 201, 228, 295, 309; v. Carmania/s; v. Cherman.
- Quexome / Queyxome: Queixome, ilha iraniana de Qeshm. – 159, 182, 184, 190, 206, 359, 368, 373, 523, 554, 560, 570, 579, 582, 583, 587, 593, 665, 667, 668, 670-672, 674, 676; v. Queixome.
- Quiloa: Quíloa, ilha de Kilwa Kisiwani, no litoral da actual Tanzânia, onde existia uma fortaleza portuguesa. – 640, 650.
- Quintilio Varro: Públio Quintílio Varo (c.46 AEC-9), político e militar romano. – 403.
- Quinto Curcio: Quinto Cúrcio Rufo, político e historiador romano do século I, autor da *História de Alexandre*. – 140, 268, 284, 389, 472; v. Angelo Cospo Boloñes; v. Historia.
- Quirinba: Quirimbas, arquipélago ao largo da costa de Moçambique; 12° 8’ S, 40° 34’ E. – 58, 623, 625, 638, 639-642.
- quitasol/es: Guarda-sol ou chapéu-de-sol. – 119, 221, 278-280, 558.

R

- Raba: Al-Rahba, antiga cidade fortificada nas margens do rio Eufrates, que parece corresponder à moderna localidade iraquiana de Rawa; 34° 28’ N, 41° 55’ E. – 458, 459, 460.
- Rabatha: Antiga localidade de Rabbah, cujas ruínas se situam junto à moderna cidade de Amman, na Jordânia. – 460.
- Rabsaças: Rabshakeh, título de um alto funcionário assírio, mencionado na Bíblia. – 461.
- Rachol: Rachol, localidade no território de Goa, onde existia uma fortaleza portuguesa. – 99, 662.

Raix Noredim: Ra'is Nur al-Din, guazil de Ormuz em finais do século XVI e inícios do século XVII. – 675.

Rama: Médico indiano, de Goa. – 138, 139.

Ramadan: Ramadão, mês do calendário islâmico, durante o qual os muçulmanos praticam o jejum ritual. – 552.

Ramos: Domingo de Ramos, festa móvel cristã, celebrada no domingo antes da Páscoa. – 163, 598.

ranas: Rã (animal). – 112.

raso: Cetim (tecido). – 216; v. rraso.

ratonçillos / ratones: Rato (animal). – 77, 110; v. rraton/es.

Ratones / Ratos: Ilha dos Ratos, não identificada, na região litoral de Musandan, no Oman. – 181, 598.

rauanos: Rábano. – 342.

reales: Real, antiga moeda espanhola de prata. – 228, 254, 327, 580.

rebellin: *Revellin* (esp.), revelim, obra exterior para defesa das fortificações. – 171, 172, 173, 174.

Reblatha: Riblah, antiga cidade nas margens do rio Orontes, nas proximidades de Baalbek, no actual Líbano. – 458, 460.

Redempto de la Cruz: Frei Redento da Cruz (1598-1638), carmelita português que missionou no Oriente. – 368, 374, 376, 560, 665, 666.

Redondo: Localidade no Alentejo, em Portugal. – 586, 684; v. Conde da/o Redondo.

regulo: Régulo, sinónimo de basilisco, animal mítico. – 112, 113; v. basilisco.

religion/es: Religião. – 84, 120, 132, 135-137, 139, 140, 146, 150, 189, 191, 238, 252, 280, 295, 297, 308, 339, 343, 346, 350, 359, 398, 399, 401, 416, 433, 446, 518, v. rreligion/es.

religion / rreligion/es: Religião. – 84, 120, 132, 135-137, 139, 140, 143, 146, 150, 152, 184, 189, 191, 238, 252, 280, 295, 297, 308, 309, 339, 343, 346, 348, 350, 359, 367, 393, 398, 399, 400, 401, 416, 433, 435, 436, 439, 445, 446, 475, 503, 513, 517, 518, 531, 564.

reloxes: Relógio portátil de sol. – 74.

Remedios: Nau *Nossa Senhora dos Remédios*, da armada que em 1614 largou de Lisboa rumo à Índia. – 7-9, 11, 12, 15, 21, 22, 39, 40, 45; v. Nuestra Señora de los Remedios.

resina: Resina ou produto resinoso. – 231; v. rresina.

retamas: Giesta. – 230, 231; v. rretama/s.

Rey de Persia: Rei da Pérsia, referência ao Xá Abbas I (r.1587-1629). – 8, 159, 187, 195, 196, 199, 202, 211, 218, 262, 263, 266, 287, 295, 297, 299, 315, 327, 343, 346, 353, 354, 358, 359, 361-364, 366-370, 374-378, 434, 435, 439, 482, 490, 497, 498, 501, 503, 505, 509, 510, 514, 521-523, 533, 534, 542, 543, 551, 560, 579, 580, 583-587, 590-592, 596, 608, 665, 667-669, 673; v. Abas.

rey/es: Rei ou soberano. – 375-380, 386, 388-390, 392, 393, 395, 396, 398, 402-405,

407, 413, 414, 416-421, 423, 425, 426, 434-441, 443, 448, 454-456, 458-461, 463, 464, 472-476, 478, 482, 484, 485, 489, 491-494, 497-511, 514, 517, 518, 520-555, 560-562, 564-566, 577, 579, 580, 583-597, 608, 629, 646, 659, 665-669, 671, 673-676, 678, 683, 687, 691; v. rrey/es.

Reyes Magos: Colégio dos Reis Magos, fundado pelos Franciscanos em Bardez, no território de Goa. – 136, 163, 604, 605, 659, 687.

reyezillo / reyezuelos: Reizinho. – 141, 398, 486, 492.

reyna: Rainha. – 426, 588.

reyno/s: Reino, território submetido a um rei. – 377-379, 385, 387-394, 398, 402, 416, 419, 420, 426, 436, 438, 439, 441, 443, 447, 458, 460, 474, 476, 480, 482-484, 486, 492, 497, 523, 525, 526, 531, 537, 544-546, 549, 554, 558, 560, 569, 570, 575, 577, 578, 582, 587, 590-593, 608, 612, 642, 651, 665, 667, 671; v. rreyno/s.

Ribanda: Cabo de Ribandar, também chamado de Nossa Senhora da Ajuda, onde existia uma igreja do mesmo nome, no território de Goa. – 100; v. Nuestra Señora de Ayuda; v. Nuestra Señora de Ribanda.

Rio de Janeiro: Porto da costa do Brasil. – 42.

Rioja: La Rioja, região do norte de Espanha. – 349.

Roberto / Roberto Sirley: Robert Sherley (c.1580-1628), aventureiro inglês que passou largos anos na Pérsia, irmão de Anthony; enviado à Europa como embaixador de Xá Abbas I. – 347, 362, 363-368, 374-376, 510, 522, 533, 560, 561, 665-667; v. Antonio Sirley.

robles: Carvalho (árvore). – 431.

Roçalgate: Cabo de Roçalgate, o moderno Ras al Hadd, na costa nordeste do Oman. – 164, 165, 167, 168, 175, 178, 181, 365, 458, 483, 599, 695.

Rodano: Ródano, rio europeu que desagua no Mar Mediterrâneo. – 469.

Rodas: Ilha de Rodes, no parte oriental do Mar Mediterrâneo. – 346, 398, 400, 401.

Rodope: Figura da mitologia grega. – 207.

Rodrigo de Gama, don: Dom Rodrigo da Gama, morto em Ormuz, irmão de Dom Luís da Gama. – 368; v. Luis de Gama.

Rohob: Aram Rehob, antigo reino aramaico na região do Líbano. – 459.

Rojo: Mar Roxo ou Mar Vermelho. – 122, 134, 177, 180, 458, 483, 522, 560; v. Eritreo; v. Roxo.

Roldan: Nome do alão, ou grande cão de fila, de Don García de Silva. – 293.

Roma: Cidade italiana. – 273, 296, 305, 321, 359, 362, 405, 411, 423, 467, 497, 542.

Romania: Roménia, território aproximadamente correspondente ao actual estado do mesmo nome. – 240, 648; v. Romelia.

romance: Língua romance ou língua vulgar, por oposição ao latim. – 77.

Romana/o/as/os: Romanos, habitantes ou originários de Roma; referente a Roma ou ao Império Romano. – 146, 237, 240, 272, 274, 277, 295, 308, 359, 367, 378, 387, 405, 414, 421-425, 442, 444, 445, 447-457, 461, 463, 465, 466, 469, 470, 485, 504, 540-543; v. Roma.

Romelia: Rumélia, antiga região balcânica, aproximadamente correspondente à

actual Roménia. – 240; v. Romania.

romeria: Romaria, peregrinação religiosa. – 150, 257.

romero/s: Romeira (peixe). – 14.

romeros: Romeiros, peregrinos. – 210; v. peregrinos.

romitorio: *Romitorio* (italiano), eremitério. – 256.

Rosario: Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na antiga cidade de Goa. – 130; v. Nuestra Señora del Rosario.

rosmaros: Manatim (animal marítimo). – 353.

rotero/s: Roteiro náutico. – 13, 54, 61, 62, 74, 77; v. rroteros.

Roxeta: Roseta, localidade do litoral mediterrânico do Egipto, a moderna Rashid; 31° 24' N, 30° 25' E. – 366.

Roxo: Mar Roxo ou Mar Vermelho. – 366, 523, 665; v. Eritreo; v. Rojo.

rrabihorcados: Rabiforcado ou rabo-forcado, ave marinha também conhecida como fragata. – 619, 620, 653.

rraso: Cetim. – 257, 275, 335, 338; v. raso.

rraton/es: Rato (animal). – 77, 78, 572, 652; v. ratonçillos / ratones.

rreligion/es: Religião. – 140, 143, 152, 184, 309, 339, 348, 367, 393, 400, 401, 433, 435, 436, 439, 445, 475, 503, 513, 517, 531, 564; v. religion/es.

rresina: Resina ou produto resinoso. – 401, 561; v. resina.

rretama/s: Giesta. – 289; v. retamas.

rrey/es: Rei ou soberano. – 311, 416, 509, 554, 691; v. rey/es.

rreyno/s: Reino, território submetido a um rei. – 168, 310, 419, 575, 587, 612; v. reyno/s.

rroçin/es: Rocim, cavalo pequeno e fraco. – 236, 527, 579.

rrosa: Rosa de Alexandria (*rosa damascena*), variedade de rosa com propriedades medicinais. – 249.

rrosas / rrosales: Rosa (flor), roseiral. – 249, 294, 299, 311, 419.

rroteros: Roteiro náutico. – 633, 695, 696; v. rotero/s.

rrubies / rubies: Rubi (pedra preciosa). – 200, 265, 334, 530.

Rui González de Siqueira: Rui Gonçalves de Siqueira, capitão da fortaleza de Tidore em 1598-1601. – 389.

Rumes: Designação atribuída aos Turcos. – 240, 338, 541; v. Rumis.

Rumi Capir: 'Porta dos Romanos', porta da cidade de Amida. – 448; v. Amida.

Rumis: O mesmo que Rumes, designação atribuída aos Turcos. – 240; v. Rumes.

Ruslene: Parece corresponder a Rusland, outra nome para a Rússia. – 406; v. Russia.

Russia: Rússia. – 353, 378, 379, 391; v. Ruslene.

Russianas/os: Russos, habitantes ou originários da Rússia. – 314, 353, 378; v. Russia.

Rutenas: Referente à Ruténia, região histórica que correspondia a territórios das actuais Ucrânia e Bielorrússia. – 411.

Ruy de Mello de San Payo: Rui de Melo de Sampaio, fidalgo português nomeado capitão da fortaleza de Moçambique em 1614. – 10.

Ruy Fleire / Ruy Freile / Ruy Freire de Andrade: Rui Freire de Andrade (c.1590-

1633), capitão português muito activo na região do Golfo Pérsico, sobretudo depois da conquista de Ormuz por forças anglo-persas em 1622. – 664, 665, 667-673, 677, 678, 684.

Ruy González de Clavijo: Ruy Gonzalez de Clavijo (?-1412), viajante castelhano que em 1403-1405 visitou Samarcanda, com uma embaixada de Enrique III de Castela; deixou um relato da sua viagem, que seria publicado em Sevilha em 1582. – 413.

S

Saba: Sava ou Saveh, cidade iraniana no caminho entre Ispaão e Qazvin; 35° 1' N, 50° 21' E. – 331, 332, 492, 493.

sabandija/s: Animalejo repugnante. – 112, 119.

Sabina Augusta: Sabina (c.87-c.136), mulher do imperador romano Adriano (r.117-138). – 542, 543.

Sacas: Povo nómada da Ásia Central, normalmente associado aos Cítas. – 393; v. Sçitas / Sçithas.

saçello: *Sacellum* (latim), pequena capela. – 257.

saçerdotes: Sacerdote. – 136, 138, 149, 151, 252, 308, 338, 513, 519.

sacres: Falcão-sacre, utilizado na caça. – 260.

Sacro: Promontório Sacro, designação do Cabo de São Vicente, em Portugal. – 26; San Viçente.

saetas: Setas (arma). – 396, 400, 457; v. flecha/s.

Safi Mirza: Muhammad Baqir Mirza (1587-1614), filho mais velho de Xá Abbas I, que foi por este mandado executar em 1614. – 355.

Sagrada Escritura / Scriptura: Sagrada Escritura, designa a Bíblia. – 134, 442, 449, 460, 471, 475.

said/e: *Said* (árabe), chefe, senhor ou príncipe, por vezes transcrito como 'cide' ou 'ceide'. – 334, 338, 338; v. alfaqui.

sal: Sal. – 183-185, 192, 253, 331, 524.

Saladino: Sultão do Egipto (r.1174-1193). – 438.

Salamina: Ilha de Salamis, cuja capital é Salamina, na Grécia; 37° 58' N, 23° 30' E. – 622.

Saldaña: Aguada de Saldanha, actual Table Bay, onde nasceu a Cidade do Cabo. – 43, 700.

salitre: Salitre. – 120, 121, 184, 329, 332.

salmones: Salmão (peixe). – 419, 420, 428, 469, 524.

Salmos de Daud / Daut / David: Livro dos Salmos, um dos livros do *Antigo Testamento*. – 262, 347, 348.

Salomon: Salomão, personagem bíblico, rei de Israel. – 410, 456.

Salsete: Região no território de Goa. – 90, 91, 99, 100, 105, 606, 686.

salze/s / sauzes: *Sauce* (esp.), salgueiro (árvore). – 494, 495, 566.

- Samandria: Cidade de Semandria, actual Smederevo, na Sérvia; 44° 40' N, 20° 56' E. – 402.
- Samarcan/t: Samarcanda, cidade centro-asiática, no actual Uzbequistão; 39° 39' N, 66° 57' E. – 387, 388, 389, 394, 412-416, 534; v. Maracanda.
- Samosata: Antiga cidade nas margens do rio Eufrates, nas proximidades da actual Samsat, no sul da Turquia; 37° 4' N, 38° 28' E. – 444.
- San Agustin: Cabo de Santo Agostinho, na costa do Brasil; 8° 17' S, 35° 1' O. – 22, 23, 25, 40-42.
- San Agustin: Designa um Convento da Ordem de Santo Agostinho, em Goa, Mascate, Ormuz ou Ispão. – 131, 170, 171, 182, 190, 199, 315, 516, 533, 581, 688.
- San Agustin: Ordem de Santo Agostinho ou membro dessa ordem. – 130, 170, 182, 186, 193, 226, 294, 298, 305, 306, 367, 521; v. Agustino/s; v. Augustinos.
- San Alberto: Galeão português *Santo Alberto*, enviado de Goa a Mascate em 1622. – 680, 682.
- San Alexo: Paróquia de Santo Aleixo; a Igreja de Santo Aleixo situa-se em Calangute, no território de Goa. – 127.
- San Amaro: Colina de Santo Amaro, no território de Goa. – 127, 128.
- San Amaro: Nau *Santo Amaro*, da armada que largou de Goa em 1620. – 629; v. Sancto Amaro.
- San Antonio: Capela de Santo António, na antiga cidade de Goa. – 130.
- San Basilio: Ordem de São Basílio, ordem monástica das igrejas do cristianismo oriental. – 262; v. Basilio.
- San Blas: Aguada de São Brás, na actual Mossel Bay, na África do Sul; 34° 11' S, 22° 8' E. – 51, 698, 699.
- San Blas: Baluarte e Fortaleza de São Brás, em Gandaulim no território de Goa. – 104, 128; v. Paso Seco.
- San Blas: Dia de São Brás, que se comemora a 3 de Fevereiro. – 632.
- San Blas: Rua de São Brás, na antiga cidade de Goa. – 123, 127, 660.
- San Buena Ventura: Colégio de São Boaventura, da Ordem de São Francisco, na antiga cidade de Goa. – 130, 132, 605.
- San Buena Ventura / Buena Ventura / Buenaventura: Nau *São Boaventura*, da armada que em 1614 largou de Lisboa rumo à Índia. – 7-10, 21, 45-47, 49, 52, 53, 56, 65, 67, 68, 75, 78, 82, 83, 87, 90, 91.
- San Carlos: Nau *São Carlos*, que em 1622 se perdeu na costa de Moçambique. – 680, 681.
- San Eliseo: Juan Tadeu de San Eliseo (1574-1634), carmelita descalço que foi missionário na Pérsia entre 1607 e 1629. – 305; v. Juan Tadeo / Thadeo.
- San Elmo: Fogo-de-santelmo, descarga electroluminescente que se observa com frequência nos mastros dos navios durante as tempestades eléctricas no mar. – 699; v. Cuerpo Sancto.
- San Esteuan: Ilha de Santo Estêvão ou de Juá, no território de Goa. – 100, 101, 148, 154; v. Juna / Juna Conbar; v. Nuño de Acosta.

- San Eulogio: Santo Eulógio de Córdoba (?-859), autor de diversas obras de polémica religiosa. – 438.
- San Francisco: Convento de São Francisco, na antiga cidade de Goa. – 122, 128, 129.
- San Francisco: Galeota *São Francisco*, que em 1617 estava em Ormuz. – 199.
- San Francisco: Ordem de São Francisco ou membro desse ordem. – 46, 361, 392, 618; v. Franciscano/s.
- San Gabriel: Baluarte de São Gabriel, na fortaleza de Ormuz. – 627, 645.
- San Gregorio: Pode referir-se a São Gregório de Nazianzo (329-389), teólogo e escritor que foi Patriarca de Constantinopla; ou a São Gregório de Nissa (330-395), teólogo, místico e escritor cristão. – 433.
- San Jorge: Ermida de São Jorge, que existiria em Urfa, actual Şanlıurfa na Turquia. – 447; v. Orfa; v. Orpha.
- San Jorge: Ilha de São Jorge, nas proximidades da ilha de Moçambique. – 627.
- San Jorge: São Jorge (275-303), soldado romano venerado como mártir cristão. – 355, 433; v. Chederlem.
- San Joseph: Nau *São José*, que em 1622 encalhou nos baixos de Moxincale. – 680-682, 684; v. Moxincale.
- San Juan : Dia de São João, que se celebra a 24 de Junho. – 25.
- San Juan: Ordem de São João, mais conhecida como Ordem de Malta. – 280, 398, 400.
- San Juan: São João Baptista, pregador judeu do início do século I. – 518.
- San Jullian: Puerto San Julián, um porto natural na Patagónia; 49° 18' S, 67° 43' O. – 51, 52.
- San Lorenço: Dia de São Lourenço, que se celebra a 10 de Agosto. – 47, 51.
- San Lorenço: Ilha de São Lourenço ou de Madagáscar. – 40, 45, 54, 57-59, 61-63, 365, 604, 613, 628, 630-634, 642, 644, 664, 679, 691, 695, 696.
- San Lorenço: Passo de São Lourenço, também chamado de Agaçaim, no território de Goa; 15° 25' N, 73° 57' E. – 105; v. Agaçim.
- San Lucas: Dia de São Lucas, que se celebra a 18 de Outubro. – 75.
- San Marcos: Dia de São Marcos, que se celebra a 25 de Abril. – 605.
- San Mathias / Matias: Bairro de São Matias, na antiga cidade de Goa. – 127, 128.
- San Miguel: Baixos de São Miguel, no Oceano Índico, nas proximidades da Saia da Malha. – 64, 65; v. Saya de Malla.
- San Miguel: Dia de São Miguel, que se celebra a 29 de Setembro. – 66.
- San Pablo: Bairro de São Paulo, na antiga cidade de Goa. – 125, 126.
- San Pablo: Colégio de São Paulo, da Companhia de Jesus, na antiga cidade de Goa. – 125, 126.
- San Pablo: Dia de São Pedro e São Paulo, que se celebra a 29 de Junho. – 27.
- San Pablo: São Paulo, um dos apóstolos de Jesus Cristo. – 262; v. Epistola de San Pablo.
- San Pablo: São Paulo, actual Cais do Sodré, em Lisboa. – 7.
- San Pedro: Baía e cabo de São Pedro, local não identificado na costa do Oman. –

- 167.
- San Pedro: Baluarte de São Pedro, na fortaleza de Ormuz. – 671.
- San Pedro: Castelo de São Pedro, em Bodrum, na costa ocidental da Turquia. – 398, 401.
- San Pedro: Dia de São Pedro e São Paulo, que se celebra a 29 de Junho. – 27.
- San Pedro: Paróquia de São Pedro, na antiga cidade de Goa. – 107, 121, 123, 131.
- San Pedro: Penedo de São Pedro, ilhéu rochoso nas proximidades da costa do Brasil. – 19, 25.
- San Phelipe / Philipe: Nau *São Filipe*, da armada que em 1614 largou de Lisboa rumo à Índia. – 7-10, 21, 45-47, 53, 55, 56, 67, 75, 78, 82, 83, 85-90, 92.
- San Roman: Cabo de São Romão, na extremidade setentrional da ilha de São Lourenço. – 61, 696.
- San Roque: Colégio de São Roque ou de São Paulo-o-Novo, da Companhia de Jesus, na antiga cidade de Goa. – 125, 131, 132.
- San Viçente: Cabo de São Vicente, na ponta sudoeste de Portugal. – 26; v. Sacro.
- Sancta Ana: Lugar de Santa Ana, no território de Goa. – 103, 106, 108.
- Sancta Catalina: Dia de Santa Catarina de Alexandria, que se celebra a 25 de Novembro. – 242.
- Sancta Catalina: Igreja de Santa Catarina de Alexandria, na antiga cidade de Goa. – 122, 132.
- Sancta Clara: Dia de Santa Clara de Assis, que se celebra a 11 de Agosto. – 49.
- Sancta Cruz: Torre da Igreja de Santa Cruz, em Madrid. – 303.
- Sancta Elena: Ilha de Santa Helena, no meio da Atlântico Sul, 15° 57' S, 5° 43' O. – 664, 695.
- Sancta Luzia: Igreja de Santa Luzia, na antiga cidade de Goa. – 121, 127, 184, 185, 187, 660; v. Santa Luzia.
- Sancta Marta: Ilha de Santa Marta, provável referência à actual ilha de Coche, ao largo da Venezuela. – 483.
- Sancta Monica: Convento de Santa Mónica, na antiga cidade de Goa, do ramo feminino da Ordem de Santo Agostinho. – 130.
- Sanctiago: Forte de São Tiago, também chamado de Benasterim, no território de Goa, junto ao passo de Benasterim. – 104; v. Banastarin / Benastarin.
- Sanctiago: Ilha de Santiago, actual ilha de Sena, nas proximidades da ilha de Moçambique, 15° 2' S, 40° 44' E. – 627, 647, 681.
- Sanctiago: São Tiago ou Santiago Maior, um dos apóstolos de Jesus Cristo. – 355.
- Sancto Amaro: Nau *Santo Amaro*, da armada que largou de Goa em 1620. – 629; v. San Amaro.
- Sancto Antonio: Baluarte de Santo António, na fortaleza da ilha de Moçambique. – 645.
- Sancto Domingo: Convento de São Domingos, na antiga cidade de Goa. – 127, 128, 660-662; v. Santo Domingo.
- Sancto Domingo: Ilha de Santo Domingo, no Mar das Caraíbas. – 52.
- Sancto Domingo: Ordem de São Domingos ou membro dessa Ordem. – 113, 131,

- 308, 309, 392, 641.
- Sancto Thomas: Colégio de São Tomás, da Ordem de São Domingos, na antiga cidade de Goa. – 111, 147, 160; v. Sancto Tomas.
- Sancto Thomas: Igreja do Apóstolo São Tomé, em Edessa. – 448; v. Edesa / Edessa.
- Sancto Thome: Ilha de São Tomé, situada no Golfo da Guiné. – 10.
- Sancto Thome: Nau *São Tomé*, da armada portuguesa que chegou a Goa em 1622. – 679, 680, 682, 684, 689, 690, 692.
- Sancto Thome: São Tomé de Meliapor, moderna Mylapore, na costa oriental da Índia. – 137; v. Maliapor; v. Meliapor; v. Santo Thome.
- Sancto Tomas: Colégio de São Tomás, da Ordem de São Domingos, na antiga cidade de Goa. – 131; v. Sancto Thomas.
- sancton/es: Eremita. – 142, 153, 185, 252, 256, 257, 287, 289, 329; v. deruis / der-vis; v. ermitaño/s; v. hermitaño/s; v. iogue/s.
- sanctuario/s: Santuário, local de peregrinação religiosa. – 149-151, 255, 256, 496; v. santuario.
- Santa Luzia: Igreja de Santa Luzia, na antiga cidade de Goa. – 123, 124, 182; v. Sancta Luzia.
- Santa Maria: Ilha de Netrani, ao largo da costa ocidental da Índia, nas proximidades da cidade de Bhatkal; 14° 0' N, 74° 19' E. – 89.
- Santa Sophia: Hagia Sophia, em Istambul, antiga basílica ortodoxa, depois transformada em mesquita imperial. – 424.
- Santander: Cidade portuária no norte de Espanha, 43° 27' N, 3° 48' E. – 698.
- Santiago: Baluarte de São Tiago, na fortaleza de Ormuz. – 674.
- Santiago: Dia de Santiago, que se celebra a 25 de Julho. – 38.
- Santiago: Ilha de Santiago, no arquipélago de Cabo Verde. – 26.
- Santiago: Santuário de Santiago de Compostela, em Espanha. – 210.
- Santo Domingo: Convento de São Domingos, na antiga cidade de Goa. – 662; v. Sancto Domingo.
- Santo Thome: São Tomé de Meliapor, moderna Mylapore. – 138, 609; v. Maliapor; v. Meliapor; v. Sancto Thome.
- santuario: Santuário, local de peregrinação religiosa. – 193, 503; v. sanctuario/s.
- Sapor: Sapor I, rei do Império Sassânida na Pérsia (r.241-272). – 456, 466, 470.
- Sapor: Sapor II, rei do Império Sassânida na Pérsia (r.309-379). – 448, 449, 455.
- sapo/s: Sapo (animal). – 112.
- Sara Coja: Um dos secretários de estado de Xá Abbas I. – 553; v. Caracoja / Çaracoja.
- sardinhas: Sardinha (peixe). – 14.
- sarga: Sarja, tipo de tecido e/ou padrão de tecelagem. – 531.
- satrapa/s: Sátropa, governador provincial nos antigos Impérios Medo e Persa. – 461, 492.
- satrapias: Satrapia, território governado por um sátropa. – 416; v. sátropa/s.
- Saturnales: Saturnal, festa que se celebrava na antiga Roma, em honra da divindade Saturno. – 684.

Saturno: Planeta do sistema solar. – 140.
 saualos: *Sábalu* (esp.), sável (peixe). – 12.
 Saulisante: Nome atribuído ao secretário de Don García de Silva. – 596.
 Saya de Malla: Banco da Saia da Malha, no Oceano Índico, nas proximidades da ilha Maurícia, 10° 50' S, 61° 36' E. – 64, 65, 693.
 Scanderbeg: Valido de Xá Abbas I, provavelmente Iskandar Beg (1560-1632), espécie de secretário-geral do monarca safávida e cronista do seu reinado. – 525, 550.
 Scipion Africano: Cipião Africano, dito o Velho (236-183 AEC), general e estadista romano. – 405.
 Scitas / Scithas: Citas, antigo povo nómada que controlou vastas regiões da Ásia Central, das margens do Mar Negro ao Mar Cáspio. – 237, 387, 393, 406, 407, 439, 504; v. Scithia.
 Scithia: Cítia, antiga região da Ásia Central, de fronteiras variáveis ao longo do tempo. – 237-239, 393, 394, 406, 414, 415, 429, 505.
 scithica: Língua cítica, da família iraniana, falada pelos Cítas. – 391, 393.
 Scithica/o: Cítico, referente aos Cítas. – 236, 353, 416.
 Scithico: Mar Cítico, referência ao Mar de Kara, uma das secções do Oceano Glacial Ártico. – 407.
 Scorpion: Scorpius, ou Escorpião, constelação do equador celeste. – 25, 511.
 scorpiones: *Escorpión* (esp.), máquina de guerra semelhante à catapulta. – 400; v. escorpiones.
 Scotos: Escoceses, habitantes da Escócia. – 436; v. Pictos.
 Se: Sé Catedral de Santa Catarina, na antiga cidade de Goa. – 147.
 Sebaste: Antiga designação da cidade turca de Sivas, na Anatólia Central, 39° 45' N, 37° 1' E. – 399; v. Cayseria; v. Çesarea.
 Sebastian de Figueredo: Sebastião de Figueiredo, português que viajou repetidamente do Golfo Pérsico para Portugal, por via terrestre, na passagem do século XVI para o século XVII. – 560.
 Sebastian Serlio: Sebastiano Serlio (1475-c.1554), arquitecto italiano e teórico da arquitectura, autor de *I setti libri dell'architettura*. – 285.
 seda/s: Tecido ou material de seda. – 78, 91, 129, 134, 142, 144, 175, 200, 211, 216, 225, 292, 312, 324, 339, 341, 348, 352, 364, 365, 366, 376, 377, 418, 420, 428, 429, 432, 433, 491, 514, 516, 522, 523, 526, 534, 560, 561, 665, 667, 668.
 Sedechias: Zedequias, o último dos reis do antigo reino de Judá (século VI AEC). – 459, 460.
 Segismundo: Segismundo do Luxemburgo, rei da Hungria e da Croácia (r.1387-1437), e também da Boémia (r.1419-1437). – 402.
 Seida: Saída ou Sidon, localidade no Líbano; 33° 33' N, 35° 23' E. – 548; v. Sidon.
 Seilan: Ilha de Ceilão. – 138, 336, 483; v. Seylan.
 Seleçia / Seleuçia: Seleucia, antiga cidade situada nas margens do rio Tigre. – 426, 452, 454, 462-466, 469, 470.

Seleuco: Seleuco I Nicator (c.358-281 AEC), um dos generais de Alexandre Magno, que estabeleceu o Império Selêucida. – 452.
 Selin: Nur-ud-din Mohammad Salim (1569-1627), também conhecido como Jahangir, imperador mogor a partir de 1605. – 360, 538, 545.
 Selin: Selim I (c.1465-1520), sultão do Império Otomano a partir de 1512. – 423, 42, 504.
 Semana Sancta: Semana Santa, designação da semana que no calendário cristão antecede a Páscoa. – 136, 288, 524, 676.
 Semele: Semele, figura da mitologia grega. – 134.
 Sena: Povoação nas margens do rio Zambeze, em Moçambique. – 48.
 Senacherib: Senaqueribe, rei da Assíria (r.705-681 AEC). – 461.
 Senapio: Sinope, antiga colónia grega no Mar Negro, no local da actual cidade turca de Sinop; 42° 2' N, 35° 9' E. – 378; v. Sinope.
 Senderu: Rio Zayanderud, o maior do planalto iraniano, que banha Ispão. – 306, 307, 518, 538.
 Seno Persico: Golfo Pérsico. – 182, 183, 206, 250, 269, 386, 478, 480, 483, 486.
 Senpronio: Tibério Semprônio Graco (c.165-133 AEC), político romano, filho de Cornélia Africana e neto de Cipião Africano. – 405; v. Cayo Graco; v. Cornelia; v. Scipion Africano.
 Septentrional: Estreito Setentrional, passagem de nordeste, que daria passagem do Atlântico para o Índico. – 409, 410.
 Septentrional: Mar Setentrional, o Oceano Glacial Ártico. – 353.
 Septimio Seuero: Lúcio Septímio Severo, imperador romano (r.193-211). – 451, 454, 463, 465, 470.
 sepulcro/s: Sepulcro ou túmulo. – 222, 250, 256, 257, 259, 285, 287, 386, 421.
 sepultura/s: Sepultura ou túmulo. – 184, 187, 222, 234, 256, 257, 259, 282, 284.
 Serdar: Sardar ou sirdar, título persa que denota chefia ou liderança. – 505.
 serpiente/s: Serpente (animal). – 109-111, 281, 512, 513; v. biuora/s; v. culebra/s / culebrillas; v. sierpes.
 serrallos: Serralho, zona de uma habitação exclusivamente reservada às mulheres, o mesmo que harém. – 246, 247, 248, 301; v. arame/s.
 seruas: *Serba* (esp.), sorva, fruto da sorveira. – 114.
 Seruia: Sérvia, região e antigo reino dos Balcãs. – 239, 402.
 Servianos: Sérvios, habitantes ou originários da Sérvia. – 239; v. Seruia.
 Seuilla: Sevilha, cidade espanhola. – 302.
 Seylan: Ceilão. – 138; v. Seilan.
 Sicilia: Sicília, ilha no sul de Itália. – 330, 363, 483.
 Sidon: Saída ou Sidon, localidade no Líbano. – 548; v. Seida.
 sierpes: Serpente (animal). – 279; v. biuora/s; v. culebra/s / culenbrillas; v. serpiente/s.
 Siete Ermanas/os: Baixos dos Sete Irmãos, no Oceano Índico, nas proximidades da Saia da Malha. – 64, 66, 693; v. Saya de Malla.
 Silesia: Silésia, região da Europa Central, onde se localizava um ducado do mesmo

- nome. – 391.
- Simon: São Simão, apóstolo de Jesus Cristo. – 211.
- Simon: Simão, criado português de Don García de Silva. – 111.
- Simon Barbuto: Mensageiro arménio ao serviço de Felipe III, rei de Espanha (r.1598-1621). – 501.
- Simon Cham: Svimon I, rei de Kartli, um potentado georgiano (r.1556-1569; r.1578-1599). – 434.
- Simon de Melo: Simão de Melo Pereira, último capitão português da fortaleza de Ormuz, em 1622. – 669, 673, 676, 677.
- Sinan: Sinan Pasha (1506-1596), general otomano, grão-vizir em 1595-1596. – 442.
- Singapor: *Sarapu* (concani), cobra venenosa (na região de Goa). – 110.
- Singara: Antigo entreposto fortificado no norte da Mesopotâmia. – 455.
- Sinope: Cidade nas margens do Mar Negro, na actual Turquia, 42° 1' N, 35° 9' E. – 379, 443; v. Senapio.
- Sintra: Localidade nos arredores de Lisboa, em Portugal. – 8.
- Siracusa: Porto na costa oriental da Sicília; 37° 5' N, 15° 17' E. – 424, 474, 483.
- Síria: Síria, região da Ásia Ocidental. – 237, 444, 458, 459, 460, 475; v. Suria.
- Síria Comagena: Comagena, antiga região da Ásia Menor, junto ao Eufrates, cuja capital era Samósata. – 444, 460.
- Síria Damascena: Síria propriamente dita, com capital em Damasco. – 459.
- siriaca: Língua siríaca ou siríaco, dialecto do aramaico, que era falado na Mesopotâmia. – 138; v. caldeas / chaldeas; v. surianas.
- Sírios: Sírios, habitantes da Síria. – 475; v. Síria; v. Suria; v. Suriana/o/s.
- Sirvan / Sirvan: Shirvan, região histórica na parte oriental do Cáucaso, no actual território do Azerbaijão. – 256, 315, 352, 359, 377, 422, 428-430, 437, 440, 505, 555.
- Sisto 4: Francesco della Rovere (1414-1484), papa a partir de 1471, com o nome de Sixto IV. – 309.
- Sitacena: Sitacena, antiga designação de uma região situada na Assíria. – 455, 485.
- Siuan: Rio iraniano, talvez o Qareh Aghaj. – 233, 234, 240, 567.
- Smirna: Esmirna ou Izmir, cidade portuária na costa ocidental da Anatólia; 38° 26' N, 27° 9' E. – 398-401.
- Soar: Sohar, cidade do litoral do Oman, onde existia uma fortaleza portuguesa; 24° 20' N, 56° 43' E. – 598.
- Soba: Soba ou Zobah, antigo reino aramaico na Síria. – 459; v. Aderezar / Aderezer.
- Sofi Hismael: Ismail I (r.1501-1524), xá da Pérsia, fundador da dinastia safávida. – 312; v. Hismael Sophi; Sophi Hismael.
- Sophia: Princesa búlgara, que teria casado com um dos filhos de Tamerlão. – 396; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- Sophia: Referência a Olivera Despina Hatun, esposa do sultão otomano Bayezid I. – 399; v. Bayazeto; v. despota de Bulgária.
- Sogodia: Sogdia ou Sogdiana, antiga civilização asiática, que hegemonizou territórios dos actuais Tajiquistão e Uzbequistão. – 387-389, 391, 393, 394, 415,

- 417, 534; v. Chacatais / Chacatay; v. Tartaros Chacatais; v. Zacatais.
- Sogodiano/s: Sogdianos, habitantes da antiga Sogdia ou Sogdiana. – 263, 303, 387, 393, 396; v. Sogodia.
- Soldanes: Referência ao Sultanato Mameluco do Cairo (1250-1517). – 353, 398, 438, 444; v. Mamellucos.
- Soliman: Suleimão I, sultão otomano (r.1520-1566). – 380, 426, 427, 442.
- sollos: Esturjão (peixe). – 419, 428.
- soltan/es: Sultão, título de governante muçulmano. – 211, 213, 218, 219, 223, 241, 243, 244, 253, 260, 264-267, 299, 308, 311, 332, 334, 338, 341, 369, 370, 403, 414, 482, 503, 551, 565, 576, 579, 580, 586, 608.
- Soltan Mahamet: Umar Shaik Mirza, segundo filho de Tamerlão. – 403; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- Soltania: Soltaniyeh, cidade no noroeste do Irão; 36° 25' N, 48° 47' E. – 343, 345, 357, 360, 361, 421, 426, 427, 496, 506, 509; v. Sultania.
- Sophi Hismael: Ismail I (r.1501-1524), xá da Pérsia, fundador da dinastia safávida. – 245, 359, 423, 503, 504; v. Hismael Sophi; v. Sofi Hismael.
- Sophiana/os: Sofianos, adeptos do Sofi, designação atribuída em fontes europeias ao xá da Pérsia; designação que equivale a Xiítas, adeptos do Xiísmo, um dos ramos do Islão. – 338, 339, 503, 513, 514, 515.
- Sophien: Susiana, antiga civilização de Elam, cuja capital se situava em Susa, em território iraniano, ao longo da margem norte do Golfo Pérsico. – 484; v. Susiana / Susien / Susten.
- Sophonias: Sofonias, um dos livros proféticos do *Antigo Testamento*. – 451.
- Sophonisba: Sofonisba, princesa cartaginesa (séculos III-II AEC). – 403.
- sortijas: Anel liso. – 288, 335.
- sota piloto / sotapiloto: Sota-piloto, o segundo piloto. – 83, 621, 626, 633, 680; v. piloto/s.
- sotilicarios: Sotilicário, espécie de pinguim. – 51; v. pinguinas.
- Spaham / Spahan: Ispaão, importante cidade iraniana; 32° 42' N, 51° 43' E. – 250, 264-267, 269, 279, 286, 292-295, 297, 298, 302, 305, 306, 308, 313-316, 324, 334, 347, 360, 361, 367, 377, 380, 386, 387, 417-421, 424, 427, 433, 440, 468, 469, 485, 489, 492, 495-498, 501-503, 507, 508-511, 513, 514, 517, 518, 521, 522, 524, 526-529, 531, 535, 536-538, 541, 545, 548, 551, 552, 554-562, 565, 572, 574, 575, 580, 583-586, 592, 596, 665, 668.
- Spiritu Sancto: Ilha do Espírito Santo, no território de Goa. – 100-103, 130, 148; v. Narua.
- Spoletinos: Habitantes da antiga cidade de Spoleto, no centro da Itália. – 109.
- Starabat: Astarabad, antiga designação de Gorgan, cidade na região iraniana de Golestan; 36° 50' N, 54° 26' E; a mesma designação aplicava-se à região circundante. – 418-420; v. Strabat.
- Stotilant: Estotilândia, ilha mítica localizada por alguma cartografia antiga junta à Terra Nova. – 407, 408, 410.
- Stoycos: Estóicos, partidários da filosofia estóica. – 404.

- Strabat: Astarabad, antiga designação de Gorgan, cidade na região iraniana de Golestan. – 387; v. Starabat.
- Strabon: Estrabão (c.64 AEC-24), historiador grego, autor de uma monumental *Geografia*. – 207, 231, 268, 425, 427, 433, 452, 453, 457, 470, 472, 490, 559; v. Estrabo/n.
- Su Magestad / Catholica / Catolica: Referência a Felipe III (r.1598-1621) e a Felipe IV (r.1621-1665), reis de Espanha e Portugal (até 1640). – 8, 11, 48, 54, 70, 71, 89, 159-162, 195, 196, 200, 337, 338, 344, 345, 349-351, 361-368, 374-376, 407-410, 426, 480, 501, 509-511, 522, 523, 527, 530, 531, 533, 538, 548, 560-562, 589-591, 594, 596, 610, 630, 639, 663-668, 675, 678, 679, 682, 688, 689, 692.
- Suez: Porto na extremidade setentrional do Mar Vermelho, 29° 58' N, 32° 33' E. – 177, 366.
- Soltania: Soltaniyeh, cidade no noroeste do Irão. – 360, 425, 498, 510; v. Soltania.
- Sumachia: Shamakhi, antiga cidade do Cáucaso, capital do potentado de Shirvan; 40° 37' N, 48° 38' E. – 429.
- Sumo/s Pontífice/s: Papa, chefe supremo da Igreja Católica Apostólica Romana. – 305, 308, 309, 316, 343, 346, 363, 392, 436; v. Papa.
- Suni/s: Sunitas, adeptos do Sunismo, o maior ramo do Islão. – 394, 513-515, 517, 531, 554.
- Sur / Mar del Sur: Mar do Sul ou Oceano Pacífico. – 51, 60.
- Suria: Síria, região da Ásia Ocidental. – 114, 117, 134, 180, 237-239, 359, 398, 423, 429, 438, 444, 445, 446, 448, 450, 454, 456, 459, 460, 462, 497; v. Siria.
- Suriana/o/s: Sírios, habitantes ou originários da Síria. – 297, 301, 314, 359, 368, 419, 447, 448, 450, 524, 555; v. Siria; v. Siros; v. Suria.
- surianas: Letras e língua síriaca. – 281; v. caldeas / caldeas; v. siriaca.
- Susa: Antiga cidade iraniana, no local da actual Shush, 32° 11' N, 48° 15' E. – 253, 268, 424-426, 484, 485, 486; v. Suster.
- Susana: Suzana, personagem bíblica, mencionada no Livro de Daniel. – 472.
- Susiana / Susien / Susten: Susiana, antiga civilização de Elam, cuja capital se situava em Susa, em território iraniano, ao longo da margem norte do Golfo Pérsico. – 253, 268, 278, 338, 361, 386, 387, 452, 455, 467, 484, 485, 489, 497; v. Sophien; v. Suster.
- Suster: Outra designação para Susa, antiga cidade em território iraniano; pode designar também a Susiana. – 253, 268, 338, 485, 486, 579; v. Susa; v. Susiana / Susien / Susten.

T

- tabaco: Tabaco. – 549, 550; v. tauaco.
- tabales: Atabale, tambor de caixa de cobre. – 357; v. atabalejos / atabales.
- tafetan/es: Tafetá, tecido fino de seda. – 129, 153, 205, 219, 314.

- tagarotes: Tagarote, um tipo de falcão africano. – 608.
- Tajo: Rio Tejo, que desagua junto a Lisboa. – 86, 428, 461; v. Lisboa.
- Tajur Abat / Tajut Abat: Tajur Abad, localidade não identificada na rota entre Ispão e Kashan, onde existia um caravançaraí. – 316, 500, 524.
- Talangan: Taleigão ou Nossa Senhora do Cabo, povoação da zona litoral de Goa, numa das margens da embocadura do rio Mandovi. – 99; v. Nuestra Señora del Cabo.
- tamaras: Tâmara (fruto). – 174, 175, 569, 570, 696; v. datiles.
- Tamaras Cham / Tamaras Chan / Tamarascam / Tamarascan: Teimuraz I, reinou intermitentemente (entre 1605 e 1648) o potentado de Kakheti, na parte oriental da Geórgia. – 262, 505, 507, 508, 563, 564.
- Tamas: Xá Tahmasb I ou Tahmasp I, que reinou na Pérsia entre 1524 e 1576, o avô de Xá Abbas I. – 313, 420, 427; v. Thamas.
- Tamasbec: Tahmas Beg, filho de Amir Gune Khan, governador de Erevan. – 351; Emir Gulican / Emir Gulichan; v. Emirgolican; v. Thamasbec.
- Tamaxa: *Tamasha* (persa), celebração, espectáculo. – 247, 548.
- Tamis Cham: Isa Khan (?-1632), *qurchibashi* ou comandante da guarda real de Xá Abbas I. – 499; v. corchi bassi.
- Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang: Timur-i-Lang ou Tamerlão (1336-1405), senhor da guerra mongol que hegemonizou vastas regiões asiáticas. – 237, 326, 351, 387, 388, 394-403, 405-407, 411-414, 416, 529-531, 544.
- Tamur: Nome de um dos mestres de cerimónias de Xá Abbas I. – 529-531.
- Tana: Tana, antiga cidade nas margens do Mar Negro, aproximadamente correspondente à moderna Rostov-do-Don; 47° 13' N, 39° 43' E. – 437.
- Tana: Mar de Tana, antiga designação do Mar Negro. – 353, 379, 439, 440; v. Negro; v. Ponto Eugino.
- Tanais: Rio Tanais, identificável com o Don, que desagua no Mar de Azov. – 378, 440; v. Don; v. Thanais.
- Tango Talan: Tang Dalan, povoação iraniana no caminho entre Comorão e Lar, onde existia um caravançaraí; 27° 20' N, 55° 5' E. – 207, 208.
- tapia/s: Taipa ou adobe. – 159, 171, 200, 201, 205, 209, 213, 216, 242, 255, 289, 310, 311, 369, 374, 440, 441, 461, 482, 486, 569; v. adobes.
- tapizes: Tapete. – 413.
- Tarauste: Nome ou alcunha de soldado embarcado na armada da carreira da Índia de 1614. – 79.
- Tarchi: Antiga fortaleza nas margens do Mar Cáspio. – 439.
- tarranquin/es: Terranquim, pequena embarcação indiana, de vela e remos. – 372, 580, 597; v. terranquines.
- tartaresca: Língua tartaresca ou tártara. – 391.
- Tartaria: Tartária, termo utilizado para designar grandes extensões da Ásia mais oriental, e nomeadamente das regiões que se estendem do Mar Cáspio ao Oceano Pacífico. – 154, 237, 306, 334, 353, 362, 392, 393, 406, 407, 411,

429; v. Tartaro/s.

Tartaro/s: Tártaros, originários ou habitantes da Tartária. – 136, 236, 237, 295, 306, 314, 315, 351, 353, 354, 378, 379, 387, 391, 392-395, 397, 401, 402, 406, 407, 411, 412, 426, 429, 437-439, 505, 507, 508, 530, 531, 535; v. Tartaria.

Tartaros Casanenses: Habitantes da região de Kazan, na Moscóvia, actual Rússia. – 439; v. Casanenses.

Tartaros Chacatais: Chagatais, povo que habitava vastas regiões da Ásia Central. – 387; v. Chacatais / Chacatay; v. Zacatais.

Tartaros Mongales: Mongóis, grupo etno-linguístico de povos das estepes da Ásia Central. – 411; v. Mongal/es / Mongalenses.

Tartaros Nogais: Nogais, Mongóis da chamada Orda Dourada. – 387, 406; v. Nogais.

Tartaros Precopenses: Tártaros do Khanato da Crimeia. – 378, 530, 379, 392; v. Precopenses / Precopitas.

Tata: Thatta, antigo porto do Sinde, no actual Paquistão; 24° 44' N, 67° 55' E. – 365.

Tatar Cham / Tatarcham: Tatar Khan, irmão do rei de Caffa. – 353, 392; v. Cafá.

tauaco: Tabaco. – 661; v. tabaco.

tauardillos: *Tabardillo* (esp.), febre grave e contagiosa. – 325.

Taurica Quersoneso: Táurica Quersoneso, antiga designação da península da Crimeia e regiões adjacentes. – 439.

Tauris: Tabriz, cidade no noroeste do actual Irão; 38° 4' N, 46° 18' E. – 295, 306-309, 311, 334, 343, 358, 360, 380, 421-427, 437, 441, 495, 503, 506, 509, 548; v. Torsis.

Taurisinos: Habitantes de Tabriz. – 307, 308-309, 538; v. Tauris.

Tauro: Montes Tauro, cadeia montanhosa no sul da actual Turquia. – 422.

Tehebe: Talvez identificável com Tiwi, na costa do Oman, entre Calaiate e Curiate. – 168; v. Thebe.

telas: Tecidos. – 129, 142, 241, 296, 312, 334, 432, 433, 526.

Tenpe de Tessalia: Tempe, vale da Tessália, por onde corre o rio Peneu. – 613.

tenplo/s: Templo, edificio religioso. – 100, 123, 128, 129, 136, 137, 143, 146, 147, 149, 221, 252, 287, 350, 503, 513, 517, 520, 548, 584, 400, 424, 431, 434, 446, 447, 472, 503, 513, 517, 520, 548, 584; v. pagode/s.

terçiopelo: Veludo (tecido). – 144, 353, 433, 531, 532, 555.

Termedonte: Rio Terme ou Termodonte, que corre na região setentrional da Turquia e desagua no Mar Negro. – 434.

Termopilas: Termópilas, desfiladeiro na Grécia. – 134.

terneras: Vitelo ou vitela (animal). – 135, 642, 695.

terranquines: Terranquim, pequena embarcação indiana, de vela e remos. – 595; v. tarranquin/es.

terremotos: Sismo ou terramoto. – 272, 445, 577, 578, 634, 658.

Terua: Terva, antiga designação da cidade de Yerevan, na Arménia. – 308, 425, 440; v. Eruan.

Tessalia: Tessália, região da Grécia. – 613.

Testamento: *Velho Testamento* ou *Novo Testamento*. – 191, 262, 347.

Tete: Localidade em Moçambique, nas margens do rio Zambeze, onde existia uma fortaleza portuguesa. – 48.

Thais: Tais, cortesã ateniense que acompanhou Alexandre Magno nas suas campanhas militares. – 285.

Thamas: Xá Tahmasb I ou Tahmasp I, que reinou na Pérsia entre 1524 e 1576, o avô de Xá Abbas I. – 279, 310, 312, 359, 380, 421, 426, 442, 492, 553, 556; v. Tamas.

Thamasbec: Tahmas Beg, filho de Amir Gune Khan, governador de Erevan. – 351; Emir Gulican / Emir Gulichan; v. Emirgolican; v. Tamasbec.

Thamur: Soldado persa não identificado. – 351.

Thanais: Rio Tanais ou Don. – 387, 411; v. Don; v. Tanais.

Thebaida: Tebaida, região desértica do Egipto, onde se situava a cidade de Tebas, que na época romana se tornou lugar de retiro para eremitas cristãos. – 232.

Thebanas: Tebanas, mulheres de Tebas, na Grécia. – 134.

Thebas: Tebas, cidade na Grécia. – 134.

Thebe: Lugar na costa do Oman, a sul de Curiate, identificável com Tiwi. – 168, 599, 677; v. Tehebe.

Thebe: Lugarejo no caminho entre Alepo e Bagdade, famoso pela beleza das suas mulheres. – 455-457; v. Thibe.

Theodosio: Teodósio I, o Grande, imperador romano (r.378-395). – 445.

Thibe: Lugar referido por Cícero, que corresponderia a Thebe, lugarejo no caminho entre Alepo e Bagdade. – 456; v. Thebe.

Thomas: São Tomé, apóstolo de Jesus Cristo. – 448.

Thomas Chandisc: Thomas Cavendish (1560-1592), navegador e corsário inglês, que efectuou uma viagem de circumnavegação. – 51.

Thou: Tou ou Thou, personagem bíblico do *Antigo Testamento*, rei de Hamath. – 459, 460; v. Emath; v. Joran.

Tiberio Graco: Tibério Graco, político romano do século II AEC. – 405.

tiburon/es: Tubarão. – 13, 14, 17-19, 24, 30, 50, 60, 61, 646.

Tidore: Tidore, cidade e ilha do arquipélago de Maluco, na Indonésia, onde os Portugueses possuíam uma fortaleza, que depois de 1605 foi controlado pelos Espanhóis; 0° 41' N, 127° 24' E. – 389.

Tierra Ocçidental: América. – 116.

Tierra Sancta: Terra Santa, antiga designação da região compreendia entre o rio Jordão e o Mar Mediterrâneo. – 237, 238.

Tiflis: A antiga Tiflis, actual Tbilisi, capital da Geórgia; 41° 43' N, 44° 47' E. – 430; v. Tiphlis.

Tigranes: Tigranes II, rei da Arménia (r.95-55 AEC). – 422, 442.

Tigrano Çerta / Tigranoçerta: Triganocerta, antiga capital da Arménia, fundada por Tigranes, nas proximidades do lago Van, na actual Turquia. – 422, 424, 425, 426, 427; v. Tigranes.

tigres: Tigre (animal). – 47, 318, 417, 418, 611.

Tigres: Rio Tigre, um dos grandes rios da Mesopotâmia. – 237, 283, 422, 425, 449-453, 455, 458, 462-467, 469-471, 478, 479, 484, 485.

Tilos: Tylos, designação atribuída pelos autores clássicos à ilha de Bahrain, no Golfo Pérsico. – 207; v. Baharen.

Timoja: Timoja ou Timoji, corsário indiano baseado no porto de Onor, que colaborou com os portugueses nos primeiros anos do século XVI. – 90.

Tinieblas: Região das Trevas, designação medieval para as terras mais setentrionais da Ásia; Marco Polo alude à *regio tenebrarum*. – 406, 407.

tintoreras: Tintureira, peixe da família dos esqualos. – 60, 646; v. marrajo/s.

Tiphlis: A antiga Tiflis, actual Tbilisi, capital da Geórgia. – 437; v. Tiflis.

Tira: Tyra, antigo nome grego do rio Dniester, que desagua no Mar Negro. – 378; v. Nistro.

Tiro: Antiga cidade fenícia, que se situava no local do actual porto de Sour, na costa do Líbano. – 445.

Tobias: Livro de Tobias, um dos livros deuterocanónicos do *Antigo Testamento*. – 451.

Toca/s: Touca (peça de vestuário). – 85, 109, 134, 151, 200, 205, 211, 216, 225, 242, 296, 314, 339, 340, 432, 515, 520, 531, 534, 538, 575.

Todos Sanctos: Dia de Todos-os-Santos, comemorado a 1 de Novembro. – 88.

Toledo: Cidade e província em Espanha; 39° 51' N, 4° 1' O. – 44, 461.

tollo: Lixa, espécie de cação (peixe). – 14.

Tomanis: Cidade turca não identificada, nas proximidades de Kars. – 441, 442; v. Cars.

Toneleros: Rua dos Toneleiros, na antiga cidade de Goa. – 130, 132.

toninas: Toninha (cetáceo). – 24, 25, 621.

torcazas: Torcaz, uma variedade de pomba. – 641, 694.

Toro: Cidade em Espanha, 41° 31' N, 5° 23' O. – 449.

toro/s: Touro (animal). – 48, 244, 275, 303, 320-324, 546, 547, 610, 611.

Torsis: Provável referência a Tabriz, cidade do nordeste iraniano, 38° 4' N, 46° 18' E. – 417; v. Tauris.

tortola/s: Rola (ave). – 30, 602, 641, 694.

tortugas: Tartaruga. – 52, 694.

tostones: Tostões, termo que na roteirística portuguesa costuma designar pedaços de espuma arredondados. – 652.

Tota Beg / Totabec / Totanbec: Takhta Beg Ostajlu, que em 1619 era *darugha* ou chefe das forças policiais de Ispaão. – 279, 315, 524, 528; v. deroga.

Tothamiscan: Tokhtamish Khan (?-1406), senhor da guerra mongol, um dos colaboradores de Tamerlão, com quem acabou por se antagonizar. – 417; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.

trabucos: Trabuco, máquina de guerra que atirava dardos. – 400; v. balistas / balistas.

Traçes: Trácios, habitantes da antiga Trácia. – 399, 400; v. Traça.

Traça: Trácia, antiga região do sudeste da Europa, incorporando territórios das

actuais Bulgária, Grécia e Turquia. – 239.

Trajano: Marco Úlpio Trajano, imperador entre 98 e 117, responsável pela incorporação de numerosas regiões asiáticas no Império Romano. – 451, 454, 463, 465, 470.

Transtigritanas: *Regiones Transtigritanae*, regiões da parte meridional da Arménia, que no século III foram incorporadas no Império Romano. – 454.

Trapezunte / Trapisonda: Trebizonda, cidade no nordeste da Turquia, nas margens do Mar Negro, capital de um antigo potentado com o mesmo nome; 41° 0' N, 39° 44' E. – 309, 443.

trebol: Trevo (planta). – 85; v. trifolio.

Tres Boticas: Rua das Três Boticas, na antiga cidade de Goa. – 130.

triacas: Teriaga, antigo antídoto contra venenos, de composição variável. – 109.

Tribalos: Tríbalos, povo balcânico que demorava na região da Trácia. – 396, 399; v. Bulgaros.

trifolio: Trevo (planta). – 85; v. trebol.

trigo: Trigo. – 18, 167, 176, 180, 224, 281, 291, 430, 449, 450, 451, 481, 532, 558.

Trinidad: Galeão *Trindade*, da armada que partiu de Lisboa em 1622, com o vice-rei Dom Francisco da Gama. – 679, 680, 682.

Trinidad: Ilha de Trinidad, a mais meridional das Caraíbas, ao largo da costa da Venezuela; 10° 27' N, 61° 14' O. – 21, 41.

Trinidad: Paróquia da Santíssima Trindade, no território de Goa. – 123-126.

trinquete: Traquete, a maior vela do mastro da proa. – 21, 36, 38, 46, 53, 174, 581, 597, 631, 634, 636, 638, 644, 648, 697, 698.

Tripol: Tripoli, cidade portuária no actual Líbano, 34° 26' N, 35° 51' E. – 191, 239, 445, 549, 583.

Tristán de Acuña: Arquipélago de Tristão da Cunha, localizado no sul do Oceano Atlântico; 37° 6' S, 12° 17' O. – 33, 36-38, 42, 57, 58, 613.

Trogo Ponpeyo: Gneu Pompeu Trogo (século I AEC), historiador gaulês romanizado, autor das *Historiae Philippicae*, história universal hoje perdida, conhecida através da versão resumida de Marco Júnio Justino (século II). – 473; v. Justino.

tronba: Tromba, designação atribuída a tronco flutuante com raízes, vulgarmente avistado nas proximidades do Cabo da Boa Esperança. – 36, 43, 44.

tronpetas / tronpetillas: Trompete ou trombeta (instrumento musical). – 212, 299, 352, 357.

Tropico: Referência a Trópico de Capricórnio ou a Trópico de Câncer. – 11, 26, 61, 175; v. Capricorno; v. Cancro; v. Círculo.

Troya: Tróia, antiga cidade da Ásia Menor. – 283.

Troyana: Troiana, referente a Tróia. – 434; v. Troya.

truchas: Truta (peixe). – 12.

Tudescas/os: Alemães, originários ou residentes na Alemanha. – 154, 294, 298, 345, 353, 399, 400; v. Alemaña.

turbante/s: Turbante. – 260, 302, 332, 334, 338, 339, 341, 345, 348, 349, 353, 403,

432, 478, 499, 514, 515, 526, 531, 532, 534, 550, 575.

Turco: Designação atribuída ao sultão otomano. – 196, 306, 323, 332, 337, 338, 341, 343, 344, 346, 347, 350-353, 358, 360, 362-364, 366, 367, 380, 395, 396, 398, 426, 427, 434, 437, 447, 467, 473, 479, 480, 497, 504, 505, 523, 530, 532, 536, 548, 549, 553, 555, 561; v. Gran Turco.

Turcoman/a/es: Turcomanos, povo túrquico da Ásia Central. – 228, 229, 231, 234, 236-239, 241, 286, 544, 564, 571, 576.

Turcos: Turcos Otomanos. – 84, 137, 142, 177, 200, 217, 237-240, 261, 262, 295, 308-311, 314, 334, 338, 341, 343, 346, 347, 349, 351, 353, 355, 358, 378-380, 391, 396-400, 402, 421, 427, 429, 431, 433, 436-443, 445, 446, 448, 450, 451, 458, 468, 469, 479-483, 486, 499, 502-509, 513, 519, 544, 548, 553

turquesa / turquesca/o: Língua turca. – 295, 339, 358, 398, 426, 429, 448, 550.

turquesas: Turquesa, gema de cor esverdeada. – 200, 334.

Turquesca/o/s: Referente ao Império Otomano. – 238, 260, 261, 264, 332, 346, 378, 397, 427, 498, 503, 505, 507, 508, 509.

Turunbaque: Lugar da ilha de Ormuz onde existiam poços de água potável. – 182, 185, 186, 597.

Tusculanas: Tratado filosófico da autoria de Cícero (séc. I AEC). – 404; v. Çiçeron.

U

uuas: Uvas (fruta). – 211, 481; v. vuas.

V

vaca/s: Vaca (animal). – 21, 51, 81, 83, 84, 131, 133, 135, 136, 139, 209, 236, 418, 593, 610, 641, 642, 694.

Valência: Valência, cidade espanhola no litoral do Mediterrâneo. – 48, 232, 269.

Valeriano: Públio Licínio Valeriano (c.200-260), imperador romano (r.253-260) – 453, 456; v. Liçinio Valeriano.

Valladolid: Cidade do noroeste de Espanha; 41° 38' N, 4° 43' E. – 362, 449, 604.

vallena/s: Baleia. – 27, 34, 624, 649; v. çete/s / çethe.

Van: Cidade na parte oriental da Turquia; 38° 29' N, 43° 22' E. – 352, 360, 423, 427, 498, 505, 507, 508; v. Veran.

Vandalos: Vândalos, povo germânico que nos séculos IV e V migrou através da Europa, até ao norte de África; algumas tribos fixaram-se na Península Ibérica. – 295.

Vara de Coromandel: Temporal que ocorre na costa de Coromandel, na Índia, por alturas do equinócio de Outono. – 609.

Vasco de Gama, don: Dom Vasco da Gama (c.1460-1524), fidalgo português, descobridor do caminho marítimo para a Índia. – 51.

vasquiña: *Basquiña* (esp.), vasquinha, saia preta com muitas pregas na cintura. – 144, 145, 212, 244.

vaupres: *Bauprés* (esp.), gurupés, mastro oblíquo situado na proa dos navios. – 17, 27, 48, 75, 636.

vedija: Tufo, porção de lã emaranhada. – 50, 51.

vedrieras: Vidraça. – 148, 234, 245, 257, 258, 264, 317, 567.

veedor de / de la hazienda: Vedor da fazenda, funcionário administrativo e financeiro nomeado pela Coroa portuguesa. – 182, 581, 587-589, 594, 670, 676, 677.

Velada: Município na região de Toledo, em Espanha. – 410; v. Marques de Velada.

venados: Veado (animal). – 204, 431, 610, 611, 694.

Veneçia: Veneza, cidade italiana no litoral do Adriático. – 8, 245, 277, 309, 411, 624.

Veneçianos: Venezianos, originários ou residentes de Veneza. – 345, 377, 390, 417, 419, 437, 445, 472, 509, 524, 526, 548; v. Veneçia.

veneçianos: Moeda de ouro veneziana. – 675.

Venetos: *Factio veneta*, ou 'azuis', uma das quatro facções que se formaram na antiga Roma, no contexto das corridas de cavalos e de carros. – 321; v. Prasi-nos.

ventalles: Abanos ou leques. – 480.

Venus: Planeta Vénus. – 26.

Veran: Van, cidade na parte oriental da Turquia. – 427; v. Van.

Vestales: Vestais, sacerdotisas da antiga Roma, dedicadas ao culto da deusa Vesta. – 296.

Vgion: Ujan, localidade iraniana a nordeste de Xiraz, onde existia um caravançarai. – 288.

Via Lactea: Via Láctea. – 26, 29.

Viçente Rodriguez: Vicente Rodrigues (?-1592), célebre piloto e roteirista português da carreira da Índia. – 62.

Viçente Sorrentino: Vicente Sorrentino, capelão de Don García de Silva na jornada da Pérsia. – 226.

Victoria: Ilha do litoral do Oman, não identificada. – 177, 677.

Victoria Colona: Vittoria Colonna (1490-1547), famosa poetisa italiana, marquesa de Pescara. – 405; v. Pescara.

Vidigueira: Localidade portuguesa no Alentejo. – 679, 691; v. Conde da Vidigueira.

vihuela: Viola (instrumento musical). – 217.

vinagre: Vinagre. – 65, 119, 419.

vino: Vinho. – 24, 56, 119, 205, 215, 232, 241, 244, 245, 260, 262, 316, 342, 344, 349, 352, 430, 432, 437, 526, 533, 534, 549, 551, 567, 622.

Virgilio Polidoro: Polidoro Virgilio (1470-1555), humanista italiano que se fixou em Inglaterra, autor de várias obras em latim. – 436.

Virgo: Virgo, ou Virgem, constelação do equador celeste. – 511.

virrey/es: Vice-rei do Estado Português da Índia. – 102, 104, 261, 361, 374, 375,

- 586, 661-663, 668, 669, 677, 679-683, 686-693.
- Visapor: Cidade indiana de Bijapur, no actual estado de Karnataka; 16° 49' N, 75° 42' E. – 104, 691.
- visir: Vizir, do árabe *al-uazir*, ministro, governador ou conselheiro de soberano muçulmano. – 294, 313, 503, 515; v. alguazil; v. goazil; v. guazil.
- vitelo: Lapso por 'vitulo', foca. – 47; v. vitulo.
- Vitoldo: Vytautas ou Vitoldo, duque da Lituânia (r.1392-1430). – 412.
- vitulo/s: Foca (animal). – 47, 51, 52; v. buey/es mariño/s; v. vitelo.
- vizcocho: Biscoito. – 46, 6, 226, 227, 636.
- vniuersidad: Universidade, referência a Vijayanagar. – 137; v. Bisnagar.
- Volga: Rio Volga, o mais longo da Europa, desagua no Mar Cáspio. – 306, 411, 440; v. Edil.
- Vopisco: Flávio Vopisco, historiador romano do século IV. – 456, 457, 466, 467; v. Flauio Vopisco.
- vrca: Urca, navio norte-europeu de grande porte, que parece corresponder à nau ibérica. – 644.
- Vrinoco: Orinoco, um dos grandes rios da América do Sul, que desagua no Oceano Atlântico. – 50.
- vros: Uro, espécie de boi selvagem. – 611.
- Vsbeques: Uzbeques, povo turco da Ásia Central. – 263, 346, 353, 387-389, 392, 393, 396, 407, 417, 418, 530-532, 534, 540, 541, 544, 546, 674.
- Vsenbec: Soldado da guarda real persa (*qurchi*), aposentador de caravana. – 334, 344, 345, 347, 352, 356, 357; v. Assenbec; v. Cachibec / Cachibec Soltan; v. Cassenbec; v. maymandar; v. Vssen Bec / Vssenbec.
- Vssen: Hussein ibn Ali (626-680), neto de Maomé, terceiro imame xiíta. – 327.
- Vssen Bec / Vssenbec: Soldado da guarda real persa (*qurchi*). – 352, 360, 380, 500; v. Assenbec; v. Cachibec / Cachibec Soltan; v. Cassenbec; v. Vsenbec.
- Vsuncasan / Vsuncassan: Uzun Hassan (r.1453-1478), sultão da dinastia turcomana Aq Qoyunlu, que hegemonizou uma área compreendendo territórios dos actuais Irão, Iraque e Arménia. – 238, 309, 423; v. Asinbey; v. Assenbec.
- Vtiçense: Uticense, de Utica, antiga cidade na Tunísia; referência a Marco Pórcio Catão Uticense (95-46 AEC). – 403; v. Marco Caton.
- vuas: Uvas (fruta). – 117, 180, 205, 234, 248, 255, 324, 429, 460, 469, 494, 567, 568, 570, 627, 629, 640, 696.
- Vxios: Uxios, antigo povo iraniano. – 268.

X

- xa: Xá, do persa *shah*, título dos monarcas persas, utilizado também em outras regiões asiáticas. – 202, 218, 238, 251, 263, 279, 298, 305, 310, 312, 313, 315, 359, 380, 415, 420, 421, 426, 427, 434, 442, 492, 504, 553, 556; v. xeque.

- xamal/es: Xamal ou *shamal* (árabe), forte vento de noroeste, que sopra sobre o Golfo Pérsico. – 175, 178, 179.
- Xantipo: Ateniense dos séculos VI-V AEC, pai de Péricles, que lutou contra os Persas. – 622.
- Xarama: Jarama, rio espanhol, um dos afluentes do rio Tejo. – 320.
- Xariali: Título atribuído ao governador do Mogostão, que parece corresponder a *shahryar* (persa), governante, soberano. – 673; v. Mogostam / Mogostan
- xaribando: *Šahrband* (árabe), corral onde se guardam os camelos nas fortalezas. – 372; v. xiribando.
- xatel/es: Xauter (árabe *xater*, persa *shatir*), correio ou mensageiro. – 297, 345.
- Xelaladim: Personagem não identificado, alegado médico árabe de Tamerlão, nome que parece corresponder a Jalal ad-Din. – 402; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- Xenil: Rio Genil, em Espanha, que nasce na Serra Nevada e desagua no Guadalquivir. – 268, 307.
- Xenocrates: Antigo filósofo grego (c.396-c.314 AEC). – 545.
- Xenophon/te: Xenofonte (c.430-356 AEC), militar e escritor grego, autor nomeadamente da *Anábase*. – 220, 443, 473, 474, 479, 484, 485.
- xeque: O mesmo que xá, do persa *shah*, título de monarca; por vezes confunde-se com 'xeque', do árabe *xayh*, notável muçulmano. – 238, 256, 257, 312, 339, 421, 481, 503; v. Adar; v. Aidar; v. Ali Bacuy; v. Baba; v. Haidar; v. Hismael Sophi; v. Mahamet; v. Mahamet Jahan; v. Sofi Hismael; v. Sophi Hismael; v. xa.
- xibia: *Jibia* (esp.), siba, molusco cefalópode, semelhante à lula. – 655.
- Xio: Chios, ilha grega do Mar Egeu; 38° 24' N, 26° 1' E. – 401; v. Zaques.
- Xiras: Xiraz, cidade do sudoeste do Irão; 29° 37' N, 52° 32' E. – 196, 200, 203, 207, 211, 213, 218, 219, 221, 223, 228, 230, 232, 240-242, 250-253, 255, 257, 259, 262-264, 266, 267, 269, 270, 272, 288, 292, 293, 298-301, 311-314, 319, 332, 334, 341, 351, 368, 369, 371, 373, 374, 377, 386, 402, 419, 435, 468, 469, 481, 482, 485, 495, 503, 506-508, 513, 516, 517, 524, 529, 536, 550, 551, 555, 557, 558, 560, 561, 563-565, 567, 568, 573, 574, 576, 577, 579, 580, 585-587, 591, 596, 668, 671, 672, 674.
- xiribando: Curral no interior de uma fortaleza, onde se guardam os camelos. – 671; v. xaribando.
- Xitanos: Ciganos. – 241.

Y

- yegua: Égua (animal). – 558; v. cauallo/s.
- yelo/s: Gelo. – 316, 407, 408, 415, 519; v. nieue/s.
- Yuçef Aga: Yusuf Agha, eunuco e guarda-mor do harém de Xá Abbas I. – 337, 553; v. Juçef Aga.

Z

- Zaba: Provável referência à rainha de Sabá, lendária soberana de um reino que abrangia regiões da Etiópia e do Iémen. – 456.
- Zabacas: Mar Negro, em alguma literatura clássica. – 439; v. Negro; v. Tana.
- Zacatais: O mesmo que Chagatais, região e povo da Ásia Central. – 393; v. Chacatais / Chacatay; v. Tartaros Chacatais.
- Zagan: Provavelmente Ganja, no actual território do Azerbaijão, 40° 40' N, 46° 21' E. – 434; v. Zangan.
- Zaire: Rio Congo ou Zaire, em África. – 50.
- Zamarco: Zamarus ou Zarmarus, brâmane indiano que se auto-imolou em Atenas, no tempo de César Augusto (27 AEC-14). – 141.
- Zangan: Provavelmente Ganja, no actual território do Azerbaijão. – 430; v. Zagan.
- Zanzibar: Arquipélago ao largo da costa oriental de África, 6° 8' S, 39° 19' E. – 622.
- Zaques: Ilha de Chios, no Mar Egeu, conhecida em turco como Sakiz, 38° 24' N, 26° 1' E. – 401; v. Xio.
- Zargan: Zarqan, localidade iraniana nas proximidades de Xiraz; 29° 46' N, 52° 43' E. – 267.
- zebellinas: *Cibeline* (esp.), zibelina, espécie de marta, animal valioso pela sua pele. – 353, 359, 406, 532.
- Zeinab Begun: Zaynab Begum (?-c.1641), tia de Xá Abbas I, responsável pelo seu harém. – 492; v. begu/n.
- Zeniht / Zenit: Zénite. – 26, 29, 66, 628, 630, 631, 636.
- Zenobia: Septímia Zenóbia (240-c.275), rainha de Palmira, na Síria. – 456, 457; v. Obdenato.
- Zeugma: Antiga cidade nas margens do rio Eufrates, desaparecida, e que se situava no território da actual Turquia. – 444.
- Zodiaco: Zodíaco, conjunto de constelações ao longo da eclíptica. – 140.
- Zona Torrida: Zona Tórrida. – 13.
- Zoraida Canu: Saray Mulk-khanum, consorte de Tamerlão, que era descendente de Gengis Khan. – 416; v. Canu; v. Tamorlan / Tamur / Tamur Lang / Tamurlam / Tamurlan / Tamurlang.
- zorras / zorras: Raposa (animal). – 107, 494.

ESTUDOS

Os “Comentários” de Silva y Figueroa sobre o mundo natural marinho: Perceção da natureza durante as viagens oceânicas no decorrer dos séculos XVI e XVII

CRISTINA BRITO *

Introdução

A embaixada de D. Garcia de Silva y Figueroa à Índia e à Pérsia decorreu entre os anos de 1614 e 1624, numa tentativa de estabelecer ligações privilegiadas e estratégicas contra o Império Otomano. Os resultados da embaixada não foram os inicialmente esperados, já que esta se desenvolveu num ambiente hostil. O embaixador espanhol não encontrou acolhimento amigável da parte das autoridades Goa e a sua postura de aristocrata altivo não foi apreciada nem na corte Safávida, então em processo de ruptura com Farangis portugueses, nem junto das comunidades de missionários portugueses desde longa data estabelecidas na Pérsia.¹ No entanto, o embaixador D. Garcia de Silva y Figueroa foi um diarista verdadeiramente compulsivo, e ao longo da sua missão de vários anos, para além de redigir um alargado conjunto de missivas diplomáticas, escreveu uma extensa e muito completa relação de viagem, os “Comentários”,² que apenas seria publicada em 1903-1905 em Madrid.

Nos seus “Comentários”, que mostram em detalhe a história das pouco estudadas relações que a Coroa Ibérica, a partir de Goa, manteve com a Pérsia Safávida, Silva y Figueroa detalha variados pormenores da viagem. No que ao mundo natural diz respeito, aqui inclui desde aspetos do clima e do estado do mar, passando pela geo-

* CHAM, FCSH – Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores.
A autora agradece a Rui Loureiro pelo convite a participar no “2º Workshop A Embaixada à Pérsia e os “Comentarios” de Don García de Silva y Figueroa (1614-1624)”, bem como na presente publicação sobre Silva y Figueroa. Agradece ainda a Cristina Picanço pela atenta revisão deste texto. Este trabalho foi realizado no âmbito de uma Bolsa de Pós-Doutoramento da FCT (SFRH/BPD/63433/2009).

¹ Mais informações sobre o projeto “Relações de Portugal com a Pérsia durante a União Ibérica” podem ser encontrados em <http://www.cham.fcsh.unl.pt/ext/garciasilvafigueiroa.html>

² García da Silva y Figueroa, *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueroa de la embajada que de parte del rey de España D. Felipe III hizo al rey xa Abas de Persia* (2 vols., Madrid, 1903-1905).

grafia, até aos típicos aspetos da navegação e da vida a bordo. Descreve também inúmeras outras situações relacionadas com a vida natural envolvente, dando inclusivamente atenção detalhada à vida marinha encontrada ao longo da sua viagem. Assim, aponta a ocorrência de tubarões e outros peixes, baleias e outros cetáceos, corvos-marinheiros e outras aves, lobos-marinheiros, e muitos outros monstros marinhos. Não relata apenas a sua presença, como detalha em pormenor aspetos da sua biologia e comportamento, e compara entre si as várias espécies e a sua ocorrência em diferentes locais. Nas descrições do mundo natural existentes nos “Comentários” de Silva y Figueroa fica patente uma apreciação pelos novos ambientes e um interesse particular no exótico e curioso, mas também um conhecimento, da parte do seu autor, daquilo que já na Europa se sabia.

Na sequência das viagens oceânicas efetuadas pelos reinos ibéricos, e de outras nações europeias, viviam-se, em plenos séculos XVI e XVII, momentos de aquisição e assimilação de nova informação, tanto geográfica, como natural e cultural, a um ritmo extremamente acelerado. Associando a revolução dos Descobrimentos e do Renascimento ao advento da imprensa, como veículo de rápida divulgação de informação, verificamos que até aquele momento nunca tinha havido tão rápida acumulação de conhecimento e de forma tão significativa. O significado civilizacional dos Descobrimentos radica nesta revolução quantitativa e qualitativa, numa abertura comunicativa dos mundos do mundo que, por sua vez, levou à explosão dos horizontes tradicionais do conhecimento e do acontecimento.³ Todos estes fatores em conjunto criaram uma grande plasticidade de mentalidades nos homens do século XVI e XVII face a novidades encontradas e a diferentes realidades. Silva y Figueroa era já um homem desta nova realidade cultural. Como veremos de seguida, o autor mostra, e a par de outros autores coevos, um espírito naturalista bastante vincado, com uma capacidade crítica de observação e um marcado interesse pelo meio natural que foi descobrindo no decorrer de toda a sua viagem.

Mundo natural marinho nas viagens oceânicas do século XVI e XVII

Nos relatos das viagens oceânicas surgem amiúde referências e descrições dos elementos naturais, como o clima e a geografia, mas também sobre a flora e a fauna [Figura 1]. A ocorrência de animais marinhos – peixes, répteis, aves e mamíferos – acontece ao longo das viagens marítimas que atravessam o Atlântico ou que seguem para o Índico e a indicação da sua presença é determinante para a localização da nau e para situar a sua posição relativamente a terra. No entanto, para além de meros indicadores geográficos, e de servirem o propósito utilitário na alimentação dos

viajantes, os animais marinhos também fornecem um manancial informativo para a história natural.

Existe já um vasto corpo documental sobre o tema e a historiografia atual começa a despertar para estas temáticas. Por este motivo, bem como dada a sua riqueza biológica e a criatividade das descrições, é de todo o interesse mencioná-las aqui. Este é um riquíssimo manancial de informação histórica que não merece ser esquecido e que, dizendo respeito a grupos diversos de animais marinhos, mostra a variedade e abundância das descrições e, conseqüentemente, a importância do conhecimento sobre o meio marinho para os viajantes e navegadores da época.

Vejamos alguns exemplos, como na *Relação do Naufrágio da Nau Santiago no anno de 1585 e Itinerário da gente que delle se salvou escrita por Manoel Godinho Caradozo. E agora novamente acrescentada com mais algumas noticias*, em que podemos ler referências a vários tipos de mamíferos marinhos, desde as baleias aos cavalos-marinheiros, hoje os conhecidos hipopótamos:

[...] Começaram a ter alguns prognósticos de ruim viagem; porque aqui deram com um peixe, que ninguém soube determinar que peixe era. A feição era de uma baleia não muito grande, fusco e mal encarado, o qual logo a fugentou todo o outro peixe que vinha com a nau; e nunca os desamparou até à noite, em que se perderam; porque ainda aquela tarde antes da perdição houve homens que o viram ir diante da nau lançando grandes refolhos de água, como que folgava, ou avisava do que havia de suceder. [...] À sexta-feira viram muitas baleias [...] a seguiu [a nau] (como já disse) um baleato, e o dia em que se a nau perdeu, foi diante dela, como que a guiava para alguma desventura.⁴

Postos da outra parte do rio, saiu a eles um cavalo-marinho, que pelo não terem nunca visto cuidaram ser badá, e com o medo e pressa se meteram pela vaza, atolando-se até à cinta, no que passaram trabalho; porque o cavalo-marinho dava mostra de os seguir, mas logo se tornou a meter no mar.

Há neste rio muitos cavalos-marinheiros muito grandes, e de feio aspecto; têm os pés tão grandes como de elefantes, as pernas curtas, o corpo disforme, e que ao longe parece de bada; têm a boca muito grande, e rasgada, a cor é parda, que tira a preto, como a dos lobos-marinheiros; só de cavalo têm o pescoço, com grande cacho, orelhas e rincho. Arremetem às embarcações, e muitas vezes as viram; por onde o mocadão vai sempre com muito tento batendo a água com uma vara para os espantar, e desta maneira os afasta da embarcação.⁵

³ Luís Filipe S. Barreto, *Portugal mensageiro do mundo renascentista: Problemas de cultura dos Descobrimentos Portugueses* (Lisboa, 1989).

⁴ Bernardo Gomes de Brito, *História Trágico-Marítima* [1688-1759], ed. D. Peres (3 vols., Barcelos, 1942), vol. 3, pp. 62-63.

⁵ Brito, *História Trágico-Marítima*, vol. 3, pp. 121-122.

Uma outra descrição que menciona a ocorrência de leões-marinhos:

«Ao entrar vimos estendidos ao sol nos penhascos alguns leões marinhos muito grandes que parecem monstros horrendos [...] e mataram um leão marinho muito grande que estava a tomar sol numa pedra a curta distância do navio, e tendo metido com alto trabalho na lancha, o trouxeram abordo, e com ele outros leões pequenos, que os colheram vivos [...]. Estes leões têm maior corpo que os grandes leões de África, e na cabeça e colo se parecem em todo a eles: de meio corpo até atrás não têm figura de Leão senão de peixes; não têm pés, mas esta falta a suplantam com duas barbatanas, das quais, e de outras no colo se servem para nadar na água, e para andar em terra, ainda que não podem correr muito, de sorte que facilmente se pode escapar um homem, se se vê acometido deles, os quais apenas investem quando os irritam; alcançam grandes forças e se colheram algum fazem grandes peças com os dentes; tem uma pele grossa e o pelo mais áspero que os lobos marinhos, dos quais se diferenciam também pela melena que se parece algo com as dos leões de terra, embora não seja tão larga [...] deixámos as bandas do Norte da Ilha dos Leões onde vimos mais de cem, que vinham arrojar-se ao mar [...].⁶

Como já mencionado, surgem também outros animais marinhos, para além dos mamíferos marinhos, que são descritos nos relatos e crónicas das viagens oceânicas, desde os peixes-voadores aos dourados [Figura 2], e muito outros habitantes dos oceanos:

As douradas andam sobre a água, e às vezes mostrando os lombos, e levantam estes pescadinhos voadores, aos quais seguiam por come-los, os quais fugiam com o seu voo, e as douradas prosseguem correndo atrás deles; por outra parte, as gaivotas ou gavinas no ar tomavam muitos dos peixes voadores; de maneira que nem acima nem abaixo não teriam segurança; e este mesmo perigo têm os homens nas coisas da vida mortal, que nenhum seguro há para o alto nem baixo estado da terra; e isto apenas deveria bastar para que os homens se lembrem daquela segura folgança que tem Deus para quem o ama, e deixar os pensamentos do mundo, e pô-los na vida eterna, em que está a perpétua segurança.⁷

A noite, véspera de Todos os Santos, uma tempestade nos levou da Barbaria para o lado do Brasil. Quando estávamos a 400 milhas da Barbaria grande, um

cardume de peixes cercou o navio; apanhámos muitos com o anzol. Alguns, grandes, eram dos que os marinheiros chamavam Albakores. Outros, Bonitas, eram menores, e ainda a outros chamavam Durados. Também havia muitos do tamanho do harenque, que tinham azas nos dois lados, como os morcegos, e eram muito perseguidos pelos grandes. Quando percebiam isso, saíam da água em grandes cardumes e voavam, cerca de duas braças acima da água; muitos caíam perto e outros longe a perder de vista; depois, caíam outra vez na água. Nós os achávamos frequentemente, de manhã cedo, dentro do barco, caídos durante a noite, quando voavam. E são denominados na língua portuguesa – pisce bolador.⁸

[...] Todo este canal [da ilha de Luanda] tem muita pescaria, e especialmente de sardinhas e enguias em tamanha quantidade, no Inverno, estes saltam para terra; e de outras espécies de peixes muito bons, como linguados, solhos, barbos, e de todo o nobre peixe, e de lagostas, grandes e bastantíssimas, em quantidade tal e sadias que a maior parte dos homens daquela costa vivem delas.⁹

Cavazzi descreve inúmeros peixes no seu capítulo sobre “animais aquáticos e serpentes”, desde o peixe-voador, corvinas, tubarões, o linguado e o peixe-elefante:

O peixe-voador, conhecidíssimo em todo o oceano, pode fugir das insídias do peixe-dourado, levantando-se a voo por cima das águas. Mas, depois de um breve espaço, cai miseravelmente na boca aberta do seu inimigo. Estes peixes abundam no vasto oceano, para proveito dos pescadores e para distracção dos navegantes.¹⁰

O linguado é o mais saboroso e o mais substancioso de todos os peixes. O peixe-elefante, ou nsonji, de um palmo e meio de comprimento, tem a sua pequena probóscida como o elefante terrestre. O focinho, porém, é pequenino. É comida delicadíssima. É certíssimo que estas praias gozando sempre de perfeita tranquilidade, são abundantíssimas em toda a espécie de peixes.¹¹

⁸ Hans Staden, *Viagem ao Brasil (Versão do texto de Marburgo de 1557)*, ed. Alberto Löfgren (Rio de Janeiro, 1930), pp. 30-31.

⁹ Filippo Pigafetta & Duarte Lopes, *Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas*, ed. Luís de Albuquerque & António Luís Ferronha (Lisboa, 1989), cap. 4.

¹⁰ João António de Montecúccolo Cavazzi, *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola* [1687], ed. F. Leite Faria (2 vols., Lisboa, 1965), p. 72.

¹¹ Cavazzi, *Descrição histórica*, p. 73.

⁶ Anónimo, *Colección de diarios y relaciones para la historia de los viajes y descubrimientos* (4 vols., Madrid, 1943), vol. 1, p. 135.

⁷ Gonzalo Fernández de Oviedo, *Sumário de la Natural História de las Indias*, ed. Nicolás del Castillo Mathieu (Santa Fé de Bogotá, 1995), pp. 151-152.

Os animais marinhos de Silva y Figueroa

Nos “Comentários” de Silva y Figueroa encontramos vários capítulos com entradas sobre os animais marinhos encontrados e são mencionadas espécies de inúmeros grupos taxonómicos de animais marinho. Assim, na sua obra, encontramos menções a peixes (dourados, albacoras¹² e tubarões¹³), a aves (corvos marinhos,¹⁴ alcatrazes¹⁵) e a mamíferos marinhos (lobos marinhos; baleias e golfinhos; hipopótamos). Vejamos abaixo alguns exemplos das descrições de Silva y Figueroa sobre cetáceos, a primeira, que aqui citamos, referente a golfinhos e a segunda a baleias:

[...] **grandes manadas de delfins, que é comum ver-se no Mediterrâneo** quando quer vir alguma tormenta, neste Oceano apareciam sempre que havia de sobrevir calma; se esta não fosse já outra espécie, com pouca diferença, dos delfins, a quem a gente do mar chama **toninhas, não se distinguindo quase uns dos outros**, e embora se diga que em outras viagens se matavam alguns a partir das naus, não sucedeu neste nem se pode ver bem a sua forma e grandeza, porque nunca se acercavam, a menos de cem passos da nau, mas de ver-se o dorso, que era muito negro, que levam fora de água, e que a esta distância deles se podia julgar que eram maiores que os tubarões [...].¹⁶

[...] apareceram pouco mais de 100 passos da nau, à parte de estibordo, **duas grandes baleias** juntas, a maior das quais que era a que se viu mais próxima, mostrou ser de uma grandeza incrível, porque tendo toda coberta a cabeça debaixo de água, se via às vezes muita parte do seu grande dorso e corpo superior, que o tinha muito encurvado e proeminente, e quando chegava a descobrir a barbatana que as baleias têm no meio como os demais pescados, que à vista seriam de mais de uma braça, logo começava a ver-se o que restava daquele **prodigioso cete** [...]. Era tão larga como nossa nave, que deve ter mil e quatrocentas toneladas [...] outros afirmavam que era muito maior. [...] Neste mesmo dia pela manhã se haviam visto a menos de trinta passos da nau **outras três ou quatro baleias** [...] **mas sem nenhuma comparação**

¹² Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 12.

¹³ Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, pp. 17-18.

¹⁴ Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 32.

¹⁵ Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 36.

¹⁶ Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 25. Nouta passagem, o autor refere-se também aos tubarões: “Seguiam as naus grande quantidade de tubarões, mas de muito menos grandeza de como vulgarmente se figuravam às pessoas que antes falavam deles. Sua forma propriamente dita é como a de um cão, com aquelas barbatanas por todo ele [...]” (pp. 10-12). O autor segue descrevendo detalhadamente o animal observado, as suas características mas também a forma de os pescar e comer.

menores que esta, embora algumas descobrindo a cabeça lançavam pelo alto dela para cima dois grossos golpes e canos de água.¹⁷

As baleias e os golfinhos (animais pertencentes à ordem taxonómica Cetacea) são muitas vezes descritos nas viagens oceânicas, provavelmente pelo facto de em muitas ocasiões seguirem e acompanharem as embarcações por longos períodos de tempo, o que permite algumas vezes distinguir os animais uns dos outros. Nestas duas passagens, o autor compara o que observou com outras espécies, diferentes, já conhecidas de outras regiões. Os golfinhos observados são comparados com os do Mediterrâneo e as baleias com outras espécies distintas observadas ao largo da Guiné. Em inúmeras passagens sobre os animais marinhos que encontra, Silva y Figueroa vai descrevendo o que observa e comparando com o que é conhecido para Espanha e Itália. Mostra, assim, um espírito atento aos detalhes da anatomia (e eventualmente, taxonomia) destes grandes animais e uma observação cuidada perante as várias novas formas de vida que a natureza lhe apresenta. Na obra de Silva y Figueroa lê-se, assim, que a história dos descobrimentos marítimos, paralelamente a ser uma história de achados, é a história do encontro com a natureza e os ambientes que envolviam cada viagem e exploração, e, inevitavelmente, da comparação imediata com o que existia em espaços já de antes conhecidos.

A sua obra é, portanto, rica em descrições de animais marinhos, tanto os já conhecidos como os novos e exóticos. Nestes termos encontramos as descrições sobre lobos-marinhos:

Apareceu por estibordo da nau **um grande lobo marinho, o qual era de muito diferente forma e grandeza dos que ordinariamente se vêm nestas paragens. Todos os marinheiros dizem que não era lobo, senão algum estranho monstro do mar, vendo-o tão grande e levantado sobre a água, mas ele era próprio lobo marinho destes do Oceano, a quem os latinos chamam vitulo ou boi marinho** [...].¹⁸

Este que aqui apareceu era de monstruosa grandeza e se mostrava muito direito nadando, até descobrir os braços ou barbatanas com que rompia a água, levantando sobre elas mais de meia braça, com uma grande cabeça e muito redonda, grandes e espantosos olhos, e atrás da boca uns grandes e espessos pelos [...]. Finalmente, era **este lobo marinho da mesma forma que ordinariamente se viram muitos em todas as ilhas despovoadas do Oceano nas nossas Índias Ocidentais. No Mediterrâneo, embora aí também exista esta mesma espécie de vitulos marinhos, a quem os italianos chamam vitelas, são muito menores se comparados com estes do Oceano, havendo naquele**

¹⁷ Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, pp. 30-31.

¹⁸ Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, pp. 59-60.

mar também outros lobos muito menores que os vitelos, a que propriamente os italianos chamam lupos, e estes se acham mais de ordinário [...].¹⁹

As referências a focas, lobos-marinhos e leões-marinhos (animais pertencentes a várias famílias da ordem taxonómica Carnívora) são recorrentes nas descrições das viagens marítimas pelo Atlântico. Estes são mamíferos marinhos que passam parte do seu ciclo de vida em terra (seja para descansar ou para se reproduzir) e são facilmente observáveis e, assim, incluídos nas descrições e relatos. Silva y Figueroa, como homem do Renascimento, seguia um movimento intelectual em que se procurava um regresso ao passado através do conhecimento das antigas obras clássicas. Esta comparação, que observamos na citação acima quando o autor menciona e compara o lobo marinho encontrado com o que era conhecido pelos latinos, é a essência do enorme salto adiante no estabelecimento do conhecimento natural. Foi, de facto, o conhecimento dos diversos trabalhos, viagens e concepções geográficas e naturais dos Gregos que favoreceu, em parte, as grandes viagens marítimas portuguesas e obtenção de novo saber natural.²⁰ As viagens por mares e terras não explorados levavam os homens ao encontro de uma natureza inóspita e colocavam-nos face a ambientes diferentes e singulares. Obrigavam-nos a enfrentar a novidade e a perplexidade relativamente à fauna e flora encontradas, e a toda uma história natural completamente incógnita e deveras admirável. Também aqui podemos facilmente perceber que a fantasia criada em torno dos então chamados monstros marinhos encontra o seu fundamento em vislumbres de animais reais, nas raras e surpreendentes observações de seres marinhos que permaneciam um verdadeiro mistério. É igualmente importante compreender que desde sempre se denominou por monstros, marinhos ou não, tudo aquilo que não se conhecia ou que era surpreendentemente grande. Um animal novo, um ser nunca antes observado, ou apenas os indícios de uma baleia diferente a vir respirar à superfície, podiam ser a fonte para as mais imaginativas descrições sobre animais que, hoje em dia, qualquer especialista reconhece. As descobertas geográficas e as explorações começavam a aumentar de modo muito significativo o inventário do mundo vivo, embora não se tenha rompido brutalmente com crenças anteriores.²¹

Os monstros marinhos surgem com bastante frequência nas crónicas ibéricas das viagens oceânicas e de exploração dos novos territórios, nos relatos de pilotos e também nas descrições de naufragos entre os séculos XV e XVII. São vários os viajantes e exploradores que descrevem estranhos seres e a forma como o encontro

¹⁹ Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 60.

²⁰ Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, trad. M. Ruas (2 vols., Lisboa, 1984), vol. 1, p. 53.

²¹ Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, vol. 1, p. 136.

com monstros desconhecidos afetava as pessoas. Sobre cavalos-marinhos, os temíveis hipopótamos, escreve Silva y Figueroa:

[...] não tendo mais aparência de cavalos que a propriedade audível, dando grandes relinchos como os cavalos de terra, por cuja causa lhe chamaram hipopótamos que é o mesmo que **cavalos de rio**.²²

Estas descrições são recorrentes e podemos encontrar descrições semelhantes na obra de Cavazzi, onde também encontramos representações visuais dos mesmos [Figura 3]:

O chamado **cavalo-marinho**, por ser semelhante ao terrestre na cabeça e nas costas, é, porém, classificado entre os peixes, de maneira que se come livremente nos dias de abstinência.²³

Na obra de Silva y Figueroa são também comumente referidos os tubarões:

Seguiam as naus **grande quantidade de tubarões, mas de muito menos grandeza de como vulgarmente se figuravam às pessoas que antes falavam deles**. Sua forma propriamente dita é como a de um cação, com aquelas barbatanas por todo ele [...]. Havia já alguns dias que nos tinham deixado os tubarões, e aqui voltaram a aparecer quantidades deles.²⁴

Cavazzi também refere os tubarões [Figuras 4 e 5]:

O tubarão, armado de cinco ordens de dentes agudíssimos, odeia mortalmente o homem, e poucas vezes os grupos de pescadores conseguem evitar as suas insídias, pagando, um ou outro, a sua dízima. Isto pude eu ver na barra do Dande, em 1662.

O mesmo aconteceu na minha presença em 1666, quando, lançando-se um homem nas águas do mar, para tomar um banho, imediatamente e sem possibilidade de ser socorrido foi assaltado e devorado por um destes peixes. E se em todo o tempo os tubarões são furiosos, maior ferocidade têm quando, impelidos pelo natural instinto de propagar a espécie, **nadam rapidamente e saltam por toda a parte, parecendo-se mais com monstros enraivecidos que com peixes**.²⁵

²² Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, pp. 60-62.

²³ Cavazzi, *Descrição histórica*, p. 75.

²⁴ Silva y Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 10. O autor distingue, inclusivamente, espécies de tubarões diferentes (p. 35).

²⁵ Cavazzi, *Descrição histórica*, p. 73.

Todos estes grandes animais marinhos, como os tubarões e outros peixes descritos por Silva y Figueroa e vários outros autores seus contemporâneos, ainda que não sendo mamíferos, são animais relativamente grandes e que podem andar à superfície da água ou saltar fora de água, motivo pelo qual são facilmente identificáveis. Particularmente sob o olhar atento e o espírito marcadamente naturalista de algumas destas pessoas que observavam, refletiam sobre as suas observações e tornavam disponíveis para uma audiência variada desejosa de receber as novidades sobre um além-mar distante, exótico e muito interessante.

Assim, o que se encontra, de forma muito clara, nos “Comentarios” de Garcia de Silva y Figueroa são novas descrições de animais, relatos detalhados dos mesmos, o uso de termos atualmente tidos como “biológicos” e ainda comparações, tanto entre espécies como entre regiões. Observa-se ainda o seu conhecimento de trabalhos de autores da Antiguidade Clássica, bem como de história natural europeia e de crónicas do Atlântico coevas, claramente refletidos nas suas descrições naturalistas sobre o ambiente marinho e os seus animais.

A percepção da natureza no século XVII

A omnipresença de uma nova natureza impôs aos viajantes, pilotos e descobridores o desejo e a necessidade de descrição e relato nas novas evidências faunísticas e dos grandes animais que povoavam os mares e oceanos. Embora os mamíferos marinhos passem muito tempo debaixo de água, dependem de facto do ar atmosférico para respirar e viver. Vindo regularmente à superfície, numa época em que os seus efetivos seriam abundantes, tornaram-se visitantes regulares do mundo humano [Figura 6]. Mais, sendo animais sociáveis e bastante curiosos, as embarcações a velejar pelos oceanos foram um atrativo e, certamente, um motivo de brincadeira. Frequentemente se aproximavam das embarcações, como se refere na “Relação da viagem de D. Francisco de Almeida à Índia” em 1505 dizendo que “baleias andam derredor das naus”.²⁶ Os elementos naturais são, neste tipo de viagens, sempre aspetos de grande importância na vida a bordo, principalmente porque funcionam, muitas vezes, como alimento e até garantia de sobrevivência. Neste último caso, porque também indicam rotas ou proximidade a determinadas costas e regiões. Mas, para além dos aspetos práticos, repetidos em roteiros e diários, desde o século XV, os animais marinhos começam progressivamente, desde o início do século XVI e durante todo o século XVII, a ser encarados como elementos integrantes de uma nova realidade natural e estar patentes em tratados e publicações sobre a história natural Europeia e exótica.

²⁶ Autores Vários, *Grandes Viagens Marítimas*, ed. Luís de Albuquerque & F. Contento Domingues (Lisboa, 1989), p. 83.

Neste período, ao nível das mentalidades, regista-se o aparecimento de novos ideais de carácter político e humanista. Uma das principais componentes foi a maior atenção ou obediência dada ao concreto, o interesse pelo rosto, paisagem, plantas, animais e geografia. Outra foi o desejo de organizar e dominar o espaço. Em todos os domínios se tentou organizar.²⁷ Durante o Renascimento, na Península Ibérica e no resto da Europa, surge o interesse por tudo quanto se publica sobre novos mundos bem como pela arte náutica. Solicita-se com frequência o serviço de pilotos, cartógrafos e cosmógrafos. Desenvolve-se uma atitude crítica com base na experiência e na observação direta, estuda-se a natureza, desfazem-se lendas relacionadas com a existência de monstros e terras desabitadas, alarga-se o horizonte geográfico e recorre-se às obras dos grandes sábios gregos como Aristóteles e Ptolomeu publicadas na Europa no século XII e a todas as novas obras medievais. Comparam-se e discutem-se as teorias acerca da posição da Terra no universo, das dimensões do globo, da repartição das águas e das terras e da habitabilidade de certas zonas. Cruzam-se continentes e há contacto entre os povos.²⁸ Em suma surge o primeiro fenómeno de globalização e há todo um clima propício à descoberta e ao conhecimento.

Durante este período houve um despertar da curiosidade pelo estudo da natureza. O desenvolvimento do espírito crítico e o novo saber proporcionado pelas viagens das Descobertas contribuíram para questionar a autoridade dos sábios da Antiguidade e para desencadear o interesse pelos fenómenos da natureza. Retoma-se esta importante via do conhecimento: a do saber baseado na observação e na experiência. A Geografia favoreceu o despertar da Zoologia e da Botânica; verificou-se um alargamento da Medicina através de estudos sobre anatomia. O europeu do século XVI estava dotado de um espírito crítico e observador que o iria conduzir a um novo saber. Todos os grandes desenvolvimentos posteriores talvez não tivessem sido possíveis sem esta reestruturação científica. Como toda a revolução esta não ocorreu de maneira isolada ou por motivos próprios. Foi sobretudo consequência de uma nova sociedade imbuída de novas ideias.²⁹

No decorrer do século XVII, os registos ilustrados de eventos e observações da vida natural documentam igualmente o desenvolvimento da percepção visual deste nova natureza, inédita e exótica. A motivação para a preparação destes desenhos poderia ser puramente artística, administrativa no sentido de fazer a localização geográfica correta do avistamento ou científica quando detalhes sobre os espécimes eram incor-

²⁷ Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, vol. 2, pp. 147-148.

²⁸ I.M.T. Gregório, “A Máquina do Mundo n’Os *Lusiadas* de Luís de Camões, canto X, estâncias 74-90”, in *Pedro Nunes, Novos Saberes na Rota do Futuro* (Alfêite, 2003), pp. 348-354 (p. 349).

²⁹ P.C.G. Gonçalves, “Naturalismo, uma via para o saber baseado na observação e na experiência”, in *Pedro Nunes, Novos Saberes na Rota do Futuro*, pp. 367-382 (p. 367).

porados.³⁰ Alguns indivíduos e autores conseguiam identificar muitas espécies diferentes ou categorias populares de baleias enquanto outros tinham apenas um conhecimento superficial de qualquer tipo de criatura do mar. As baleias, quando não eram consideradas monstros podiam ser classificadas em peixes grandes ou mamíferos marinhos e serem englobadas em categorias comuns aos tubarões, tartarugas marinhas, morsas e focas.³¹ Isto era válido tanto para as descrições escritas como para as representações visuais que acompanhavam os textos ou que valiam individualmente por si só.

Sendo que os animais marinhos não eram tão facilmente preservados, como espécimens da botânica ou mesmo alguns animais terrestres, as descrições escritas ou orais e as representações visuais representavam também uma das melhores formas de preservar a memória sobre estes animais. Uma descrição ou uma pintura, ou eventualmente um resto material, poderiam ser a peça-chave do conhecimento natural sobre estes animais marinhos na Europa. Aqui deu-se o início desta tendência da observação, da documentação e da representação, também ela marcadamente visual, que havia de se desenvolver de forma constante a partir do século XVIII. Desta forma, Don Garcia de Silva y Figueroa, ainda que não tendo tido o sucesso esperado com a sua Embaixada à Pérsia, conseguiu com as suas descrições contribuir para este novo *modus operandi* de observação e descrição do mundo natural que se começava a estabelecer. E, neste aspeto, Silva y Figueroa, mais do que um homem do seu tempo, foi um homem à frente do seu tempo.

³⁰ Klaus Barthelmeß, "Historical whale strandings: source categories and recent research trends", in Cristina Brito & Peter G.H. Evans (eds.), *Proceedings of the European Cetacean Society Workshop Marine Mammal History* (s.l., 2009), pp. 7-11 (p. 9).

³¹ Vicki E. Szabo, *Monstrous fishes and the mead-dark sea: Whaling in the medieval North Atlantic* (Leiden & Boston, 2008), p. 27.

Le contexte asiatique d'une ambassade ibérique en Perse

JEAN-LOUIS BACQUE-GRAMMONT *

La préparation et la réalisation de l'ambassade en Perse de Don Garcia de Silva Figueroa (1612-1619) se placent à un moment du règne de Châh Abbâs où les événements se révèlent particulièrement favorables pour celui-ci. Certes, l'envoyé de la Double-Monarchie fut retenu trois années à Goa du fait du mauvais vouloir du vice-roi Dom Jérôme Azevedo, mais ne l'eût-il pas été à son arrivée dans la capitale de l'Estado da Índia qu'il aurait déjà trouvé le souverain safavide vainqueur sur tous les fronts et fort peu disposé à ne pas tirer sur le plan diplomatique le meilleur parti de la position dont il jouissait.

Il convient de rappeler l'état dans lequel se trouvait l'empire Safavide lorsque le jeune Abbâs monta sur le trône le 1^{er} octobre 1587. Neveu du dangereux psychopathe Ismail II (1576-1577), fils de l'incapable Mohammad Khodâ-bande (1577-1588), frère cadet du prince Hamza, jeune héros assassiné, le nouveau souverain voyait à quelles conséquences avaient mené les rivalités et l'impéritie des chefs de clans *Kizilbach*, « Têtes rouges », Turkmènes restés fanatiquement fidèles à la doctrine de Châh Ismail et qui avaient mis à profit dix années d'anarchie pour s'emparer d'un pouvoir fragile. Cette anarchie avait également excité les convoitises des puissants voisins. À l'ouest, les Ottomans s'étaient emparé de la zone caucasienne naguère contrôlée par les prédécesseurs d'Abbâs, puis de l'Azerbaïdjan, devenu un simple beylerbeylicat relevant du sultan d'Istanbul. Réaliste, Abbâs mit aussitôt un terme à une situation critique en signant, le 21 mars 1589, une paix désastreuse par laquelle il abandonnait aux adversaires tout ce qu'ils avaient conquis et en leur remettant en otage son neveu Haydar. À l'est, les Uzbeks, ennemis de toujours, avaient pris Hérat et la plus grande partie du Khorasan. Ainsi privé de quelques-unes de ses provinces les plus productives, Abbâs allait cependant renverser la situation en quelques années. À côté de l'armée tribale des *Kizilbach* et malgré l'hostilité de celle-ci à son entreprise, il commença par créer une nouvelle armée, celle des *Châh seven*, « ceux qui aiment les Châh », composée de convertis géorgiens et arméniens, ainsi que d'autres caucasiens, bientôt pourvue d'armes à feu et instruites par des étrangers comme les frères Sherley. Les premiers qui en éprouvèrent les effets furent

* C.N.R.S., Paris.

les Uzbeks qui, affaiblis par la disparition de leur khan Abdullah, grand capitaine, rompirent sous le choc au tournant du siècle, abandonnant Hérat et tout le Khorasan pour lesquels il ne représentèrent plus dès lors le même danger que dans le passé.

À l'ouest, l'adversaire ottoman, pourtant délivré de la « Longue Guerre » (1593-1606) qu'il menait contre l'Empereur Rodolphe II (r.1576-1612), se trouvait épuisé lorsque la paix de Sarâb (20 octobre 1612) mit un terme très provisoire aux hostilités contre l'Iran. Mais un autre motif d'épuisement était la série de révoltes d'hétérodoxes sympathisants du chah qui, depuis 1600, ravageaient l'Anatolie et le nord de la Syrie. Au nord, Châh Abbâs recouvrait sur le terrain aussi bien que dans les traités, la totalité des territoires du sud du Caucase que les Ottomans avaient occupé de 1578 à 1603. Plus au nord encore, on pouvait entrevoir l'ombre de sa main dans les actes d'insubordination de plusieurs khans de Crimée et de leurs parents à l'égard de la Porte ottomane. À l'est, la menace que les Uzbeks faisaient peser sur le Khorasan se réduisait à des raids de faible envergure depuis la défaite que Châh Abbâs leur avait infligée près de Hérat en 1589. Au sud, Bahreïn était passé sous l'autorité de ce dernier en 1601-1602. En bref, depuis sa fondation en 1501, jamais l'État safavide n'avait occupé une position aussi solide. De ce fait, on peut considérer que s'il souhaitait des alliances en Europe contre les Ottomans, celles-ci ne lui étaient pas réellement indispensables comme allaient bientôt le montrer de nouveaux succès : les conquêtes d'Ormuz (1522) et de Bagdad (1623).

Au temps de Châh Abbâs, on peut distinguer quatre phases dans les hostilités contre les Ottomans.

– De 1578 à la paix d'Istanbul du 21 mars 1589 :

Ottomans et Safavides étaient en paix depuis le traité d'Amâsya qui, en 1556, avait mis fin à une quarantaine d'années de conflits intermittents. Cette paix avait été renouvelée en 1575. En 1578, malgré l'opposition du sage grand-vizir Sokollu Mehmed Pacha, un « parti de la guerre » ottoman obtint d'ouvrir les hostilités afin de mettre à profit l'anarchie qui régnait en Iran depuis la mort de Châh Tahmasb, deux années plus tôt. Effectivement, les troupes du sultan parvinrent en moins d'une décennie à conquérir l'ensemble de l'Azerbaïdjan et de la zone caucasienne jusqu'aux « Portes de Fer » (Demir Kapu, Darband en persan), sur la côte de la mer Caspienne. Comme on l'a dit plus haut, Châh Abbâs s'empessa dès son avènement d'assurer la paix à l'ouest au prix d'un traité désastreux qui reconnaissait toutes les conquêtes effectuées par son puissant voisin.

– De 1603 à 1612 :

En 1603, à la tête d'une armée puissamment réorganisée, Châh Abbâs mit à profit des circonstances favorables pour rouvrir les hostilités. D'une part, les Ottomans étaient enlisés depuis 1593 dans un interminable conflit contre

l'Empereur Rodolphe II, fort coûteux pour les deux camps qui, alternant succès et revers jamais décisifs, finirent par conclure le 11 novembre 1606 la paix de Szitvatorok. D'autre part, la rébellion des hétérodoxes d'Anatolie s'était violemment rallumée en 1598 et avait pris une tournure catastrophique en 1600 : en Asie Mineure et en Syrie du Nord, les insurgés tenaient tête aux armées envoyées d'Istanbul. Or, leurs sympathies traditionnelles à l'égard des souverains safavides étant notoires depuis plus d'un siècle, on peut supposer que la main de Châh Abbâs n'était pas étrangère à cette situation. Mener simultanément la guerre en Europe et dans les provinces asiatiques représentait pour les Ottomans un effort énorme souvent ruiné par l'incapacité de ses généraux, tel le vicomte génois Scipione Cicala, passé à l'Islam sous le nom de Jagal-oglu Yûsuf Sinân Pacha, responsable de l'anéantissement de son armée en Azerbaïdjan en 1605. Finalement, la paix fut conclue le 20 octobre 1612, prévoyant le retour aux frontières du temps de Soliman le Magnifique, donc l'abandon de territoires qui étaient ottomans avant même le début des opérations de 1578.

– De 1615 à 1619 :

Les relations étant devenues pacifiques pour une soixantaine d'années avec le Saint-Empire, qui allait être plongé lui-même dans la guerre de Trente Ans, et le danger des révoltes anatoliennes se trouvant écarté, les Ottomans reprirent la guerre à l'Est, mais n'obtinrent aucun succès durable. Bien au contraire, l'une de leurs armées subit une défaite écrasante près du lac d'Urmiya le 10 septembre 1618 et, le 26 septembre les deux parties s'empressèrent de signer la paix de Sarâb, qui prévoyait les mêmes conditions que la précédente. C'est à la veille de ces événements, à la fin de juin et au début de juillet, que Don Garcia de Silva Figueroa séjourna à la cour de Châh Abbâs.

– Jusqu'à la fin du règne de Châh Abbâs :

La paix de Sarâb fut confirmée l'année suivante, puis Châh Abbâs envoya à la fin de 1622 une ambassade à Istanbul pour féliciter Mustafa I^{er} de son second avènement. Moins d'une année plus tard, le 10 septembre 1623, le jeune Murâd IV montait sur le trône. Or, quelques mois auparavant, le lieutenant de police de Bagdad, un certain Bekir convoita la charge de beylerbey de la province, alors occupée par son père qui mourut au cours de troubles qui s'ensuivirent. Alors qu'une armée ottomane approchait de la ville, Bekir eut l'idée d'envoyer auprès de Châh Abbâs un messenger lui annonçant son ralliement. Ainsi se trouvaient reproduites à l'inverse les conditions de 1527. Cette année-là, Zûlfekâr Beyg, neveu d'Ebrâhîm Khan, gouverneur safavide de Bagdad, avait assassiné celui-ci et annoncé son ralliement aux Ottomans. Des troupes safavides envoyées en renfort l'avaient rapidement éliminé, mais Soliman le Magnifique avait usé de ce prétexte pour conquérir Bagdad en 1534. Châh Abbâs entra donc dans Bagdad le 28 novembre 1623, se débarrassa du triste Bekir et continua les opérations en

s'emparant du Diyâr Bekir. reconstituant ainsi ce qui avait été jusqu'en 1514 le domaine de son arrière-grand-père Châh Ismail. Par la suite, les Ottomans assiégèrent vainement Bagdad en 1626, mais la ville finit par tomber en 1634 sous les coups de Murâd IV.

Lorsqu'on lit la relation de l'ambassade de Don Garcia de Silva Figueroa à la lumière de ces données et de certaines autres, on découvre ce qui se cache derrière la jovialité de Châh Abbâs. Celui-ci sait fort bien que ses intérêts et ceux du Portugal divergent en tous points, surtout lorsqu'il veut mettre la main sur Ormuz et sa mainmise sur les îles voisines desquelles l'emporium tirait son eau potable. En réalité, le processus était déjà en route alors qu'il cajolait l'ambassadeur, se moquant avec lui de l'envoyé ottoman avec qui il gaussait vraisemblablement de lui, tout cela par l'entremise d'un interprète géorgien dont aucun des deux diplomates ne comprenait la langue... Châh Abbâs, décrit comme un homme courtaud, rougeaud et d'une familiarité plutôt vulgaire, apparaît dans la *Relaçam* comme l'habile meneur d'un jeu complexe dans lequel des interlocuteurs point assez retors se laissent visiblement prendre comme des moucherons dans une toile d'araignée. La brièveté avec laquelle est narrée le départ de Don Garcia de la cour safavide nous semble donner la mesure de son dépit d'avoir effectué un si long voyage pour un résultat à ce point décevant.

New insights into the History of Oman in the Sixteenth Century: a Contribution to the Study of the Evolution of the Muscat Fortifications

DEJANIRAH COUTO *

Of all the ports along the coast of Oman, described by Duarte Barbosa as the "Kingdom of Ormuz in Arabia" (*Reino de Ormuz na Arábia*),¹ Muscat, situated at 23° 40', was certainly in the fourteenth and sixteenth centuries one of the most important. Although it was surrounded by desert territory and separated from it by sharp peaks descending almost to the harbour itself, the town was situated in a sheltered area, in a deep bay protected by a very narrow entrance. Not only was it exceptionally well protected from the winds, but the depth of the harbour allowed the anchoring of ships of large tonnage as well. On the other hand, the existence of an islet located at the entrance of the bay concealed it from ships sailing by along the coast; for this reason the Greek-Roman sources considered it a "hidden port".² Some centuries later

* École Pratique des Hautes Études, Paris.

¹ See Jean Aubin, "Le royaume d'Ormuz au XVI^e siècle", *Mare-Luso Indicum*, vol. 5 (1973), pp. 114-116, and Duarte Barbosa, *O livro de Duarte Barbosa (edição crítica e anotada)*, ed. Maria Augusta da Veiga e Sousa, 2 vols. (Lisbon, 2000), vol. 1, p. 127.

² Ibrahim Yahya Zahran Al-Busaidi, *Os Portugueses na Costa do Oman na Primeira Metade do Século XVII*, unpublished M.A. dissertation (Lisbon, 2000), p. 131. The horseshoe configuration, already described by Brás de Albuquerque (p.131), is patent in the Portuguese iconography of the 16th-17th centuries. Regarding the islet, it is visible as being separated from the cliffs that surrounded the harbor in the *Livro das Plantas de todas as Fortalezas Cidades, e Povoações do Estado da Índia Oriental* by António Bocarro, illustrated by Pedro Barreto de Resende (c. 1642) (Biblioteca Pública de Évora, CXV/2-1) (hereafter Resende / Bocarro), published as António Bocarro, *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental*, ed. Isabel Cid (3 vols., Lisbon, 1992). See also António de Mariz Carneiro, *Descrição da Fortaleza de Sofala e das mais da Índia*, ed. Pedro Dias (Lisbon, 1990), n. 5. The same islet is also depicted from another much more visible angle in the *Livro de Lisuarte de Abreu* (1558-1564, Pierpont Morgan Library, New York, Ms. 525); and as a matter of fact the image shows two islets at the entrance of the Bay, curiously topped by crosses. In fact they were connected by a small beach that would get submerged at high tide. This beach is more visible in an image part of the *Livro das Plantas das Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental* (...) (Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa, Cod. 1471), ed. Luís Silveira (Lisbon, 1991), p. 45 (n. 29). Both the book *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal* of Manuel Godinho de Herédia (1610) (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Ms. CAM 3.5.), as well as

the natural conditions continued to be praised in Portuguese narrative sources. If in the sixteenth century Duarte Barbosa is laconic about Muscat and Tomé Pires ignores it, later on in the seventeenth century, António Bocarro and Fr. António Gouveia provide us with accurate information about the natural conditions of the port. We learn, for example, that it could accommodate twelve galleons and twenty-thirty galleys. The entrance, located to the southeast, was so narrow that the distance from one side to another could be covered by a gunshot. The depth was between twenty-five fathoms the entrance, twelve to thirteen inside the port and six fathoms near the beach.³

Muscat in the early sixteenth century

These natural conditions explain the birth of an agglomeration and its continued growth, attested already in the fourteenth century, that is, during the period of the foundation of Hormuz (1300). With an estimated population of 7,000 souls⁴ housed in a confined space, compressed between the sea and the mountain, the city exhibited the typical urban fabric of Muslim coastal settlements in the Indian Ocean; the streets were so narrow that the soldiers of Afonso de Albuquerque had difficulty to wield their long spears in September 1507, when the Portuguese chased the population through the town.⁵ Muscat had beautiful homes of stone and lime with several floors and terraces,⁶ which allowed for a better use of the space available, and several mosques. One of these appears to have been particularly sumptuous. Partly built with woodwork and vaulted in stone, it was surmounted by a terrace, resting on pillars made of wood or stone, in the same style as the one erected in Hormuz at the

the *Livro de Plantaforma das Fortalezas da India* ou *Atlas-Miscelânea* (c.1612-1623?) now lost, or the *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India* (c.1612?/c.1635?) (Forte de S. Julião da Barra, Oeiras, Ms.18 505) merely indicate the presence of two small shoals at the entrance of the harbor. The book of the *Plantas das Cidades, Portos e Fortalezas da Conquista da India Oriental* (c.1633?) (Bayerische Staatsbibliothek, Munich, Cod. Icon. 162), one of the four existing copies) follows the same model: see José Manuel García, *Cidades e Fortalezas do Estado da India, séculos XVI e XVII* (Lisbon, 2009), pp. 74-75.

³ See António Bocarro, *O Livro das Plantas*, vol. II, p. 44. The notation of these values in fathoms is visible in the image of the *Livro das Plantas das Cidades e Povoações do Estado da India Oriental* (...), in the manuscript of the Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa (Cod. 1471) edited by Luís Silveira. The Portuguese maritime fathom was eight feet, which corresponded to 1.76 m; the current one corresponds to two yards, that is, to 1.83m, see Humberto Leitão & J. Vicente Lopes, *Dicionário de Linguagem de Marinha Antiga e Actual* (Lisbon, 1990), p. 108.

⁴ This number is an estimate by Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p.115, where the method of counting is explained (n. 232).

⁵ Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p. 115, quoting Brás de Albuquerque.

⁶ Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da India pelos Portugueses*, ed. M. Lopes de Almeida (2 vols., Porto, 1987), bk. II, chap. LV, vol. 1, p. 330.

beginning of the fourteenth century.⁷ This mosque, depicted with its roof terrace and its minaret, is placed to the east of the city in the illustration of the *Livro de Lisuarte de Abreu* (1558-1564) within walking distance of the beach. A white building that rises in the same location in the image of the *Livro das Plantas* may be the mosque, too, though drawn without its minaret. These iconographic versions of the mosque are interesting, because an older temple, built on stone pillars, was destroyed by Albuquerque during the 1507 attack.⁸

Apart from the urban centre, there were palm gardens fed by wells equipped with norias. Three of these *palmares*, enclosed by walls of stone and adobe (dried brick), with the typical oasis crop system of the Arabian Peninsula and South of Iraq (Basrah) are visible in the image already mentioned in the *Livro das Plantas*. One of these gardens, which corresponds to the place of al-Tawiyān, where three *wadis* are joined (*al-wadi* al-Kabir, *al-wadi* al-Wusta and *al-wadi* al-Saghir) was described as "Orta do Cabaço"; it corresponds in Resende / Bocarro's description to the garden in the figure that lies beyond the wall, along the path that meandered towards the mountains, at the foot of one of them. This mountain was crowned by a small round bulwark, one of the various watchtowers that were spread over the peaks.⁹ The water of this well, the "Orta do Cabaço" / al-Tawiyān which supplied the fortress and urban area in the seventeenth century, was certainly already being used in the previous period. It was one of these wells, probably the same one that exists today at Tawi al-Zubayr, al-Tawiyān al-'Alawiyat, and Tawi al-Za'franiyah, that, using a basic system of plumbing, was able to supply ships.¹⁰ Freshwater resources, as we shall see, were crucial to the importance of Muscat within the maritime economy of the northern quadrant of the Arabian Sea.¹¹

According to Fernão Lopes de Castanheda in his *História*, the access to the hinterland between the two inhospitable mountain ranges (*Serras*) was barred by a strong

⁷ Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p. 115, n. 236 and p. 90, n. 57.

⁸ Castanheda, *História do Descobrimento*, bk. II, chap. LV, vol. 1, p. 334.

⁹ This watchtower / bulwark may correspond to the small fort of Qal'at al Rawiya. See *Muscat Gate Museum. Memoirs of History* (Muscat, 2001), p. 16.

¹⁰ *Muscat Gate*, p. 17. Consider the comment by A.H. Morton in Michel Membre, *Mission to the Lord Sophy of Persia (1539-1542)*, ed. A.H. Morton (London, 1993), p. 52, n. 3 regarding the testimony of Membre according to whom there was a small stream in Muscat. The cultivation of sugar cane is also mentioned. The small stream that appears in the *Livro das Plantas* was probably a small saltwater stream flowing into the beach and not a stream of freshwater.

¹¹ Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p. 115. See also *Muscat Gate*, pp. 14-17. The irrigation system was also remarkably improved as evidenced by the system of *qanats* (*aflaj*) that exist traditionally in Oman: *Muscat Gate*, pp. 20-23, highlights the social environment associated with the maintenance of the wells and *aflaj*.

structure created with a wooden “junk” with two faces,¹² reinforced with rubble and equipped with several cannons, the technique used in other cities in Oman but also in Iranian cities continental or insular (like in Hormuz).¹³ The place of the defensive structure in question is easily discoverable, because new fortifications of the second half of the sixteenth and especially the seventeenth century as they appear in the beautiful illustration of Muscat in the *Livro das Plantas* must have been erected not far from the traces of an old *tranqueira*.¹⁴ The description of Castanheda, indicating that only two narrow passages gave access to the sea (and they were so narrow that they only could fit a man at a time), suggests that there may have existed by the beachfront some kind of defensive wall that espoused the curved shape of the bay, such as it can be seen later in a representation on the *Livro das Plantas* (even though a simple line of habitations facing the beach, could have constituted this defensive wall).¹⁵ The city existed therefore in a restricted space, between two sets of defensive walls. The passages were closed by doors, each one defended by a piece of artillery.¹⁶

This “very gracious place with very good homes” (*lugar muito gracioso de casas muito boas*) according to the testimony of Brás de Albuquerque, a “port of Oman that was unrivalled in the world” according to the pilot Ibn Majid, soon came to compete economically with the nearby town of Qalhat, the *Dar-al-fath*, which was considered as the second capital of the kingdom of Hormuz. Qalhat gradually lost its influence in favour of Muscat. The reasons for this decline had little to do, in the authoritative opinion of Jean Aubin, to the earthquake that struck Qalhat (and Hormuz) in the last quarter of the fifteenth century. They were most likely caused by the development of vessels with greater tonnage and the unfavourable conditions of the port of Qalhat (which could only receive small ships during the monsoon); these factors explain convincingly the gradual ascendancy of Muscat, whose harbour could shelter during the same monsoon periods vessels with much larger tonnage.¹⁷

¹² Castanheda, *História do Descobrimento*, bk. II, chap. LV, vol. 1, p. 330. The term makes no real sense here, unless referring to vessels littered ground or crushed, whose wood was used to make the mound, but it may be also a transcription error.

¹³ See Rudi Mathee, “Unwalled Cities and Restless Nomads: Firearms and Artillery in Safavid Iran”, *Safavid Persia. The History and Politics of an Islamic Society*, ed. Charles Melville (London, 1996), pp. 396-405.

¹⁴ Al-Busaïdi, *Os Portugueses*, p. 140, indicates that Albuquerque found there “a set of turrets and wood dust (clay?) that extended from one dune to another on the coast in front of the city”. Castanheda’s testimony is interesting.

¹⁵ In his letter to the authorities of Elvas (30.I.1509, *Arquivo da Câmara Municipal de Elvas, Livro 2 das Proprias*, fol.38-41) edited by Jean Aubin, “Cojeatar et Albuquerque”, *Mare Luso-Indicum*, vol. 2 (1971), p.146, king D. Manuel mentions the “strong walls” of Muscat, but as Jean Aubin indicates, the observation should have applied to the wall by the sea. There would also be some watchtowers, reported by Castanheda and Brás de Albuquerque (Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, p. 121, n. 278).

¹⁶ Castanheda, *História do Descobrimento*, bk. II, chap. LV, vol. 1, p. 330.

¹⁷ Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, p. 112.

Even though in 1515 the trade results from Qalhat to the king of Hormuz were over twice as much as the ones from Muscat,¹⁸ in the fifteenth century Muscat already had asserted itself as a key scale for Muslim merchant ships who were the link between the Red Sea and India and transported the pilgrims for the *Hajj*. It is there that ‘Abd-al Razzâq Samarqandî, ambassador of the Timuride Shâhrukh to the court of Calicut between 1442 and 1445, waited in the company of a group of merchants for a favourable monsoon in order to reach the Malabar Coast in May 1442. It is in Muscat that he stayed a month on the return trip in April-May 1444. It is also in this port-city that the Russian traveller Athanasius Nikitin made a stop on his journey to India.¹⁹

In the fifteenth and sixteenth centuries, Muscat was dominated by three major forces that fought for political power and religious influence: the powerful Bedouin lineage of Banû Jabr, that had been able to impose its domination over various regions of Oman (lineage headed by Sayf Bin Ajwad and, around 1470, by his brother Agwad Bin Zâmil),²⁰ the Nabhanites from the city of Bâhla (headed by Sulaymân Bin Sulaymân Al Nabahani) and the Ibadites (under the leadership of the ibadite *imam* ‘Umar-Bin al-Hattâb al-Harusi).

While Nabhanites and Ibadites fought each other in the late fifteenth century (a struggle that ended with the victory of Imam ‘Umar Bin-al-Hattâb al-Harusi and the intervention of Banu Jabr (1487),²¹ Hormuz kept there, since the fourteenth century, a system of protectorate. Muscat was directed, as in other cities of the coast of Oman (Qalhat and Quriyat), by a governor or vizier, usually chosen from the elite of the Persian kingdom, hailing from southern Iran. The governor coexisted with the reigning sheikh. In 1507, as reported by the Portuguese chronicler Fernão Lopes de Cas-

¹⁸ Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, p. 113 and n. 215: Qalhat yielded 11,000 *asrafî* and Muscat 4,000, although the chronicler Gaspar Correia mentions 5,000 *asrafî* for Muscat. Also consider the *Revenus du Royaume d’Ormuz et dépenses du roi en 1515 [?]*, published by Jean Aubin, *Mare Luso-Indicum*, vol. 5/II (1973), p. 233, quoting João de Barros, *Ásia*, II/10-7 (annex 1 bis). Sohar would bring 1,500 *asrafî*, Khurfakkân the same amount, and Daba 500.

¹⁹ Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, p. 112, n. 199.

²⁰ Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, pp. 123-125. The Banu Jabr belong to the clan of Banu ‘Aqil, that descended from Amir bin Sassaa, one of the fractions of the tribes of Quraish: Al-Busaïdi, *Os Portugueses*, p. 20, n. 4.

²¹ See the main aspects in Al-Busaïdi, *Os Portugueses*, pp. 20-21. See also Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, pp. 122-123; n. 284 points out that this part of the story is mostly known by a later work of chronicles influenced by the Ibadites, the *Kasf al-Gümma al-Jam’ li-’ahbâr al-Ummah*, translated by E.C. Ross, “Annals of Oman, from Early Times to the Year 1728 A.D.”, *Journal of the Asiatic Society of Bengal*, vol. 43, 1 (1874), pp. 111-196 and commented by Ahmad ‘Ubaïdlî, *Kasf al-Gümma al-Jam’ li-’ahbâr al-Ummah* (Nicosia, 1985). See also Sarhan Bin Saïd Al-Izkawi, *Tarih ‘Uman Al-Muqtabas Min Kitab Kasf al-Gumma Al-Jami’ Li-Ahbar Al-Umma*, ed. Abdul-Majid Al-Qaisi (Muscat, 1980). The chronicle translated by G.P. Badger, *History of the Imâms and Sayyids of ‘Omân by Salîl-Ibn Razik from A.D. 661-1856* (London, 1871), written in the 19th century, is inspired by the *Kasf*.

tanheda, the governor was “a gelded man who had been a slave of the king of Hormuz”, a strong man who had been killed trying to escape the men of Afonso de Albuquerque.²²

Although it is not always clear how power was divided between the local sheikhs, viziers, warlords and eunuchs of royal Iranian origin that surrounded them, the staff of Hormuz had two essential functions: to strictly enforce the embargo of strategic materials related the marine construction (wooden paddles, *cairo*, iron, steel, sail cloth) thus preventing the construction of local fleets, which could pose a danger to the maritime power of the king of Hormuz;²³ and to govern the customs which collected in favour of Hormuz an important part of the rights of trade by which he was known in the Indian Ocean. These were applied to dates,²⁴ raisins of different castes, salt (a marsh where salt was extracted was compared by Brás de Albuquerque to Lisbon’s *Rossio*, i.e. its main square) and dried salted fish.²⁵

In 1535, Michele Membre indicates that animals (including horses) ate this dried salted fish, and walls and houses were built with this material.²⁶ Other authors, such as Ibn Majid, Gaspar Correia or Brás de Albuquerque enrich the list: they highlight the existence of cereals (*gallât*) like barley and wheat, fresh fruits, oil (*salit*), and the trade in slaves. To the agricultural productions we can add Indian sugar²⁷ and rice carefully stored in warehouses.²⁸ In the seventeenth century, Bocarro speaks of the production of some cotton, already mentioning products in the region that were not specifically from Muscat; he cites “*hua semente de que se usa ha pouco em co-*

²² Castanheda, *História do Descobrimento*, bk. II, chap. LV, vol. 1, p. 330. Regarding the plunder of Muscat, described by Portuguese sources, see also Al-Busaidi, *Os Portugueses*, pp. 30-32.

²³ The same rule was applied to Bahrain and the Portuguese were often used to monitor compliance with these measures. Regarding Bahrein, see Dejanirah Couto, “Contribution of Portuguese Narrative Sources to the History of Qal’at al-Bahrain (البحرين قلعة): some information on the expeditions of 1521 and 1529”, *20 Years of Bahrein Archaeology – 1986-2006*, ed. Pierre Lombard (Bahrein, in press); Patricia Risso, *Oman & Muscat: an Early Modern History* (New York, 1986), pp. 4-5.

²⁴ André Wink points out that Oman produced about forty types of dates among which the quality *ferd* that supported the long boat trips: André Wink, *Al-Hind: The Making of the Indo-Islamic World. Volume III – Indo-Islamic Society 14th-15th Centuries* (Leiden & Boston, 2004), p. 194.

²⁵ Barbosa, *O Livro*, p. 130: “E lugar de trato de mercadorias e de muito grande pescaria: aqui se pescam muito grandes pescados que salgam para se levar por mercadoria a outras partes”. That fish was, among others, the tuna fish fished near the Râ’s al Hadd, where in August of 1507 Afonso de Albuquerque ordered the burning of a fleet of about forty barges: Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, p. 117.

²⁶ Membre, *Mission*, pp. 52-53.

²⁷ The statement from Bocarro about the existence of large amounts of very white sugar cane, partially in powder and in “*pedra de estremada bondade*” (i.e. exceedingly beautiful stone) seems to mean an autochthonous production, which coincides with the testimony (rejected by A.H. Morton) of Michele Membre, according to which there was production of sugar cane in Muscat (see *supra*); Bocarro, *O Livro das Plantas*, vol. II, p. 52.

²⁸ Different testimonies in Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, pp. 114-115.

zimentos”, i.e. coffee (*caoa*), incense and *azebre*.²⁹ In contrast, the camels (and their wool cloths, called *cambolyns*) and horses of Muscat “very strong and very generous of mind”, were considered among the best that the Islamic world produced.³⁰

The camels were led to Hormuz, and integrated the caravans (*cafilas*) from Iran; the horses were sent to the great emporium of the Persian Gulf from where some were sold to India to serve, as we know, in the armies of the princes of the Deccan.³¹ Not being surrounded by cliffs, the ports of Muscat and Qalhat offered good conditions for carriage horses (unlike Quriyat where the sea clashed with the reefs, or Sohar, limited by coral reefs that forbade the approach of ships). These horses came from the oasis of the Batinah and the continental Arabia (mainly Qatîf and Hâsâ).³² However, and despite some contradiction in Portuguese texts, the great port of embarkation of horses seems to have been Khurfakkân, located further north. This dock was well protected, and there existed vast barns and stables to house the animals before the great crossing to India.³³

Muscat also produced the famous fibre extracted from coconut husk, called *cairo*, from which cables of ships were made.³⁴ In fact, the city was virtually an exclusive supplier – and carefully guarded by Hormuz – of the ships of passage. This trade, coupled with clean fresh water – sold in tubs or wooden barrels – for supplying ships, constituted, as has been pointed out, one of the greatest assets of Muscat.³⁵

²⁹ Bocarro, *O Livro das Plantas*, vol. II, p. 52.

³⁰ See the testimony of Bocarro, *O Livro das Plantas*, vol. II, pp. 51-52.

³¹ It is no coincidence that bales of a reed scent were sold in India, a substance known as the “herb of Muscat” or “Mecca straw” that served as bedding for horses transported in ships. On the issue of horse trading in different Portuguese sources see the recent article by Rui M. Loureiro, “Portuguese Involvement in Sixteenth Century Horse Trade through the Arabian Sea”, *Pferde in Asien: Geschichte, Handel und Kultur – Horses in Asia: History, Trade and Culture*, ed. Bert G. Fragner, Ralph Kauz, Roderich Ptak & Angela Schottenhammer (Vienna, 2009), pp. 137-146; Geneviève Bouchon, “Les musulmans du Kerala à l’époque de la découverte portugaise”, *Mare Luso-Indicum*, vol. 5/II (1973), p. 43; Aubin “Le royaume d’Ormuz”, pp. 117-118; the *Memoria sobre a Governança da Índia e Rendas de Ormuz* (before 11 June 1527), *Arquivos Nacionais da Torre do Tombo*, Lisbon (hereafter AN/TT), CC II, 141, 103, edited by António Dias Farinha, “Os Portugueses no Golfo Pérsico (1507-1538)”, *Mare Liberum*, vol. 3 (1991), pp. 93-96, indicates a yield from trade of horses in Ormuz of 80,000 “pardaus de ouro” (p. 95).

³² Dejanirah Couto [Potache], “The Commercial Relations between Basrah and Goa in the Sixteenth Century”, *Studia*, vol. 48 (1990), p. 148, n. 13.

³³ Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, p. 118.

³⁴ Leitão & Lopes, *Dicionário de Linguagem*, p. 124. The cables made of *cairo*, although less resistant than linen, had longer duration and were lighter. The ports of Malabar and Gujarat obtained their supplies of *cairo* in the Maldives archipelago: Bouchon, “Les musulmans du Kerala”, p. 45.

³⁵ This is what can be determined from the testimony of Brás de Albuquerque: see Aubin, “Le royaume d’Ormuz”, p. 115, n. 231.

Muscat's role in the regional economy was also highly significant, given that the town combined maritime trade with fishing, irrigated crops and pastoral nomadism.³⁶ Cattle came from the interior, goats and sheep being moved to the coast by the Bedouins.³⁷ Another point to note is Muscat's role in the redistribution of products imported from India, such as the aforementioned rice and spices, moved to interior cities located between the Jebel Akhdar and Wadi Samâ'il, such as Manah, Nizwa, Bâhla and Izki. Various testimonies describe this redistribution.³⁸

The situation of economic control by Hormuz meant that there was also a rivalry between Muscat and Hormuz, which became visible often in situations of denial of payment of fees and taxes by the sheikhs from Oman. Actually Muscat disliked the draining of a portion of their income to Hormuz. And this draining was obviously considerable, due to the fact that traditional taxes in Muscat were generally lower than those of Hormuz: Muscat goods paid generally between 3.5% and 7.5% whilst the taxes in Hormuz were between 11% and 15% and sometimes more.³⁹

Traditional trade relations of Muscat with the city of Basrah, Iraq's southern capital, were carefully maintained, since they allowed an alternative to the economic pressures from Hormuz. In the seventeenth century the links continued to develop at a steady pace; António Bocarro indicates that from Muscat ships departed for the Persian Gulf and in particular for the factory at Kong, with Sind tissues brought from Dabul and Cambay, drugs, hides, indigo, sugar of Sind and Bengal, and coffee.⁴⁰ A portion of this was then sent to Basrah, especially "the finest and richest clothes because they are all very costly". The main port of the Shatt-el-Arab, which received the *cáfilas* from Aleppo, supplied many dates, *aljofre*, *ruiva* and tissues from Persia, probably silks and brocades.⁴¹ Information about this whole complex traditional network of commerce, as well as stories about the rivalries between Mus-

³⁶ Wink, *Al-Hind*, p. 194; Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p. 117.

³⁷ Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p. 119.

³⁸ Trade attached to the Indian rice was already noted at the end of the thirteenth century by Marco Polo (Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p. 119).

³⁹ Dejanirah Couto, "Hormuz Under the Portuguese Protectorate: Some Notes on the Maritime Economic Nets to India (Early 16th Century)", in *Aspects of the Maritime Silk Road: from the Persian Gulf to the East China Sea*, ed. Ralph Kauz (Wiesbaden, 2010), pp. 46-47: the rights obviously varied with the type of goods and their origin. In Muscat the white tissues of Balagat, Kambay and Sind, the caps and belts described as "camarabandos" (*Kamarband*) paid 11%, as well as Cambay indigo, the spices (pepper and nutmeg), tin and Indian sugar. The other goods paid 7 ½%. However in Hormuz, the Malacca tissues paid 16 ½% and the Indian tissues 10% while the Persian silk paid 5%. Only Indian raw cotton, necessary to the activity of weaving ateliers of Hormuz paid 5%. See also Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p. 172.

⁴⁰ In the seventeenth century, Bocarro, *O Livro das Plantas*, vol. II, p. 62, states that the *cafila* which ran from Basrah to Muscat took only one escort ship due to the fact that the "enemies of Europe" were not there.

⁴¹ Bocarro, *O Livro das Plantas*, vol. II, p. 62.

cat, Qalhat and Hormuz, circulated in the Indian Ocean. They explain to some extent the interest of Albuquerque in Muscat and his offensive against the city in 1507.⁴²

Without fortifications worthy of that name on the side of the bay, Muscat was a fairly easy prey. Indeed, until the early sixteenth century and the arrival of the Portuguese, few offensives had taken place coming from the sea. Only *Balouchi* pirates of the Nodhaki tribe from Malakân, appearing in Portuguese sources under the name *nautiques*, and *niquelus* (a tribe originally from Oman but installed in the region of Nakhilu in the Persian Gulf, perhaps in the mid-sixteenth century, by permission of the governor of Lâr)⁴³ posed, with their small ships some kind of threat in the region, and therefore the king of Ormuz only had in Muscat modest fleets for defence.⁴⁴

The Portuguese in Muscat

The looting of the city by Albuquerque in 1507 and the peace that was established afterwards with the sheikh Râshid Bin Ahmad Masqatî led to the establishment of a small nucleus of Portuguese and of a *feitor*. During the uprising of the cities of Oman in November 1521 against the payment of taxes owed to the *malek* of Hormuz (an event closely linked to the uprising against the Portuguese in Hormuz a few days before),⁴⁵ Râshid, was ordered to kill all Portuguese who resided in the *feitoria*, but refused to do so. The episode, thanks to which the Sheikh went on to win the status of the Portuguese ally in the region, and to be gratified by them,⁴⁶ however, led to

⁴² Aubin, "Cojeatar", pp. 112-113, following the testimonies of Brás de Albuquerque and Gaspar Correia. See also the testimony of Martín Fernández de Figueroa, *Conquista de las Indias de Persia e Arabia que hizo la Armada del Rey don Manuel de Portugal e de las muchas Tierras, diversas Gentes, Extrañas Riquezas y Grandes Batallas que hallá hubo. En Sumario del Bachiller Juan Agüero de Trasmiera*, ed. Luis Gil Fernández (Valladolid, 1999), p. 84 and ns. 139 and 140.

⁴³ Concerning the *Balouchi* pirates and the *Nikhelus*, see Willem Floor, "Who were the Nikhelus?", in *Revisiting Hormuz: Portuguese Interactions in the Persian Gulf Region in the Early Modern Period*, ed. Dejanirah Couto & Rui Loureiro (Wiesbaden, 2008), p. 91, n. 5 (*nautiques*) and pp. 89-105 (*Nikhelus*). About the *nautiques*, see also the "Carta do Irmão Aleixo Madeira ao padre Luís Gonçalves" (Hormuz, 24.IX.1553), edited in *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente - Índia (1551-1554)*, ed. António da Silva Rego (12 vols., Lisboa, 1993), vol. 5, p. 323 (n. 63); description of an attack of these pirates, in "Carta Geral do Colégio de Goa aos Padres e Irmãos de Portugal" (Goa, 1.XII.1552), *Documentação*, vol. 5, pp. 237-238 (n. 49).

⁴⁴ As it was already mentioned, the reason was the goal of Hormuz to prevent the emergence of any other regional maritime power: Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p. 143.

⁴⁵ Concerning the details of the revolt and its implications in Oman, see Dejanirah Couto, "Réactions anti-portugaises dans le golfe Persique, 1521-1529", in *D'un Orient l'autre*, ed. Jean-Louis Bacqué-Grammont, Angel Pino & Samaha Khoury (Paris & Leuven, 2005), pp. 123-160.

⁴⁶ Regarding the context of the relationships and the detailed documentation that certifies them, Couto, "Réactions", p. 145 and ns. 103 and 104. The *Livro das Presas da Armada de D. Luís*

the death of Ra'is Daylamî Shâh, nephew of the powerful vizier of Hormuz, Ra'is Sharafuddîn.⁴⁷

At that time, there was a Portuguese group in Muscat: the captain (*capitão do mar*) Manuel de Sousa Tavares, Fernão Alvares Cernache,⁴⁸ Tristão Vaz da Veiga (*feitor* in Qalhat since 1520, who took refuge in Muscat when the Portuguese who resided in Qalhat were killed in 1521),⁴⁹ and João de Meira, who had travelled to Basrah in the Persian Gulf in 1517.⁵⁰ In April of 1522,⁵¹ D. Luís de Meneses, brother of Governor of *Estado da Índia* D. Duarte de Meneses (1522-1524), arrived in Muscat – an allied territory at that time. A number of invoices describe the content of the presents sent to sheikh Râshid Bin Ahmad Masqatî.⁵² This alliance was asymmetric, since it did not prevent D. Luís, after offering the Sheikh a few slaves in remembrance of his faithfulness, from putting in irons some subjects of Râshid.⁵³

de Meneses, in Farinha, "Os Portugueses no Golfo Pérsico", pp. 60-61, also indicated that local ships (*tarârid*) were also given to Râshid. As it has been said, he didn't participate in the rebellion in Hormuz, and gave back to the Portuguese what was left of the cargo of the *S. Jorge*, that had been shipwrecked off Muscat in August of 1522, while returning from India.

⁴⁷ Couto, "Réactions", p. 146 and n. 108. Ra'is Daylamî Shâh, who had marched on Muscat, was killed in the skirmish that opposed the sheikh of Muscat near Tiwî (Teive), three leagues north of Qalhat (where there was a fortress) or at Wadi Samâ'il. The Portuguese who were on board of a *nau* from Basrah (two servants from Tristão Vaz da Veiga) provided help to Râshid.

⁴⁸ Concerning this episode, see also Al-Busaidi, *Os Portugueses*, pp. 37-38.

⁴⁹ Couto, "Réactions anti-portugaises", p. 145.

⁵⁰ João de Meira was one of the first sent to Basrah in 1517 and in 1521. Regarding these trips, look up Ronald Bishop Smith, *João de Meira being Portuguese texts found in the Arquivo Nacional da Torre do Tombo relative to João de Meira's little known Voyages to Basrah in 1517 and 1521, and also the unknown voyage of Antonio de Saldanha to Basrah in 1519, with indications before they arrived at Basrah they were preceded by Gregorio da Quadra proceeding to Ormuz from his Captivity in the Yemen* (Lisbon, 1971); regarding the second trip of Meira, see AN/TT, CC I, 27,97, (25.I.1522), document published by Smith, *João de Meira*, p. 26-27.

⁵¹ February, in Al-Busaidi, *Os Portugueses*, p.37. See Couto, "Réactions anti-portugaises", p. 139 and n. 72. D. Luís came in sight of the island of Masira at the end of March, and arrived in Muscat in late April. Sohar was looted in early May or June. The arrival of the armed forces of Hormuz took place about 16 or 17 June (Fernão Lopes de Castanheda gives the date of beginning of May: Castanheda, *História do Descobrimento*, bk. VI, chap. IIII, vol. 2, p. 158).

⁵² Couto, "Réactions anti-portugaises", p. 146 and n. 111: the various orders, dating back to July 1522, which are part of presents to the sheikh of Muscat, refer caps, *beatilhas* and even a spear.

⁵³ Couto, "Réactions anti-portugaises", p. 146 and n. 110. See also the *Relação dos Escravos tomados em Muscate por Roque de Sousa, Capitão da Fusta Conceição e entregues a Bras Barroso, Meirinho da Nau S. Jorge*, AN/TT, CC II, 101, 144, (17.VI.1522), published by Farinha, "Os Portugueses no Golfo Pérsico", p. 66. However, in April of the same year, D. Luís had ordered that seven slaves that had been taken by Manuel de Sousa near the Râ's al-Hadd Cape (*Roçalgate*), would be given to the of Muscat. Muscat was "lugar de vosos amyguos e havedo respeyto aos muitos servyços que no alevantamento de Horomuz fyzeram a El-Rey noso senhor"; see also the *Ordem de D. Luis de Meneses a Jorge Pereira, Feitor da Armada, para serem entregues ao Xequ de Muscat 7 escravos qui tinham sido tomados por Manuel de Sousa*

However, the alliance offered some advantages to the Sheikh. Indeed, if the support of the Portuguese isolated him from other coastal cities of Oman, hostile to the Portuguese, on the other hand, the Portuguese support allowed him a certain freedom from the demands of Hormuz; above all it helped him to sustain the assaults of the Banû Jabr and of its rival, the *Wakil* of Qalhat. Portuguese support was substantially materialized during the stay of the brother of the governor in 1521: D. Luís left in Muscat about forty Portuguese who helped Râshid on an incursion against Quriyat, and remained in Muscat from May to August 1521.⁵⁴ Later, in 1527, the Portuguese *feitor* with authority over the customs of Muscat, Qalhat and Quriyat, was placed under the protection of Râshid as it is recorded in the *Memoria da Governança da Índia e Rendas de Ormuz*.⁵⁵

Sheikh Râshid (and later on members of his family) obtained the monopoly of *cairo* trade supplying all the naval vessels. He also received the monopoly of controlling customs, the *kapan* (weight) and the office of judge of customs until 1590. In the meantime, signs of nervousness among Portuguese and Hormuzis were detectable again in 1526, due to the exactions of the captain of Hormuz, Diogo de Melo, who eventually put into irons the vizier of Hormuz, Sharafuddîn.⁵⁶ The intervention of the new governor of the *Estado da Índia*, Lopo Vaz de Sampaio, calmed down the situation.⁵⁷ These incidents, part of the complex relations of the Portuguese with the authorities of Hormuz during this period, would not seriously affect, however, the Luso-Mascati alliance that the Portuguese needed to check and stabilize Qalhat, the old rival of Muscat.

Indeed, Re'is Shebabdîn, governor of Qalhat, lost no opportunity to rise against Hormuz and against the Portuguese. In 1519, he was in open conflict with the king of Hormuz, Tûrân Shâh IV, who, failing to attract him to Hormuz, urged Duarte Mendes de Vasconcelos to imprison the Re'is in his own home. The attempt failed, and Duarte Mendes de Vasconcelos was forced to withdraw without being able to

junto ao Cabo Roçalgate, AN/TT, CC II, 100, 138 (22.V.1522), in Farinha, "Os Portugueses no Golfo Pérsico", p. 66.

⁵⁴ See o *Livro das presas da Armada de D. Luis de Meneses*, edited by Farinha, "Os Portugueses no Golfo Pérsico", p. 61: "(...) seys pardaos que gastou em mamtimento de trimta e nove homens portugueses que foram com o xequ de Mazquate pera darem em um lugar que se chama Curyate que estava de guerra que faz em reaes mill e oitocentos (...)".

⁵⁵ *Memoria da Governança da Índia e Rendas de Ormuz*, already mentioned, published by Farinha, "Os Portugueses no Golfo Pérsico", pp. 93-94.

⁵⁶ Couto, "Réactions anti-portugaises", p. 150 and n. 129. These signs of nervousness were linked to the arrest of the *wakil* of Hormuz, Re'is Sharafuddîn, by the captain of Hormuz. The captain had extorted 2,750 *pardaus* to Sharafuddîn. The climate of rebellion is also stressed by Al-Busaidi, *Os Portugueses*, p. 39, ns. 1 and 2. According to the Portuguese chroniclers, Qalhat seems to have been the first focus of uprising, followed by Muscat.

⁵⁷ Al-Busaidi, *Os Portugueses*, p. 39.

capture Shebabdîn.⁵⁸ In 1521, however, during the anti-Portuguese uprising of Hormuz, Shebabdîn did manage to assassinate the group that he met in Qalhat, except the *feitor* Tristão Vaz da Veiga, who, as we have seen, found refuge in Muscat.⁵⁹

The years of 1521-1527 were important as they announced the economic and strategic role that Muscat would play in the following decades. Thus, between 1529 and 1535, when the Gujarat began to play a role with greater political relevance in the eyes of the Portuguese,⁶⁰ and they became increasingly interested in the port of Diu, Muscat strengthened its role as a key port for the commercial fleets that linked the Red Sea and the northern coast of India. About twenty years later, in 1553, the Jesuit priest Aleixo Madeira, in transit from Goa to Hormuz indicates that in the port of Muscat there were "thirty or forty sails of merchants (*chatins*) of India",⁶¹ which gives an idea of the intensity of the port's traffic in the middle of the sixteenth century.

On the other hand, the Mamluk threat between 1507 and 1517⁶² gave new importance to strategic ports in Oman as evidenced by the expedition of Huseyn al-Kûrdi (Huseyn Al-Tûrki) against Diu in 1509. After 1517, with the conquest of Egypt, the Turks themselves would replace the Mamluks. The establishment of the *eyalet* of Yemen in the decade of 1520⁶³ led to the increase of rumours about the possible

⁵⁸ Al-Busaidi, *Os Portugueses*, pp. 35-36. Description of the episode in Castanheda, *História do Descobrimentos*, bk. V, chap. XXXI, vol. 2, pp. 56-57.

⁵⁹ Al-Busaidi, *Os Portugueses*, p. 37. Castanheda, *História do Descobrimento*, bk. V, chap. LXXXIII, vol. 2, p. 141.

⁶⁰ The establishment of the factory by Afonso de Albuquerque in Diu in 1513, was followed by intentions to build a fortress in 1519, and successive expeditions took place (Diogo Lopes de Sequeira, Heitor da Silveira, Lopo Vaz de Sampaio and to finalize Nuno da Cunha in 1531). The treaty of December 23, 1534 that led to the granting of Bassein (Vasai) by Gujaratis provided a framework to Portuguese aspirations: see Dejanirah Couto, "Em Torno da Concessão e da Fortaleza de Baçaim (1529-1546)", *Mare Liberum*, vol. 9 (1995), pp. 119-122. See also the recent unpublished doctoral thesis by André Pinto de Sousa Dias Teixeira, *Baçaim e o seu território (1534-1738): administração, economia e sociedade* (Lisbon, 2010). Regarding the traditional importance of the economic links between Muscat and Gujarat consider the excerpt from the letter from the Sheikh of Muscat, Râshid Bin Ahmad Masqatî, in Aubin, "Le royaume d'Ormuz", p. 171 (quoting AN/TT, *Cartas Orientais*, n. 82).

⁶¹ Letter of Brother Aleixo Madeira to Father Luís Gonçalves (Ormuz, 24.IX.1553), *Documentação*, vol. 5, p. 324.

⁶² Although the expedition of al-Huseyn Kurdî has not yet been studied in sufficient detail, one can see Jean Aubin "Albuquerque et le Cambaye", *Mare Luso-Indicum*, 2 (1971) pp. 12-19; Palmira Brummett, *Ottoman Seapower and Levantine Diplomacy in the Age of Discovery*, (New York, 1994), pp. 108-117; Dejanirah Couto, "Les Ottomans et l'Inde Portugaise", *Vasco da Gama e a Índia / Vasco da Gama et l'Inde / Vasco da Gama and India*, ed. João Pedro Garcia (3 vols., Lisbonne-Paris, 1999), vol. I, pp. 183-184.

⁶³ Dejanirah Couto, "Portuguese-Ottoman Rivalry in the Persian Gulf in the Mid-Sixteenth Century: the Siege of Ormuz, 1552", in *Portugal, the Persian Gulf and Safavid Persia*, ed. Rudi

entry of a Turkish fleet into the Indian Ocean, coming from the Red Sea; and the alerts became more insistent and regular. For the Portuguese, who kept their information networks active in the Arabian Sea,⁶⁴ the cities of Oman constituted true "listening posts" and supported surveillance efforts to follow the Ottoman manoeuvres in the region.⁶⁵ So much so that even the Jesuits were involved in the web of the Portuguese informants: in October 1554, Father António Mendes suggested that a Father of the Society of Jesus could occupy the convent abandoned by the Franciscans in Beirut in order to get fresh secret information about the Ottomans. He also suggested that the Fathers of the Society who were in Venice would befriend Venetian consuls in order to obtain informations and use them as postmen between Europe and India.⁶⁶

Indeed, the great expedition of Hadım Süleyman Pasha to the Red Sea, and subsequently to Diu, in 1538, came to justify such a role for the Omanite cities.⁶⁷ But it was certainly the fact that the Ottomans had implemented their power more firmly in Aden, the *sancağ eyalet* of Yemen in 946/1539, that this role became even more relevant. On the other hand, although this establishment had been problematic for many decades (see the unstable period in 1547 during which Farhad Pasha was named *beylerbeyi* of Yemen, succeeding Uways Pasha),⁶⁸ it had as its logical corollary the intensification of the activities of Ottoman corsairs in the coastal waters of Oman, contributing to extend the area of informal Ottoman influence into the region.⁶⁹ In 1546, the year of the conquest of Basrah in the Persian Gulf,⁷⁰ they at-

Mathee & Jorge Flores (Leuven, 2011), p. 145 ff.; see also Salih Özbaran, *Ottoman Expansion towards the Indian Ocean in the 16th Century* (Istanbul, 2009), p. 215-251.

⁶⁴ See Dejanirah Couto, "Arméniens et Portugais dans les réseaux d'information de l'océan Indien au XVI^e siècle", in *Les Arméniens dans le commerce asiatique au début de l'ère moderne*, ed. Sushil Chaudhury & Kéram Kévonian (Paris, 2006), pp. 171-196.

⁶⁵ About the Ottoman power in Yemen, see among several other authors Michel Lesure, "Un document ottoman de 1525 sur l'Inde portugaise et les pays de la mer Rouge", *Mare Luso-Indicum*, vol. III (1976), pp. 137-160. Couto, "Les Ottomans", pp. 182-183.

⁶⁶ "Carta do Irmão António Mendes a S. Inácio" (Ormuz, 20.IX.1554), in *Documentação*, vol. 5, p. 343: "(...) mui amigos do cônsul dos venezianos, que esta em Alepo, e do que esta no Grão-Cairo, porque tendo com elles comunicação e amizade, por elles se poderia escrever a esta Índia".

⁶⁷ Couto, "Les Ottomans", pp. 187-188; Dejanirah Couto, "No Rasto de Hâdim Suleimão Pacha: alguns Aspectos do Comércio do Mar Vermelho nos Anos de 1538-1540", in *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos*, ed. Artur Teodoro de Matos & Luís Filipe F. Reis Thomaz (Angra do Heroísmo, 1998), pp. 496-499; R. J. Blackburn, "Turkish-Yemenite Political Relations, 1538-1568", unpublished doctoral dissertation (Toronto, 1971); see also R.J. Blackburn, "Two Documents on the Division of Ottoman Yemen into two *Beglerbegiliks* (973/1565)", *Turcica*, vol. 27 (1995), p. 224.

⁶⁸ See Frédérique Soudan, *L'Yémen ottoman d'après la chronique d'Al-Mawza'i Al-Ihsân fî duhûl mamlakat al Yaman taht Zill 'adâlat Âl 'Utmân* (Le Caire, 1999), p. 252; Couto, "Portuguese-Ottoman Rivalry", pp. 147-148.

⁶⁹ For a synthesis of Ottoman maritime activities during this period, see Giancarlo Casale, *The Ottoman Age of Exploration* (Oxford, 2010), pp. 90-95.

tacked Qalhat and proceeded to Muscat, where the forces of the local emir, Sheikh Rabi'eh (son of Râshid Ahmad Bin Masqatî), with the support of the *feitor* Fernão Dias Caesar and the tax collector (*recebedor de finanças*) Diogo Luís,⁷¹ managed to repel them without too much difficulty. However, two ships, one from Basrah and the other from Chaul (loaded with bales of silk) were captured, but the owners rescued them almost immediately.⁷²

The Ottoman attacks

It is in this double perspective, both economic and strategic, that we can understand the interest of the Portuguese for Muscat. In the 1540s, the collection of information and "observation" of Ottoman movements in the western Indian Ocean became progressively more important; the need to defend Hormuz and the *Estado da Índia* eventually led the Portuguese to set up an agreement with the Sheikh (after consulting the vizier and the *Malek* of Ormuz) in order to support the decision of erecting a fortress. Interestingly, the impact of the Ottoman attack of 1546 had been stopped by just twenty-six Portuguese whose only defensive structure was an outer wall along the shore ("*tranqueira forte ao longo da água*") made from wood or from rows of stones laid in a herring-bone pattern.⁷³

The construction of the first Portuguese fortification was therefore initiated by order of Captain João Lisboa in 1551. The order was given by the Viceroy Afonso de Noronha,⁷⁴ as he explained himself in a letter of January 22, 1552 to king D. João III.⁷⁵ The cost of the construction of the stronghold was to be supported by the rents

⁷⁰ Concerning the conquest of Basrah see Jean-Louis Bacqué-Grammont, Viviane Rahmé & Salam Hamza, "Textes ottomans et safavides sur l'annexion de Bassora en 1546", *Eurasian Studies*, vol. III/1 (2004), pp. 1-33; Jean-Louis Bacqué-Grammont, Viviane Rahmé & Salam Hamza, "Notes et documents sur le ralliement de la principauté de Basrah à l'empire ottoman (1534-1538)", *Anatolia Moderna / Yeni Anadolu*, vol. VI (1996), pp. 85-95.

⁷¹ *Obras completas de D. João de Castro*, ed. Armando Cortesão & Luís de Albuquerque (4 vols., Coimbra, 1968-1981), vol. III, "Carta de Luís Falcão a D. João de Castro" (4.XI.1546), p. 257.

⁷² *Obras completas*, vol. III, "Carta de Sebastião Lopes Lobato a D. João de Castro" (30.X.1546), pp. 253-254.

⁷³ *Obras completas*, vol. III, p. 252.

⁷⁴ See the recent biography of the Viceroy by Nuno Vila-Santa, *D. Afonso de Noronha, Vice-rei da Índia. Perspectivas Políticas do Reino e do Império em Meados de Quinhentos* (Lisboa, 2011). About the policy against the Ottomans, *Obras completas*, vol. III, pp. 85-92.

⁷⁵ AN/TT, CC I, 87,71, edited by Dejanirah Couto, "Un coup d'épée dans l'eau: la *Memoria da tomada de fortaleza de Catifa* et l'expédition à Bassorah", in *Revisiting Ormuz*, pp. 78-85, specially p. 81 (fol. 2v° and fol. 3): "os navios que vão a Ormuz e vem dele pera Índia vão forçadamente fazer sua agoada e se acolhem e muitas vezes imverna aly armada (...). E porque seria cousa tam prejudicial a Ormuz entrarem aly os Turcos e por a tera ser de calidade e a baya de maneira que se podiam fazer fortes (...) todos asentaram que deuia logo prover niso e

from Qalhat and Muscat, and this suggests that Muscat was far from being able to finance the project by itself.⁷⁶ Indeed, if in 1515 Qalhat yielded 11,000 *ashrafi* while Muscat only yielded 4,000 ou 5,000, as we mentioned before,⁷⁷ from 1541-1543 Qalhat was still yielding thirty *leques* but, surprisingly, Muscat does not appear mentioned in the records of the incomes of the royal house of Hormuz during these years.⁷⁸

The date of the order given by the Viceroy D. Afonso de Noronha deserves a comment as it is related to a military episode that occurred in the Persian Gulf in 1551. This event, to which Portuguese sources paid almost no attention with the exception of Diogo do Couto, had a considerable impact on the geopolitics of the region.⁷⁹ We refer to the incursion of D. Antão de Noronha, the nephew of the Viceroy D. Afonso de Noronha, against the oasis of Qâtîf on the shore of the Arabian Gulf, the entry of his fleet into the Shatt-el-Arab, and his attempt to attack Basrah, already dominated by the Ottomans.

Indeed, retaliation came soon, and in 1551/1552, Admiral Pîrî Re'îs, the well-known Ottoman navigator and cosmographer arrived to blockade Hormuz.⁸⁰ Before reaching the island of Djarûn (Hormuz), Pîrî began by laying siege to Muscat⁸¹ where his son, Mahmoud Bey led the attack.⁸² For the Ottomans, Muscat represented a logistical base to attack Hormuz and consolidate their presence in the western Gulf; it was important for them to ensure the safety of the military outpost of Basrah. Two Ottoman documents, sent to Istanbul by Kubâd Pasha, the governor of Basrah, on 17 October 1552 (26 *shevval* 959) and November 5, 1552 (18 *zi'l-ka'de* 959) give us some information about the Ottoman conquest of Muscat. From these documents we

que deuia mamdar fazer hum baluarte sobre hua rocha que na emtrada da baya estaa (...) dei cuidado desta obra a João de Lixboa, por ser hum homem homrrado...".

⁷⁶ Couto, "Un coup d'épée Couto", p. 81: "(...) requere-se a el-Rey d'Ormuz que das remdas de Calayate e Mazqate dese ajuda pera se fazer. Pareceo-lhe tambem que deue as remdas do mesmo Mazqate pera se gastarem no mesmo baluarte atee se acabar".

⁷⁷ See note 18.

⁷⁸ See the *Titulo das Remdas que remde a Ylha d'Oromuz (vers 1541-1543)*, edited by Jean Aubin as an appendix of his article "Le royaume d'Ormuz", p. 219. Julfar appears in first position (probably because of its pearl fisheries); the income was 45 *lakh* (*leques*).

⁷⁹ Couto, "Un coup d'épée", pp. 57-88; Dejanirah Couto, "L'expédition portugaise à Bassora en 1551", *Comptes-rendus des séances de l'Académie des Inscriptions & Belles-Lettres* (Paris, 2003), pp. 461-486.

⁸⁰ *Geschichte Sultan Süleyman Kanûnîs von 1520 bis 1557 oder Tabakât ül-Memâlik ve Derecât il-Mesâlik von Cêlalzâde Mustafâ genannt Koca Nisânci* ed. Petra Kappert (Wiesbaden, 1981), p. 98 (482^a53.71, 482^b53.72).

⁸¹ Cengiz Orhonlu, "Hint Kaptanlığı ve Piri Re'îs", *Belleten*, vol. XXIX/134 (1970), pp. 4-6.

⁸² Orhonlu, "Hint Kaptanlığı", p. 5, n. 27. D. Álvaro de Noronha (AN/TT, CCI, 89, 9), in a letter to D. João III (Hormuz, 31.X.1552), reports that Mahmoud Bey (*Mamede Beque*), son of Pîrî Re'îs, fired upon Muscat for six days with sixteenth galleys; his father came afterwards with thirteenth other ships.

also learn that Pîrî Re'is had encircled the island of Djarûn with 850 men, 24 *kadirga*, 3 or 4 *barça* and many weaponry.⁸³ These forces had already served him to overcome previously the fortress of Muscat. João Lisboa and the Portuguese garrison surrendered in ambiguous circumstances after a week of fighting; although the captain stated that he resisted for a month, a cross-checking with several other sources indicates that the resistance lasted effectively for a week only. In a sarcastic vein, the craftsmen (*mestres*) of Goa, in a letter to king D. João III, suggested that it was not surprising that the captain João Lisboa surrendered, because "he was a merchant-soldier (*chatym*) who bought the fortress with money".⁸⁴

The Ottomans captured 128 men of the garrison,⁸⁵ including the captain João de Lisboa. After having followed Pîrî Re'is to Hormuz, in circumstances that were not very clear – it is not known if as a hostage, or as a volunteer informant – João Lisboa was sent to Cairo, where he was officially kept for several years in captivity. During this period, and to dispel rumours of his conversion to Islam (and collusion with the Ottomans), he organized a spy network at the service of King D. João III,⁸⁶ who, in subsequent years, and in spite of the information that he had gotten on the questionable behaviour of the captain, still undertook initiatives to have the Portuguese prisoners of Muscat released.⁸⁷

⁸³ Regarding these ships see Idris Bostan, "Gemi Yapımcılığı ve Osmanlı Donanmasında Gemiler", *Türk Denizcilik Tarihi* – vol. I, ed. Idris Bostan & Salih Özbaran (Istanbul, 2009), pp. 325-339; Dejanirah Couto, "Le viaggio scritto per un comito veneziano et la Descriptio Peregrinationis Georgii Huszti: quelques témoignages sur les équipages de l'expédition de Hadım Süleyman Pasa dans l'océan Indien (1538)", *Eurasian Studies*, vol. VIII/1-2 (2010), pp. 84-87; Daniel Panzac, *La marine ottomane. De l'apogée à la chute de l'empire* (Paris, 2012), pp. 20-27; Gábor Ágoston, *Guns for the Sultan: Military Power and the Weapons Industry in the Ottoman Empire* (Cambridge, 2005), pp. 48-54.

⁸⁴ Letter from Goa (25(?).XI.1552), AN/TT, CC I, 89, 21, edited in *Documentação*, vol. 5, pp. 218-219 (n. 46). See the *cartas* from *Patrão das Naus da Índia e Mar Oceano* (Master of the Indian fleet) e de *Piloto-Mor* (pilot) in King D. Manuel's chancery, Liv. 51, fol. 283 and Liv. 8, fol. 113 respectively, as well as pensions of 10,000 *Reis* and of 4,000 *Reis* Liv. 51, fol. 37 and Liv. 3, fol. 213, respectively.

⁸⁵ The garrison numbers vary: the craftsmen of Goa indicate 60 men, *Documentação*, vol. 5, p. 218.

⁸⁶ We have his extensive report to the Portuguese sovereign written in Cairo on August 30, 1555 (AN/TT, CC I, 86,120), transcribed and published in full by Couto, "Portuguese-Ottoman Rivalry", pp. 167-174.

⁸⁷ See Dejanirah Couto, "L'espionnage portugais dans l'Empire ottoman", *La Découverte, le Portugal et l'Europe*, ed. Jean Aubin (Paris, 1990), p. 262, n. 71. The favourable opinion of D. Álvaro de Noronha – shared by the viceroy D. Afonso – faded after the surrender of Muscat (AN/TT, CC I, 89, 9). D. João III had been warned of the dubious behaviour of the captain of Muscat since 1554. In a letter to Pedro de Alcaçova Carneiro (s/d, AN/TT, *Colecção S.Vicente*, vol. VI, fol. 266-266vº) he confirms the information: "em outra carta vosa me falays sobre o resgate daqueles portugueses que foram tomados em Muscat pelos Turcos E por que imformam que tenho de quam mal se ouveram naquele negocio e (crossed of: "nem") cumprimento o que deviam nele a meu serviço e a suas honras". The negotiations for the liberation started in the summer of 1554 through the intervention of an overseer of Beatriz de Luna (Nasci), the

If the testimony of the same craftsmen of Goa is to be trusted, the responsibilities of the loss of Muscat could not be attributed solely to the captain of the fortress. In India, the Viceroy D. Afonso de Noronha had demobilized his forces until he got information of the arrival of the Ottoman fleet. Unwilling to fight the Turks, the Viceroy began preparations, and did it so slowly (*tam de vagar*) that, as the document indicates, the Ottomans had time to attack Muscat before the arrival of any Lusitanian assistance".⁸⁸

The Portuguese effort to fortify the port of Muscat in the second half of the sixteenth century is also explained by the fact that due to the quality of its moorings and the presence of a strategic product for war at sea (freshwater), it remained very attractive not only for the Ottoman fleets but also for the Ottoman corsairs. Thus they came to attack Muscat from 1555 onwards, following the great battle of August 1554 when Seydi Ali Re'is fought against the armada of D. Álvaro de Noronha along Cape Musandam, an event that was described in detail in several contemporary testimonies.⁸⁹ Thus the Turkish corsairs ravaged the waters of Muscat for several years and attacked the coasts of Hadramawt and Oman. In 1560-1561 (*Rajab* 968), the chronicler 'Abdullâh Bâ Makhramah tells us that three ottoman vessels left Aden, and that, passing through Shihr, Qishn and Julfâr, headed to Qalhat. They captured a Portuguese *galiota* that was coming from India and imprisoned the Portuguese captain.⁹⁰

In 1581, Mir Ali Beg, probably in connection with certain Ottoman *levend* groups operating in the Red Sea and Aden, followed in the footsteps of his predecessors, Pîrî Re'is and Sefer Re'is, and also came to attack Muscat. Analyzing somewhat freely the testimony of Diogo do Couto, the only Portuguese chronicler to underline

powerful Jewish lady known as *A Senhora* that emigrated to Istanbul around 1552. In 1560 two companions of João de Lisboa, António Pinto and Sebastião Criado, were in Messina in charge of negotiating the release of the prisoners (*Quadro Elementar das Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal*, ed. Visconde de Lagoa & others (18 vols., Lisbon, 1842-1860), vol. XII, pp. 198-199.

⁸⁸ Carta de Goa, 25(?).XI.1552, AN/TT, CCI, 89, 21, edited in *Documentação*, vol. V, pp. 218-219. The inaction of the Viceroy is described with irony: "estas novas trouxeram as fustas que vyerom do Estreyto em Mayo, e o vyso-rey sempre dormyo".

⁸⁹ See a brief presentation of the accounts in Dejanirah Couto, "Naval Battles Between Turks and Portuguese in the Indian Ocean in 1554 according to New Portuguese and Spanish Sources", in *International Turkish Sea Power History Symposium: The Indian Ocean and the Presence of the Ottoman Navy in the 16th and 17th Centuries* (Istanbul, 2009), pt. III, pp. 32-42. Transcription of the documents will be given in two forthcoming articles edited by the Türk Tarih Kurumu (2014).

⁹⁰ R.B. Serjeant, *The Portuguese off the South Arabian Coast. Hadrami Chronicles. with Yemeni and European Accounts of Dutch Pirates off Mocha in the Seventeenth Century* (Oxford, 1963) p. 109. The same year a Portuguese squadron intercepted a ship of Atjeh transporting Ottoman traders. A naval battle took place and all the ships were set on fire. Only twenty Muslims survived and managed to reach Aden (p. 110).

the episode “Sefer Re’is” (although João de Lisboa, the captain of Muscat, refers to it in his long report to king D. João III),⁹¹ Giancarlo Casale suggests that this Ottoman corsair had larger ambitions concerning the Portuguese maritime traffic between Goa and Hormuz.⁹² But Couto’s testimony should be examined with caution: he wrote under a specific ideological context, and his main purpose was to stress the way the governor Afonso de Noronha ruled. It was necessary to highlight the strength of the policies of Noronha, and to exaggerate the Ottoman danger, awarding to Sefer the intentions that he may not have had, at a time when the rivalry between the Portuguese and Ottomans was intense. Partisans of a “hard line” for the Portuguese policy in the Indian Ocean (that since 1546/1547 were manifesting themselves in increasingly difficult dealings with Ottomans in Basrah), opposed partisans of a more conciliatory policy towards the Porte administration.⁹³

In any case, Mir Ali Beg attacked Muscat in 1581 with 150 to 200 men from his base in Aden.⁹⁴ According to the same chronicler ‘Abdullāh Bā Makhramah, many Portuguese were killed, the city was burned, and among the destroyed buildings, there was the main church (this building did not exist in 1553, as can be seen by the contemporary description of the Jesuit fr. Aleixo Madeira). The Turks seized a loaded ship, ready to go to Hormuz and a galleon. Loaded with booty, they returned to Shihr, and from there, to Aden.

A distorted image of the fortifications

Although in the long letter and report addressed to the Portuguese king (sent from Cairo in 1555), João de Lisboa says nothing about the construction of his fortress in this first phase, he must have built or strengthened various structures that surrounded the city towards the East and the West with extensions to the South. Resende / Bocarro described in the seventeenth century the fortifications that they probably saw, but that had already been modified by the addition of two buildings of the late sixteenth century: the fort of *Al-Jalâli*, whose construction must have started during the mandate of Viceroy of *Estado da Índia* D. Duarte Meneses (1584-1588) and was continued by his successor (probably around 1587 or 1588), and the fort of *Al-Mirâni*, dated from 1588, if one is to believe the inscription visible in two faceted stones arranged inside its vaulted door. The inscription specifies that the works were executed in 1588 by Belchior Calaça (Alvares?) under order of Governor of *Estado*

⁹¹ Couto, “Portuguese-Ottoman Rivalry”, pp. 168-169 (document 2, fol. 1v°); Casale, *The Ottoman Age*, p. 106, quotes the document.

⁹² Casale, *The Ottoman Age*, pp. 93-95.

⁹³ On his career, Casale, *The Ottoman Age*, pp. 93-112. On the anti-ottoman context in the Portuguese India and the ideological position of the chronicler Diogo do Couto, see Couto, “The Commercial Relations”, pp. 154-155; Couto, “Un coup d’épée dans l’eau”, pp. 57 ff.

⁹⁴ Al-Busaidi, *Os Portugueses*, p. 140; Serjeant, *The Portuguese*, p. 111.

da Índia Manuel de Sousa Coutinho (who took office on May 4, 1588). As is well known, *Al-Mirâni* was built according to the plans of the Italian military engineer Giovanni Battista Cairati in charge since 1584, to consolidate the fortifications in Hormuz, Bahrain, Muscat and Malacca. The small bastion on the fortress is probably his work (1589?). The chapel based on a circular geometry was also built during this reconstruction. Endowed with a tiled dome, it highlights a beautiful Manueline Portal of limestone that most likely came from Portugal.

Compared with *Al-Mirâni*, the stronghold of *Al-Jalâli* built on the opposite side of the bay, appears to be a building of lesser sophistication. From *Al-Jalâli* one could see at the entrance of the bay, the bulwark of Santo António, which António Bocarro describes as being no more than a thin wall, two fathoms long, set between two rocks, filled with rubble on the inside with its platform. *Al-Jalâli* was composed by a circular wall, had a (domed?) reservoir for rainwater, so large that it could contain over a thousand barrels of water, warehouse supplies, and an armoury with ammunition and weapons. This structure was partly dug into the rock. *Al-Jalâli* was also defended by a bastion equipped with artillery pieces. Access was through a steep staircase carved in the rock, which ended on the walls. In the early seventeenth century, D. García de Silva y Figueroa, the Spanish ambassador to the Safavid court of Shâh ‘Abbâs refers to it briefly, stating that facing *Al-Mirâni*, one would see the old fortress (*a velha fortaleza*) that was located four hundred steps away.⁹⁵

As the steep mountain imposed the use of various terrain features, the construction of *Al-Mirâni* required an enormous effort. A keen observer, Figueroa noted that the fortress had been erected on the gaps between the sharp ridges of the mountain range surrounding the valley. He described in the following terms:

“And what makes this a more impregnable fortress, is that, as the wall that surrounds it, according to his disposition and the place in which it is located, is very steep and irregular, the path does not run right, and presents many recesses, protrusions and angles, both exterior and interior, serving as obstacles (*traveses*) allowing several possible defensive positions”.⁹⁶

⁹⁵ Don García de Silva y Figueroa, *Comentarios de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Persia (1614-1624)*, ed. Rui Manuel Loureiro, Ana Cristina Costa Gomes & Vasco Resende (2 vols., Lisbon, 2011), vol. 1, p. 173. Annotated edition, text established according to the original manuscript of the Nacional Library of Spain, ms. 18217.

⁹⁶ Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 172: “(...) Y lo que mas inexpugnable haze esta fuerça, es, que como la muralla que la rrodea, sign la dispusiçion y sitio suyo, siendo en parte tan aspera, y desigual, no corra derecha, forçosamente haze muchos senos, y angulos, ansi exteriores como interiores, siruiendo de traueses y defensas los unos a los otros (...)”.

In fact, the well-known illustration of the Muscat fortifications from the *Livro das Plantas* by Resende / Bocarro, which we already referred to, complicates the analysis of the primitive fortress. The picture not only is from a late period (early seventeenth century) but we suspect that it may be distorted, obeying to a stereotype used by the author. Resende / Bocarro, in the representation of Muscat, tried to give an idea of its complexity, but he resorted to outlining the entire plan, marking only the most visible details (stairs, doors, walkways, bell towers, canons). Some of these representations assume a symbolic character. Another problem arises however: Resende / Bocarro did not use the graphical representation in geometric perspective (limiting himself to draw what M. A. Oliveira Costa Lemos described as a "naive picture").⁹⁷ He "used geometric planes with views of the grounds, which then he transformed in a view with vanishing point".⁹⁸ For this reason, the layering of the fortifications is not visible in the famous drawing, giving rise to the superimposition of various planes, which generated several inconsistencies on the structure of the image.

A better description: D. García de Silva y Figueroa

We believe that the best description of the fortresses *Al-Mirâni/Al-Jalâli* is not the illustration from Barreto de Resende / Bocarro, due to its imprecisions that we listed regarding the graphical structure of the drawing, but certainly the one from D. García de Silva y Figueroa, who travelled through Muscat in 1617. Figueroa, a true maniac for details, incessantly recording events in his journal of the trip to Persia, goes as far as even counting the number of flights of stairs that separated the platforms armed with cannons (*rebelim*, plu. *rebelins* in current Portuguese).

It therefore has the advantage of giving us a description of the different levels of the fortress of *Al-Mirâni*, which are not depicted on the picture of Resende / Bocarro. For example, he emphasizes that the cliff over which the fortification towered, was less than "fifty paces" from the convent of St. Augustine. He also describes a small guard post, facing south-east and the wharves, covered with palm leaves, where one could see a few soldiers and native Christians; a stairway began there, rising for twenty or thirty steps to the first *rebelim* with cannons, at a height of "two spears" above the ground. Here began a thick continuous wall, interrupted only by a solid door. Passing through this door, one would arrive to the next platform, through a stone staircase of more than sixty or seventy steps. There was located the second

⁹⁷ See Maria de Assunção Oliveira Costa Lemos, *As Ilustrações ingênuas do Manuscrito «Fortalezas do Oriente»*, unpublished M.A. dissertation (Lisbon, 1987).

⁹⁸ Rui Manuel Loureiro, "Para os Olhos do Rei: Iconografia de Fortalezas Portuguesas na Região do Golfo Pérsico por volta de 1600 / For the Eyes of the King: Iconography of Portuguese Fortresses in the Persian Gulf Area around 1600", *Oriente*, vol. 18 (2007), p. 76.

rebelim also equipped with guns of various types, and from where one could see the sharp mountain ridges, and also "both ports". In this place began a second wall, with another door. And from there, one would continue to climb, through a steeper stairway with yet more and more steep steps until reaching the internal courtyard inside the fort itself. The house of the captain (*casa do capitão*) was a narrow building with two or three vaulted storage areas for ammunition. Interestingly, although Figueroa mentions the circular vaulted chapel with tiles (*azulejos*) that actually was part of a set of three churches, two of which would have disappeared,⁹⁹ he doesn't give any details about it, except for a reference to its belfry and to a large window.

This group of structures was defended by a strong tower guarding not only the Augustinian convent, but the whole valley and the pier, a set up that is very characteristic of Portuguese military architecture from the Manueline period.¹⁰⁰ Figueroa expresses some criticism about the layout of the artillery, but adds that the excellent location of the fort compensated for any shortcomings in its design. From this central yard two lines of ramparts grew, with a width of approximately thirty steps, going through the ridges that ended in another bastion / turret. In fact, the most privileged position to oversee the hinterland and the port was where this bastion was located, situated in a plane slightly higher than the rest of the fortress. Actually, access to this bastion, the key element of the fortress, was so heavily defended that it was virtually impossible to reach it.¹⁰¹ We believe that it is perhaps for this reason that the image of Resende / Bocarro shows a gateway with a stairway to the sea, which may have been created after the visit of Figueroa to Muscat.

Possible localisation of João de Lisboa's ancient fort

Due to the basic topographic constraints mentioned above, the initial Portuguese fortress built by João Lisboa must have stood roughly on the same location of this bastion / turret and there is even the possibility that it was extended to the perimeter of the house of the captain. If we compare the image of Resende / Bocarro with the image, already mentioned, of the depiction of the naval battle between D. Fernando de Noronha and Seydi Ali Re'is in 1554 in the *Livro de Lisuarte de Abreu*, the

⁹⁹ The existence of the three churches is mentioned by Eduardo Kol de Carvalho, *Trilhos do Património Português* (Lisbon, 2006), p. 158. See also Al-Busaidi, *Os Portugueses*, pp. 137-138 about the Latin inscription "Ave Maria Gratia Sancta Plena Dominus Tecum" (AVE MARIA SA PLA DO. S.TECV.). Original reading by Serjeant, *The Portuguese*, p. 164.

¹⁰⁰ On this type of fortification, known as *castelo roqueiro*, see Rafael Moreira, *História das Fortificações Portuguesas no Mundo* (Lisboa, 1989), pp. 91-96.

¹⁰¹ Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 172 (fól. 173): "Toda la cumbre desta sierra, es tan difícil de andar por ella signen desde lexos parece, que con peligro se puede llegar un hombre tra otro al pie deste sigundo torreón : y esto no es posible si non fuese de dia, porque de noche, aunque fuesen muy praticos los que tal intentasen, seria muy cierto el despenarse".

squared shape of the fortress on this picture coincides with the bastion / turret of the drawing made by Resende / Bocarro, with only a difference of perspective. As a matter of fact, in the *Livro de Lisuarte de Abreu*, the square fortification appears at the center of the bay, which would be natural in a schematic drawing of this kind. However, if we look at the today's Muttrah fort, in the Muscat province of Oman (which was probably build up on ancient foundations), it is also situated at the center of the bay. Therefore it is not clear if the illustration of the *Livro de Lisuarte de Abreu* represents *Al-Mirâni* in Muscat or Muttrah fort. Unfortunately, only an archaeological survey could fully confirm whether this claim is correct.

It is in the description of the main body of the fort, around the house of the captain, that the image distortions of Resende / Bocarro are more clearly apparent. If one does not follow the step by step description of Figueroa, it will be impossible to understand the organization of the different platforms of *Al-Mirâni*. In fact, from the captain's house, one would climb up another ten or twelve steps up to an even higher level where there was one little square of thirteen or fourteen steps in diameter, underneath which was a cistern with a capacity to provide water to three hundred men for two years.¹⁰² From here there were three or four more steps, until one would reach the already mentioned chapel with its bell and a large window provided with arms rests. From this vantage point, it was possible to observe very well, not only the port but also the old fortress (*fortaleza velha*). The yard of the chapel was surrounded by another turret; although it looked large in the version of Resende / Bocarro, this turret was much smaller than the other two, at the time of Figueroa's description. If one would descend down to the little square over the cistern, and walked for twelve or fourteen steps in the opposite direction to the stairs that had taken to get to the house of the captain, one would arrive at the north wall overlooking the harbor and the main cove.

Figueroa also describes in detail this side of the fortress. On the way down from the wall that led directly to the port, there was a passage giving access to another platform, where stood soldiers and two vaulted storage areas for firewood and ammunition. This platform was also armed with artillery pieces. From here there was also a good view of the surrounding sea. A particularly steep stairway, meandering through the rocks with more than sixty steps, led to another *rebelim* garnished with artillery pieces. Further down, though through a less steep and broader staircase, one could reach the last platform, equipped with artillery capable of firing at water level. As the Castilian ambassador stresses, entry into the harbor was impossible by any small craft if it was "not friendly". Unfriendly ships could easily be hit at the vulnerable level, just above of the water line.¹⁰³ A more detailed study of the fortifications that we are undertaking (including the watchtowers mentioned in the existing documen-

¹⁰² Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 173 (fol. 173).

¹⁰³ Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 173 (fol. 173v°).

tation as well as elements regarding complementary walls that surrounded the valley or defended the gullies known as *boqueirões*) would go beyond the scope of this article.

Local manpower and construction of the fortifications

Rather than going into further details, it seems useful to recall some other aspects including the issue of manpower and labour required for the construction of these two fortresses and other fortifications in Oman. This problem needs to be studied taking into account the intervention of Omani military tradition in the field of construction of fortified strongholds (*Sur* and watchtowers) and its influence on the design of European strongholds during the early Portuguese period.

Another element deserves to be emphasized here, too. Since 1521, the presence of a nucleus of Portuguese merchants and adventurers in Muscat became gradually more important and active, based on a nucleus of people close to the *feitor* (who accumulated his functions in Muscat and Qalhat at least until 1588) from the initial group left by D. Luís de Meneses. The descendents of this small group probably engaged in the construction of the fortifications. According to the already mentioned Fr. Aleixo Madeira (in his letter from Hormuz dated September 24, 1553), there was a large Portuguese community in Muscat, which included a Portuguese woman living as a concubine with a Portuguese for fifteen years, and was under Jesuit protection. Willem Floor believes that the size of the community declined after 1552, but in any case, in the 1550s, about sixty married Portuguese lived in Muscat, and in 1547, according to D. Manuel Lima, there were forty or fifty.¹⁰⁴ As was the case in Islamic Hormuz and elsewhere in the Indian Ocean, they usually lived with concubines or in bigamy (see the testimony, in 1551, of Fr. Gaspar Barzeu). In 1617, Figueroa tells us that there were three or four houses with Portuguese residents (*casados*) and just a few soldiers.¹⁰⁵

It is in this urban core group that we can later place the monastery of the Augustinians, where D. Garcia stayed overnight in 1617 and regarding which he has left us a detailed description. This convent, despite appearing with great prominence in the *Livro das Plantas*, was in reality a small building housing only five to six religious men, although it could accommodate up to ten.¹⁰⁶ It was built certainly between 1611 and 1617, since in 1611 Fr. António de Gouveia tells us that the Augustinians

¹⁰⁴ Letter of D. Manuel de Lima to Governor D. João de Castro, *Obras completas*, vol. III, p. 417 (Hormuz, 23-VI-1547).

¹⁰⁵ Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 171.

¹⁰⁶ Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 171.

lived in poverty, in a few small houses, as they did not yet have a monastery.¹⁰⁷ The city layout map from Resende / Bocarro shows us another building marked as a church (the *Matriz?*), in front of which a cross is marked, and several other buildings.

These interesting testimonies corroborate another, later one, from the Italian travelogue of Pietro Della Valle: this author also tells us that there was a spontaneous or informal community in Muscat, a *Republica* living outside the Portuguese crown's sphere of authority. They settled along the bay in the same way as the native Christians, the *Baneanes*, the Hindus and the Jews (15-20 very poor houses according to Figueroa). These Portuguese devoted themselves to smuggling and trading with Hormuz and the Sind. Their marginalization was undoubtedly encouraged by the way the agents of the Portuguese Crown worked in Muscat: a letter from 1546 tells us that before Belchior de Sousa it was habitual to have a *catur* in Muscat "who collected the taxes from the ships entering the strait and compelled them to go to that city (Hormuz)". This custom was lost and then a servant of the captain of Muscat charged one *pardau* for each ship that came in, self-proclaiming himself *feitor*, employing a scribe without obtaining authorization from the king of Portugal or the governor of *Estado da India*.¹⁰⁸

Conversely, Portuguese soldiers stationed in Hormuz deserted and took refuge in Muscat, where they also engaged in smuggling various products.¹⁰⁹ In the seventeenth century, and according to António Bocarro, the Portuguese administration was composed of eighteen employees and the roles and salaries are listed; the military contingent was about four hundred men, but only eighty were permanently stationed in Muscat, which corroborates the testimony from Figueroa. These thin forces relied on the auxiliary support of three hundred Arabs dispersed throughout the different Portuguese forts in the region, and were moved around assisting each other depending on the occurrence of specific conflicts.

In 1611, Fr. António de Gouveia saw Muscat as a "small and poor" city whose residents (including the Portuguese) "are the poorest I've seen in any place that I have

¹⁰⁷ Frei Antonio de Gouveia, *Relaçam em qve se tratam as Gverras e Grandes Victorias qve alcançou o Grãde Rey da Persia Xá Abbas do Grão Turco Mahometto, & seu Filho Amethe* (...) (Lisboa, 1611), chapt. III, p. 7.

¹⁰⁸ Letter of Rafael Lobo to Governador D. João de Castro, *Obras completas*, vol. III, p. 122 (Ormuz, 2.II.1546).

¹⁰⁹ D. Manuel de Lima to Governor D. João de Castro, *Obras completas*, vol. III, p. 456 (Ormuz, 27.IX.1547), and Rui Gonçalves de Caminha to the same governor (Goa, 17.II.1548), *Obras completas*, vol. III, p. 523: "Em Batecala achey seis ou sete naos carreguadas de drogas e ferro, e o démo sabe se levao pimenta, todos para jrem a Mequa e a Masquate com cartazes do noso capitao dom Dioguo". On smuggling in the western Indian Ocean see Anthony Disney, "Smuggling and Smugglers in the Western Half of the Estado da India in the Late Sixteenth Century and Early Seventeenth Century", *Indica*, vol. 26 (1989), pp. 57-75.

been to, because most do not have more than a small hut made of mats, without anything more than a *cambulim* or sleeping mat, and in such miserable quarters, they are exposed to the elements, even suffering excessive cold (...) their usual sustenance consists of dates, without anything else, and when they manage to eat rice, it is an occasion for festivities".¹¹⁰ Figueroa says exactly the same thing,¹¹¹ and indicates that there were three hundred homes, as small and "bad" as the ones of poor peasants in Spain; the poorest lived in houses of reeds covered with palm leaves. Only in the small neighborhood around the church did the Portuguese live in stone and lime houses with terraces that looked better to the town's visitors.¹¹²

Conclusion

In 1611, Fr. António de Gouveia wholeheartedly believed in the superiority of the fortress of Muscat, one of the jewels of military architecture in the Indian Ocean. According to him, the fortifications were impregnable, in relation to the Ottomans who had suffered a major defeat in 1554 in the battle of Cape Musandam (although he does not mention their raid against Muscat in 1581).¹¹³

In spite of the presence of these impressive fortresses, the Portuguese presence in Muscat had since – at least in the early seventeenth century – lost much of its luster. Little remained from the rivalry with Hormuz. A wordy and scrupulous observer, D. Garcia de Silva y Figueroa accurately described the Muscat fortifications and witnessed the agony of the Portuguese presence on the coast of Oman, where nonetheless several fortresses still remain, evidence of the dream of maintaining a Portuguese presence in an Islamic area at a time when maritime powers such as the Dutch, the English – and later the Omanis – asserted their supremacy in different parts of the Indian Ocean.

¹¹⁰ Gouveia, *Relaçam*, chapt. IV, p.14: "(...) são os mais pobres que vi por todas as partes por onde andei, porque os mais delles não possuem mais que hua pequena choupana, feita de esteiras, sem terem dentro mais alfaia que um cambulim, ou esteira em que dormem, e em tam miseráveis aposentos passam calmas, e frios excessivos (...). Seu ordinário mantimento he tâmara sem outra cousa algua, & o dia que chegam a comer arros, he de festa pera elles (...)".

¹¹¹ Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p. 174 (fol. 172v°): "(...) El resto de la gente de la tierra es pobríssima, no comiendo sino tamaras y leche, y algun poco de arroz por fiesta".

¹¹² Figueroa, *Comentarios*, vol. 1, p.171 (fol. 171v°).

¹¹³ Gouveia, *Relaçam*, chapt. IIII, p.12.

Au Paradis Persan: Villes et réseaux routiers en Iran au temps de Châh Abbâs I^{er}

MOHAMMADREZA ABBASI NADERPOOR *

Introduction

Fondé par Châh Ismaïl au début de XV^e siècle, l'empire Séfévide arrivera à son apogée sous le règne d'Abbâs I^{er} le Grand. 1000 ans après la conquête de l'empire sassanide par les Arabes musulmans, l'Iran connaîtra ainsi sa plus grande extension territoriale. Après plusieurs conquêtes militaires et les frontières étant sécurisées à l'est comme à l'ouest, le grand roi engendra plusieurs réformes institutionnelles pour assurer la stabilité et la prospérité de son empire. Des réformes militaires, religieuses, et administratives furent engagées pour mieux gérer celui-ci. Bien qu'il fût un roi pieux, il mit en œuvre une séparation progressive des institutions religieuses de l'État.

Châh Abbâs I^{er} déplaça la capitale à Ispahan en 1597-1598. De ce fait, après Qazvin et Tabriz une politique des grands travaux sera lancée dans cette ville redevenue capitale quelques siècles après le déclin de l'empire Séljuqide. Elle devient ainsi le théâtre de deux types d'urbanismes: d'une part l'urbanisme organique qui consistait depuis des siècles à l'entassement des strates et de densification des bâtis autour de l'Ancienne Place et la mosquée de vendredi au nord de la ville, et d'autre part un urbanisme décidé et voulu par le roi qui consistait à développer la ville autour d'un nouvel axe s'appelant Tchahâr-bâq avec ses palais et jardins et une nouvelle place appelée Place Royale ou place Naghsh-e Jahan. Ce déplacement du centre manifestait la volonté de Châh Abbâs I^{er} de montrer la grandeur de son empire et symbolisait son intention de distinguer deux mondes, séculier et religieux.

La volonté du roi ne se limitera pas à la capitale. Les réseaux routiers à l'échelle nationale et intercontinentale, tels que la route de soie ou la route des épices seront restaurées, réaménagées et rééquipées. Les anciens caravansérails seront restaurés et des centaines d'autres seront construits pour sécuriser les routes et faciliter les dé-

* Université Paris Ouest Nanterre La Défense.

placements des caravanes. Les aménagements des réseaux routiers ont pour but de rassurer d'une part l'épanouissement des activités économiques et le développement artistique du pays et d'autre part de développer le commerce extérieur avec les pays occidentaux et notamment avec l'Angleterre, le Portugal et la Hollande.

Dans cet article, en prenant l'exemple d'Ispahan et de quelques villes majeures d'Iran sous les Séfévides, visitées par l'ambassadeur espagnol Don Garcia de Silva y Figueroa, nous essayons de montrer brièvement l'origine et l'inspiration philosophique et les caractéristiques les plus remarquables du développement urbain et territorial sous le règne de Châh Abbâs I^{er}.¹

L'école d'Ispahan: doctrine et philosophie d'architecture et d'urbanisme séfévide

Le premier vendredi qui suit la conquête de Tabriz et la déclaration officielle du règne de dynastie séfévide, Châh Ismaïl I^{er}, le fondateur de la dynastie, ordonna à l'Imam de prêcher pour Ali et la religion de chiisme duodécimain.² Cet événement donnera au chiisme, pour la première fois dans l'histoire, la possibilité de devenir la doctrine d'un État puissant et ambitieux. Certes, il y avait déjà eu d'autres dynasties chiites apparues sur la vaste étendue du monde musulman: telles que les Bûyides et les Sarbedârâns sur le Plateau iranien et les Fatimides au nord de l'Afrique. Mais nous ne pouvons pas considérer comme des empires constituant des civilisations basées sur la doctrine chiite, car soit leurs règnes étaient de courte durée (*Sarbedârân*), soit d'une puissance et influence limitées (les Bûyides), soit ils étaient d'une autre branche du chiisme que celle des Duodécimains. C'est pour cette raison que l'empire Séfévide peut être considéré comme le premier où l'architecture et l'urbanisme furent en grande partie inspirés de la doctrine de chiisme duodécimain. Donc après trois empires islamiques dirigés par les musulmans sunnites (les Omeyyades, les Abbâssides, et les Ottomans) les rois chiites se trouvèrent pour la première fois au sommet d'un grand empire: l'empire Séfévide.

Le chiisme étant pratiqué par la majorité des Iraniens devint également la religion de l'État. Unie ainsi par la religion, la relation entre l'État et le Peuple va s'améliorer, au point de générer une véritable renaissance pour la Perse. "Cette reconnaissance officielle de la religion chiite marque un tournant, en ce sens qu'elle confère une dimension politique à l'école de l'imâmisme, et confirme la tendance amorcée par

¹ Je tiens à remercier Monsieur Jean-Louis Bacqué-Grammont pour avoir examiné mon manuscrit et me faire parvenir ses remarques.

² Ehsan Eshraghi, "Séfévides", in *National Historical Atlas of Iran* (Téhéran, 1999), p. 115 – en persan.

Uljaïtu. Elle va contribuer à une véritable renaissance que connaît la Perse à l'époque de Châh Abbâs I^{er}", écrit Henri Stierlin.³

Une école théologique et philosophique, s'appelant désormais l'École d'Ispahan, va rapidement se développer dans tout l'empire. Ispahan devient l'épicentre de ce courant philosophique et on va l'enseigner dans toutes les Madrasah de l'empire: de Chirâz à Machad, de Kerman à Tabriz, et de Bagdad à Hérat. On note dans cette école de nombreux philosophes et théologiens tels Mir Dâmâd, Mohsen Feiz Kâshânî, ou Mollâ Sadrâ Shirâzi. La volonté du roi donnera une formidable occasion à cette école philosophique et théologique de réaliser ses conceptions de la ville. Les urbanistes et architectes de roi, comme Cheikh Bahâi et Ali Akbar Ispahani, vont ainsi construire la ville royale d'Ispahan à l'image de ville utopique de cette école.

La ville de la Perse antique se développait autour de trois institutions: le palais du gouverneur, le temple, et le bazar. Après la défaite de l'empire Sassanide et la conquête d'Iran par les musulmans, le temple mazdéen fut remplacé par la mosquée. Depuis lors, le noyau central de la ville iranienne eut trois dimensions: le pouvoir politique représenté par le palais du gouverneur s'appelait Qaleah, le pouvoir religieux représenté par la mosquée, et le pouvoir économique représenté par le bazar. L'école d'Ispahan ajouta une quatrième dimension: c'est la dimension spirituelle consacrée aux rites du sufisme, dont les Séfévides étaient issus. Nous pouvons voir très clairement cette dimension spirituelle dans la conception de la Place Naghshe-e Jahan, où la mosquée de Cheikh-Lotfollah, qui n'est qu'un oratoire privé, s'impose au même titre que la grande Mosquée royale, le Palais d'Ali Qâpu, et le Portail du grand Bazar.

Si selon, l'expression d'Henri Corbin,⁴ le bassin de la mosquée dite persane, comme celle de la mosquée du vendredi ou celle de la mosquée royale d'Ispahan, reflète le *templum* céleste, la cité emblématique d'Ispahan, est l'incarnation du paradis, mais un paradis persan. Bien que celui-ci fût fondé sur la doctrine chiite, il était aussi l'héritier de l'art de la construction persane. Nous sommes donc face à une école d'architecture, qui s'inspire à la fois de la philosophie islamique et des Sagas de l'ancienne Perse. Le "huitième climat" réalisé sur la terre est issu de deux mondes.

Aménagement territorial des Séfévides: inspiration d'anciens empires perses

À la fois ambitieux pour son empire et conscient des importants changements qui se passaient dans le Monde et notamment en Europe, Châh Abbâs I^{er} va instaurer un

³ Henri Stierlin, *Ispahan image du Paradis* (Genève, 1976), p. 25.

⁴ Henri Corbin, "Préface", in Stierlin, *Ispahan image du Paradis*, p. 6.

régime central sans précédent. Dans celui-ci, le souverain, tout en étant à la tête de l'État, est le garant et le protecteur de la religion chiite. Contrairement aux dynasties précédentes, qui avaient régné en Iran depuis la chute des Sassanides, l'État séfévide va intervenir dans tous les domaines: il va prendre en main toutes les affaires économiques, sociales, et culturelles. Châh Abbâs va d'abord réorganiser son armée pour garantir la sécurité et la stabilité et aussi dissuader toutes les attaques des voisins, tels les Ottomans à l'ouest et les Ouzbeks à l'est. Une fois le pays sécurisé, l'État va prendre de nombreuses mesures pour augmenter la production agricole comme la production artisanale, tout en renforçant le commerce intérieur et extérieur. Le but est de faire épanouir l'économie et entraîner la croissance dans tous les secteurs. Regardons quelques-unes des principales mesures prises par Châh Abbâs I^{er} pour gérer son empire et assurer son avenir.

Organisations d'une armée nationale indépendante des tribus: Avant Châh Abbâs I^{er}, l'armée était constituée de corps de troupes provenant des tribus. Celle de Châh Ismaïl l'était de corps provenant notamment des tribus Qezelbâches. La rivalité entre ces différentes tribus, était très nocive pour l'empire. Pour mettre fin à ces troubles, Châh Abbâs constitue une armée nationale et indépendante des tribus, avec l'aide de deux frères anglais: Sir Robert Sherley et Sir Anthony Sherley. C'est avec cette nouvelle armée, qui s'appelait Chahsavan (signifie littéralement: louangeur, élogieux de roi), et qui constitue division de cavaliers et dotée de fusils et de canons, que Châh Abbâs arrive à infliger des grandes défaites aux armées ottomanes et mettre fin à l'occupation des îles iraniennes dans le Golfe Persique par les Portugais, tels que Bahreïn, Qeshm, ou Hormoz.⁵

Constructions des nouveaux équipements d'irrigation: Afin de mieux exploiter les régions, de nombreux réseaux d'irrigation tels que les qanâts seront créés, des routes seront réparées, et de véritables échanges entre villes et leurs régions seront établis. L'augmentation de la production et le renforcement des échanges vont prospérer les bazars des villes comme l'économie des villages.

Constructions des routes et aménagements des caravansérails: Le réseau des routes caravanières va être réparé et complété, des anciens caravansérails routiers seront restaurés et de nouveau vont être construits pour faciliter les déplacements des caravanes et les échanges commerciaux à travers tout l'empire et à l'international.

Instauration d'un système d'administration et de gestion, le *dīvân*: La fondation d'un système administratif efficace a été faite par Châh Tahmasb, le deuxième roi séfévide, mais sous Châh Abbâs ce système va s'améliorer et va s'étendre. Il permettra au Châh de mieux gérer le vaste territoire de son empire.

⁵ Jahanshah Pakzad, *History of Iranian Cities* (Téhéran, 2011), p. 384 – en persan.

Amélioration de commerce extérieur et intérieur: une fois la sécurité de routes améliorée, l'État séfévide développe le commerce intérieur et extérieur. Le voyageur français Jean Chardin, qui a visité la Perse au XVII^e siècle, fait dans son journal, une large description du bazar d'Ispahan.⁶ Selon lui, on peut traverser toute la ville à pied sous l'espace couvert du bazar. Dans celui-ci, on peut trouver des articles provenant du monde entier. "Cette Porte (Hassen abad) est à l'extrémité d'un grand et long Bazar, et à l'entrée d'un autre, après lequel l'on en trouve d'autres de suite jusqu'au bout de la ville, si contigu, qu'on peut dire que ce n'est qu'un Bazar qui la traverse de bout en bout, en finissant à la porte de Tokchi; et c'est là la longueur de la ville".⁷

Une politique d'urbanisation: Le pays connaîtra une urbanisation accélérée et de nouveaux centres urbains seront créés. L'État va initier la création des nouvelles villes dans les périphéries des grandes villes existantes, comme celles d'Ispahan, de Qazvin, de Kerman, ou au bord de la mer Caspienne comme celles de Racht ou de Sari, ou sur les côtes du Golfe Persique comme celle de Bouchehr. Une politique de construction de complexes dotés de multiples fonctions va s'étendre dans plusieurs villes. La place Naghshe-e Jahan, construite à Ispahan, servira d'exemple pour d'autres villes: la place Ganjalikhan à Kerman avec ses composants en est un.

Déplacement de la capitale: Déplacer la capitale à Ispahan est une décision stratégique de grande importance pour Châh Abbâs. Ispahan dispose de trois atouts majeurs par rapport aux deux précédentes capitales séfévides. Tout d'abord, il se situe au centre du pays, plus éloigné de la frontière ottomane que Tabriz ou Qazvin et, de ce fait, moins exposé à l'attaque des Ottomans. Deuxièmement, la région d'Ispahan est une très prospère au niveau d'agriculture: bénéficiant de l'eau de Zayandeh-rud, la plaine environnante est fertile et riche. Troisième atout d'Ispahan: c'est son emplacement au carrefour des principales routes la reliant aux axes nord-sud et est-ouest.

Architecture et urbanisme séfévides

Un style d'architecture et d'urbanisme prendra forme sous les Séfévides. Il s'appelait "style d'Ispahan" ou "école d'Ispahan" et allait s'étendre rapidement dans tout l'empire et même au-delà. Selon Pirnia,⁸ l'architecture traditionnelle iranienne

⁶ Jean Chardin, *Voyages de Mr. le Chevalier Chardin en Perse et autres Lieux de l'Orient* (10 vols., Amsterdam, 1711), vol. 8, pp. 14-16 et 64-72.

⁷ Chardin, *Voyages*, vol. 8, p. 14.

⁸ Mohammad Karim Pirinia, décédé en 1997, est un chercheur en histoire de l'architecture iranienne, notamment de l'architecture autochtone. Il a enseigné à l'école de Beaux-Arts à l'Université de Téhéran et à l'école d'architecture de l'Université de Shahid Beheshti. Ses recherches ont donné lieu aux publications de plusieurs livres et de nombreux articles.

est répartie en six écoles. Deux écoles préislamiques, celles des Parthes et de Pars, et quatre écoles après l'arrivée d'Islam, celles du Khorassan, de Razi, d'Azéri et d'Ispahan sont six écoles ou styles d'architecture traditionnelle iranienne. Toujours selon Pirnia, l'école d'Ispahan qui est la dernière école d'architecture iranienne est divisée en deux périodes. La première est la période d'ascendance, qui commence dès le début de l'ère séfévide et va continuer jusqu'au milieu de XIX^e siècle, sous le règne de Mohammad Châh Qadjâr. La deuxième est la période de déclin qui commence dès la fin des Séfévides, début XVIII^e siècle et va jusqu'à la fin des règnes des Qâdjârs, fin XIX^e siècle.⁹

L'école d'architecture d'Ispahan atteint son apogée sous le règne de Châh Abbâs I^{er}. Cette école a donné lieu à de nombreuses réalisations architecturales et urbaines, dont nous sommes héritières en Iran. Ces réalisations ont une double inspiration: "Chiite duodécimain convaincu, Châh Abbâs a voulu construire sa ville à l'image des cités de Paradis mentionnées tant par le Coran que par les textes des théosophes et mystiques persans".¹⁰

L'urbanisme séfévide reprend les principes d'organisation de l'espace, utilisés jadis sur le plateau iranien, mais cette reprise n'est pas une simple réplique. L'école séfévide d'urbanisme est une invention dans laquelle tous les anciens progrès architecturaux et urbains sont intégrés.¹¹ Regardons quelques-unes des principales caractéristiques de la conception de l'espace sous les Séfévides.

Fondation des nouveaux centres urbains: Prospérité économique et stabilité vont accélérer l'urbanisation à travers le pays. Pour répondre à cette nécessité, l'État séfévide va procéder à la construction de villes nouvelles ou à la construction de nouveaux centres urbains dans les périphéries des villes existantes. Des bases théoriques élaborées par les savants, issus de l'école d'Ispahan, tel Cheikh Bahâï,¹² vont diriger la construction de ces nouveaux noyaux urbains. Les architectes et urbanistes séfévides vont procéder avec de nouveaux concepts, tout en faisant des articulations harmonieuses avec les villes existantes.

⁹ Mohammad Karim Pirnia, *Les écoles d'architecture iranienne*, ed. Gholamhoseyn Memarian (Téhéran 2008) – en persan.

¹⁰ Stierlin, *Ispahan image du Paradis*, p. 41.

¹¹ M. Habibi, *De la cité à la ville* (Téhéran, 2008), p. 96 – en persan.

¹² Baha Al-Din Al-Amili, dit Cheikh Bahâï, est un poète, philosophe, mathématicien, astronome, alchimiste, architecte et urbaniste persan du XVII^e siècle. Né à Baalbek, au Liban, en 1546, il va émigrer en Iran. Après avoir fait ses études à Qazvin et à Hérat il va réaliser de nombreuses œuvres à Ispahan sur commande de Châh Abbâs I^{er}. Décédé en 1622, son corps est transporté à Machad pour être enterré à côté de sanctuaire d'Imam Reza, comme il avait souhaité dans son testament.

Une organisation développée sur de nouveaux axes: De longs axes réguliers, autour desquels s'organise la ville ou son étendue, sont les caractéristiques de la ville séfévide. Ces axes sont créés pour organiser le développement de la ville et la construction de nouveaux édifices, tels que les palais, les mosquées, et les jardins. Ces nouveaux complexes sont reliés à la structure de la ville ancienne qui, elle, s'est organisée notamment, sur le réseau de bazar. L'axe de Tchahâr-bâq à Ispahan en est un exemple parfait. Dans d'autres villes, des axes semblables ont été créés pour organiser le développement des nouveaux noyaux urbains. On peut citer la ville de Chirâz, dans laquelle de nouveaux aménagements urbains avec des jardins ont été faits sur deux axes: l'un qui reliait le palais du gouverneur près de l'actuel musée Pars au grand jardin du roi séfévide à l'ouest. Cet axe se trouvait sur l'actuel boulevard de Karim Khan Zand. L'autre axe, perpendiculaire à celui-ci, reliait la porte nord de la ville, qui s'appelait la porte d'Ispahan, au détroit d'Allah Akbar sur la route vers le nord¹³ [Figure 7].

Développement de jardins: Sous les séfévides, le jardin devient un des éléments indispensables de la ville iranienne. On compte de nombreux jardins royaux, notamment sur axe de Tchahâr-bâq et aussi au pied de mont Soffé, dans le sud de la ville. Les maisons individuelles ont, elles aussi, chacune son jardin privé selon Tavernier :

Les maisons sont écartées les unes des autres, ayant chacune son jardin assez mal entretenu où il n'y a le plus souvent qu'un méchant arbre. Bien loin, comme j'ai dit, que les rues soient tirées à droite ligne, elles vont en serpentant, une maison avançant sur l'autre, ce qui est tout à fait désagréable à la vue. Il est vrai que l'on commence depuis quelques années à mieux bâtir, mais c'est hors de la ville: car ceux qui ont le moyen de faire bâtir ont aussi le moyen d'entretenir des chevaux pour venir à Ispahan et pour ce qui est des femmes il leur est indifférent d'être dans la ville ou hors de la ville, puisqu'elles ne sortent que ne vont jamais à pied.¹⁴

Les voyageurs européens de l'époque Séfévide donnent des idées assez précises des villes où ils sont passés. Dans leurs descriptions, nous pouvons voir une relation dialectique entre la ville et son environnement. Carsten Niebuhr,¹⁵ voyageur envoyé

¹³ Mahmoud Tavassoli & Naser Bonyadi, *Urban Space Design 1* (Téhéran, 1992), p. 64 – en persan.

¹⁴ Jean-Baptiste Tavernier, *Les six voyages de Jean Baptiste Tavernier* (2 vols., Paris, 1676), vol. 1, p. 394.

¹⁵ Né à Lüdingsworth en Basse-Saxe en 1733, Carsten Niebuhr est un explorateur et géographe danois d'origine allemande. Il est parti dans une expédition envoyée par le roi Frédéric V de Danemark en 1761. Il a notamment visité, l'Égypte, la Péninsule d'Arabie, la Syrie, l'Inde, ain-

en Iran par le roi du Danemark, donne des descriptions de la ville de Chirâz et de sa banlieue proche en 1775. Il mentionne les noms des portes ainsi que les routes qui partent dès ces portes vers d'autres villes, telles qu'Ispahan.¹⁶

Des systèmes de déplacement en différents niveaux: L'urbanisme séfévide offre une mobilité multimodale. Ce système complexe est décrit, pour la ville d'Ispahan, par Nader Ardalan et Laleh Bakhtiar.¹⁷ Ils mentionnent trois niveaux de déplacements pour la ville séfévide. Le premier est le réseau du bazar. Couvert, il est essentiellement nord-sud et il relie la ville ancienne à la ville nouvelle. Le deuxième est le réseau résidentiel qui est composé de ruelles passant entre les maisons. Le troisième réseau formant la ville est celui des canaux d'eau. La rareté de l'eau sur le plateau iranien la rend très précieuse. À Ispahan, ce réseau est en surface, tandis que dans d'autres villes, ce sont les réseaux souterrains ou les *qanât* qui influencent la formation de la ville. Ardalan décrit ainsi le contexte de la société traditionnelle iranienne: "la riche tapisserie d'une société traditionnelle exprime un plan (désigne) intégral, à travers les multiples modèles et textures présentant les différents niveaux de création".¹⁸

L'espace défini est l'organisateur de la ville: Dans l'architecture persane, notamment dans les maisons, c'est l'espace vide qui est, en quelque sorte l'organisateur de la masse du bâti. C'est, d'ailleurs, pour cette raison que le concept de "maison à cour" est tant répondu sur le plateau iranien. Ce concept a été développé au cours des siècles pour répondre aux conditions climatiques extrêmes du Pays. Certes, le concept n'est pas nouveau, mais sous les Séfévides, il prend des dimensions particulières. Ce concept fut largement utilisé dans l'école séfévide, ou l'école d'Ispahan, et surtout dans les réalisations faites sous Châh Abbâs I^{er} pour la construction des espaces publics, tels que les Meidâns.

Recherche d'un équilibre divin dans l'organisation de l'espace public: L'École d'Ispahan veut créer l'espace urbain à l'image du monde divin, basé sur l'équilibre. Pour le faire, un équilibre horizontal est recherché dans la conception de l'espace. La recherche d'équilibre est partout, entre la forme et le fond, entre l'intérieur et l'extérieur, entre la réalité et l'utopie. Dans la place Naghsh-e-Jahan, par exemple, le porche de la mosquée royale fait face au portail du grand bazar comme le palais d'Ali-qâpu qui fait face à la mosquée Cheikh-Lotfollah. Cela étant, le roi, veut af-

si que de nombreuses villes iraniennes, telles que Bushehr, Chirâz, Persépolis et autres. Il est mort à Meldorf (Schleswig-Holstein) en 1815.

¹⁶ Mahvash Alemi, "Shiraz: The City of Gardens and Poets", in Salma Khadra Jayyusi, Renata Holod, Attilio Petruccioli & André Raymond (ed.), *The City in the Islamic World* (2 vols., Leiden, 2008), vol. 2, p. 526.

¹⁷ Nader Ardalan & Laleh Bakhtiar, *The Sense of Unity: The Sufi Tradition in Persian Architecture* (Chicago & London, 1973), pp. 97-102.

¹⁸ Ardalan & Bakhtiar, *The Sense of Unity*, p. 9.

firmer sans ambiguïté son autorité spirituelle en positionnant son palais plus haut que les trois autres édifices: le porche du palais d'Ali-Qâpu, au premier étage se situe en dessus de la porte, alors trois autres bâtiments sont en plein pied avec le Meidân.¹⁹ On retrouve donc le concept de Socle ou *Takht*, utilisé dans les palais des Achéménides ou des Sassanides.

Ispahan entre l'urbanisme organique et l'urbanisme organisé

À la suite de déplacement de la capitale à Ispahan par Châh Abbâs I^{er}, l'évolution de la ville va être marquée par deux types d'urbanismes. Quels sont ces deux types d'évolution? Comment se confrontent-ils à ces deux types de développement? Comment s'articule la structure principale de la ville entre les deux? En effet en devenant le siège du roi, Ispahan devient le théâtre deux types d'urbanismes: d'une part un urbanisme organique consistant depuis des siècles à l'entassement des strates et de densification des bâtis au centre, et autour d'une place s'appelait *Meydân Kohneh*, littéralement "l'Ancienne Place" et la mosquée de vendredi au nord de la ville, et d'autre part un urbanisme décidé et voulu par le roi qui consiste à développer la ville autour d'un nouvel axe s'appelant Tchahâr-bâq, avec ses palais et jardins et une nouvelle place s'appelant désormais "Place royale" ou place "Naghsh-e Jahan". Ce déplacement du centre manifeste la volonté de Châh Abbâs I^{er} de montrer la grandeur de son empire et symbolise son intention de distinguer deux mondes: séculier et religieux.

Avant l'arrivée des Séfévides, Ispahan avait connu la prospérité quelques siècles plutôt, à l'époque des Seldjoukides. En 1073, Malik Châh en avait fait sa capitale. C'est alors, sous l'impulsion de son célèbre vizir Nizam al Molk, que la capitale de l'empire était devenue le centre artistique et scientifique. La place Meidân-Kohneh, une partie de Bazar et la mosquée de vendredi sont des bâtiments de cette période qui nous sont parvenus. Au milieu de XIII^e siècle, la ville tomba aux mains des Mongols et connut des désastres. À la fin du XIV^e siècle, elle tenta sans succès de résister à l'invasion de Tamerlan. Cette résistance fâcha celui-ci et, une fois la ville conquise il ordonna à son armée de massacrer des dizaines de milliers de ses habitants. Néanmoins, et vu son importante situation et la richesse de sa région, la ville va garder son statut de la capitale régionale et ses activités économiques vont continuer, tant bien que mal. L'arrivée des Séfévides va ouvrir la période la plus prospère pour la ville.

¹⁹ Ardalan & Bakhtiar, *The Sense of Unity*, p. 70.

Ispahan, capitale de l'Iran sous les Séfévides

Ispahan va se développer très rapidement, sous Châh Abbâs I^{er}. La conjoncture de la prospérité économique, du rayonnement artistique et du développement architectural et urbain va transformer la capitale. Châh Abbâs I^{er} va œuvrer à l'aménagement et au développement de la ville. Cheikh Bahaï, le philosophe, architecte, et urbaniste de Châh Abbâs, joue un rôle-clé pour l'aménagement de la ville et la construction des nouveaux édifices, mais d'autres grands architectes comme Ali Akbar Ispahani ou Mohammad Reza Ispahani construisent aussi des monuments remarquables. Dans la philosophie de Cheikh Bahaï, la conception du plan urbain doit se faire dans un lien étroit avec les éléments naturels comme l'eau, le jardin, et la montagne. Les visiteurs d'Ispahan seront tous séduits par ces nouvelles opérations. "Créant une capitale nouvelle toute à la gloire de son règne, le souverain va faire d'Ispahan un centre culturel qui éblouira les voyageurs occidentaux, hypnotisés par la féerie de la ville", écrit Henri Stierlin.²⁰ Cela dit, dans cette ville si dynamique et prospère, il y a des quartiers, notamment des quartiers anciens, qui ne sont pas à la hauteur des attentes de tous les voyageurs occidentaux, bien que la prospérité et la splendeur des nouveaux secteurs de la ville suscitent leur admiration. Regardons quelques-uns d'entre eux, cités par Henri Stierlin dans son livre sur Ispahan.²¹

Jean-Baptiste Tavernier raconte la saleté et la difficulté de la circulation qu'il avait rencontrées dans les rues de la vieille ville tout en mentionnant la grandeur et l'importance commerciale du grand Bazar. Selon ses citations, le bazar d'Ispahan contient des milliers de boutiques, très ordonnées dans lesquelles de multiples artisans fabriquent et vendent de différents produits. Il compare ce bazar avec une foire parisienne qui avait lieu chaque année à Paris dans le quartier Saint-Germain. Jean Chardin, un autre voyageur français qui visita la Perse quelques années plus tard, fait part de son étonnement devant la grandeur d'Ispahan: "La ville d'Ispahan, en y comprenant les faubourgs, est la plus grande ville du monde, et n'a pas moins de douze lieues, ou vingt-quatre mille de tour".

Gobineau, un autre voyageur français qui visita Ispahan au milieu de XIX^e siècle, un siècle après la chute de la ville devant Mahmoud Afghani (Mahmoud Hotaki), décrit une ville très affaiblie après sa mise en sac par les Afghans, mais il souligne son aspect: ville entouré par les jardins et qui a, tout de même, gardé une certaine splendeur un siècle après sa destruction. "Ce premier coup d'œil est très beau. Ispahan présente un environ de jardins et tout rempli de bouquets d'arbres que dominent les dômes d'un assez grand nombre de monuments".

²⁰ Stierlin, *Ispahan image du Paradis*, pp. 36-38.

²¹ Stierlin, *Ispahan image du Paradis*, pp. 49-50.

Les caractéristiques du développement de la structure

Pour mieux comprendre les étapes de la mutation de la ville sous Châh Abbâs, nous pouvons regarder la transformation de la structure principale de la ville en quatre schémas. Observons ces quatre schémas de gauche à droite [Figures 9, 10 et 11].

Dans le premier, nous voyons la formation de la ville avant l'ère séfévide: c'est une ville organique qui s'est développée durant des siècles autour de la place Meydân Kohné, la Mosquée de vendredi et le bazar. Avec l'arrivée des Séfévides, un certain nombre de palais, de jardins et d'autres bâtiments vont être construits autour du nouvel axe: le Tchahâr-bâq. Dans le deuxième schéma nous constatons l'émergence d'une rivalité entre ces deux structures: l'ancien axe est calé sur la route commerciale qui entre par la porte nord et traverse le bazar pour passer le fleuve et le nouvel axe qui est en train de se former et traverse le fleuve pour continuer vers le sud. Le manque d'une articulation entre deux formations est visible.

Le troisième schéma montre la construction de la place Naghsh-e Jahan pour faire articulation entre ces deux structures. Une fois construite, cette place remplace Meidân-Kohné et devient le centre de la ville. Le quatrième schéma montre la structure de la ville séfévide après l'achèvement des grandes opérations: les deux structures sont réunies et le nouvel axe passe le fleuve et continue vers le sud, au pied de montagne, à l'entrée du grand jardin royal [Figure 8].

Une fois les grandes opérations d'aménagement achevées, le boulevard Tchahâr-bâq devient le lieu incontournable pour tous les visiteurs, il est les Champs-Élysées d'Ispahan. Cette nouvelle artère est amplement décrite par Garcia de Silva Figueroa:

Bien loin devant que d'entrer en la Ville-neuve, et même assez loin de la Rivière, qui sépare les deux Faubourgs de Zulpha et de Taurts, il y a une fort belle rue, que l'on a nouvellement faite, de plus de quinze cents pas de long sur cent de large. Elle est coupée au milieu par un fossé ou canal, de douze ou quatorze pieds de large, et de six de profond, revêtus partout de pierres blanches, et ayant les deux bords pavés, pour la commodité des gens de pied, qui s'en sert, pendant que les Cavaliers et le bagage vont et viennent par ce qui reste de la largeur de la rue, qui est plus bas et n'est point pavé. Les deux cotés de cette grande rue, laquelle est fort droite, et extrêmement unie, sont bordeés de plusieurs jardins, dans lesquels l'on entre par des maisons, dont les unes appartiennent à des particuliers, et les autres sont au Roy lesquelles quoi que petites, ne laissent pas d'embellir la rue, par l'agréable perspective, que forment les maisons, qui font toutes bâties sur le devant, et accompagnées de balcons et de belles galeries. Outre ces maisons, ou pour parler plus proprement, cette apparence de maisons, il y

a des tentes et de petites boutiques, où il se vend toutes sortes de choses, plutôt curieuses que de grand prix, et particulièrement des fruits et des confitures j parce que cette rue est fréquentée à toutes les heures du jour, par une infinité de personnes de toutes sortes de conditions. Elle est bordée ça et là de grand nombre de planes et d'autres arbres, et aboutit à ce superbe Pont, sur lequel l'on passe la rivière de Senderu, qui est un des plus beaux bâtiments, qui soient en toute la Monarchie de Perse: pouvant être mis en parallèle, s'il ne le surpasse même, avec le grand Bazar de Lar dont nous faisons la description ailleurs. C'est encore un ouvrage du même Alauerdy Chan.²²

Place Naghsh-e Jahan à Ispahan: Le Modèle du Monde

Construite sous l'ordre du Châh Abbâs I^{er}, la place Naghsh-e Jahan est la deuxième plus grande place au Monde (derrière la place Tiananmen à Pékin). Les raisons de la fondation et le choix de la direction de l'axe varient selon les historiens et les experts. Henri Stierlin et Klaus Herdeg évoquent tous deux notamment l'existence d'une route et des constructions dans la partie nord de la place, sur lesquelles la nouvelle place s'est calée. Mais ils ne parlent pas de la raison de la décision du roi pour la construction de la nouvelle place et non pas l'aménagement de l'ancienne place.²³ Le voyageur français, Jean-Baptiste Tavernier qui a fait plusieurs voyages en Iran et aux Indes au XVII^e siècle, évoque une raison assez particulière sur le point de départ pour la construction de cette place.

Selon son récit, au départ, Châh Abbâs avait l'intention d'aménager l'ancienne place, mais suite à un refus d'un ancien prince de lui céder ses demeures trouvant aux alentours de l'ancienne place, le roi décida d'en construire une autre:

Le Meïdan ou la grande place d'Ispahan est un ouvrage du grand Chah-Abas, et il ne l'aurait pas fait faire, si un Prince de la race des anciens Rois de Perse lui eût voulu céder le vieux Meïdan avec la maison qui l'accompagne et plusieurs droits qui en dépendent. C'est ce refus qui fit prendre à Cha-Abas le dessin d'une nouvelle place, pour y attirer les marchands et ruiner la maison de ce Prince, en désertant ce quartier de la ville qui est maintenant moins habité.²⁴

²² Garcia de Silva y Figueroa, *L'ambassade de D. Garcias de Silva Figueroa en Perse*, trad. Abraham de Wicquefort (Paris, 1667), pp. 191-192.

²³ Klaus Herdeg, *Formal structure in Islamic architecture of Iran and Turkestan* (New York, 1989).

²⁴ Tavernier, *Les six voyages*, vol. 1, p. 394.

Il paraît peu pertinent que le refus d'un prince à céder ses demeures soit la seule raison de la construction de la nouvelle place. Il y a différents arguments à cela. Premièrement, vu sa notoriété et son pouvoir absolu, le roi ne devrait pas avoir grande difficulté de faire céder ce prince. Deuxièmement, vu la construction de plusieurs édifices et jardins dans la partie sud, il paraît évident que la construction de cette nouvelle place devait faire l'articulation entre la ville ancienne et la ville nouvelle. D'ailleurs, Tavernier évoque quelques lignes plus loin la proximité de cette nouvelle place avec la rivière comme étant avantageuse par rapport à l'ancienne. En parlant de l'ancienne place il continue:

Les deux autres côtés sont comme en ruine; mais quand tout était en bon état, il était aussi beau que le nouveau, et il y a de quoi s'étonner que le Prince qui le fit bâtir ne choisit pas la place que Cha-Abas prit pour le sien comme étant beaucoup plus proche de la rivière d'où l'on tire de grandes commodités.²⁵

Troisième raison qui démonte l'hypothèse, selon laquelle la construction de la place n'est pas le simple résultat d'un refus d'aménagement de l'ancienne est que le développement de la ville autour d'un nouvel axe est une des caractéristiques d'urbanisme des Séfévides: ils ont fait de même dans d'autres villes comme celle de Chirâz, à propos de laquelle nous avons cité quelques lignes plus haut, ou dans celle de Sâri, au nord d'Iran.

Une fois construite, la place devient l'épicentre de la capitale du royaume. Elle va le rester jusqu'à nos jours. Jetons un bref regard sur ses caractéristiques.

Caractéristiques architecturales de la place Naghsh-e Jahan et son intégration dans le tissu urbain

Longue de 512 m et large de 163 m, cette place, ou Meidan en persan, est quatre fois plus grande que la place des Vosges qui fut construite à la même époque à Paris. La proportion de 1 à 3 accentue davantage la perception de grandeur de cette place. Différents maîtres ont participé à son élaboration et à celle des grands monuments qui l'entourent. Naghsh-e Jahan, littéralement "modèle du Monde" ou "Image du Monde", ou "Portrait du Monde" comme le traduit Chardin,²⁶ est une place carrée, qui est entourée de 200 arcades, toutes identiques qui abritent une galerie couverte et délimitent le pourtour de la place. C'est une place royale qui est réservée aux défilés militaires, aux exécutions publiques, au jeu de Polo et à la promenade.

²⁵ Tavernier, *Les six voyages*, vol. 1, p. 395.

²⁶ Chardin, *Voyages*, vol. 8, p. 89.

Classée au Patrimoine mondial de l'UNESCO, elle est entourée notamment par quatre monuments majeurs: la Mosquée royale au sud, le palais d'Ali-qâpu à l'est, la Mosquée Cheikh Lutfollah à l'ouest, et le portique de Qeysariyeh qui est l'entrée du grand bazar d'Ispahan. La place est un témoignage de l'esprit visionnaire de Châh Abbâs I^{er} et elle est restée le centre de la vie sociale et culturelle de la ville d'Ispahan [Figure 12].

Avec des dimensions aussi grandes, l'aperçu d'un espace clos est faible pour cette place, mais la force de quatre éléments majeurs qui sont érigés aux quatre côtés et leurs prédominances remplissent le vide. La mosquée royale avec ses quatre minarets et son grand bulbe bleu est l'élément le plus important de la place. Le fait d'avoir un espace si vaste, et être entourée par ces grands bâtiments donnait à cette place la possibilité de convenir à des fonctions très variées. De ce fait, elle se transformait en un grand terrain de jeu au polo (dessin de Coste en 1840), ou en une cour de rassemblement pour les caravanes (le dessin du Bruyn au XVIII^e siècle). De même, la place était aperçue différemment par les habitants, les gens de la cour royale, ou les touristes. On peut imaginer l'importance du rôle que jouait un espace urbain de cette échelle pour une ville: sa fonction était semblable à celle du Central Park pour la ville de New York, à une échelle plus grande et dans un urbanisme plus récent.

La reconstruction de plan de la place à l'époque séfévide et sa comparaison avec le plan de la place aujourd'hui nous montre que de nombreux palais et jardins royaux qui faisaient la jonction entre la place royale et l'axe de Tchahâr-bâq ont disparu. De ce fait, les fonctions de la place, sont, aujourd'hui, diminuées. Néanmoins, vu sa situation, sa taille, et l'importance des bâtis autour, elle reste, encore aujourd'hui, un lieu incontournable pour tous les visiteurs [Figure 13].

Des photographies aériennes, prises dans les années 30 par Erich F. Schmidt,²⁷ alors que la ville d'Ispahan n'avait pas connu les grandes transformations de vingtième siècle, montre bien les caractéristiques de cette place et son articulation avec le tissu urbain autour [Figure 14].

Outre la variété des fonctions autour de la place, la perception des éléments varie, elle aussi, selon l'endroit où se trouve l'observateur. Par exemple, si celui-ci se trouve au milieu de la place, le grand bulbe de la mosquée royale est au deuxième

²⁷ Présenté en 1935 par sa femme Marie-Hélène Schmidt, alors en mission en Iran, le Professeur Erich F. Schmidt devint le responsable de fouilles archéologiques dans de différents sites en Iran. Il fit par la suite des survols de plusieurs villes et de sites archéologiques d'Iran, afin de recueillir des photographies aériennes pour mieux les connaître. Ses clichés sont aujourd'hui conservés au musée de l'Oriental Institute de l'Université de Chicago. Cf. <http://oi.uchicago.edu/>

plan et c'est le grand porche qui est en premier plan et encadre le grand bulbe. Si le grand bulbe était au premier plan, en sachant que sa hauteur est de plus de 50 m alors que les arcades qui entourent la place sont quatre fois moins hautes, il devrait être très imposant. Mais l'articulation entre la place et la mosquée, faite par le porche et ses deux minarets est plus fine.

Une autre particularité de la place, c'est son ancrage dans le tissu urbain existant ou créé autour. Prenons l'exemple de la mosquée royale: ayant les différentes fonctions de lieu de prière, d'éducation et d'hygiène publique, la mosquée joue un rôle capital dans la vie sociale des habitants. C'est pour cette raison qu'elle dispose de plusieurs accès. Pourtant, à part l'entrée principale qui fait face au Meidân et, de ce fait, très splendide, les autres accès ont parfaitement respectés la règle d'intégration avec le tissu qui l'entoure [Figure 15].

Conclusion

Si l'école d'architecture séfévide est, en quelques sorte, l'évolution naturelle des styles d'architectures précédentes en Iran, elle constitue une grande avancée, voire une grande invention. Sous Châh-Abbâs I^{er}, l'aménagement de l'espace urbain, en différentes échelles, est au cœur de toutes les opérations, commanditées par le souverain. De ce fait, la construction des grands jardins royaux est comparable à celle des grands châteaux, tels que Versailles sous Louis XIV, comme l'aménagement des grands axes est comparable, en partie, aux opérations d'urbanisme faites à Paris au XIX^e siècle, sous Haussmann.

La grandeur de l'art de bâtir sous les Séfévides ne réside donc pas dans l'immensité des bâtis, mais dans la conception d'un nouvel espace urbain, dans l'articulation de celui-ci avec celui existant. D'ailleurs quand les constructions ont de grandes dimensions, par la nécessité de leurs fonctions, on ne l'impose pas à l'espace urbain, mais on les conjugue avec le retrait et l'articulation. La relation entre la mosquée royale et la place Naghsh-e Jahan en est un exemple parfait. L'aperçu du dôme de cette mosquée est plus fin avec le recul qu'il a par rapport à la façade et aussi par une divergence d'environ 45° par rapport à l'axe longitudinal de Meidân.

L'urbanisme séfévide se nourrit d'une seule racine qui se trouve dans le l'ancien bazar et la mosquée du vendredi, au noyau central de la ville, mais il développe deux ailes: l'une qui a la forme d'une architecture organique et l'autre qui a celle d'une architecture bien organisée autour d'un axe étroit [Figure 11]. En un mot, l'urbanisme séfévide a pu construire, notamment dans la ville d'Ispahan, le paradis tant promis dans l'Islam, mais un paradis persan.

Analysis of non-urban caravanserais in Iran during the reign of Shah Abbas I

VIDA GHOLIPOUR *

Introduction

An early network of roads supporting the circulation of chariots and carts existed from about 500 BC in the Achaemenid Empire. It was used and expanded by Cyrus the younger for military purposes and to facilitate royal transportation. Darius I, too, used this system for royal transportation and for leisurely activities. On a Cylinder seal now at the British Museum [Figure 16], the Persian King Darius I is represented hunting from a chariot. This ancient transportation system responded to military needs and served the purpose of traveling for several centuries. However, it later lost its importance in the Persian territory. The first blow to it was of a military nature and occurred around 300 BC, when the army of Darius III was defeated by Alexander's army in the Battle of Gaugamela, which led to the fall of the Persian Empire. As is well-known, the army of Alexander simply opened their lines to let the Persian chariots pass and then attacked them from behind.

While in Europe the system of roads serving the circulation of people and vehicles pulled by animals proved sustainable, in Iranian territory – as in other Middle Eastern countries – such a system was disappearing from about the fourth century¹ only to be progressively replaced by a “tracks-for-caravans” network most useful for the transport of commercial goods by animals. This system dominated for a thousand years in Iranian territory on grounds of a flexible combination of natural and built environments. The most important built facilities for this long-lived infrastructural system consisted of roadside inns known as non-urban caravanserais (*karavan-saray*). This was the dominant system permitting the circulation of people and goods across Iranian territory under the Safavids. Numerous caravanserais were in fact established or expanded during this era.

* National Polytechnic Institute of Lorraine, Nancy, France.

¹ Parviz Mohebbi, *Techniques et ressources en Iran du 7^e au 19^e siècle* (Tehran, 1996).

Usually, a tracks-and-caravans system is dependent on a number of elements including, beyond a network of non-urban caravanserais, reliable water sources and secure paths and tracks. All this required financial investments [Figure 17] not just to equip the caravans themselves – consisting of passengers, traders, pack animals, trading goods, provisions, and a leader to guide the caravan – but also for the facilities they used along the way.

Among the caravanserais, which were the most costly element of the system, a distinction must be made between urban and non-urban structures. Urban caravanserais have as a principal function to stock goods brought by caravan from other regions before the distribution and sale in the city's market. Urban caravanserais lodged traders and animals, and a large number of this type of building still exists and functions in the bazaars of historical cities in Iran. Non-urban caravanserais were built along the tracks in often isolated areas. Access to them was usually public, but sometimes these buildings were divided in a public and a private part. They lodged members of caravans for short periods of time (often only a night or two) and provided protection from thieves and harsh weather conditions. Usually, any non-urban caravanserai had an entrance hall, lodgings, a courtyard and stables. Other components were added to this simple form according to the architectural and technical characteristics of the period when it was constructed.

Water sources were an equally important element in the maintenance of a tracks-and-caravans system. Depending on the geographical position of the caravanserais, there were diverse ways of responding to water needs in the context of caravanserai buildings. Some structures were thus built near to a river or a lake. But most of the time this was not the case. A large number of caravanserais in Iranian territory were established in desert-like areas and far from villages or natural resources. These caravanserais, which played a vital role in the system, relied on solutions such as deep wells and a facility called *Ab-anbar*, designed to stock fresh water during long periods of time. Between the caravanserais, the tracks as such usually consisted of nothing else than the natural ground, though sometimes limited modifications were made. Occasionally, trees might also be planted along tracks to offer some shade to travellers.

The system, like any other system of transport or circulation, required investments to function well. For the tracks-and-caravans system the main investments in terms of building, maintaining and developing came from governmental bodies, some private entities, and religious foundations known as *Wafqs*. Taxes would at times be levied to support the investments. In any of these situations, construction work could not be carried out without permission granted by the state: the system as a whole thus depended on political and economic decisions and strategies.

That such an apparently less developed system should have replaced the older road system of the Persian Empire may be seen as a sign of decline, but it responded to certain needs in its own way and was far from irrational. There were obvious economic advantages due to the lower cost of the infrastructure and its maintenance. The caravan system in the Iranian territory was successful in part because of the limited maintenance costs it required in comparison with the much higher expenditure needed for a fully functional road system. Caravan tracks required very limited building materials and maintenance and were mostly self-sustained.

This low-cost system was particularly well adapted to the specificities and the diversity of the Iranian territory. The natural characteristics of the landscape along with the exceptionally large distances that needed to be dealt with required an adaptable and flexible transport system. Tracks could be made to change directions without a major investment as long as enough hubs and caravanserais were in place. Mountain tracks and passes could be maintained open for animals and people at a much lower cost than if proper roads had been built.

A historical trade and transportation system

Previous research at EVCAU (*Espace Virtuel en Architecture et Urbanisme*)² identified a vast network of non-urban caravanserais across the Iranian landscape. In view of their number (several thousands) and their historical permanence, it seemed crucial to study them in some detail.

We believe that non-urban caravanserais are the special constructions that best represent the economical, architectural and transport developments of Iran from the 8th century to the 18th century. As can be seen on the map, the presence of these constructions (non-urban caravanserais in blue) across Iran is pervasive. In order to achieve the objective of extending research into the subject we have, in a previous project,³ followed a functional methodology to better compare caravanserai characteristics and functions in different periods of Iran's history. We first studied existing architectural documents of caravanserais.⁴ We then produced a more precise digital version of these documents and plans. Afterwards, we identified functional components through a designated nomenclature. We summarized functional areas in order to describe the functionalities of specific caravanserais in various historical periods.

² Pierre Lebigre & Evangelos Thomopoulos, "Inventory of Caravanserais and Caravan Roads: Methods, Practices, Development", in *Proceedings of the Nara International Symposium for Digital Silk Roads*, ed. Kinji Ono (Tokyo, 2004), pp. 169-175.

³ Vida Gholipour, "Analyse des caravanserais routiers de l'espace géo-historique iranien", Mémoire de Master professionnel «Transport et Développement durable», École des Mines de Paris (Paris, 2007).

⁴ Wolfram Kleiss & Mohammad Y. Kiani, *Iranian caravanserais* (Tehran, 1995).

It is important to highlight that these representative samples were carefully chosen to avoid selecting exceptions and to create a representative sample that could be comparable with other samples.

Safavid samples of caravanserais

From among the studied sample of caravanserais two Safavid caravanserais from the 16th and 17th century can be chosen to illustrate some characteristics of the system: "Riwade bostan" and "Zewareh" [Figures 18 and 19]. The functional analysis of these two samples, along with a comparison to other periods, has underlined some specifications in functional use of caravanserais during the Safavid era [Figure 20]. We have identified an important increase of equipment areas occurring in the architecture of caravanserais. These equipment areas were most likely used to stock merchandise and increase the comfort of occupants. So our major question regarding this era consists on why the Safavid dynasty invested in more areas for equipment in the caravanserais.

The first hypothesis coming to mind has to do with the improved general economic and commercial conditions during the Safavid era. The Safavid dynasty, being a religious Shiite government, also encouraged the existence of religious foundations and investments (*Waqf*) for traders and travelers to Mecca. There were more built caravanserais, and caravans could hold more merchandise and belongings. The Safavid dynasty's influence is one example of the dependency of the system on the will of the state. "Among the Safavid Shahs, 'Abbas (I) (1587-1629), was the chief architect of the modern Iranian state. He turned the kingdom into a cohesive and stable monarchy by securing the borders, establishing a central administration and bureaucracy, fortifying the economy and creating a standing army".⁵ This stability most likely encouraged international caravans to pass through Iranian tracks.

The second hypothesis is based on our architectural study of caravanserais, and defined nomenclature of covered/non-covered spaces and types of roofs. We have here found an interesting point that may respond to our previous question. The architectural technical improvements were varied and took a distance from other periods by allowing for a greater liberty and flexibility in the formation of interior spaces. This reasoning can be easily illustrated through a comparison of accessible architectural documents. The plans of caravanserais built before the Safavid era are usually rigid and based on a system of thick walls. Construction practices and architectural progress under the Safavids helped to contribute to more flexible and com-

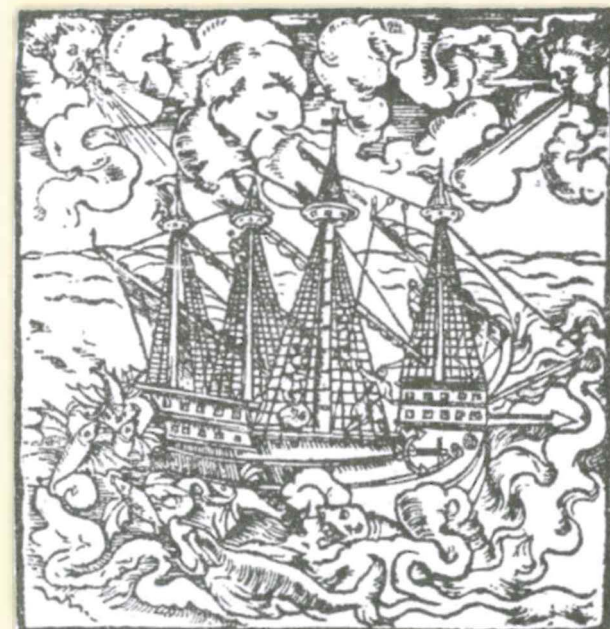
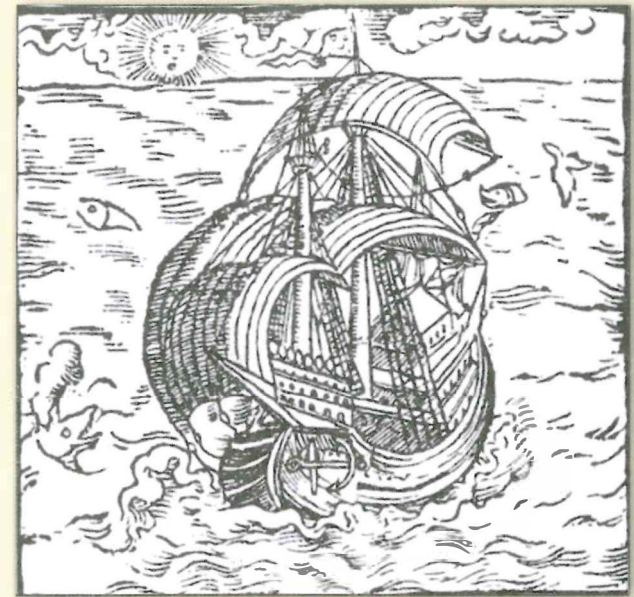
fortable caravanserais spaces. Equipment spaces ceased to simply respond to the basic needs of caravans – like providing security, a place to rest, and protection against the weather. During our period of analysis, the caravanserais, like other Safavid architectural masterpieces, contributed to a "better functional and architectural built environment".

Summary

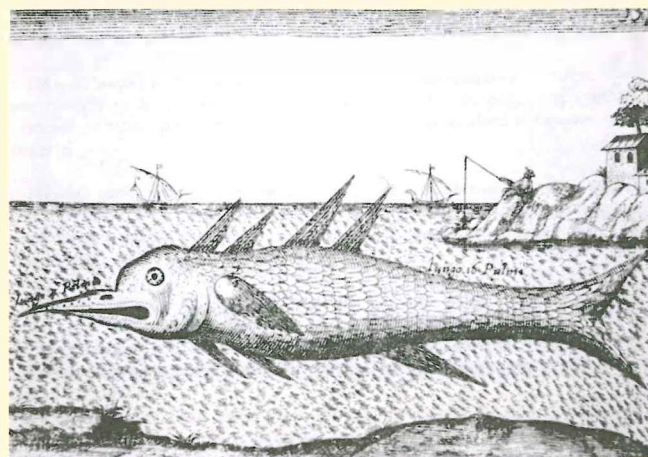
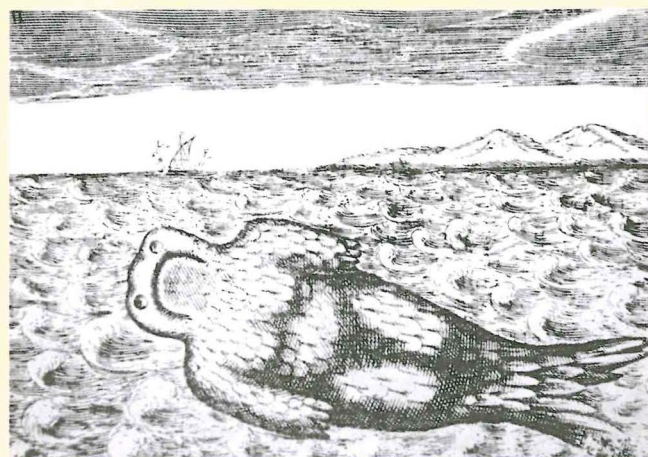
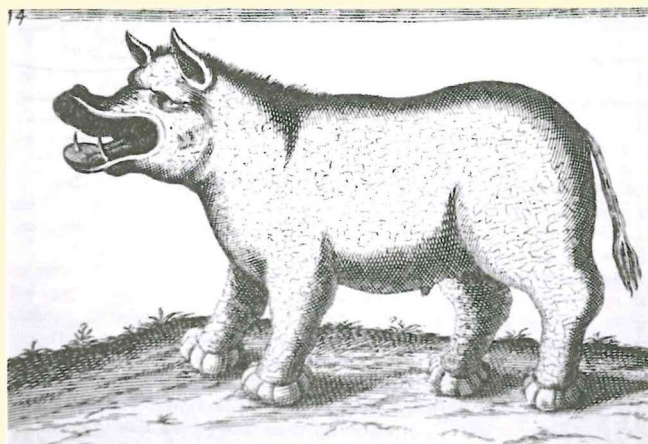
The study of the historical permanence of caravanserais has led us to affirm that the increase of their construction rhythm is likely dependent on an evolution of architectural forms and the improvement of methods of construction as well as the will of the state and a stable historical context encouraging investments. All of these three elements were high up in the hierarchy of priorities during the Safavid period. Construction work on caravanserais was highly dependent on the permission and influence of political authority in the country. This also allowed for a higher architectural quality of caravanserais with new types of technical and functional contributions to the comfort and security of caravans.

It can be concluded that the Safavid dynasty had a great influence on the development of the country's national transportation system. This development was the result of a wider progress in the economy, political stability, and developments in the construction techniques and architectural style of Iran. Commercial and cultural exchanges with other countries were another important feature of the period. Shah Abbas I was open to exchanges with European countries as well as other neighbouring areas in the region. This openness was the key to the improvement and reinforcement of a comprehensive system of tracks and caravanserais across Iran, from the far North to the far South. Governance methods in connection with the improvement of the economy and the creation of a standing army turned the kingdom into a unified and stable monarchy. This stability, in its turn, further encouraged international caravans to make use of the Iranian network.

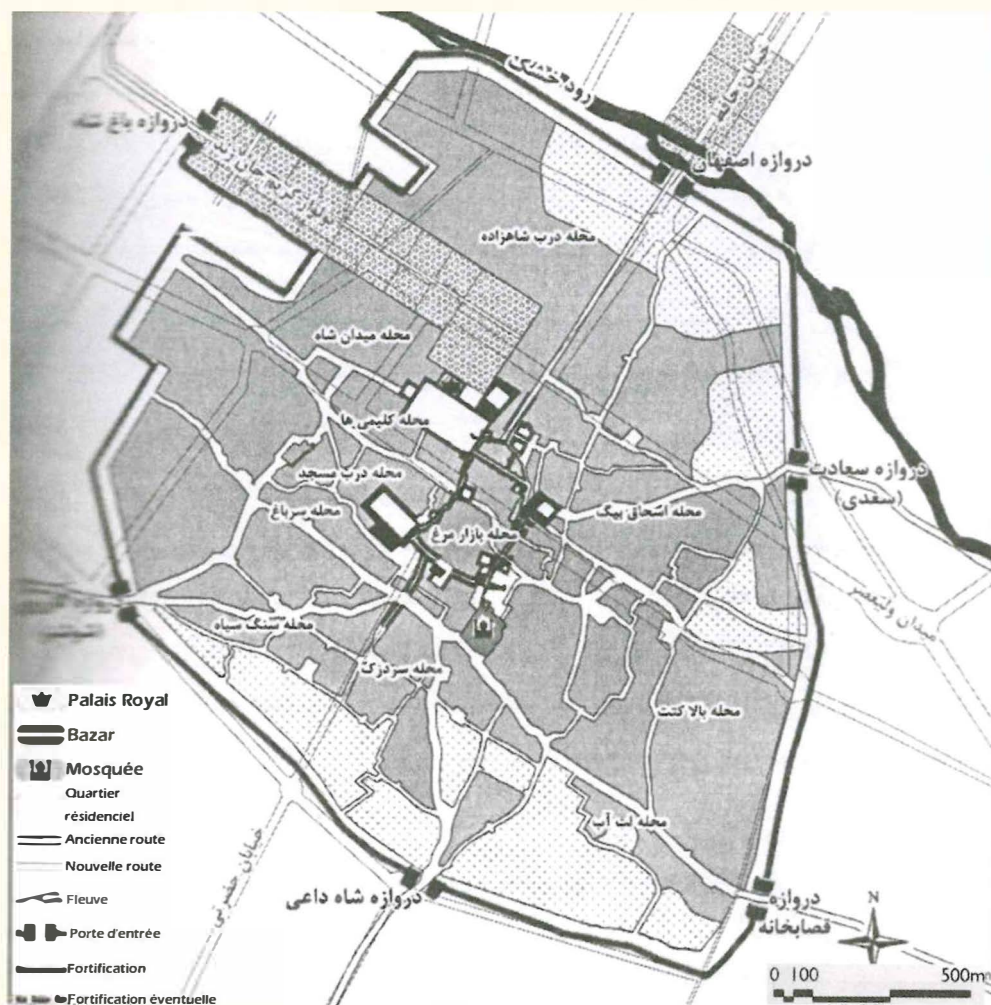
⁵ Mohammad A. Mousavi, "The Autonomous State in Iran: Mobility and Prosperity in the Reign of Shah 'Abbas the Great (1587-1629)", *Iran and the Caucasus*, vol. 12, n. 1 (2008), pp. 17-33.



1. Embarcação a atravessar o Oceano Atlântico
2. Embarcação a atravessar o Oceano Atlântico

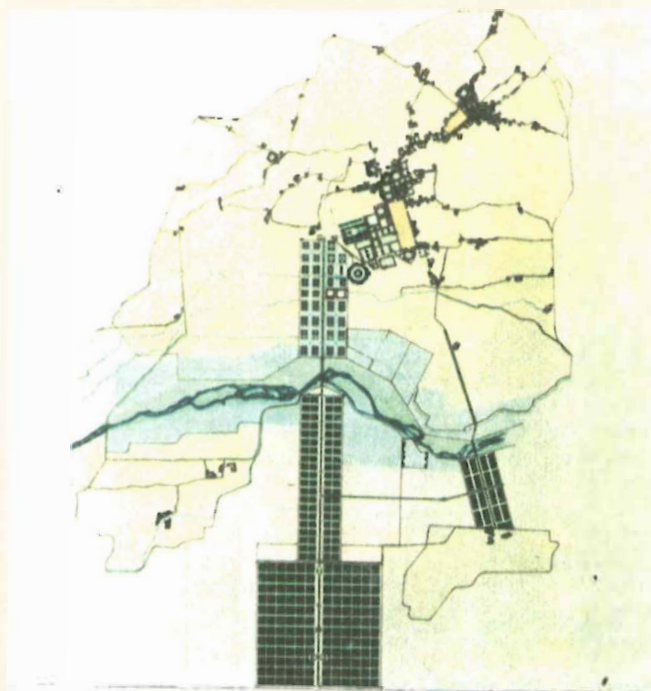
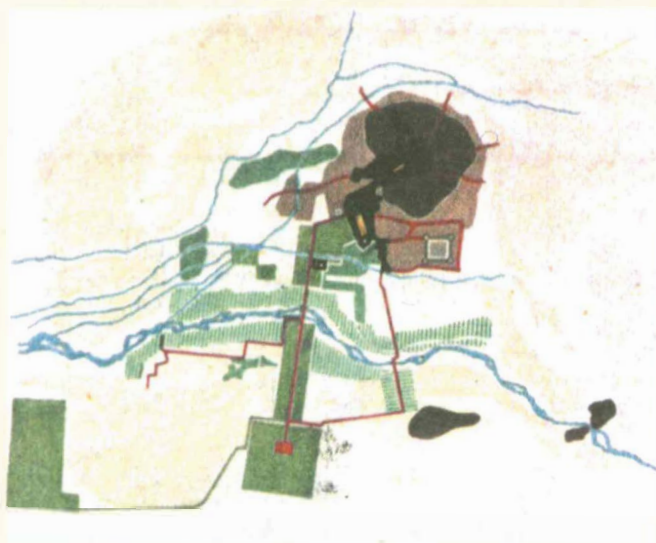


- 3. Peixe-cavalo ou cavalo-marinho (hipopótamo)
- 4 - 5. Animais aquáticos e serpentes
- 6. Golfinhos-malhados (*Stenella attenuata*)

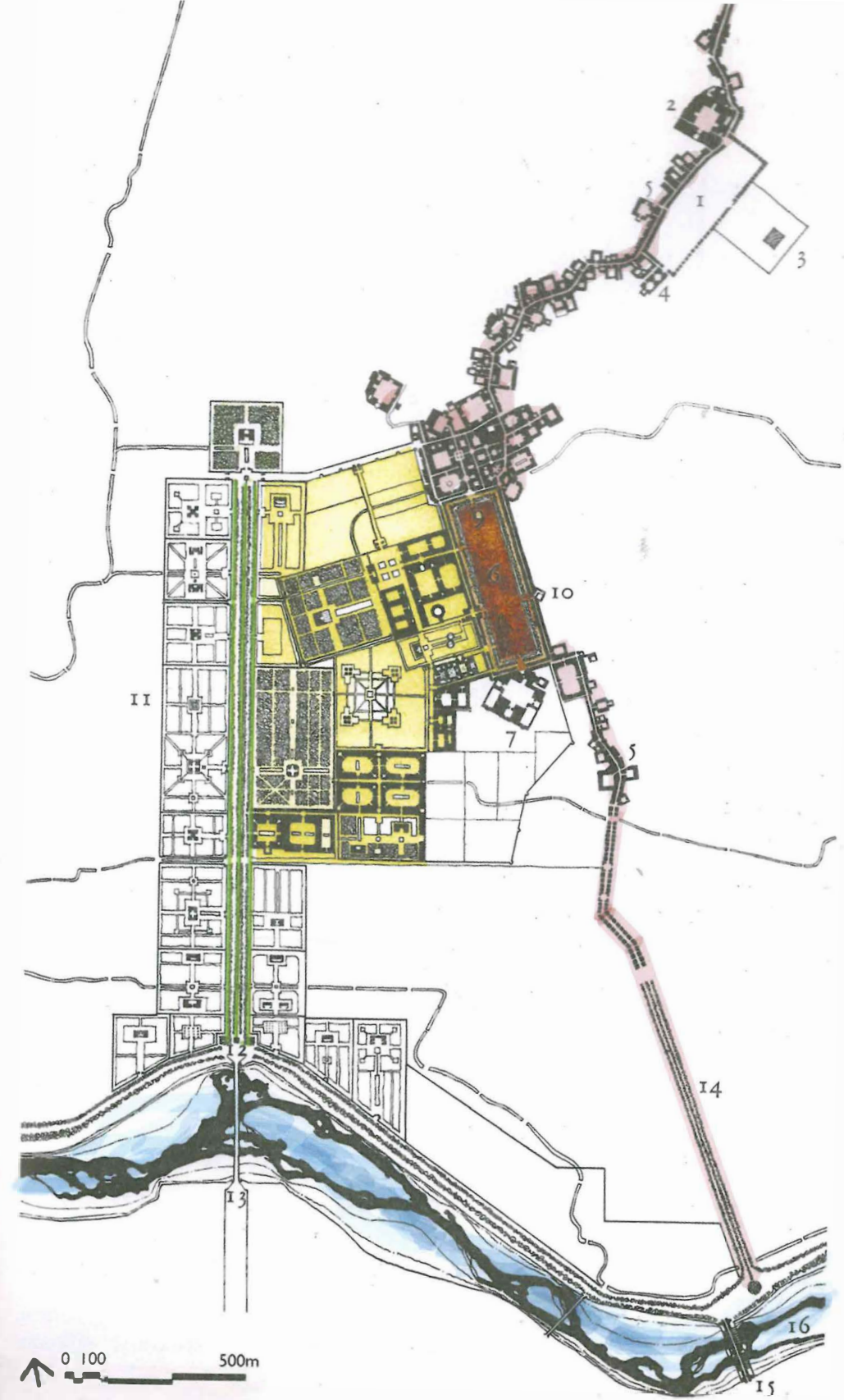


7. La ville de Chiraz à l'époque des Séfévides
8. La structure principale d'Ispahan sous les Séfévides



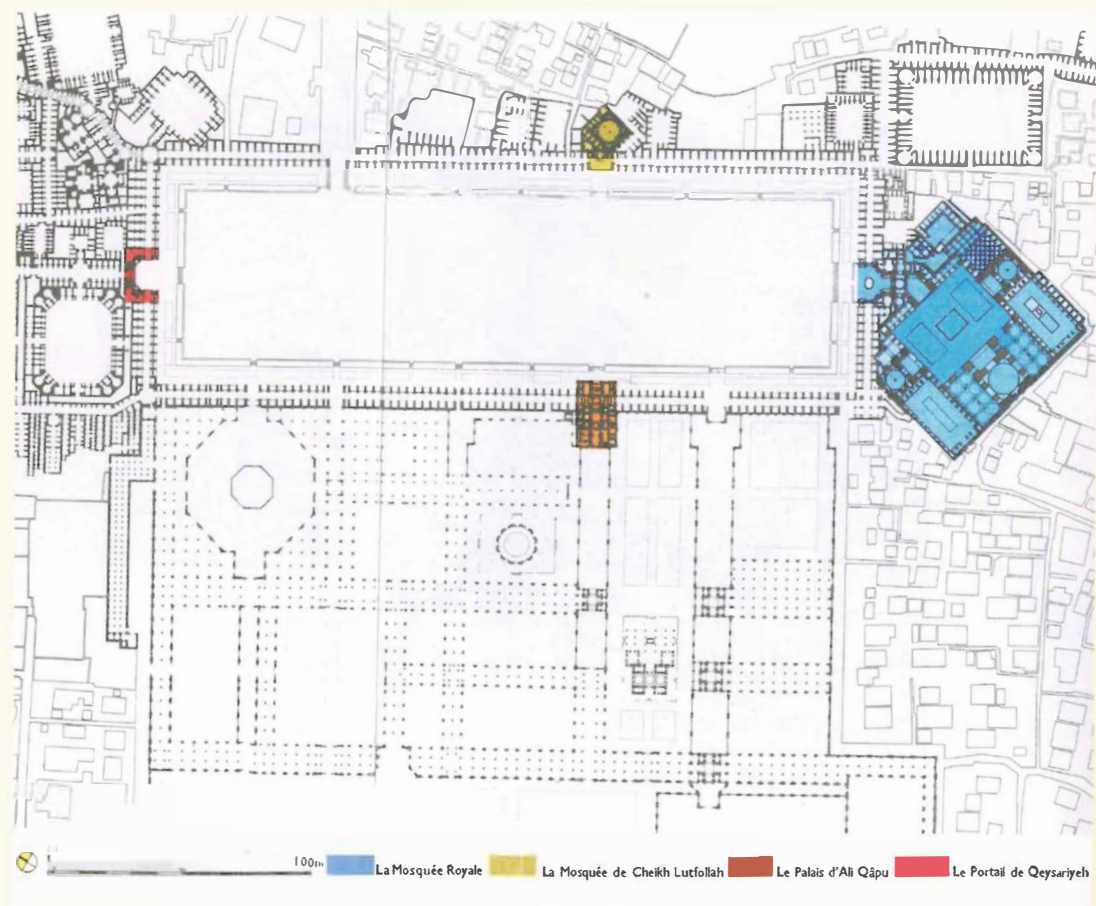


9. Le développement de la ville d'Ispahan
 10. La dominance du nouvel axe de la ville d'Ispahan
 11. Le nouvel urbanisme de la ville d'Ispahan



0 100 500m

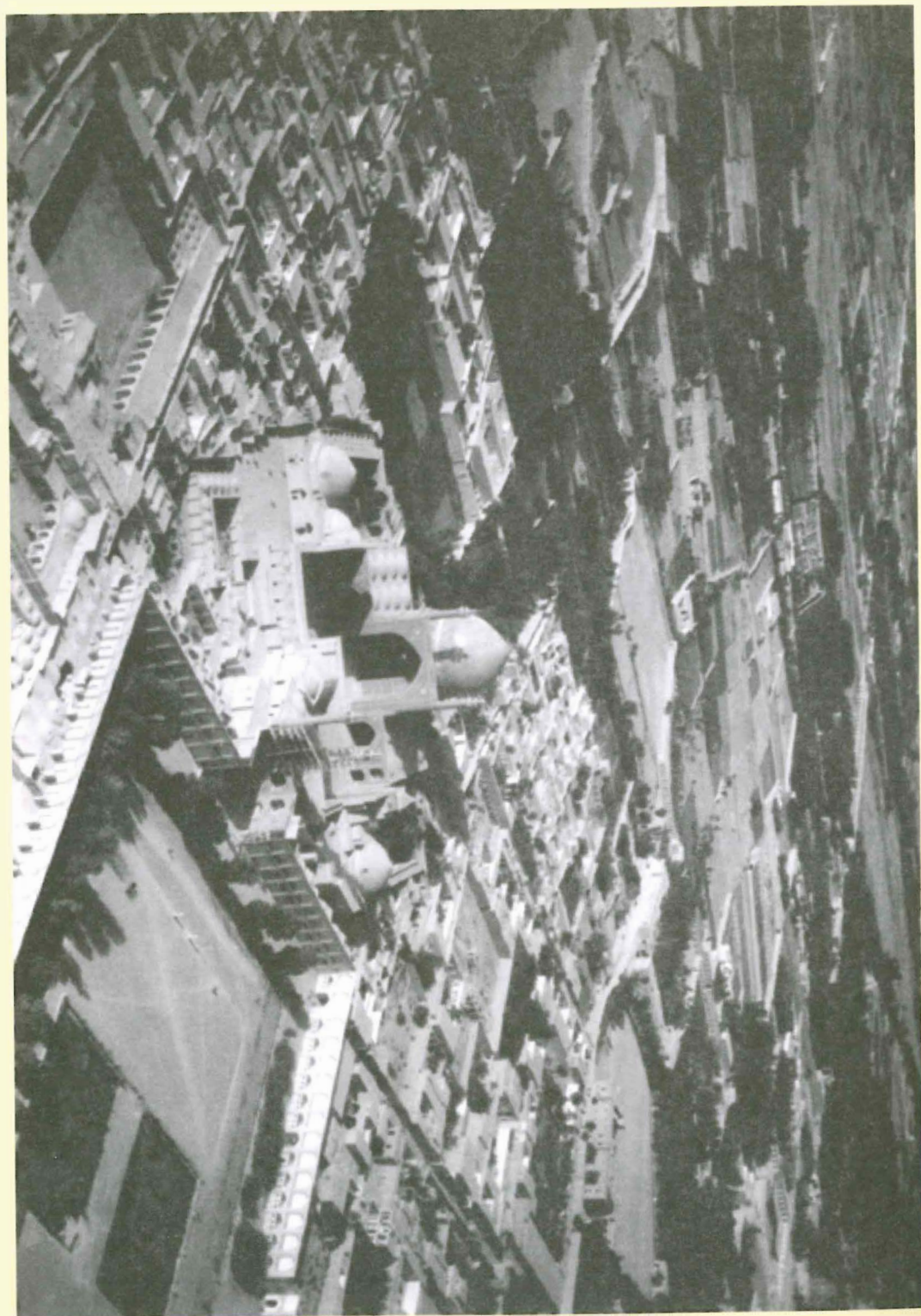
Ancienne axe Nouvelle axe Palais et jardins Seveides Place Naghsh-e Jahan



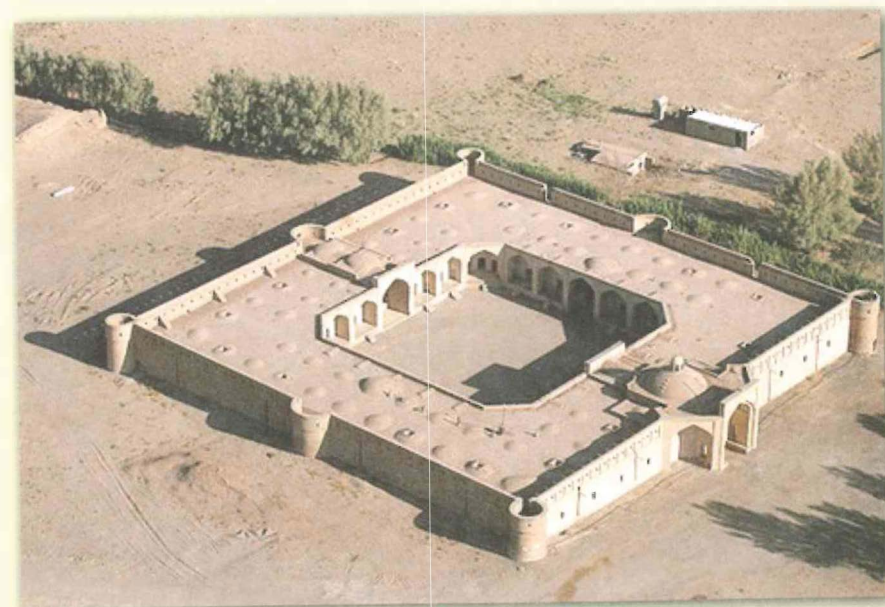
12. Le plan de la place centrale d'Ispahan



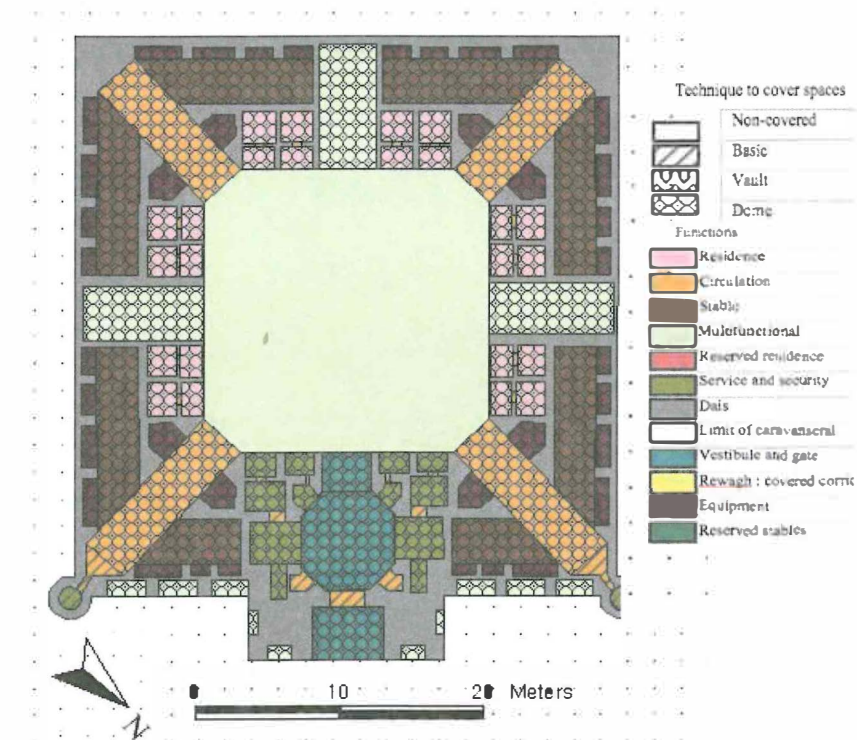
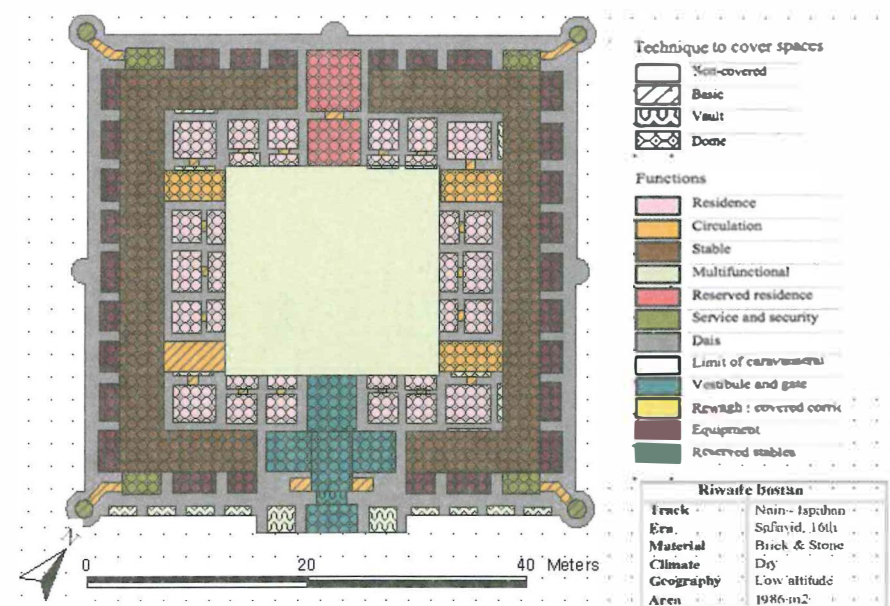
13. La place centrale d'Ispahan à l'époque des Séfévides

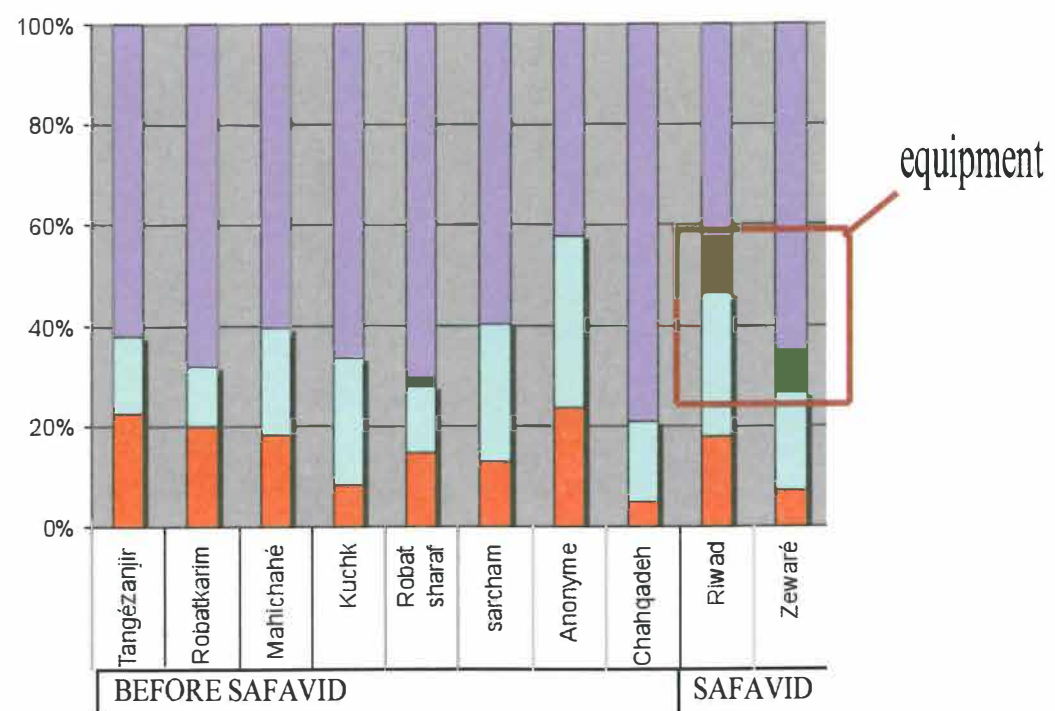


14. Photographie aérienne de la ville d'Ispahan
 15. Vue du Meidân de la ville d'Ispahan



16. Cylinder seal with Persian king Darius (I)
 17. Maranjab Caravanserai, Isfahan Province, Iran
 18. Riwade bostan non-urban caravanserai, Iran
 19. Zewareh non-urban caravanserai, Iran





Entre 1614 e 1624, Don García de Silva y Figueroa viajou de Lisboa até à Pérsia, como embaixador de Filipe III (II de Portugal) à corte de Xá Abbas I. Don García era um homem cultíssimo, com estudos feitos em Salamanca, e decerto com muitas leituras posteriores. Como um viajante moderno, preparou minuciosamente a sua viagem à Pérsia, através da consulta de numerosíssimos trabalhos de história e de geografia. Sendo um diarista compulsivo, redigiu ao longo do seu longo périplo oriental dezenas de cartas, e também um volumoso relato de viagens, que descreve demoradamente a jornada desde Lisboa até à Pérsia, com escalas em Goa, Mascate e Ormuz, assim como a inacabada viagem de regresso à Europa.

A edição crítica dos «Comentarios» de Don García da Silva y Figueroa, em quatro volumes, resulta de um projecto de investigação do Centro de História de Além-Mar (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa & Universidade dos Açores), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. O volume 3 integra o aparato crítico, sobre forma de índice alfabético anotado, bem como alguns dos estudos, preparados por um grupo internacional de especialistas, que permitirão conhecer melhor não só a figura de Don García de Silva y Figueroa, como também os seus «Comentarios» e o contexto em que se desenvolveu a sua missão diplomática à corte safávida.

Apoio:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR